

Samanta Rosa Maia

**GUSTAVO TEIXEIRA,
DE EMENTÁRIO A POEMAS LÍRICOS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos.

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Maia, Samanta Rosa
Gustavo Teixeira, de Ementário a Poemas líricos /
Samanta Rosa Maia ; orientador, Alckmar Luiz dos Santos -
Florianópolis, SC, 2016.
451 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós
Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. Gustavo Teixeira. 3. Literatura
Brasileira. 4. Parnasianismo. 5. Poesia. I. Santos,
Alckmar Luiz dos. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III.
Título.

folha de assinaturas digitalizada

AGRADECIMENTOS

Reafirmo:

A todos os que conheci, Daila, Douglas e Gentila, e os que não conheci, que sustentam o Museu Municipal Gustavo Teixeira, e ao Rodrigo, essa “voz de assistência” (imprescindível) dos *e-mails*, pela confiança e pelo carinho;

Ao Seu Martello, que nem sabe da melhor estadia que me deu! E ao Carlito, pela corrida de táxi que me resguardou dos ventos misteriosos de São Pedro;

Ao Luiz Henrique e à Stella, à Dona Maria Emília e aos familiares presentes, pela acolhida, pelas conversas, pelo socorro, pela segurança;

A todos os familiares de Gustavo Teixeira que de alguma forma contribuíram com este trabalho.

Reafirmo e acrescento:

À Karina e ao Damián, por me darem (no mínimo) a versão argentina das coisas;

Aos amigos, pelo que conseguem fazer no meio da nossa dispersão;

À professora Maria Lúcia, especialmente, pelos ensinamentos acadêmicos e extra-acadêmicos;

Ao Alckmar e ao NuPILL, por um norte, pelas lições e pelo incentivo;

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior) pela concessão de bolsa durante o período de realização deste mestrado;

À minha família, pelo apoio e pelos cuidados (intensivos) comigo.

A FERIDA

*Real, porque me abandonaste?
E, no entanto, às vezes bem preciso
de entregar nas tuas mãos o meu espírito
e que, por um momento, baste*

*que seja feita a tua vontade
para tudo de novo ter sentido,
não digo a vida, mas ao menos o vivido,
nomes e coisas, livre arbítrio, causalidade.*

*Oh, juntar os pedaços de todos os livros
e desimaginar o mundo, descriá-lo,
amarrado ao mastro mais altivo
do passado! Mas onde encontrar um passado?*

Manuel António Pina

*Este obscuro passou, sem nunca haver deixado,
Empós de um sonho vão, a terra em que nasceu.
Como inglório, por lá, nos campos o avinhado
Canta e morre a cantar, inglório assim, morreu.*

*Seu canoro instrumento em surdo som magoado
Estalou. Sob a cruz de estrelas deste céu,
Tão belo aí fora, jaz em tumulto ignorado,
Só das feras sabido, o sertanejo Orpheu.*

*Mas não morreu seu canto. Anda em livros o nosso
E o leem homens; o dele, entre rios e flores,
Luar ou sol, num soluço a repeti-lo estão*

*As aves, o fremir do vento, o ruído grosso
Das cachoeiras da serra e com os mais trovadores
O arrastado gemer das violas do sertão.*

Alberto de Oliveira

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os dois únicos livros publicados em vida pelo escritor paulista Gustavo Teixeira (1881-1937): *Ementário*, de 1908, e *Poemas Líricos*, de 1925, a fim de, aproveitando a distância temporal existente entre esses livros, colaborar para a compreensão da situação da literatura brasileira do início do século XX, em especial, da poesia. A justificativa do trabalho apoia-se no aspecto quantitativo da produção poética da época, que ainda não é acompanhada de um número suficiente de estudos que se detenham detalhadamente sobre a sua qualidade e sobre o seu impacto nas gerações posteriores, e menos ainda que se detenham sobre a obra de escritores de modo individual. A metodologia adotada pautou-se nas perspectivas histórica e analítica do fenômeno literário, utilizando, para a primeira, além do referencial teórico básico, registros em periódicos e discussões sobre a abordagem micro-histórica (visando fortalecer a justificativa do estudo), e, para o segundo, o referencial teórico formalista sobre o verso (isto é, as teorias do verso).

Palavras-chave: Gustavo Teixeira. Literatura Brasileira. Parnasianismo. Poesia.

RÉSUMÉ

Cet essai a pour objectif de faire de l'analyse de les deux seuls livres publiés en vie par l'écrivain Gustavo Teixeira: Ementário, de 1908, et Poemas líricos, de 1925. Notre intention, compte tenu de la distance temporelle existant entre eux, est de contribuer à la compréhension de la situation de littérature brésilienne au début du XX^{ème} siècle, notamment, de la poésie. La justificative de ce travail est fondée sur l'aspect quantitatif de la production poétique de l'époque, mais qui ne se fait pas encore accompagner d'un nombre suffisant d'études analysant soigneusement leur qualité et leur impact sur les générations futures et, encore moins, se demeurant sur l'ouvrage de ces écrivains de manière individuelle. La méthodologie adoptée était basée sur les perspectives historique et analytique du phénomène littéraire, en utilisant, en ce qui, concerne la première, la recherche dans des périodiques, à partir de discussions dans la perspective de la micro-histoire. Pour ce qui est de la deuxième approche, on a utilisé le cadre théorique formaliste sur le vers (c'est-à-dire, les théories du vers).

Mots-clés: Littérature brésilienne. Gustavo Teixeira. Parnasse. Poésie.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa de <i>Poemas líricos</i>	127
---	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pastas do “Acervo Biblioteca G.T.”.....	86
(Museu Gustavo Teixeira, São Pedro/SP)	
Quadro 2 – Pastas da segunda estante.....	87
(Museu Gustavo Teixeira, São Pedro/SP)	

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 – LITERATURA NA EMENDA DOS SÉCULOS	29
1.1. POESIA, A DÍZIMA PERIÓDICA.....	31
1.2. A DÍZIMA E OS PERIÓDICOS.....	40
1.3. OS “ISMOS” E O DÍZIMO DOS CRÍTICOS E HISTORIADORES DA LITERATURA.....	50
2 – GUSTAVO TEIXEIRA	71
2.1 GREGO-ROMANO-SÃO-PEDRENSE.....	72
2.2 “ <i>TODA UMA VIDA AZUL, COMO NUM COSMORAMA</i> ”.....	74
2.3. ACERVO GUSTAVO TEIXEIRA.....	84
2.4. “FORTUNA CRÍTICA” E QUADROS DE PUBLICAÇÕES.....	91
3 – EMENTÁRIO (1908)	95
3.1 HELENISMO, CORPO E ESPIRITUALISMO.....	96
3.2. TÉCNICA E POÉTICA.....	105
3.2.1. Prosopopeia e metáfora.....	107
3.2.2. Linguagem.....	110
3.2.3. Reiteraões.....	112
4 – POEMAS LÍRICOS (1925)	127
4.1 DO ESPÍRITO À PRISÃO FÍSICA: ESCRITA, ESPERA, PRESSÁGIO E MORTE.....	128
4.2. TÉCNICA E POÉTICA.....	139
4.2.1. Prosopopeia.....	140
4.2.2. Linguagem.....	140
4.2.3. Reiteraões.....	142
CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	153
ANEXO A – Fortuna Crítica	165
ANEXO B – Quadros de anúncios de publicações e publicações	359
ANEXO C – “Embarque para a posteridade”	385
ANEXO D – Farmácia de Miguel Carretta, na Rua Nicolau Mauro (São Pedro, SP)	387

ANEXO E – Casa em que se hospedava Oswald de Andrade, na Rua Nicolau Mauro (São Pedro, SP).....	389
ANEXO F – “Herma do poeta são-pedrense”.....	391
ANEXO G – Museu Gustavo Teixeira.....	393
ANEXO H – Acervo Gustavo Teixeira.....	395
ANEXO I – Estante de “caixas” do “Acervo Biblioteca G.T.”.....	397
ANEXO J – Estante das demais “caixas”.....	399
ANEXO K – Relação de livros da biblioteca de Gustavo Teixeira: Inventário de bens materiais.....	401
ANEXO L – Poemas, inéditos em livro, publicados em periódicos até o ano de 1908.....	415

INTRODUÇÃO

Iniciei a introdução de um trabalho anterior sobre o escritor em questão com a pergunta: “Quem foi Gustavo Teixeira?”. Dizia eu, no primeiro parágrafo, que havia dificuldade em responder quem ele era tanto quanto havia em responder quem ele é. Hoje talvez devesse dizer que há muito mais dificuldade em responder quem ele é. Não porque o passado esteja para mim resolvido, mas porque uma pergunta fundamental, que um dia finalmente viria exigir atenção, desde então passou a me atormentar.

Antes, entretanto, de revelar a pergunta perturbadora, gostaria de resolver uma outra, não tão distante da primeira, de interesse geral das pessoas que de alguma maneira acabam entrando em contato com essa pesquisa.

“Conheci” Gustavo Teixeira de um jeito nem um pouco especial - por acaso. Àqueles que se aventuram pela possibilidade de comprar livros *online* (hoje em dia, bem aproveitada, até como último recurso, por quem trabalha com Letras), o Sebo do Messias, em versão eletrônica, pode ser um conhecido. Lá estava o exemplar de *Poesias completas* de Gustavo Teixeira, de 532 páginas, vendido no exato instante em que fui comprá-lo. “Um poeta antigo, com muita coisa escrita, de quem nunca ouvi falar”, foi o meu pensamento.

Um historiador, de enorme importância para esse trabalho, disse que “quem recorre a um repertório qualquer”, seja uma lista telefônica ou uma lista de livros *online*, “já sabe com certeza o tipo de coisas que não poderá encontrar”. É impossível, por isso, falar em “casualidade absoluta” em pesquisa, “porque nenhuma pesquisa parte do zero”. A pesquisa de Gustavo Teixeira ainda não existia, porém o desejo de pesquisar poderia estar latente na minha busca.

Dias depois comprei o *Poesias completas* em outro lugar.

A estratégia de pesquisa mencionada acima, descrita por Carlo Ginzburg em “Conversar com Orion”, era ainda desconhecida para mim nesses termos, sem embargo, está presente em cada etapa da pesquisa, não só, como se vê, no seu nascimento.

Mas há o momento em que a pergunta aparece: “por que Gustavo Teixeira?”. E fazendo valer um novo adiamento a ela, deixo que outras perguntas invadam a frente, como “por que essa pergunta é tão incômoda?”.

Para responder à segunda, procederei gradativamente, na proporção do amadurecimento da pesquisa, sem julgar a qualidade da resposta: a pergunta é incômoda porque não tem nada a ver com como conheci Gustavo Teixeira (alguma relação afetiva forte, como de parentesco, poderia ter despertado o desejo de estudá-lo, o que não é o caso), porque é preciso mais do que “gosto” para validar o estudo sobre determinado escritor, porque Gustavo Teixeira é um escritor desconhecido, porque as fontes de pesquisa sobre ele são escassas, porque Gustavo Teixeira é parnasiano, porque Gustavo Teixeira é pré-modernista, porque o estilo literário de Gustavo Teixeira é difícil de definir, porque é difícil provar sua relevância *na* história da literatura, porque é difícil precisar *quanto* é relevante *na* história da literatura, porque é difícil precisar *quanto* é relevante *para* a história da literatura e para os estudos literários.

Com as razões assim expostas, a relação entre a escolha do objeto de pesquisa e a percepção do desconforto gerado por essa escolha fica mais clara. Trata-se da necessidade, imposta por Gustavo Teixeira, de reflexão a respeito de metodologias e estratégias de pesquisa, de modelos epistemológicos e de intenções e objetivos, estando todos esses aspectos da atividade de pesquisa convergindo sempre para a legitimação, bem como para a análise do processo de legitimação, do estudo desse escritor.

Tendo em conta essa necessidade, estabelecer as intenções e objetivos é primordial.

Dentro de uma teoria dos *topoi* acadêmicos de objetivos, se ela existisse, dois restariam como incontestáveis para serem assumidos nesse trabalho: o de reaver o espaço de Gustavo Teixeira, um escritor “desmerecidamente esquecido”, na Literatura Brasileira; e o de demonstrar, por meio de exame do texto literário, seu valor, em “verdadeira medida” (positivo), como escritor. Contudo, ambos pareceram, além de problemáticos, insuficientes e, até, divergentes quando comparados com os objetivos que vinham sendo rascunhados, em suas formas primitivas, por mim, ao idealizar os princípios da pesquisa. Por quê?

Responder a essa pergunta é possível com muito mais tranquilidade que as anteriores.

Os dois objetivos referidos, meio a contragosto e atenuados, foram postos como objetivos específicos do projeto da pesquisa – o que não foi mais do que outro modo de atenuá-los. O chamado objetivo geral, que continua sendo *mais ou menos* o mesmo, era o de traçar o

perfil dos dois livros publicados por Gustavo Teixeira em vida: *Ementário*, de 1908, e *Poemas líricos*, de 1925, detectando e reconhecendo (no texto, na obra e no tempo) as diferenças entre os dois. Ele me consentia encobrir as dúvidas, ao mesmo tempo em que as espelhava.

Não pretendia ou pretendo tornar-me representante da justiça literária, nem creio que o terceto Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Raimundo Correia, mais por agora um quarteto, com Vicente de Carvalho, devesse transformar-se, com Gustavo Teixeira, em quinteto. À parte o gosto pessoal, consigo ver Gustavo Teixeira como integrante de uma massa média de escritores, numerosa e, no entanto, de qualidade e valor individuais, que permite dimensionar histórica e formalmente a extensão das práticas versificatórias parnasianas tradicionais (assim como as “intrusas”), e permite redimensionar as práticas, históricas (como as da vida literária) e formais, em individuais.

O que essa minha visão fazia era variar não só de objetivo, como também variar, inconsciente, a objetiva. Se meus objetivos não concordavam comigo ou entre si, foi porque seu processo de definição reclamava igualmente a definição, ou, melhor dizendo, a adoção de um modelo epistemológico. Como proceder e expor? Colocando o problema em formato clássico e hiperbólico: ir do particular ao geral ou do geral ao particular?

Já não me recordo exatamente como saltei dos dois textos de Carlo Ginzburg, recomendados por uma colega quando contava a ela minhas estratégias de pesquisa, para *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*, de Ronaldo Vainfas. O livro desse pesquisador serviu de iniciação aos debates atuais da disciplina de História, ajudou a entender o que eu estava pensando e o porquê de estar pensando assim, e incentivou novos saltos de leitura. O que havia ainda de senso comum de história¹ nas minhas formulações, foi então substituído por uma abordagem crítica – a mais apropriada para abrigar os meus palpites –, “baseada na redução da escala de observação, em uma análise

¹ Refiro-me ao “senso comum de história” evocado por Peter Burke em “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”, que ele diz ser conveniente descrever como “história rankeana”, e que “tem sido com frequência – com muita frequência – consideradoa maneira de se fazer história, ao invés de ser percebido como uma dentre várias abordagens possíveis do passado.” (1992, p. 10): objetiva, relacionada à política, à narrativa dos acontecimentos, centrada em grandes personalidades, baseada em documentos oficiais, etc.

microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (LEVI, 1992, p. 136), cujo princípio unificador é “a crença em que a observação microscópica revelará fatores previamente não observados” (LEVI, 1992, p. 139), ou, nas palavras de outro representante, que aposta que “a experiência mais elementar, a do grupo restrito, e até mesmo do indivíduo, é a mais esclarecedora porque é a mais complexa e porque se inscreve no maior número de contextos diferentes” (REVEL, 1998, p. 32), tornando as variáveis do social mais numerosas (REVEL, 1998, p. 23): a abordagem micro-histórica.

Algumas palavras de Jacques Revel foram arrebatadoras para mim:

A abordagem micro-histórica é profundamente diferente em suas intenções, assim como em seus procedimentos. Ela afirma em princípio que a escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimentos. Variar a objetiva não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa modificar sua forma e sua trama. Ou, para recorrer a um outro sistema de referências, mudar as escalas de representação em cartografia não consiste apenas em representar uma realidade constante em tamanho maior ou menor, e sim transformar o conteúdo da representação (ou seja, a escolha daquilo que é representável). (REVEL, 1998, p. 20)

A diferença entre uma proposta de pesquisa sobre o Romantismo brasileiro e uma sobre Gustavo Teixeira é perceptível em termos de aceitação. A primeira proposta é quase imediatamente aceita como válida, enquanto a segunda demanda uma boa explicação. Porém, como ressalta Vainfas, não se trata da relevância do tema, e nem do “recorte monográfico típico de qualquer pesquisa histórica” (2002, p. 110) ou literária. Estamos, inclusive, acostumados, nas Literaturas, com os recortes cada vez menores. Como diz Levi:

[...] é auto-evidente e até banal afirmar que as dimensões particulares do objeto de análise não refletem necessariamente a escala distintiva do problema colocado. A ideia de que a escala tem

sua própria existência na realidade é aceita, até porque aqueles que consideram que a micro-análise só opera através do exemplo, ou seja, como um processo analítico simplificado – a seleção de um ponto específico da vida real, a partir do qual se exemplificam conceitos gerais – em vez de funcionar como um ponto de partida para um movimento mais amplo em direção à generalização. (LEVI, 1992, p. 138)

O “problema real”, no entanto, não é a escala como “uma característica inerente da realidade”, mas a opção de reduzi-la para “propósitos experimentais”. A micro-história desfaz a hierarquia dos níveis de observação; ela entende, em sua prática histórica, que a escolha do individual não é contraditória à do social. Daí a recuperação, de Ginzburg, da indução² como método investigativo.

O trabalho monográfico, embora tenha o recorte (ou o caso) como largada para a pesquisa, procura organizar a “miríade de acontecimentos minúsculos”, conforme Revel, atribuindo “como tarefa a verificação local de hipóteses e de resultados gerais” (1998, p. 27). A ideia não é coletar exemplos, mas “desomogeneizar” os objetos, ou, particularizar os “grandes arranjos anônimos”: o Estado, a modernização, a industrialização, a difusão da cultura escrita, o parnasianismo, o pré-modernismo, os neoparnasianos; e o modelo de trabalho monográfico tradicional constantemente faz a outra coisa.

A afinidade entre parte do objeto dessa pesquisa, isto é, Gustavo Teixeira (a outra parte é a sua produção literária), e os objetos microanalíticos, em geral comunidades específicas e “protagonistas anônimos”³, é que eles são *petits bémols*, isto é, pequenos detalhes que podem ser adversativos (“situações-limite”). São similares, como “itinerários individuais”, na capacidade de fazer “aparecer a

² “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177). Ver: sobre o “paradigma indiciário”, em “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, de Carlo Ginzburg.

³ “Aliás, qualificar o tipo de personagem da micro-história como “anônimo” constitui equívoco sério, quase uma “heresia” à luz da micro-história, que de certo modo assume como um dos seus pontos de partida metodológicos a *busca de nomes*, a pesquisa onomástica em arquivos notoriais ou paroquiais, visando a reconstituição de famílias, de seus recursos materiais e da vida material dos lugares onde viveram esses personagens. O fio condutor é o nome [...]” (VAINFAS, 2002, p. 138).

multiplicidade das experiências”, em suas contradições e em sua máxima complexidade, porque em sua atualização (REVEL, 1998, p. 26).

Logo, falar em “protagonistas anônimos” ou em “massa média de escritores” é uma maneira propositalmente contraditória, mas com intuito didático, de expor esses objetos. É tentar garantir a referência “de um vivo que fala demais, que fala sem razão, fora de lugar e fora da verdade” (RANCIÈRE, 2014, p. 37), ou seja, entender o lugar que damos àqueles que não têm lugar. Nas palavras de Jacques Rancière, é lidar com o excesso de palavras. Esse “excesso de palavras” tem o sentido não só do que surge de excesso da própria realidade (os anônimos, por exemplo), como material de trabalho, como também do que surge de excesso do uso da linguagem. Entre as armadilhas das palavras, que não podem nunca ser contemporâneas do que nomeiam, está a da homonímia. Diz Rancière que “as palavras mais enganadoras são evidentemente as mais usadas” (2014, p. 51). E o que estamos falando quando falamos de parnasianismo, de neoparnasianismo ou de pré-modernismo? Quantos de quantos tipos existem? A questão é, justamente, que “se entrarmos nas minúcias das relações, o objeto designado pelo nome se decompõe” (RANCIÈRE, 2014, p. 52).

Quando Revel elenca as redefinições que o deslocamento, feito pela micro-história, dos princípios epistemológicos e metodológicos proporcionou, reportando-se à substituição dos sistemas classificatórios pelos comportamentos e identidades (em deixar-se guiar pelo nome próprio), diz o mesmo que Rancière: “a confusão anacrônica e homonímica deve-se ao fato de que as palavras da história são nomes. Um nome identifica, não classifica” (2014, p. 53):

Trata-se, portanto, de desnaturalizar – ou ao menos de desbanalizar – os mecanismo de agregação e de associação, insistindo nas modalidades relacionais que os tornam possíveis, recuperando as mediações existentes [...] (REVEL, 1998, p. 25)

Por isso julguei pertinente dedicar uma parcela do primeiro capítulo à exploração de um tema numérico, o da multiplicação dos poetas-gafanhotos, nos dizeres de Wenceslau de Queiroz, ou, dos poetas-sapos-pipas, nos dizeres de Manuel Bandeira.

Posto que compartilhe, com Revel e com a micro-história, a afirmação de que o espaço monográfico não é inerte, de que “um dos

efeitos da passagem para o “micro” é transformar, por exemplo, a natureza da informação e a relação que o historiador mantém com ela” (1998, p. 37) e de que “a escolha de um modo de exposição participa [...] da construção do objeto e de sua interpretação” (1998, p. 38), algumas observações indispensáveis devem ser feitas.

A mais técnica delas é sobre o “modo de exposição”. Na citação do parágrafo acima, Jacques Revel não utilizou a expressão em um sentido retórico ou especulativo. A micro-história tem estabelecida a narrativa como “modo de exposição”. Alegando que a utilização de recursos literários não é inédita no meio historiográfico, ela assume de uma vez por todas a solidariedade com as técnicas de escrita da literatura (e se aproxima, às vezes, da biografia), sem, entretanto, ficcionalizar a história. Escolher um modelo narrativo é escolher um modelo de conhecimento, e a narrativa histórica mais próxima da literária abriria espaço para o leitor participar da construção do objeto de pesquisa, porque reintroduz “noções como as de fracasso, de incerteza e de racionalidade limitada” (REVEL, 1998, p. 26). Contudo, “parece evidente”, conforme Ronaldo Vainfas, que um trabalho acadêmico, como este, não pode amparar-se nesse modelo, que só funcionaria, então, como gênero micro-histórico. Outrossim, ele tem como condição o amplo domínio do exercício da escrita, afora que estaria a serviço de uma pesquisa de anos e anos.

A mais primária é a de que este não é um trabalho (essencialmente, talvez devesse acrescentar) de história (ele *tem* história), eu não sou historiadora, e não me considero competente o bastante para acessar com desembaraço práticas historiográficas como a Micro-história. O que permanece dessas leituras todas é o esclarecimento da problemática da escala e do modelo epistemológico. Faço, deliberadamente, a tentativa de compatibilizar as escalas, proposta por Vainfas no final de seu livro, confiando que pequenos empreendimentos micro-históricos aqui e ali podem “otimizar a exposição de exemplos e a verticalização de seus significados em textos de história geral, permitindo ao leitor um contato mais estreito com a “experiência vivida”” (VAINFAS, 2002, p. 150). Essas “incursões” (muito mais “excursões”, para fazer um trocadilho com o que diz o autor), estão presentes neste trabalho, por exemplo, na seleção dos textos e de fragmentos, que escoltam e guiam a pesquisa inteira, e que são de autoria, diversas vezes, de pessoas comuns(ou “menores”) que viveram a transição do século XIX para o XX.

Por fim, a mais escorregadia delas é Hans Robert Jauss quem destaca: “como acontecimento literário, o *Perceval* de Chrétien de Troyes não é “histórico” no sentido em que o é, por exemplo, a Terceira Cruzada, contemporânea à obra” (1994, p. 25), pois “diferentemente do acontecimento político, o literário não possui consequências imperiosas, que seguem existindo por si sós e das quais nenhuma geração posterior poderá mais escapar” (1994, p. 26).

Assim sendo, por que Gustavo Teixeira? Porque o tenho como um “protagonista anônimo” e porque, eventualmente, “a tendência a apagar os traços individuais de um objeto é diretamente proporcional à distância emocional do observador” (GINZBURG, 1989, p. 163), distância que a pesquisa faz questão de transformar. A redução de versos visivelmente sensível em *Poemas líricos*, o retorno, mais acentuado, do tema da morte (também presente em *Ementário*), em meio à paisagem do interior, tornada paisagem íntima, e a insistência no mundo clássico, numa época em que não se reconhecia a literatura – entre um “já” e um “ainda”, como alegou Alceu Amoroso Lima em 1925 –, faz desses dois livros exemplares da “vida doméstica” da literatura na virada do século em São Paulo: exemplares da existência e sobrevivência de uma literatura fora da grande cidade, de como ela era escrita e do que tem para dizer.

II

Sobre o trabalho que fiz anteriormente e as fontes de pesquisa, tenho a dizer, do primeiro, que me referi ao Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, que escrevi e apresentei no ano de 2013. No capítulo dois, recupero alguns resultados dessa pesquisa e a narração de algumas experiências práticas, muito enriquecedoras e gratificantes, que foram possíveis por causa dela. Em 2013, por exemplo, viajei para a cidade de São Pedro (SP), onde nasceu Gustavo Teixeira e onde se encontra o seu acervo, e pessoalmente fotografei manuscritos, ouvi relatos de parentes, etc. As informações que obtive com a viagem, *muitas*, são apenas uma das veias do grande corpo de pesquisa que tive que controlar. Há outras.

Grande parte dos dados apresentados, dos colhidos de jornais e revistas da época, foi selecionada por mim em leituras aleatórias e/ou intuitivas, como tentei dizer com a menção ao texto de Ginzburg. Tive sorte de poder acessar os acervos da Hemeroteca da Biblioteca Nacional

e do Arquivo Público do Estado de São Paulo pela *internet*, pois ambos já estavam digitalizados. Os mecanismos de busca, contudo, não estavam tão aprimorados. No *site* da Biblioteca Nacional, a pesquisa por palavras-chave tinha de ser feita individualmente, por periódico. Hoje, o *site* oferece a possibilidade de pesquisa simultânea em vários periódicos, através de filtros por “periódico”, “período” e “local”. Já o *site* do Arquivo Público do Estado de São Paulo disponibiliza o acervo em formato *.PDF*, sem nenhum mecanismo de busca, o que quer dizer que cada revista ou jornal teve ser “folheado” e lido página à página para a pesquisa.

Ainda mais trabalhoso foi criar métodos de armazenamento e organização para o volume e cada tipo de informação. Levou um bom tempo para que eu percebesse que absolutamente tudo o que lia em periódicos poderia virar dado de pesquisa, e que, por isso mesmo, minha memória tenderia a parecer cada vez mais inútil. Passei a anotar as informações que mais chamavam atenção. Mas as anotações a mão se multiplicavam e complicavam a *busca* depois. Passei então a fichar as informações (como fazia com os livros) no computador, salvando em documentos do *Word*. Algumas mantive organizadas em tabelas. O *Ctrl + I* resolveu muitos problemas, porém as idas e vindas das conexões em fluxo contrário aos prazos de entrega de trabalhos e à raridade de algumas informações me fizeram perceber que muitas ficariam mais bem guardadas se salvas como imagem, que, com o tempo, foram organizadas em pastas (dentro de outras pastas, e pastas). Esse processo todo pôde ser aperfeiçoado, também, porque me obrigou a exercitar a sensibilidade e desenvolver o autoconhecimento, isto é, passei a prever, em cada leitura, o que provavelmente minha memória iria querer recuperar mais tarde, quando fosse redigir o texto da pesquisa (e foi assim que o critério “chama atenção”, ineficaz, foi abandonado). Em troca, por esse desenvolvimento, mais informações eram encontradas, porque minhas estratégias de busca melhoravam com a minha intuição. Ler (ver, ou ouvir, por exemplo, Paganini⁴), sem obrigação de encontrar algo, apenas como quem faz um laboratório experimental antes de representar uma peça, foi, da mesma forma, essencial.

O resultado está exposto em quatro capítulos.

No primeiro, encontra-se a justificativa da pesquisa: o cenário literário brasileiro da virada do século XIX e do início do século XX é apresentado com o foco estabelecido na quantidade de poetas e no

⁴ Ver: “Canto real da Glória”, em *Poemas líricos* (1925).

volume de produção poética da época em confronto com a qualidade e impacto dessa produção e com o tratamento dado a ela pelos estudos existentes.

Parecerá, ao leitor, contraditório, talvez, que, embora as referências da micro-história tenham estado presentes no processo de realização da pesquisa, Gustavo Teixeira não apareça logo no primeiro capítulo do trabalho. Este fato tem caráter proposital. Será vã a tentativa do leitor de encontrá-lo, “substancialmente”, ali no meio, como foram vãs, muitas vezes, as minhas tentativas de encontrá-lo. Imagino a angústia daquele que tenta avistar um homem na multidão de Baudelaire. Procurar Gustavo Teixeira na multidão, nessa perspectiva, seria, entretanto, um erro, porque ele fugiu dela. A angústia é outra. Então, penso que, o aviso de que o leitor ficará perdido, quem sabe minimize as consequências da minha escolha por fazê-lo participar da simulação da minha desorientação sem que lhe tenha pedido permissão para isso.

Adianto também que, no segundo capítulo, o escritor Gustavo Teixeira é enfim apresentado ao leitor.

Nos capítulos finais, terceiro e quarto, o *corpus* da pesquisa – os dois livros publicados em vida pelo poeta são-pedrense: *Ementário* (1908) e *Poemas líricos* (1925) –, é analisado temática e formalmente, com o objetivo de tornar perceptíveis as possíveis nuances entre a poética dos dois livros, relacioná-las à distância temporal existente entre as duas publicações, e contribuir para a compreensão da situação da poesia brasileira (de origem anterior ao Modernismo) no início do século XX.

As considerações finais apuram, selecionam e resumem os resultados.

LITERATURA NA EMENDA DOS SÉCULOS

Ora, a continuarem as coisas neste pé, teremos,
daqui a pouco, o futurismo escrito com gramática,
o camoneanismo futurista e o parnasianismo
cubista com tercetos rimados em chaves de ouro.
(autoria não identificada)

Que é mais extraordinário? Um maneta trinchar
um peru de forno, ou um literato sem musa
escrever quarenta composições em verso?
(Austregésilo de Athayde)

Sem querer dar continuidade às metáforas marítimas de Louis Bourdeau e de Fernand Braudel analisadas por Jacques Rancière, porém ainda entre os franceses e entre a discussão sobre “classificar” e “identificar”, dessa vez na Literatura, recordo Conseil, o companheiro de viagem de Pierre Arronax, em *Vinte mil léguas submarinas*.

Conseil é um especialista em classificação, um verdadeiro esportista das categorias e divisões científicas, “classer, c’était sa vie”, e, no entanto, não sabe, na prática, diferenciar um cachalote de uma baleia.

O personagem de Jules Verne pode representar mais que, à primeira vista, um pesquisador incapaz de pôr em prática a teoria que domina. E pode representar mais que uma teoria resolvida, porém difícil de ser colocada em prática, diante da diversidade dos fenômenos. Conseil pode encenar o pesquisador que deixa a diversidade problematizar as teorias, até então bem cristalizadas.

Uma das propostas deste trabalho é a de que absorver as inseguranças e confundir baleias e cachalotes pode ser uma maneira de fazer surgir mais da poesia brasileira de 1899 a 1925 (data da publicação, em jornais, dos primeiros poemas de Gustavo Teixeira, e data da publicação do seu último livro em vida), isso porque é assim que uma parte volumosa dessa literatura se apresenta.

Muito embora as explicações para a literatura da virada do século XIX para o XX (e duas primeiras décadas deste), em sua maioria históricas e sociais, sejam, hoje, familiares – industrialização, urbanização, desenvolvimento científico, crescimento e consolidação da imprensa -, muito pouco acrescentaram ao que já se dizia sobre o parnasianismo brasileiro, e não tiveram quase nenhuma implicação direta para o entendimento da enorme produção de escritores ditos

menores ou desconhecidos. Constantemente classificada como neoparnasiana, neosimbolista ou ainda pré-modernista, a única expressão que essa literatura tem é a expressão numérica, grande e indefinida.

Essa constatação, que, com base em bancos de dados de periódicos, penso poder ser estendida a todo Brasil, foi feita por inúmeras personalidades literárias e em diferentes épocas. No que tange ao quadro paulista, estado em que nasceu e viveu Gustavo Teixeira, quem ressaltou a carência de estudo sobre poetas desse período, mais recentemente, foi Antonio Celso Ferreira⁵. Para ele, a crítica e a história literárias ignoram as manifestações poéticas, que predominaram na literatura paulista até 1890, bem como as tendências que se seguiram até 1930, prejudicadas pelo privilégio de “supostas rupturas estéticas e científicas” (2002, p. 174):

De fato, uma breve consulta aos compêndios de história literária basta para indicar que, sob o epíteto de “pré-modernismo”, agruparam-se tendências tidas como inacabadas, conflitantes, anacrônicas ou de pouco valor estético - “neoparnasianismo”, “neossimbolismo”, “neoromantismo”, “neo-realismo-naturalismo” e “neo-regionalismo” -, na comparação com a obra iniciada com a Semana de Arte Moderna. [...] Delas, seleciona-se uma meia dúzia de autores, tidos como mais expressivos ou à frente de seu tempo, e uma maioria é esquecida. (FERREIRA, 2002, p. 175)

O acolhimento e o tratamento dessa literatura, por intermédio da ideia inicial de quantidade, não acarreta, contudo, o não comprometimento com noções como a de valor(es) e a que se denominou de estilo literários, das quais essas próprias opções não têm como se desvencilhar. É porque valor e estilo literários estão interpostos na quantidade que ela é capaz de gerar perguntas como: Qual seria a relação entre quantidade e qualidade nesses escritores? Como (e qual) qualidade se projetaria da quantidade? Qual era o modo de assimilação das práticas versificatórias tradicionais nessa produção e o que isso pode dizer sobre (ou no que se assemelha com) os procedimentos de criação

⁵ *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

poética atuais? Exemplos de questionamentos que irrompem dessa aproximação, e que, como se verá, estão concentrados na obra e na trajetória de escritores como Gustavo Teixeira.

1.1. POESIA, A DÍZIMA PERIÓDICA

Por volta de 1900, pelo menos, prognósticos de feições bastante atuais como “crise”, “futuro incerto” e “fim” da poesia eram já assuntos correntes na crítica literária. Em um ensaio de 1907, intitulado “O futuro da poesia”, o crítico José Veríssimo procurou desmentir essas previsões, afirmando que o século do progresso do espírito positivo, da supremacia dos aspectos materiais e do predomínio das exigências práticas da vida, percebeu cedo, contraditoriamente, que nada disso superava o sentimento humano, que, por sua vez, tem como uma das formas de “expressão necessária” a poesia: “Vimos que o século em que mais se acentuou a positividade dos nossos conhecimentos, o século da crítica e do domínio teórico, do interesse no domínio prático, foi também o século de grandes e numerosos poetas” (1977, p. 27). Não obstante as afirmações entusiasmadas, como a de que “nunca houvesse tantos poetas e tantos bons poetas, nunca talvez fosse a poesia tão rica, tão variada e tão brilhante, tão perfeita como na nossa época, em que aliás lhe anunciaram a decadência e morte” (1977, p. 26), em “Movimento literário de 1906 a 1910” os argumentos seriam alterados.

Nesse ensaio, José Veríssimo permanece com a mesma posição a respeito do “próximo fim da poesia”, porém sustenta a invalidade do prognóstico com estimativas numéricas:

Não se cansam os poetas de desmentir o prognóstico agourento de certos críticos [...] e se o número sempre crescente de livros de versos e a cópia de versos bastasse para afastar da bela filha de Apolo o infausto vaticínio, certamente poderíamos descreer do seu cumprimento. Nunca talvez se poetou tanto no mundo, como depois que anunciaram a morte da poesia, nunca se versejou tanto como nestes tempos de materialismo e positivismo, na pior acepção destes termos. (VERÍSSIMO, 1979, p. 219)

Se, por um lado, esses poetas todos conservavam a poesia e alguma coisa do seu idealismo, por outro, expunham a fraqueza da sua

produção. Parte da explicação para a mediocridade da poesia brasileira da época, escondida pelo “noticiário incompetente e camareiro”, estaria, para o autor, no arcadismo e no parnasianismo.

Crítico do Parnasianismo, Veríssimo havia escrito, há pouco, um comentário acerca do volume *Poesias*, de Alberto de Oliveira, publicado em 1900. O parnasianismo, detido em seus preceitos formais, teria sido o responsável por facilitar “uma multidão de sujeitos”, isto é, poetas, “sem pensamento, sem ideia, sem emoção, sem inspiração nem estro” (VERÍSSIMO, 1977, p. 154).

A preponderância da poesia sobre todos os outros gêneros também seria notada por ele⁶. Em “Alguns livros de 1901”, esse é um dos aspectos em que o fenômeno literário brasileiro, “pouco intenso, sempre defeituoso, quase nada original”, se diferenciaria:

Em todas as literaturas, é hoje o romance, a epopeia da vida democrática e burguesa moderna, o gênero predominante e mais numeroso. O verso vem depois. Em a nossa acontece o contrário: os livros – eu diria melhor os folhetos – de verso são a nossa produção mais copiosa, incomparavelmente mesmo mais copiosa que qualquer outra. (VERÍSSIMO, 1977, p. 137)

Entre os próprios escritores ocorria essa mesma impressão: “Raro se depara com um moço no Brasil que não seja pelo menos poeta”, declarava, em dezembro de 1885, Luís Murat, para a “Gazeta da tarde” (RJ), “este gênero de literatura encontrou entre nós largo campo para viver [...]” (1980, p. 15-16). As reclamações de Murat sobre a fragilidade e a indiferença da crítica – “se uma obra aparece, de um valor relativo, nem um trabalho sério que lhe assinale os defeitos e as incorreções, ou que lhe aponte as belezas e as originalidades” (1980, p. 16) –, também se prolongariam nas décadas seguintes.

Sílvio Romero foi outro que denunciou, com pesar, em “Versos, versos, e mais versos...”⁷, o crescente número de poetas no Brasil, em “enorme desproporção”, nos últimos trinta e quatro anos desde 1870. Ainda que a poesia seja o assunto principal do seu ensaio, o crítico não

⁶ O mesmo seria percebido por Alceu Amoroso Lima mais tarde, em uma crônica para “O Jornal” (RJ), de maio de 1921: “os movimentos literários brasileiros são poéticos”.

⁷ Ensaio de 1904, que integra o livro *Outros estudos de litteratura contemporânea*.

se detém somente nela, afirmando ver os “escrivinhadores típicos”, componentes da “legião de poetas”, assumirem, com a mesma “fofice”, os gêneros crônica e conto (1905, p. 81). As observações finais de Romero são interessantes porque, sem reprovar explicitamente a imprensa, é nos jornais que o crítico entende que esse volume de escritores se manifesta e ganha lugar. A relação não é simples, pois a imprensa que dava abrigo a esses escritores era também a que dava abrigo às críticas contra eles.

Até mesmo em pequenos periódicos, de caráter artesanal, que circulavam em restritos centros literários, comuns na época, o tema do número de poetas foi recobrado. O jornal literário “A Florescência”, de São Paulo, que teve suas edições impressas por volta de 1916-1917⁸, traz, na segunda página do jornal número 7, de janeiro de 1917, um curto ensaio, intitulado “Poetas...”, no qual o ensaísta Wale Nuces, comentando uma crônica lida em que se dizia haver mais poetas no Brasil do que “as estrelas do Cruzeiro multiplicadas por si mesmas”, dá seu depoimento assombrado em favor dessa constatação. Segundo ele, motivados pelo “puritanismo atual”, os poetas fizeram da inspiração, produção do verso, quando deveria acontecer o oposto⁹: “Poetas de pouco ou sem merecimento, pululam por aí, às levas, quais vermes, nas lagoas pútridas da mesquinha literatura”. Na “Gazeta Artística”, também de São Paulo, A. Piccarolo, autor de um artigo sobre o “Estado actual da poesia brasileira”, levanta, inclusive, a necessidade de se fazer um cálculo estatístico sobre a produção poética do país para melhor entendê-la: “uma estatística apropriada seria interessante e tomaria, certamente, proporções alarmantes, superiores à produção do café ou da borracha” (1910, p. 5).

A ideia de inspiração, de Wale Nuces, se sobrepunha, de maneira resistente, à condição de “profissional”, em vias de ser alcançada pelo “escritor”. A imagem fabril do Parnasianismo se mescla com a imagem da fábrica jornalística exatamente neste ponto. Basta tomar para análise dois nomes frequentes nestes ataques ao número: “escrivinhadores” e “versejadores”. Ambos trazem o sufixo “-dor”, de origem latina, atribuindo as noções de “ofício” e “profissão” ao radical. O tom

⁸ Tendo como subtítulo, nos últimos números: “Orgam do Centro Litterario Amadeu Amaral”.

⁹ “O puritanismo atual, levou ao ridículo a beleza da inspiração. Sim, já hoje, a inspiração deixa de produzir o verso para ser por ele produzida.” (NUCES, 1917, p. 2).

pejorativo seria o resultado da incoerência, nítida, entre o sufixo e os radicais aos quais foi unido.

As tentativas de compreensão da força da produção poética dessa época, como se vê, incluem desde o Parnasianismo, o Arcadismo, a imprensa, a crítica até o abandono de um certo sentimentalismo, que seria imprescindível para motivar a atividade criadora. Entretanto, apenas com Amadeu Amaral essas tentativas ganharam dinamismo.

Em “Poesia de ontem e de hoje”¹⁰, ele explica a “extrema pobreza de fundo poético”, apontada por José Veríssimo, como “vulgarização extrema dos modelos ilustres”. Passado o calor da estreia e o momento de real contribuição às letras, o parnasianismo vinha se enfraquecendo com a própria multidão de admiradores que arrastava consigo: “repetidores mais ou menos habilidosos, que inundaram o país de bonitos sonetos e de poemas sorríveis – apenas com o defeito de não serem “nascidos”, mas “fabricados.”¹¹ (AMARAL, 1924, p. 45).

Amadeu Amaral não vê, no parnasianismo, o fracasso ou a falsificação como características congênicas, como o faz José Veríssimo. Há, na “vulgarização”, um processo pressuposto. Esse processo, uma sucessão de estados, por sua vez, tem a divulgação como o propulsor de mudanças. A mudança em si teria sido a constante popularização. O passo duvidoso desse raciocínio está na sua ambiguidade: o parnasianismo se tornou vulgar porque se tornou popular ou se tornou popular porque se tornou vulgar? (aliás, esses seriam dois modos de dizer o mesmo?). Ou seja, o parnasianismo se tornou visível porque foi muito praticado, ou estava em todo lugar porque foi “facilitado”, transformado em algo praticável, acessível a todos? Pode-se tomar “vulgar” como sinônimo de “prática” e “popular” como sinônimo de “acessibilidade”, ou “popular” como sinônimo de “prática” e “vulgar” como sinônimo de “acessibilidade”.

A popularização foi de todo modo, como prática do tradicional e como acesso pela facilidade, uma oportunidade de diversificar o parnasianismo. Por isso, o que para Sílvio Romero era “claro indício” dum povo de “defeituosa organização social e da pouca profundidade de sua cultura” (1905, p. 70), e para José Veríssimo “sinônimo de mediocridade”, era para Amadeu Amaral “uma admirável floração de

¹⁰ Ensaio publicado originalmente na “Gazeta de notícias”, em 1923, quando escrevia críticas literárias para o jornal.

¹¹ E assim finaliza: “Chegou-se mesmo a temer, e com fundamento, que dentro em pouco passassem a fazer-se peças pseudo-parnasianas como se fazem chapéus ou sapatos – em cooperação, e às pilhas.” (AMARAL, 1924, p. 45).

talentos interessantes, vivos, maleáveis, inquietos, com uma grande riqueza de pendores independentes” (1924, p. 46).

Amadeu Amaral não só navegou em contrário ao geral pessimismo, como ele mesmo dissera, mas defendeu serem falsas as **corredias** afirmações sobre a multiplicação dos poetas no país:

Afirma-se todos os dias que os poetas enxameiam nesta terra como gafanhotos, alastram como as abóboras; e passou a ser clássica a pilhéria de que toda a gente faz versos no Brasil. Nada mais falso. É falso que a poesia tenha assim tantos cultores neste país. (AMARAL, 1924, p. 23).

A citada comparação entre os poetas e os gafanhotos havia sido feita por Wenceslau de Queiroz na seção Crítica Literária do jornal “Correio Paulistano”¹², publicada no dia 09 de outubro de 1904. A crônica tratava da apatia da crítica diante dos livros recebidos, que, segundo o autor, ou se desfaz em uma “crítica sistematicamente louvaminheira” ou “os atira [os livros] à vala comum do *recebemos e agradecemos*”, e por fim elogiava o trabalho literário de tradução português/francês-francês/português e criação em ambas as línguas de Hippolyto Pujol. “A crítica é uma drenagem necessária no campo da literatura”, devendo basear-se na “apreciação justa e verdadeira, sem ridículas curvaturas de espinha dorsal, nem aprumos de uma severidade de pedagogo” e devendo combater o que Wenceslau de Queiroz chama de “fenômeno assustador de uma superprodução de farandulagem literária”.

¹² O parágrafo donde fora retirada a mencionada comparação é o seguinte: “E pois que os talentos robustos e pessoais não exuberam por aí como os gafanhotos ou moscardos, enxameando por tal forma que nos tapem o sol, o que, no entanto, se dá com as hordas bárbaras dos inúmeros sarrafaçais que se rotulam com o título de escritores, justifica-se até certo ponto o paradoxo estético de que nunca se deve encorajar estreante algum na carreira das letras, mas, ao invés, se deve mostrar que na orografia intelectual são quase inacessíveis as montanhas, cujas cumiadas se perdem nas nuvens, e que o caminho para chegar até lá em cima vai beirando abismos, é estreito, abrupto, áspero, produz vertigem, tal qual a que acometia Heráclito no cimo das colinas de Éfeso, não passando a tão almejada glória, por fim, de uma fita de fumaça prismando-se em cores de arco-íris, sedutora e aliciante ao longe, mas fugidia, incoercível e efêmera” (QUEIROZ, 1904, p. 1). Jornal n.º 14785.

A resposta mais elaborada e direta, por parte de Amadeu Amaral, à crônica publicada no “Correio Paulistano”, veio em “Brasil, terra de poetas...”, em que o autor acusa Wenceslau de Queiroz de fazer afirmações “falsas como pratas de chumbo”. Para Amadeu Amaral não há razão para se dizer que um país “onde oitenta por cento da população não sabe ler, onde não há senão uma literatura incipiente e uma arte andrajosa, onde a caça ao dinheiro predomina desenfreadamente [...], onde não há opinião, não há tradições, não há cultura [...]” (1924, p. 29) é uma terra de poetas. Além do que, espera-se do crítico que ele não disperse “a nuvem dos saltões versejadores”, mas que lhes imprima “o cunho das suas ideias”.

Contudo, é bem verdade – e isto o próprio autor de *O elogio da mediocridade* observou – que os livros de poesia começaram, nas primeiras décadas do século XX, a entulhar as livrarias¹³. A seção “Livros Novos” da revista “A Cigarra”, de São Paulo, teve em sua maioria de anúncios literários livros de poesia, muitos dos quais não se têm nenhuma outra notícia até hoje – serve como exemplo o misterioso *Walkyrianas*, de “José Testamantis”¹⁴. A *Arte de Amar*, de Júlio César da Silva, publicado pela editora de Monteiro Lobato, foi um dos raríssimos casos de “*best-seller* da lírica”.

E se esse volume de produção tornava dificultosa a recepção de tantos livros pela crítica da época, assim como embaralhava a paisagem

¹³ “Acham que estamos saturados de poesia... Entretanto, os raros livros que aparecem no decorrer de um ano ficam empilhados nas prateleiras dos livreiros, se não são jeitosamente propinados aos incautos, como bilhetes de rifa.” (AMARAL, 1924, p. 24).

¹⁴ A primeira coluna da seção “Livros Novos”, página 42 de “A Cigarra” n.º. 337 (correspondente à segunda quinzena de novembro de 1928) traz a curiosa notícia de lançamento: “Ao abrirmos este livro, deparamos com esta coisa terrível, este atentado às regras, às comezinhas regras gramaticais: nome masculino craseado. Mesmo assim, continuamos a ler a obra do senhor Testamantis. Na capa, como o “cavencanem” das vivendas romanas, havia este aviso-incitação: SÓ PARA HOMENS. Lemo-lo à pressa. Com medos de sermos apanhados em flagrante. Ler assim não é ler. Haverá poesias boas? Más? Não podemos garantir. Talvez sim, provavelmente não. Em último caso, servirão de “aperitivos”... (os leitores adivinham que espécie de aperitivos!...) a certos organismos depauperados. Quando pretendia relê-lo, a “Cigarra”, a sisuda mademoiselle “Cigarra”, que é uma senhora de costumes severos, à antiga, pois usa, em pleno século do aeroplano e rádio, cabelos e vestidos compridos, e não dança o “charleston” nem pinta os lábios, muito ciosa do seu pundonor, tomou-o das nossas mãos e rasgou. Logo...”.

literária, impossibilitando a concretização de qualquer análise que se pretendesse global, os registros da crítica um pouco mais próximos do nosso tempo comprovam que essa dificuldade, se não persistiu, aumentou. Lúcia Miguel Pereira falou especialmente em nome da prosa:

[...] Juntem-se ainda a fraca repercussão das obras literárias em nossa terra, o mau negócio que representa aqui a profissão de escritor e as dificuldades com que por muito tempo lutaram os autores para serem impressos, e ver-se-á que muito há a esperar de gente que venceu tantos obstáculos. A crítica pode ser severa, mas a história tem muitos nomes a registrar. A verdade é que, a despeito de tudo, escreveu-se bastante durante os cinquenta anos que aqui se examinam [1870-1920]. Entre romancistas, contistas e dramaturgos, foram, para este ensaio, levantados, nas histórias literárias, dicionários biobibliográficos, artigos de críticos e catálogos de livrarias, mais de duzentos nomes. Destes, a maioria está até hoje completamente esquecida, sendo que, de vários autores, só mesmo nomes e os títulos das obras puderam ser encontrados, visto como nem na Biblioteca Nacional nem nos livreiros antiquários existem os seus livros; de outros só se acham alguns trabalhos, nem sempre os mais elogiados no momento; ainda outros, finalmente, deixam de ser mencionados, porque nem o mais largo relativismo histórico lhes daria lugar na literatura. (PEREIRA, 1957, p. 23)

E Brito Broca falou em nome da literatura em geral do período¹⁵:

Já tenho aludido aqui à dificuldade de se historiar o período da Literatura brasileira que vai da proclamação da República ao surto modernista, pelos obstáculos que nos impedem de conhecer, em toda extensão, a obra de muitos autores representativos desse período. A época marcou, por assim dizer, o desenvolvimento da imprensa diária, entre nós, facultando aos escritores um

¹⁵ A mesma citação serve de epígrafe ao livro *A sátira do parnaso*, de Álvaro Santos Simões Júnior.

terreno propício à atividade literária. Embora os jornais pagassem pouco, sempre pagavam alguma coisa, ou pelo menos, facultavam meios para se evidenciarem as aptidões e o talento. O jornal tornou-se, então, para a Literatura brasileira, o mesmo que gora o teatro no período de 1850 a 1889.

Ora, esse desenvolvimento do Jornalismo não coincidiu com a expansão do comércio editorial. O escritor expandia-se largamente pelas colunas da imprensa, mas não obtinha editor senão para uma pequena parte de tão ampla produção. Daí o material imenso que continua desconhecido, soterrado por assim dizer nos jornais e que não pode, entretanto, deixar de ser computado na apreciação justa de muitos escritores. Por outro lado, faziam-se edições pequenas – às vezes, às expensas do autor – de obras logo esgotadas, até agora não reeditadas, e difíceis de serem encontradas mesmo na Biblioteca Nacional.

Isso explica muitas deficiências e lacunas de nossos críticos, mesmo os mais inteligentes, no julgamento do referido período, tornando imensas as dificuldades dos que se abalançarem a historiá-lo. [...] (BROCA, 1991, p. 202)

Diria Amadeu Amaral que esse volume todo de livros é pouco em face do que deveria ser, pois “saturados de poesia, saturados de arte vivem os povos de larga e intensa cultura, as nacionalidades potentes e expansivas que nós procuramos imitar” (AMARAL, 1924, p. 24). Mas em pelo menos uma coisa concordavam ele e os críticos: não há quem leia; o Brasil não sabe ler.

E não só eles. Por ocasião da morte de Machado de Assis, no fim do mês de setembro, em 1908, acompanhada da morte de Artur de Azevedo, um fervoroso leitor de “O País” (RJ), identificando-se como Sergio Rud, decide-se por recorrer à imprensa com o propósito de comunicar à Academia Brasileira de Letras “umas tantas ideias” suas – “Se eles indagarem dos motivos que determinaram V. Ex. a aceitar essa profissão pseudo-postal, diga-lhes, de minha parte, que nós ansiamos aqui por aliviar uma formidável pressão intelectual e moral.” (RUD, 1908, p.5). Assumindo não ser literato – “sei ler mal e escrever pior” –, comovido com a morte de dois grandes escritores, e no desejo de alertar

os imortais para “catástrofes vindouras”, lembrando uma palestra de Artur de Azevedo sobre Machado de Assis, Rud põe-se a estudar a “triste situação dos literatos brasileiros”:

Creia-me, porém, V. Ex.: eu gosto dos literatos. Refleti, por isso, maduramente, na supra-mencionada *Palestra*. Excogitei, quanto m’o permitiu o fósforo cerebral, em meios de suavizar as amarguras dos escritores nacionais. (RUD, 1908, p. 5).

Na patriótica declaração “sobre assuntos vários”, publicada em 16 de novembro de 1908¹⁶, sob o título de “Cartas de longe”, Sergio Rud assegura que o mal de que padecem os escritores – a falta de dinheiro –, e o abarrotamento de livros não vendidos (“Machado de Assis cedeu a propriedade literária de suas obras por dez réis de mel coado”), não são culpa do governo, como o colocou Artur na dita palestra¹⁷, e sim culpa “nossa”:

[...] o brasileiro tem muito em gastar o cobre e pouco cobre para gastar. Custa-lhe reservar umas economias mensais para a verba da leitura [...] nós, povinho, não temos os olhos esbugalhados para a ciência nem para a arte. (RUD, 1908, p. 5)

Tamanha foi a perspicácia do leitor, que nem os jornais, nos quais se liam unicamente romancistas franceses¹⁸, escaparam de suas farpas. A primeira das soluções propostas por ele foi que nos “rodapés dos jornais radiassem as estatísticas da casa”. A segunda, que os editores se empenhassem em anunciar “largamente” seus produtos – “Ganhar dinheiro, escrevendo, é, afora a excelência do produto, uma função comercial análoga a vender manteiga mineira ou banha de Porto Alegre. Requer uma operação econômica importante: obter mercado.” (RUD,

¹⁶ “Anno XXV – N.º 8810”.

¹⁷ “Artur só topou um recurso: apelou para o governo. Ora, veja, V. Ex., para quem foi o dramaturgo apelar!” (RUD, 1908, p. 5).

¹⁸ “Abrimos os jornais, corremos aos folhetins e devoramos como iguarias o Xavier de Montepin, o Ponson de Terrail, e agora, no *País*, o Julio Lermine. Esses romancistas são franceses, V. Ex. e seus colegas proclamam que são de primeira água. Nós só conhecemos a eles; quando poupamos uns cinco mil réis magros, compramos os livros deles.” (RUD, 1908, p. 5).

1908, p. 5). E como terceira, dado que a educação do povo, que seria “o meio infalível de aumentar o consumo”, é um meio “longo, fastidioso e de êxito problemático”, e que a língua portuguesa é uma “camisa de força”, pois não há, fora do Brasil, quem a decifre, Sergio Rud lança a proposta de que os “imortais” se ocupassem de traduzir o que fosse aqui produzido¹⁹, e atrasassem, depois, as traduções ao “mercado externo” “com foguetório, botando por cima da capa: *obra premiada e publicada sob os auspícios da Academia Brasileira de Letras*, e no envoltório de cada exemplar, um dístico em tipo garrafal: *Grand succès*” (RUD, 1908, p. 5). Seria esta a receita para o enriquecimento dos escritores nacionais, e arremata: “Nós andamos carecidos, cá por baixo, de um professor de civilidade, que nos ensine a mentir bonito”.

1.2. A DÍZIMA E OS PERIÓDICOS

Como pode um país assim desenvolver-se, em matéria de cultura, em torno da “letra impressa”? Cabe o retrato, nem um pouco estático, do cenário, como o pinta Flora Süssekind. De acordo com a autora, havia no Brasil “uma paisagem tecno-industrial *em formação*”; de início “um confronto – primeiro hesitante, meio de longe; mais tarde convertido em *flirt*, atrito ou apropriação” (SÜSSEKIND, 1987, p. 15). O universo intelectual, o boêmio, e também aquele de reuniões estudantis, deixa de se centralizar em espetáculos para incorporar a imprensa, e a imprensa, de público tão restrito, trabalha em ritmo acelerado para atingir maior espaço social.

É anunciada na virada de século, conforme Nelson Werneck Sodré, a virada da imprensa: de “empreendimento individual, como aventura isolada” à empresa jornalística²⁰. A modernização do jornalismo em indústria “lança os jornais na direção de um público de massa” (SÜSSEKIND, 1987, p. 73), e dá para a colaboração dos escritores, “como a única trilha concreta em direção à profissionalização” (SÜSSEKIND, 1987, p. 74).

¹⁹ “O único jeito é mudarmos de roupa: traduzirmo-nos”. (RUD, 1908, p. 5).

²⁰ “Os pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. Se é assim afetado o plano da produção, o da circulação também o é, alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores.” (SODRÉ, 1983, p. 275).

Em entrevista concedida a João do Rio, que mais tarde viria a compor “Momento Literário”, conjunto de entrevistas com escritores realizadas entre março e maio de 1905, publicadas primeiramente no jornal “Gazeta de Notícias” (RJ), declara Olavo Bilac:

[...] o jornalismo é para todo o escritor brasileiro um grande bem. É mesmo o único meio do escritor se fazer ler. O meio de ação nos falharia absolutamente se não fosse o jornal — porque o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil como uma necessidade. (RIO, s.d., n.p.).

Entrementes, “o jornal é um problema complexo”, diz Bilac. A ampliação do público leitor não escondia a “falta de instrução” à qual viam os proprietários de jornal presas suas tiragens.

“O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”, a “pergunta capital” de João do Rio firmava o inegável: “sob qualquer aspecto, era porém injusto negar o papel do jornalismo no desenvolvimento da literatura brasileira” (BROCA, 1975, p. 218).

O “tempo do soneto na primeira página, dedicado ao diretor ou ao redator principal da folha...” (EDMUNDO, 1938, p. 910), mostra-se através do próprio soneto. Abaixo, dois poemas emblemáticos sobre essa relação, recolhidos do jornal “O Estado do Espírito Santo” (ES), de abril de 1904, e “O Pharol” (RJ), de março de 1905, de escritores igualmente emblemáticos, Deoclécio Silva e A. C. Doria:

A IMPRENSA

Segundo diz a Bíblia, a terra inteira
Das águas no lençol adormecia;
O barulho dos ninhos não havia...
Não havia um só leque de palmeira.

Depois c’o despontar do novo dia
Corta a amplidão uma ave forasteira...
Traz a segunda um ramo de oliveira,
Como sinal que a terra aparecia....

Assim também dos plainos de Moyença,
As asas distendendo – ave da imprensa
Mergulhou-se no azul da imensidade,

Para trazer aos povos oprimidos
Os conceitos da paz – preconcebidos
Nos artigos da lei da Liberdade.

(SILVA, 1904, p. 1)

O TIPÓGRAFO

De tipo em tipo os versos engastando
Nas eloquentes frases do discurso,
Segue da história o variável curso,
Livros, jornais, revistas burilando!

Os elos da palavra que o percurso
De séc'losvem os povos ilustrando
São por eles cuidados, consagrando
Todo o zelo e amor do seu concurso.

Nos domínios reais da evolução,
Tem no progresso – luz em profusão
E na ciência um pálio em que se albergue!

É o braço da imprensa na conquista!
Sempre modesto e nobre! sempre artista!
É a glória imortal de Guttemberg!

(DORIA, p. 1905, p. 1)

A boemia estava desaparecendo e o que favorecia sua partida, para Nelson Werneck Sodré, era “a generalização de relações capitalistas com as quais ela era incompatível” (SODRÉ, 1983 p. 296). A profissionalização levava alguns a não admitir que o poeta e o cronista pudessem instalar-se na mesma residência.

Oscar Lopes²¹, na intenção de comentar um novo livro de Goulart de Andrade, “Névoas e Flamas”, na coluna “A Semana” (de 05 de outubro de 1913) que mantinha em “O País”²², iniciara seu texto com “São os poetas que fazem a língua”, disto saltando para uma argumentação que corroborasse com o que dissera, embrenha-se numa resposta para “E os prosadores, não? Impertinente pergunta! Dificil e espinhosa resposta!”:

²¹ Oscar Amadeu Lopes Ferreira.

²² “Anno XXIX – N.º 10590”.

Creio, sem a mais leve sombra de dúvida, que o número de prosadores de mérito vai diminuindo. Só se pode atribuir o fato aos atropelos da profissão jornalística. O jornal moderno, que é a invencível atração de todas as aptidões literárias (e em certos casos também das mais perfeitas inaptidões) procede com a ferocidade clássica dos abismos: atrai, engole e fica tudo por isso mesmo, porque abismo que se preza não se dá o trabalho de restituir à luz e à liberdade os infelizes que lhe caem no bojo.

Mas (não faltará quem pergunte), isso que tem, que mal há no exercício permanente da imprensa para os escritores se, em vez de extinguir, o jornal desdobra as qualidades brilhantes de um plumitivo? O mal é sutil e terrível: o jornal desenvolve o jornalista, mas anula o escritor de livro. Ao mesmo tempo que forma um comentador, estrangula um criador [...]. O estilo dissolve-se para dar lugar à frequência da produção. (LOPES, 1913, p. 2)

O colunista esclarece não julgar que o jornal extinguisse o talento, mas sim que ele o poderia transformar, modificar, “para poder adaptá-lo à nova função”. As intrigas quanto aos “homens de jornal” eram cochichos acanhados daqui e dali – “a ligação entre “poetas” e “imprensa” é descrita como uma relação amorosa” (SÜSSEKIND, 1987, p. 80). E os escritores comumente dividiam-se entre o “lugar artístico” e o “espaço jornalístico”, adotando estratégias estilísticas que se fixassem cada uma em seu campo.

Igualmente o jornalismo, em seus primórdios, aderiu aos artifícios literários: “o noticiário era redigido de forma difícil, empolada. O jornalismo feito ainda por literatos é confundido com literatura, e no pior sentido.” (SODRÉ, p. 282), a ponto de as narrativas água-com-açúcar se generalizarem²³, associando-se imediatamente ao carimbo dos

²³ Nos modelos de “Passionarias”, de Coelho Neto: “De onde vem as lágrimas? Há duas versões, curiosa: faze tu mesma a escolha. Vem da alma, para uns; para outros, vem do coração. A alma venturosa tem o sorriso, que é a luz; a alma sofredora tem a agonia, que é a treva. [...] Cada um de nós traz dentro de si a fonte amarga que abebera os olhos e dessedenta a alma. Lágrimas... Falemos do sorriso.”, e “As mulheres de preto”, de Raimundo Reis: “Eu sempre tive pelas mulheres vestidas de preto uma predileção especial e maníaca. [...] Não sei se é

literatos. Daí a “superornamentação”, alegada por Flora Süssekind, como uma “das vias preferenciais de delimitação do lugar do “artístico”” (SÜSSEKIND, 1987, p. 77), de que são exemplo Olavo Bilac e Coelho Neto.

Dentre os procedimentos de interferência na técnica literária, apontados por Süssekind, correspondentes dessa dupla função dos literatos, está a *estilização*, que consistia na superornamentação da linguagem literária para ressaltar sua singularidade face ao jornalismo. Tratava-se de contrapor ao corriqueiro e banal da profusão de notícias e crônicas os modelos imorredouros da estética clássica e das referências helênicas; em suma, de acentuar e construir um estilo literário que se distinguísse radicalmente da escrita periodística com a qual esses mesmos escritores a partir de então se envolviam, e da qual extraíam seu sustento – “é como se o escritor traçasse, com lápis grosso, margens próprias para a colaboração literária” (SÜSSEKIND, 1987, p. 76), e com isso reafirmasse “uma oposição entre o artesanal e a técnica, entre quem “cria” e quem “produz” [...]” (SÜSSEKIND, 1987, p. 80).

O jornalismo era para muitos a “atividade central” não apenas por ser um meio de sustento, ou “porque possibilitava certo grau de profissionalização, mas também pelo aumento de prestígio e influência política que os homens de letras pareciam adquirir”²⁴ (SÜSSEKIND, 1987, p. 75). Motivos esses que podem ter impulsionado Gustavo Teixeira, quando jovem, a candidatar-se, por carta, a poeta da coluna “A propósito...”, de Álvaro Guerra, no “Correio Paulistano” (SP) ou a trabalhar no jornal *Folha Nova*, de Garcia Redondo, por algum tempo.

A interpretação de Flora Süssekind, que filia o jornalismo e a literatura para explicar os estilos preponderantes no momento, é, todavia, apenas uma das interpretações para o parnasianismo brasileiro,

porque no amor (como em todas as demais cousas humanas) o Egoísmo domina. Talvez seja. [...] Eu sou egoísta. [...] Creio que é por isso que adoro as mulheres trajadas de luto. Elas são para mim seres abandonados e melancólicos, sonhadores e felizes, que necessitam do meu amparo e de meu carinho...”; ambas publicadas no “Correio Paulistano” (SP), dia 01 de maio de 1916 (N.º 18965).

²⁴ Diz Olavo Bilac, no prefácio de *Ironia e piedade*, sobre suas contribuições à “Gazeta”: “É que a *Gazeta* daquele tempo, a *Gazeta* de Ferreira de Araujo, era a consagradora por excelência. Não era eu o único mancebo ambicioso que a namorava: todos os da minha geração tinham a alma inflamada daquela mesma ânsia. Não era dinheiro o que queríamos: queríamos consagração, queríamos nome e fama, queríamos ver os nossos nomes ao lado daqueles nomes célebres.” (BILAC, 1916, p. 9).

e apenas um rascunho para a interpretação dos “defeitos” dos sapo-pipas ou “repetidores” do parnasianismo, como se referiu Manuel Bandeira ao vasto conjunto de poetas numéricos no poema *Os sapos* e na *Apresentação da poesia brasileira*. Um dos pontos relevantes para esse conjunto de poetas, que pode ser questionado, é a variação da intensidade do contato com meio jornalístico, já que o jornal foi se especializando com o tempo, repelindo amadores, e que a trajetória biográfica desses escritores é bastante diversa (muitos exerceram profissões que os distanciavam da de escritor, outros não tiveram educação formal, vieram de outros estados, de cidades interioranas e mesmo optaram por isolar-se nessas cidades).

As gerações surgidas por volta de 1900, não presenciavam mais os gracejos da geração boêmia de 89 que, como observa Brito Broca, tinha então suas figuras aburguesadas: “a geração nova de então surgia nesse clima diferente, em que já não se compreendia a atitude do artista morrendo de fome, do escritor sacrificando tudo pelo ideal literário” (1975, p. 7). Esse processo, pelo qual passou a imagem do poeta e da poesia, é indicado em “O calvário dos poetas”, ensaio de 1908, de Amadeu Amaral: entre “nós aqui chegamos ao exato conceito de poesia: caraminholas²⁵” (1924, p. 19) e:

Passada essa época [do romantismo], as coisas melhoraram sensivelmente. [...] Mas era acabado o tempo do poeta-pedinte, do poeta-protégido e do poeta-madraço. Hoje, vêmo-lo a viver honestamente e trabalhosamente do jornalismo, da magistratura, do funcionalismo, do magistério, e até das letras. A poesia deixou de ser esse passatempo ou um salvo-conduto para a malandrice: a poesia é-lhes um meio de vida, ou uma sobrecarga de trabalho, com que espontaneamente se oneram para dar emprego ao excesso da sua atividade mental. (AMARAL, 1924, p. 21-22).

²⁵ “A palavra “poeta” equivale à palavra “tipo” no seu sentido familiar, exatamente porque o poeta, no conceito comum, é nada mais, nada menos que um *tipo* – um ente desclassificado e vagamente perigoso. A publicação de meia dúzia de sonetos é um passaporte para o descrédito.” (AMARAL, 1924, p. 18).

Matheus de Albuquerque, o poeta de *Visionário*, breve colaborador de “O País” (RJ), no dia 19 de agosto de 1911²⁶, publica em “Carta para a província”:

Quanto a coisas literárias, em que tão fervorosamente te empenhas, apenas saberás que, como era de supor, também os hábitos mudaram, neste particular, com a transformação da cidade. Já lá se foram os tempos em que neste país se olhava para o homem de letras com uma piedade misturada de desprezo, fazendo-se do mísero uma criatura à parte, perfeitamente dispensável, um zero à esquerda entre valores sociais. [...] Porque a verdade, meu caro, é que hoje o homem de letras no Brasil, pelo menos no Rio de Janeiro, é positivamente uma afirmação social, tem o seu papel definido, é mesmo um elemento de que já se não prescinde no concerto coletivo. (ALBUQUERQUE, 1911, p. 1)

Dentre as considerações do poeta sobre literatura, não poderiam faltar as corriqueiras notas sobre “uma febre de produção a escaldar o cérebro dos moços”²⁷, e a proliferação das academias. O “mercado dos produtores”, por sua vez, parece o único, na opinião de Matheus de Albuquerque, a estar, talvez, em uma crise que pode, de algum modo, alcançar financeiramente os escritores:

Diz-se todos os dias, e nós bem o sabemos, que em nosso país ninguém vive da pena, porque não há leitores que paguem compensadoramente o trabalho do escritor. [...] Se alguma crise existe a dificultar o conforto material dos nossos homens de letras, é, talvez, crise de produtores, de profissionais idôneos, de lutadores de polpa, que vençam os últimos obstáculos da cidadela – crise agravada pela escassez absoluta de editores, que antes de tudo são comerciantes, e para quem tanto

²⁶ “Anno XXVII – N.º 9813”.

²⁷ E segue: “Estamos em pleno esplendor de glórias novas, energias juvenis despontam para as pugnas sagradas, novas liras fogosas agitam-se ao serviço de Apolo redivivo. Andamos aos empurrões com os eleitos, quase a bater-lhes familiarmente na barriga.” (ALBUQUERQUE, 1911, p. 1).

valem os lucros da venda de obras nacionais, como os que lhes rendem as xaropadas estrangeiras. (ALBUQUERQUE, 1911, p. 1)

Matheus de Albuquerque e Sergio Rud, escritor e leitor, com avaliações bastante próximas, coadunavam-se nos mesmos exames de seu momento literário.

O comentário abaixo, de Luiz Edmundo, sintetiza e reforça as considerações a respeito do contexto de (re)produção, na perspectiva dos editores, dos escritores de prosa e dos escritores de poesia:

Paga-se a um bom autor, por um bom romance ou um bom livro de contos, de quinhentos mil réis a um conto de réis; por uma novela popular, de cinquenta a quinhentos mil réis. Para os livros de verso, abundantíssimos, não há tarifa. Em geral são impressos por conta do próprio autor, ou entregues ao editor, sem compromisso de paga. As exceções à regra são raras. (EDMUNDO, 1938, p. 702-703).

As dificuldades financeiras para o lançamento de um livro levavam os escritores a procurarem padrinhos para alavancarem a publicação. Para a edição do primeiro livro de Gustavo Teixeira, em 1908, *Ementário*, Vicente de Carvalho, poeta já famoso no meio literário paulista, foi convidado pelo escritor para prefaciá-lo.

E depois de finalizada e tornada física a edição, os autores ainda não se viam livres de estabelecerem amizades. Era necessário não só garantir um público leitor, garimpado da taxa de analfabetos do país, mas um público leitor crítico:

Entretanto nós somos um país de poetas! Em cada esquina encontra-se uma escola de arte, em cada café corre desabrido esse processo epicamente nacional de sova literária, no interior das livrarias fervilham as novas escolas de arte. Como os homens variam e os livros não são lidos, oh! senhor Deus! ler todos esses volumes! (RIO, s.d., n.p.).

Na citação acima, João do Rio fala pelos leitores-consumidores... e também por ele mesmo.

“Ementário? Sim. Um livro de versos...”, assim começa a segunda-feira de João do Rio. Na crônica de 1908, *Ementário* é só mais um livro de poesia empilhado na escrivaninha do crítico:

Não há semana que por cima da minha mesa não venham cair volumes de versos. Um, dois, três, quatro... Já tive semana que a encontrei com dez [...] E eu perguntei desconsoladamente aos volumes:

- Porque haverá tanto poeta no Brasil?

E os dez volumes não me responderam. (RIO, 1908, p. 2)

Ocupando metade de uma folha grande de jornal, o texto de João do Rio descreve de domingo a sábado a rotina de um crítico literário. Em maiúsculas e sublinhados os nomes dos dias da semana frisam a constância e a repetição das publicações.

O silêncio dos livros é significativo. Eles não parecem fazer sentido sozinhos e não parecem dar sentido ao número de poetas em crescimento senão numericamente. No meio disso, Gustavo Teixeira e *Ementário* são “bizarria inédita”:

[...] há um outro poeta preso da maravilha pagã, um impenitente romano da decadência, preso da bizarria do Oriente, do estranho de todo o mundo conquistado pela Roma vitoriosa, amando como Ovídio, sentindo como Tibulo e tirando de cada aspecto da natureza uma irradiação de rimas.

É o autor do “Ementário” Gustavo Teixeira.

Entretanto, a minha alma não está para gozar esse deboche de vinhos raros e a bizarria inédita de expressões da maioria de poesias do “Ementário”. (RIO, 1908, p. 2)

A cidade de São Paulo, com mais de 200.000 habitantes na virada do século, igualando-se à “população do Rio de apenas vinte e cinco anos antes” (HALLEWELL, 1985, p. 230), não tinha, de acordo com Laurence Hallewell, nem metade do número de livrarias que tinha

a cidade do Rio Janeiro em 1820²⁸ (1985, p. 232). Em compensação, mais de 600 publicações estavam em circulação, “o quántuplo das décadas anteriores” (CRUZ, 2000, p. 77). Quantidade de publicações que, nas duas primeiras décadas do séc. XX, fora enxugada; segundo Heloísa Faria Cruz, o espaço para as folhas informais aos poucos se estreitava, sendo assimilado gradativamente por “algumas poucas revistas de variedades”, todavia grandes empresas periodísticas (2000, p. 104), como “A Cigarra” e “A Vida Moderna”.

Em carta, datada de 1937, Monteiro Lobato reclamava pelo que havia intercedido “desde os tempos do Presidente Washington”, isto é, pelo barateamento do papel para livro: “e veio a lei que isenta de taxas o papel importado para revistas e jornais. Inexplicavelmente, porém, ficou de fora o livro, justamente o instrumento de cultura número um.” (*apud* FIORENTINO, 1982, p. 30). A lei de isenção de taxas para o papel²⁹ para jornais e revistas barrava terminantemente a concorrência do livro³⁰.

Esse conjunto de motivos ao qual se unia o fato de os escritores terem de pagar para publicar seus livros (que demoravam a vender e, em boa parte das vezes, não rendiam lucro algum), explicam a publicação de *Poemas líricos*, segundo livro de Gustavo Teixeira, no formato revista, “com a preocupação de tornar acessíveis ao público certos trabalhos que não foram reunidos em livro ou cujas edições estão esgotadas [...]” (LIVROS NOVOS, 1925, p. 3), como segundo número, de fevereiro de 1925, a compor o “mensário dirigido por Nuto Sant’Anna”, *Os nossos poetas*³¹.

²⁸ “No fim do século, contudo, São Paulo ainda tinha apenas oito livrarias [...]” (HALLEWELL, 1985, p. 232).

²⁹ “[...] criou-se uma linha d’água especial para o papel de imprensa importado e passou a ser ilegal usar o papel assim marcado para qualquer outra coisa que não a impressão de jornais.” (HALLEWELL, 1985, p. 273).

³⁰ “Não seria possível (...) ter papel bom e barato, como o tem os jornais e revistas? Bastaria que na lei que regula a isenção de direitos sobre o papel destinado aos jornais e às revistas, se incluísse também o livro.” (LOBATO, 1959, p. 193-198 *apud* FIORENTINO, 1982, p. 31).

³¹ Da qual se sabe terem sido lançados pelos menos três números: “Morte, morte de amor”, do próprio Nuto Sant’Anna; “Poemas Lyricos”, de Gustavo Teixeira e “Chamma Extincta”, de Alfredo de Assis.

1.3. OS “ISMOS” E O DÍZIMO DOS CRÍTICOS E HISTORIADORES DA LITERATURA

Os críticos, desde homens profundamente interessados em literatura, escritores até palpiteiros de jornal, frequentemente justificam a profusão de versificadores esteticamente desqualificados pelas características mesmas que o estilo em voga – um então parnasianismo – reclamaria de seus adeptos.

José Veríssimo, transcorrido algum tempo depois da “fulguração daquela plêiade admirável de 1885” (AMARAL, 1924, p. 46), da qual ainda restava Alberto de Oliveira para resguardar a integridade da escola, incrimina a poesia contemporânea por uma “lamentável uniformidade, que no caso é sinônimo de mediocridade” (1979, p. 220), devido a, primeiro, um “arcadismo inato, hereditário da nossa poesia”, isto é, o gosto “no pior sentido do termo, da arte pela arte” (1979, p. 220), e segundo, em decorrência da primeira causa, a aceitação imediata da produção literária francesa (a que se detinha nas preocupações da forma), levando a uma das máximas parnasianas: o “impessoalismo³² do poeta”. Rica exageradamente em qualidades exteriores e vulgar quanto ao seu “fundo poético”, é possível confundir os poetas “na mesma inspiração e maneira” “sem as virtudes íntimas que a [poesia] distingam e caracterizem, ou sequer assinalem e separem, com destaque notável, os poetas uns dos outros.” (VERÍSSIMO, 1979, p. 219).

Das mesmas “falaciosas miragens” parnasianas falou Silvio Romero, estabelecendo-as nas “primeiras situações” de seu esquema de evolução do lirismo brasileiro³³. No estudo mencionado anteriormente, diz o crítico que a “produção de mérito” da escola romântica foi muito maior do que a das escolas que a sucederam, e, concernente ao valor dos

³² “A impersonalidade e o cuidado extremo e exclusivo da forma, acarretando forçosamente o sacrifício da ideia, deviam não só privar o parnasianismo do principal fator da poesia, a emoção, mas levá-lo rapidamente, como aconteceu, ao esgotamento, acabando por fazer predominar nele a feição meramente pinturesca e descritiva. E o mal que ele produziu foi que, fazendo da perfeição métrica, da riqueza e raridade da rima, das combinações rítmicas, o critério da poesia, facilitou-a a uma multidão de sujeitos sem pensamento, sem ideia, sem emoção, sem inspiração nem estro.” (VERÍSSIMO, 1977, p. 154).

³³ “Todo o lirismo, nas grandes literaturas, segue esta evolução; começa por descrições de cenas simples da natureza; passa depois a descrever os fenômenos mais complexos do mundo exterior; após aparecem as narrativas de fatos históricos [...]” (ROMERO, 1949, p. 301-302).

novos poetas, como Olavo Bilac, Raimundo Correia, Teófilo Dias, Alberto de Oliveira, Luiz Murat, Bernardino Lopes, Múcio Teixeira, Emílio de Menezes e Cruz e Sousa, não o ignora, igualando “estes” com “aqueles” “no que a poesia brasileira tem de mais significativo, o lirismo”: se “estes” têm mérito, é “pelo que neles é um reflexo, um *survival* da velha escola” (ROMERO, 1905, p. 71).

O parnasianismo, ademais, não resolvia um problema tão caro aos homens de letras daquele tempo: o da constituição de uma literatura nacional e/ou original. Juntando os “princípios parnasianos” ao fato de serem importados, em grande parte, da França, e de terem se estendido tão descomedidamente, tocando inclusive em outros movimentos literários, engavetando essas tendências diversas consigo e convertendo-se, de um parnasianismo rígido mas não-nomeado de 1870 (substituto imprevisto das recentes poesias filosófico-científica, realista e socialista³⁴), a um estilo tão maleável, no início do século XX (servindo também de ingresso para as páginas dos jornais, cuja triagem das contribuições era bastante generosa), é compreensível o disparo de tantas críticas.

O que é notável, no entanto, através da bibliografia limitada e, por vezes, repetitiva sobre o parnasianismo, posterior ao seu tempo, é a manutenção do ressentimento com essa corrente por parte dos críticos ao longo de todos esses anos. Vários pesquisadores também já fizeram essa mesma observação, como Jeffrey Needell (1993), Sergio Miceli (2001 [1977]), Péricles Eugênio da Silva Ramos (1989), Ivan Teixeira (2004), Sânzio de Azevedo (1978), Fernando Cerisara Gil (1999), Antonio Carlos Secchin (2004), Pedro Marques (2007) e Antonio Celso Ferreira (2002). Um artigo de Fernando Monteiro de Barros, intitulado “Parnasianismo brasileiro: conservador e transgressor” (2011), oferece, aliás, uma introdução consistente sobre o assunto, resumindo o parecer de diversos autores:

A poesia brasileira do final do século XIX
não costuma ocupar espaço privilegiado nas

³⁴ Essas três, correntes antirromânticas que combateram o sentimentalismo romântico com o cerebralismo do verso, isto é, tomaram as “regras de versificação” como “condições definidoras do poético” (BRITTO, 2014, p. 28), privilegiando o descritivismo, a precisão (que, contudo, não lhe eram exclusividades) e o envolvimento com temas sociais (de maneira menos inflamada que na corrente anterior), e, assim, criaram condições para que o parnasianismo viesse a se instalar no Brasil.

reflexões acadêmicas da crítica literária de nosso país, muito mais afeita às escolas que parecem privilegiar as questões da identidade nacional e da cor local, enfim, da “brasilidade”, como o Romantismo e o Modernismo. O Parnasianismo, identificado com as belas letras, o esteticismo e a alienação face às questões nacionais, é o estilo mais duramente criticado. O célebre Antonio Candido destaca o “artificialismo” e a “superficialidade” desta escola, para ele marcada por “pesada literatice, epidérmica e pretensiosa” [...] No mesmo diapasão, o crítico Alfredo Bosi condena o “bizantinismo” do culto parnasiano de objetos decorativos, como a estátua grega e o vaso chinês [...] Fazendo coro, José Guilherme Merquior acrescenta: “com sua versificação marmórea e sua concentração em exterioridades, os parnasianos insistiram no poema oco, brilhante porém gratuito” [...] (BARROS, 2011, p. 19)

Fernando Monteiro de Barros sustenta que a postura de Antonio Candido com relação à literatura de 1880 a 1920 “tem sido fundamental no sentido de clichéizar o suposto caráter conservador do Parnasianismo, frente ao qual se insurgirá o ‘Modernismo redentor’” (2011, p. 25). Uma das respostas para a “clichéização” do parnasianismo³⁵ pode estar mesmo na reação modernista, que causa problemas não só para o estudo do parnasianismo, mas para o estudo do próprio modernismo, como colocou Annateresa Fabris:

[...] O que fazer para não cair em tais armadilhas e tentar construir uma ideia de modernidade que faça jus a suas conquistas sem se deixar contaminar pela autocelebração ou pela radicalização contrastiva?

Torna-se, pois, necessário empreender um esforço crítico que nos permita compreender os discursos da modernidade e sobre a modernidade como partes essenciais de um conjunto de construções teóricas produzido em tempos e em

³⁵ Cuja síntese Ivan Teixeira apresentou em uma pequena lista: “frios, mecânicos, superficiais, formalistas, retrógrados, previsíveis, burgueses” (TEIXEIRA, 2001, p. XII-XIII *apud* BARROS, 2011, p. 23).

espaços historicamente determinados, sem qualquer possibilidade de aspirar a durações e validades indeterminadas. (FABRIS, [1994] 2010, p. 9)

Porém a reação de fundo modernista parece também ter base idêntica às reações de José Veríssimo e Silvio Romero: a origem do parnasianismo brasileiro. Fernando Monteiro de Barros, Sâncio de Azevedo, Luís Augusto Fischer, Sergio Alves Peixoto e os críticos e pesquisadores em geral atribuem à França a sua origem. E a origem do parnasianismo brasileiro é, de fato, francesa, contudo deduz-se disso que a explicação para o parnasianismo brasileiro está na França. As conclusões, por isso, acabam girando em torno de palavras como “importação”, “imitação”, “cópia” e (ausência de) “lirismo”³⁶ e “originalidade”.

Para José Luís Jobim (2013) as categorias de “imitação”, “autonomia” e “originalidade” são estratégicas para a ideia de unidade presente no movimento de afirmação nacional pós-independência. A estética da expressão do eu-autoral, da “criação”, conquistada pelo Romantismo, e valorizada pelo Modernismo (como arte do presente, do imprevisto, do aleatório e do contingente) foi, segundo o autor, determinante no raciocínio de muitos historiadores:

[...] no período colonial, a literatura brasileira teria primeiramente “imitado” a literatura portuguesa; depois, com a independência e com o Romantismo, teria passado a desenvolver uma dicção própria, “autônoma”, “individual” etc. (JOBIM, 2013, p. 25)

Entre o Romantismo e o Modernismo estaria o Parnasianismo desarticulador, apresentando a “regressão como novidade”, “mera variante do já sabido e ultrapassado”, pois, “a rigor, nada tinham a dizer” e “por nada dizerem, por nada terem a dizer e para que nada mais crítico fosse dito é que são consagrados” (KOTHE, 2003, p. 89).

“A poesia parnasiano-simbolista na história da literatura brasileira”, de Fernando Cerisara Gil e outros três autores, é um artigo que analisa, em quatro histórias da literatura brasileira, o modo como a

³⁶ Que, segundo Péricles Eugênio da Silva Ramos: “era o mesmo que “romantismo” para as correntes anti-românticas [...]” (1967, p. 23).

poesia “parnasiano-simbolista” é situada pela historiografia literária, tomando a “noção do nacional” como hipótese de critério para compreensão, definição e valoração do objeto literário. A conclusão dos autores faz par com as afirmações de José Luís Jobim:

[...] a presença do “nacional”, maior ou menor, explícita ou não, se converte, em nossa historiografia mais recente, ainda em critério dominante para a análise do período. Pois na medida em que esse elemento de interpretação se projeta como uma forma de compreensão da literatura brasileira, e na medida em que o caráter nacional traduz-se como modernização, Parnasianismo e Simbolismo soam como duas estéticas pouco preocupadas com o processo modernizador no plano das representações estéticas. Por princípios próprios, os dois períodos se distanciam de um projeto de formação nacional e literária, de que o Romantismo e Modernismo constituiriam a espinha dorsal. [...]

Não parece exagero dizer-se, então, que o horizonte de preocupação literário de nossa historiografia pouco mudou desde o romantismo, momento inaugural da identidade do país à expressão literária, união esta que se configura como pedra de toque para compreender e avaliar a literatura brasileira. [...] (GIL, p. 11-12)

Para manter os juízos sobre o Parnasianismo e o Simbolismo emitidos com base nesse critério seria necessário, também, esclarecer o que se entende por “representação do caráter nacional”, já que autores como Olavo Bilac, por exemplo, ao menos tematicamente, trabalharam com elementos nacionalistas em muitos de seus poemas. Tomado num sentido mais aberto, portanto, o Parnasianismo, no Brasil, incluiria, além dos disciplinados, como Alberto de Oliveira, os heterodoxos, como o Vicente de Carvalho de “Fugindo ao cativo” e o próprio Bilac.

Há ainda quem interprete a cópia brasileira do parnasianismo francês como uma cópia deformadora, um indicador de que nem bons parnasianos, os parnasianos brasileiros conseguiam ser³⁷. É o que diz

³⁷ “O seu parnasianismo é um antiparnaso. Existe para ocupar um espaço que não seria dele. Ele é mentira institucionalizada, o atraso que se apresenta como

Flávio Kothe: “o cânone toma os nomes de escolas europeias e as substitui por uma versão *soft* que inverte o seu sentido crítico, progressista e desbravador.” (2003, p. 88).

Mas a discussão, quando assume o parnasianismo brasileiro como “cópia alterada”, pode cair, simultaneamente, em dois extremos. Um deles é o que representou Kothe, o outro já havia sido representado por José Veríssimo:

Transplantado para o Brasil, o parnasianismo modificou-se sensivelmente à ação do meio, das nossas tradições poéticas e de outras influências e condições. Perdeu muito da impersonalidade e impassibilidade que por sistema lhe quiseram dar os mestres da escola em Paris. Contra isso estava a já forte tradição do nosso lirismo sentimental, piegas mesmo, e personalíssimo, e o nosso temperamento lascivo, senão voluptuoso, impressionável, amoroso, senão apaixonado. Poesia em que não contemos as nossas paixões, reais ou fingidas, em que não confessemos os nossos desejos, em que não digamos as nossas dores ou os nossos prazeres verdadeiros ou falsos, não é para o brasileiro poesia e está fora da nossa tradição poética, que toda ela é sentimental e amorosa. (VERÍSSIMO, 1977, p. 156)

E, desde então, como disse Péricles Eugênio da Silva Ramos, esse juízo tornou-se um lugar-comum, sendo a maneira encontrada pela crítica para enaltecer e salvaguardar os parnasianos merecedores de atenção:

Asseverava a crítica do tempo – e isso se tornou um lugar-comum, repetido até por Mário de Andrade – que os nossos parnasianos se tornaram dignos de nota quando se afastaram dos princípios da escola, como a impassibilidade ou a objetividade. Quando, em suma, foram eles mesmos, e não repetidores de figurinos alheios. (RAMOS, 1989, p. 167-168)

progresso e, por isso, precisa de mentirosos profissionais para manter-se.” (KOTHE, 2003, p. 59).

Esse segundo extremo, além de ler os parnasianos pelo que eles não têm de parnasianos³⁸ (modificando e, muitas vezes, criando ou lendo outros objetos literários), elege como critério comparativo, novamente, o romantismo. Os parnasianos são “eles mesmos” quando são românticos.

Inquirir sobre as características do parnasianismo brasileiro em relação ao parnasianismo francês, como o fez Luís Augusto Fischer, para quem a “impassibilidade do nosso Parnasianismo foi antes um ponto no programa que uma marca efetiva da poesia” (2003, p. 87) (o que já foi dito por Antonio Candido, Afrânio Coutinho e Otto Maria Carpeaux), é diferente de defini-lo pelo que se assemelha ou não com o romantismo, como o fez Carpeaux: “o valor relativo da poesia parnasiana está determinado pela porção de romantismo que conserva” (*apud* FISCHER, 2003, p. 94), e como sugeriu Sergio Millet: “Quase todos os grandes do nosso Parnaso foram, ao fundo, uns românticos muito pouco disfarçados. O verso era de mármore mas eles tinham o coração mole.” (1946, p.6).

De todos, Péricles Eugênio da Silva Ramos é o único que defende que, resultante das empresas francesas de Artur de Oliveira³⁹ e suas divulgações, e da “força de pregação” de Machado de Assis, o parnasianismo brasileiro não é cópia do francês. Para ele a insurgência dos antiromânticos se deu através das correntes realístico-sociais, pois o parnasianismo “já estava constituído quando lhe aplicaram o nome” (1979, p. 166). Para Danilo Lôbo, pode-se dizer que é a partir de 1882⁴⁰

³⁸ “O ponto de partida para refletirmos sobre o Parnasianismo é o seguinte: o movimento costuma ser estigmatizado por não ser o que ele não se propôs a ser.” (SECCHIN, 2004, p. 491).

³⁹ Artur de Oliveira era um amigo querido pelo círculo de Machado de Assis, porém, ainda que Alberto de Oliveira tenha atribuído a ele a “implementação” do parnasianismo no Brasil (conforme declara em uma entrevista para a revista *Terra Roxa e Outras Terras*, em 1926) e que ele tenha de fato trazido os nomes de importantes artistas franceses (como Victor Hugo, Théophile Gautier e Charles Baudelaire, que conheceu no período em que morou na França por volta de 1870) para o Brasil, isso não seria suficiente, de acordo com Péricles Eugênio da Silva Ramos, para fazer crer que Artur de Oliveira “pregasse apenas o parnasianismo” (1979, p. 170). Desse modo, pensar a oposição “realismo-romantismo” em lugar de “parnasianismo-romantismo” faria mais sentido para se compreender como se deu a instalação do parnasianismo no Brasil.

⁴⁰ A data é referência à publicação de *Fanfarras*, de Teófilo Dias, autor e obra que foram contestados como parnasianos, por exemplo, por Péricles Eugênio da Silva Ramos, que demonstrou sua ligação com o Simbolismo. Lôbo, todavia,

que surgem as primeiras obras “conscientemente escritas” nos moldes parnasianos (1994, p. 167). Mas somente a partir de 1886, segundo Manuel Bandeira, a legenda “parnasianismo” passa a ser usada para fazer referência a poetas brasileiros, antes disso “falava-se apenas em “realismo”, “Ideia Nova”” (2009, p. 99).

Anos depois, os “letrados”, aqueles que podiam dar uma utilidade às penas, em “legião”, tomados pelo furor da descoberta dos hoje ditos parnasianos (isto é, em décadas em que a “tendência” era já nomeada, concorria com outras, ao mesmo tempo em que se misturava, e se popularizava), tornavam-se eminentes cultores da forma, no estilo fotográfico-helênico típico, e posteriormente se desligavam dessa fotografia, desfilando vestidos com trajes clássicos parnasianos por lugares não tão condizentes com o figurino.

Diante disso, não se decidem os críticos se o surto de metrificação, ocorrido um pouco além do parnasianismo, fora um surto pela facilidade de aplicação de técnicas de versificação, a favor de uma escola cuja prioridade era a descrição e o manejo da forma, ignorando o “gênio criador”, ou por ter sido absorvido pela classe letrada como atividade intelectual, portanto, de prestígio (o verso passando a servir de entrada para a classe dos salões, das conferências, das “celebridades literárias”), ou ainda se fora apenas uma instância do tecnicismo da época.

Não obstante, a transferência (na verdade, um câmbio) dos desdoirados temas repetidos na imprensa, para as produções literárias (habitualmente poéticas), deve ser admitida. É ela que desautoriza qualquer distinção rígida entre os “sonetos artísticos” e os “sonetos de jornal/revista”. Em vista desse “amadorismo”, cuja localização é imprecisa, como o é a demarcação público/artista, surgiam reações, inclusive, do próprio “público”:

NOVOS E VELHOS

insiste na data como “marco inicial” do Parnasianismo brasileiro, justificando-a, primeiro, pelo seu didatismo, segundo ele, “sem maiores prejuízos”; segundo, porque elementos parnasianos podem ser encontrados em textos publicados antes mesmo dessa data, como *Sonetos e rimas* (1880), de Luís Guimarães Júnior e os poemas de *Ocidentais* (1901), de Machado de Assis, publicados em periódicos desde 1878, e, terceiro, porque a partir desse ano “começaram a surgir, em número cada vez maior, as primeiras obras conscientemente escritas nos moldes da nova escola” (1994, p. 167).

Leio os poetas novos: que amestrados
 Artífices da métrica e da rima!
 Um se avanta em ritmos complicados.
 Outro hemisfério desgata a lima.

Este rebusca termos antiquados,
 Esse, ao contrário, em ser moderno prima
 E detesta os vocábulos sovados
 Para que ideias do futuro exprima.

Quantas coisas insólitas, abstrusas!
 Tu, mestre Hugo, que renovaste as musas,
 Tremeras diante destas ousadias!

Este que leio é fértil em surpresas:
 Mas, cansado afinal de tais belezas,
 Fecho o livro... e vou ler Gonçalves Dias.

(VAL, 1916, p. 47)

Manifestações de um fastio de reproduções e de um pesar sobre o remoto e “desusado” romantismo; combiná-los com uma superficialidade do modo de lidar com a realidade⁴¹, aprisionando-os a ela, é exagerar uma homogeneidade caricatural, quer dizer, repisar um projeto de homogeneidade que é também discutível, por exemplo, perante a vasta aceitação que tinha a “prática do verso”. Bem recebida não somente pela alta sociedade, como mais um evento da “vida mundana” (diria Brito Broca), essa prática se diversificava com a diversificação dos praticantes.

“A vitória definitiva é o sinal seguro da ruína, e a aceitação geral prenuncia o declínio irreparável.” (AMARAL, 1924, p. 45). Novas

⁴¹ Como o faz Nelson Werneck Sodré, ao dizer que o naturalismo “[...] foi contemporâneo do parnasianismo, e nem por coincidência – tendia a criar o virtuose, e pelo virtuosismo disfarçar a sua inevitável penúria.” (1976, p. 383): “A realidade não estava, como nunca esteve, entretanto, naquilo que constitui a superfície do mundo externo [...] A sua colheita [do fato superficial], entretanto, como processo linear e definitivo e isolado, parte do pressuposto de que a realidade é estática, imutável, passível de uma reconstituição integral em dado momento. E isso leva o artista à posição de espectador, à impassibilidade, e traduz uma posição cuja falsidade é fácil de verificar. O empobrecimento artístico que isso representa se denuncia, entre outros aspectos, pelo esforço formidável em valorizar a forma, divorciando-se do conteúdo.” (1976, p. 382-383).

tendências ameaçavam o parnasianismo, que “como todas as escolas ou todas as correntes, na estagnação das suas idealidades inspiradoras, na mecanização dos seus processos; não podia deixar de ir deslizando para o artifício”, até tornar-se uma “terra de ninguém onde toda gente penetra e onde se instalam todos os que o desejem.” (AMARAL, 1924, p. 45).

Na segunda parte “Poesia de ontem e de hoje”, Amadeu Amaral ainda teve de se defender de uma das crônicas de Helios (pseudônimo de Menotti del Picchia), intitulada “A conversão de Amadeu Amaral”, publicada na seção “Crônica Social” do “Correio Paulistano”⁴², que o tivera como parnasiano renegado. E Amadeu Amaral o faz assegurando que, se disse que “o “parnasianismo” (chamemos-lhe assim) vai em franca decadência”,

disse uma verdade de simples e vulgar observação, que nem o mais convencido e mais intolerante dos discípulos de Leconte e Heredia poderá contestar. Ora, isso não é uma opinião sobre o valor estético da escola: é um diagnóstico. (AMARAL, 1924, p. 53).

Todavia, insistira o estudioso do dialeto caipira em seguir contrário ao pessimismo, “que só enxerga perpetuamente sinais de decadência ou de impotência em nossas letras” e reparou no que Sílvio Romero veio a reparar depois de “Versos, versos, e mais versos...”:

No Brasil, não há passadismo, nem academicismo, nem professorismo, nenhuma forma de autoritarismo literário. Não há barreiras para nada. O que há, e entra pelos olhos, é uma larga bonachona, ondulante tolerância para com todas as novidades, e até para com todas as extravagâncias. (AMARAL, 1924, p. 48)

Quando mais contendiam os críticos entre si em discussões sobre a validade do “*parnasianismo*”-(*chamemos-lhe-assim*), suas influências, suas características, seus diálogos com outros movimentos, já não se podia falar propriamente de parnasianismo.

No “Registro literário” do jornal “Correio da manhã” (RJ) de dezembro de 1909, o livro *Paros*, de Plínio Motta, foi assunto de uma pequena resenha que comprova a transformação pela qual vinha

⁴² Jornal do dia 8 de maio de 1923 (n.º 21490).

passando tanto o termo “parnasianismo”, quanto a própria literatura que o representava. Segundo o texto, *Paros* pretende ser, desde o primeiro soneto, um livro de profissão de fé, e o seu autor, Plínio Motta, “claramente” “se tem na conta de um verdadeiro *artista*, representante da escola *parnasiana*”. No entanto,

A leitura das primeiras peças do livro basta para desfazer toda a ilusão que se pudesse alimentar acerca das suas promessas: o poeta *artista* e *parnasiano* abre o livro com um *verso quebrado*, no próprio soneto em que põe a sua profissão de fé! (DUQUE-ESTRADA, 1909, p. 1)

O autor da resenha aponta, com escárnio, vários versos quebrados, sem ritmo e cheios de “batatas”, dizendo não acreditar como a casa Garnier possa ter editado o livro. E embora *Paros* seja criticado do início ao fim, a tentativa do crítico de negar o parnasianismo de Plínio Motta ocorre por meio da ironia. Os comentários em que o termo aparece: “esse soneto é bastante para fazer rir do parnasianismo do sr. Plínio Motta”; “o soneto descreve a nostalgia causada pela ausência da vaca e termina com este monumento *parnasiano*”; “é verdadeiramente delicioso o parnasianismo destes destampatórios” e “para terminar, citaremos desta última paspalhice uma quadra [...] Já é ser parnasiano!”, não negam diretamente essa condição ao autor. Desse modo, o uso modernista de “parnasianismo”, que quando irônico fazia do rótulo um insulto, parece ter origem já entre os parnasianos (o crítico é Osório Duque-Estrada), desconfiados do que estava se tornando a poesia.

Apesar de as insinuações de Amadeu Amaral não passarem de meia linha, deixam claro o relato da imprecisão da tendência parnasiana, pelo menos, naquele momento. E o momento, mesmo que propiciasse uma “admirável floração de talentos interessantes, vivos, maleáveis, inquietos” (AMARAL, 1924, p. 46), que pendiam para uma independência na criação, era de estagnação e espera:

[...] O Brasil está solenemente parado num beco de expectativas e hesitações, sem um único estremecimento de desejo, de esperança ou de revolta. Não existem convicções militantes, não há sombra de ideal coletivo, nenhum dos estandartes levantados por aí, de quando em quando, se mostra capaz de congregar alguns milhares de almas a caminho de uma trincheira.

[...] Somos um povo que vegeta. Como poderão os poetas novos erguer vãos rasgados e luminosos nessa atmosfera de nevoeiro e chuva? [...] (AMARAL, 1924, p. 47-48)

Observação próxima da que havia feito Aristeu Seixas em um artigo sobre o parnasianismo e Martins Fontes, de maio de 1921, no “Correio Paulistano”:

Como dizíamos, o “simbolismo” em idade, pouco dista do “parnasianismo”. A terminologia relativa a “escolas” literárias, tentadas ou imaginadas depois daquelas, avulta. O movimento intelectual é, pois, de tendências imprecisas: os tempos que correm são, a nosso ver, de pura transição literária. A caudal que se apregoa anda a procurar declives; não tomou, por enquanto, o seu curso definitivo, nem profundou suficientemente o álveo por que há de passar um dia, em caráter duradouro. (SEIXAS, 1921, p. 1)

A variedade de tendências e a exploração de cada uma delas, de alguma forma, pelos poetas que mais se aproximaram do parnasianismo, seria o que permitiria “acharmos, de há muito, que a denominação “parnasianismo” deve ser, modernamente, à falta de outra expressão, dada com amplitude a todos os artistas da rima e do metro” (SEIXAS, 1921, p.1), mesmo que, com reservas, aos alocados no “domínio lírico”.

Péricles Eugênio da Silva Ramos alerta para os vários conceitos de parnasianismo existentes: no sentido mais restrito, o parnasianismo “da impassibilidade e da estatuária” foi negado até por Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, que tinham uma ideia “puramente formal” de parnasianismo, e como “culto da antiguidade e do exotismo”, mesmo na França foi uma tendência transitória, “de modo que não pode ser dada como definidora” (MARTINO, 1942, p. 73 *apud* RAMOS, 1967, p. 23). Para o estudioso, a preocupação formal dos parnasianos desenvolveu um “estilo”, que, por sua vez, não descarta uma face subjetiva, sentimental, que teria assumido depois da objetiva, de combate ao romantismo (RAMOS, 1967, p. 30-31). O “estilo” parnasiano da segunda face não determinava temas, ajustava-se a qualquer imagem, bastando alguns acréscimos e a insistência em alguns mal-entendidos da forma para “recharacterizar” o parnasianismo.

Quanto ao momento, Alceu Amoroso Lima, assinando como Tristão de Athaíde, publicava nos jornais dessa data a mesma impressão, arriscando que a poesia, que sempre teve primazia na história literária brasileira, pela primeira vez cederia o lugar à prosa:

Quero apenas consignar essa curva da nossa inteligência criadora, lembrando que não temos uma escola poética em ação nem uma moda poética atual. Nem da parte dos autores, nem da parte do público existe uma tendência qualquer predominando que cria os grandes movimentos. Há uma expectativa, talvez uma submissão prolongada ou passageira. Nessas épocas todas as escolas subsistem [...] (LIMA, 1921, p. 1)

Em 1925 essa observação apareceria mais organizada:

A poesia brasileira de hoje está entre dois advérbios. “Já” não pode ser aquele interminável prolongamento da forma e do ponto de vista parnasianos. “Ainda” não chegou a fixas as novas formas com que há de marcar o momento poético. (LIMA, 1966, p. 1012)

E, se a poesia brasileira era avistada entre um “já” e um “ainda”, aplicando a esse instrumento óptico critérios históricos para provocar um distanciamento temporal, os dois advérbios poderiam se tornar prefixos. Em 1939, como subtítulo de *Contribuição à história do modernismo*, uma coletânea de ensaios de Tristão de Athaíde escritos entre 1919 e 1920, surge a categoria “pré-modernismo”. Na apresentação do livro, Alceu Amoroso Lima toma como ponto de referência para o “alvorço intelectual” desses anos o fim da Primeira Guerra Mundial. Presume-se, com isso, que o “pré-modernismo” seria, quando foi criado, uma categoria aplicável à literatura dos últimos quatro anos anteriores a Semana de Arte Moderna.

Conforme Jean Marcel Oliveira Araújo, as tentativas de definir o recorte temporal do pré-modernismo foram inúmeras⁴³, e o próprio Amoroso Lima, em 1975, teria ampliado o período de cobertura do

⁴³ O autor analisa, em “O pré-modernismo: a luta entre passadistas, modernos e modernistas no campo artístico brasileiro”, cinco propostas: ATHAYDE, 2007; BOSI, 1969; CANDIDO, 1965; LAFETÁ, 1974; PESSIANI, 2003.

termo – “do último quartel do século XIX aos vinte e cinco anos do século XX” (ATHAÍDE, 2007, p. 356 *apud* ARAÚJO, 2012, p. 118). Além disso, outras questões também interferem na tentativa de nomeação do período, como a participação do Simbolismo, o questionamento da Semana de Arte Moderna como marco do Modernismo brasileiro e as divergências de abordagem (ARAÚJO, 2012, p. 118-119), dependendo das quais o pré-modernismo pode ser considerado um movimento literário (Oliveira Araújo cita, como exemplo, a tentativa de Enio Pessiani, autor de *Na trilha do Jeca*: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil) ou um período de transição.

Em *Cinematógrafo de Letras*, a proposta de Flora Sussekind é buscar as marcas próprias do período (fim da década de 80 do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX), “geralmente definido, do ponto de vista literário, como “pré” ou “pós” algum outro” (1987, p. 13), isto é, como simples passagem entre as literaturas de dois séculos e não por si mesmo. Em um esforço de insubordinação a visões que se detêm num “antes” e “depois”, essas décadas se restabelecem como válidas enquanto sítio literário em paridade com os outros, e não mais exclusivamente como “intervalo”.

Para Alfredo Bosi, que considera o pré-modernismo como período de transição, há dois sentidos de entendimento para o termo:

- 1º) dando ao prefixo “pré” uma conotação meramente temporal de anterioridade;
- 2º) dando ao mesmo elemento um sentido forte de precedência temática e formal em relação à literatura modernista. (BOSI, s.d., p. 11)

Esses dois sentidos, como informa Bosi, nem sempre coincidem. As gerações dos “remanescentes da cultura realista-parnasiana” – na poesia, o conjunto dos “neos”: neorromânticos, neosimbolistas e neoparnasianos –, seriam “verdadeiramente antimodernistas” de acordo com um critério mais estético, como o segundo, mas entram na conta do pré-modernismo graças ao primeiro sentido de “pré”.

O sentido temporal de anterioridade não é suficiente para explicar esteticamente essa produção, e é uma das razões da inadequação do termo “pré-modernismo”, porém, como afirma Bosi, não é possível desprezar a classe dos epígonos. Os dois motivos com que o autor justifica a consideração dos remanescentes são: a “ímbricação das gerações”, ou seja, a existência de representantes vivos no século XX, e

a “permanência, nos mais jovens, de certos valores tradicionais operantes de modo especial nos momentos de transição” (s.d., p. 11). Apesar de haver o reconhecimento desse grupo, nenhuma das duas justificativas menciona a produção desses escritores – o que faz do estudo sobre eles um simples débito histórico.

Ainda segundo Alfredo Bosi, o prefixo “neo” reúne grupos de que “se acham quase sempre ausentes a originalidade e a profundidade” (s.d., p. 14). Para ele, excetuando Raul de Leoni e Augusto dos Anjos, o primeiro vintênio do século XX não apresentou mais nenhuma “grande personalidade poética”, e o academicismo dos poetas parnasianos teria se enrijecido mais nos neoparnasianos. A resposta para o sopro parnasiano ter se encompridado seria sociológica; sendo esse o “estilo das camadas dirigentes, da burocracia culta e semiculta, das profissões habituadas a conceber a poesia como “linguagem ornada””, sua resistência se traduziria no neoparnasianismo pelo que tinha de antiquado, como “persistência de uma concepção estética obsoleta” (s.d., p. 20). Mesmo entre defensores do parnasianismo, a “literatura epigônica” é tida como literatura menor e culpada pela sua estigmatização, como “o pior que poderia lhe acontecer” (SECCHIN, 2004, p. 491).

O panorama de Ronald de Carvalho sobre a poesia de 1922, publicado em *O Jornal*, une quase todos os fatores discutidos até aqui e comprova o uso da denominação “neoparnasianismo” já na década de 20. Contrário ao que dizia o colega Tristão de Athaíde, o crítico afirma que o “momento de indecisão já passou”. A poesia atual, para ele, enfrentava problema semelhante ao que enfrentou o parnasianismo no fim do romantismo: “o neoparnasianismo arcádico e serôdio [...] um remanescente mofino que não pode vingar, e precisa ser removido” (1922, p. 1). Artistas como Alberto de Oliveira e Olavo Bilac teriam cumprido bem seus projetos estéticos, retirando, com as “qualidades de ordem, medida e limpidez”, “aquela sensação de vago” da poesia. Na “obra dos mestres”, essa falta não seria um defeito, mas ela estaria crescendo e se tornando um distúrbio no “vulto dos seus imitadores”. Por isso, para Ronald de Carvalho, o dever da poesia nova não é combater a obra parnasiana, mas a “dinamização dessa mesma obra”: “todos os dias repetida, todos os dias alterada por nuvens de versejadores” (1922, p. 1).

A hipótese lançada por ele, assim como a de Amadeu Amaral, pressupõe um processo de transformação do parnasianismo do qual teria resultado o neoparnasianismo, no entanto, não mais por popularização

ou vulgarização (do que não se distingue o resultado do catalisador), e sim pela acentuação da ideia de “jogo” presente no formalismo da prática versificatória:

Onde, por via de regra, há hoje menos poesia é justamente nos livros de versos. Abri ao acaso esses volumes que se empilham na prateleira das livrarias. Notareis, na maioria deles, a mesma penúria de ideias, a mesma ausência de emoção, a mesma secura de sensibilidade. Baladas, vilancetes, rimances sonetos (principalmente sonetos!) tudo indica uma dolorosa preocupação de “fazer versos” sobre tal ou qual assunto. [...] É apenas o jogo de inteligência que quer por imaginação, do raciocínio que se tortura para chegar à pura emoção. [...] O verso, medido à compasso, assemelha-se aos tabuleiros de xadrez ou ao trançado da palhinha das cadeiras humildes. A estrofe é retesa, dura, indigesta. (CARVALHO, 1922, p.1)

A crítica literária sentia as mudanças e ao mesmo tempo parecia assumir com mau-humor esse sentimento. Isso se pode notar nas previsões exageradamente pessimistas sobre a literatura ou na insatisfação generalizada e muitas vezes brincalhona⁴⁴. Agrippino Grieco, ao resenhar um livro de Cassiano Ricardo, dizia se divertir com a “polêmica” dos passadistas, “que não querem descer do trono”, e futuristas, “que acham que o parricídio literário é inevitável e querem matar o sacerdote de Nemi (Vicente ou Alberto?)”, nutridos pela “presunção de que inventaram a literatura” (1923, p. 1).

Grieco não vê com bons olhos o parnasianismo, que “começou sendo a oitava maravilha do mundo e acabou a oitava praga do Egito”. Já os neoparnasianos, chamados de “neo-helenistas”, tinham para ele, apesar do nome, uma Grécia “discutibilíssima”, “comparáveis aos turistas maníacos que vão roubar pedrinhas aos monumentos de

⁴⁴ O rodapé “Vida Literária” exemplifica o subtítulo, “Livros, livros à mão cheia...”, com comentários rápidos e engraçadinhos sobre cada livro “resenhado”: “O sr. Alípio A. Gonçalves “Horas vagas”) põe um soneto na capa do seu volume. Dispensa-nos assim do trabalho de ler o resto, uma vez que o que ele exhibe na vitrina não nos dá vontade de penetrar-lhe no estabelecimento” (GRIECO, 1924, p. 1).

Atenas...” (1923, p. 1). As palavras de Agrippino Grieco demonstram, novamente, como o mármore dos parnasianos se tornava a pedra dos “rimadores secundários”, impossível, entretanto, de ser compreendida:

A PEDRA

Na estúpida expressão da fria indiferença,
Escondendo, talvez, um riso de sarcasmo,
Não tem fisionomia, em sonolento espasmo
Revelando a atitude imóvel de quem pensa.

Afronta os temporais nos píncaros suspensa...
E a mesma face mostra ao mais violento orgasmo
Que à matéria vital determine o entusiasmo.
Tem sempre a compunção de uma letal descrença.

Pelos homens pisada e escarnecida, exposta
Nas ruas da cidade a todo o desabrigo,
Ela sofre sem dar, sequer, uma resposta!

Morre um homem, porém; o mal se lhe compensa:
É de vê-la cobrindo a extática o jazigo
Na estúpida expressão da fria indiferença!

(CARLOS, 1905, p. 1)

Como fase do parnasianismo brasileiro, o neoparnasianismo inclui, para Péricles Eugênio da Silva Ramos, os poetas que estrearam depois de 1893, data de publicação de *Broquéis*, de Cruz e Souza:

[...] depois de 1893 poetaram em nosso meio os parnasianos, os seus epígonos neoparnasianos e os simbolistas de duas gerações. Neoparnasianos são pois aqueles poetas que os próprios parnasianos, como Bilac, consideravam novos [...] (RAMOS, 1967, p. 28).

Porém, se as delimitações temporais são geralmente o aspecto mais contestável em um estudo histórico, no caso do neoparnasianismo, elas são ainda o menor dos problemas. Se a definição do parnasianismo através do estilo não é um ponto pacífico, pois, como informa a introdução de *Histoire du Parnasse*, de Yan Mortelette, ele hesita entre critérios sócio-históricos e critérios estéticos (2005, p. 11), a pergunta “Où faut-il donc chercher l’unité du Parnasse?”, aplicada ao

neoparnasianismo, comprova, pela riqueza de referências que mobiliza, juntamente a necessidade e a carência de estudos específicos sobre o tema. Nomes como “pré-modernismo” e “neoparnasianismo” parecem, de fato, fictícios quando colocados ao lado da expressão poética numérica dessa época, já essa, por sua vez, pode tanto *desfazer* como *se desfazer* na produção desses escritores.

Perceber que a produção literária da época, em especial a poesia, não era conduzida nos moldes *exatos* da produção de 1870/80/90, em 1923, quando a Semana de Arte Moderna recém completava um ano (e brotavam por todos os lados poemas de métrica irregular, prenunciadores do modernismo), era mais simples do que percebê-la na primeira década do séc. XX, como o fez, porventura, Sílvio Romero. A despeito dos registros atinados de Amadeu Amaral, Hermes Fontes, em “Novas Forças”, publicado no “Correio Paulistano”⁴⁵ (SP), havia felicitado a terra de Vicente de Carvalho pelas novas revelações literárias em janeiro de 1918, entretanto, colocou num mesmo grupo Menotti del Picchia, Gustavo Teixeira e Guilherme de Almeida.

O escritor das “Zeverissimações” redigiu, em março de 1909, uma apreciação ao livro *Visionário* – anexada ao fim da segunda edição⁴⁶ –, do “poeta do norte”, já mencionado anteriormente, Matheus de Albuquerque. O juízo do livro se divide em duas partes, e na primeira, Romero resume em um punhado de palavras a “carreira” das escolas literárias brasileiras das últimas três décadas do século XIX,

[...] no grande mundo e, depois no Brasil, sucederam-se filosofismo, realismo, naturalismo, decadismo, simbolismo, impressionismo, psicologismo, exotismo, naturismo, um verdadeiro cinematógrafo em ismos... em vertiginosa rapidez. (ROMERO *in* ALBUQUERQUE, 1912, p. 134)

em que se encontra:

Assim se passaram as cousas, durante os decênios de 1869-89. Desenrolaram-se todas as escolas, ou supostas tais, todos aqueles *ismos* acima citados.

⁴⁵ N.º 19588.

⁴⁶ Lançada em 1912 por uma editora portuguesa.

Percebi imediatamente que toda aquela confusão tendia a acabar, ficando apenas de pé o lirismo de boa seiva, largo, vasto, independente, livre, sem preocupações de escolas, sem lemas doutrinários: suprema expressão das agitações doridas d'alma moderna, n'ânsia inesgotável de exprimir e simbolizar artisticamente, poeticamente as peripécias da vida e mais as emoções e assombros dos enigmas da existência. (ROMERO *in* ALBUQUERQUE, 1912, p. 137)

O testemunho de Sílvio Romero é similar ao de Amadeu Amaral, adiantado, porém, uma década. E as duas visões ainda mais se avizinham no início da segunda parte:

A plêiade dos admiráveis representantes desse possante lirismo independente, com que sonhava de trinta anos a esta parte, depois que palpei a inviabilidade das escolas sucedâneas do romantismo, acha-se agora à frente da poesia brasileira.

Vicente de Carvalho, Pereira Barreto, Emílio de Menezes, Goulart de Andrade, Amadeu Amaral, Hermes Fontes, Costa e Silva, Gustavo Ferreira, são do número. (ROMERO *in* ALBUQUERQUE, 1912, p. 139)

Ambos descrevem a reação literária das duas primeiras décadas do século XX como independente.

A “nova plêiade” de Sílvio Romero contava com escritores do norte e pelo menos três de São Paulo: Vicente de Carvalho, Amadeu Amaral e Gustavo “Ferreira”, todos atuantes no Rio e São Paulo – espalhavam-se gradualmente os centros literários.

Noticiando uma conferência sobre Machado de Assis, pronunciada em São Paulo por Alfredo Pujol, disse Sebastião Sampaio, na “Revista da Semana” (RJ), em dezembro de 1915:

[...] as duas intelectualidades continuam vivendo isoladas uma da outra, a do Rio e a de São Paulo. [...] Como a produção literária no Rio é grande, naturalmente São Paulo conhece e lê os nossos livros, tem ouvido ultimamente os nossos conferencistas, sem se aproximar espiritualmente

dos autores. Mas é só. Quanto a nós, não conhecemos escritores paulistas e quase nunca os lemos. É a verdade. E é uma pena! Ainda na última crônica eu me lembrava da geração de que fiz parte obscura, no meu Estado, geração que conta no seu seio poetas e escritores como Ricardo Gonçalves, Monteiro Lobato, Sampaio Freire, Gustavo Teixeira, para falar apenas de alguns. (SAMPAIO, 1915, p. 22)

Sobre o lançamento de *Névoas e Flamas*, de Goulart de Andrade, discorre “J. R.” em “O Pirralho” (SP) de outubro de 1913: “Como poetas, dizemos dele que está muito bem à frente dos únicos grandes dessa geração: Martins Fontes, Ricardo Gonçalves, Gustavo Teixeira, Da Costa e Silva e Octavio Augusto”.

Havia o reconhecimento de uma tenra *geração* de escritores, e falava-se em promessas da literatura paulista e nacional⁴⁷, de um grupo que garantiria o futuro das letras⁴⁸.

⁴⁷ Aguiar Tinoco, na edição de julho de 1914 de “O Pirralho” (SP), assim responde a pergunta “*Qual o melhor poeta paulista vivo?*”, para a “A nossa enquete literária”: “Vicente de Carvalho, que *malgrê* os seus *Versos da mocidade*, é um poeta quase perfeito. Depois, Amadeu Amaral, Francisca Júlia, Martins Fontes, quase gênio, Manoel Carlos, Ricardo e Gustavo Teixeira, são talentos que prometem muito.”, e não pode deixar de alfinetar o “número”, juntamente com seus desafetos das letras: “No gênero poesia, o número dos ridículos em São Paulo é fantástico. A corrente se abre com Saturnino Barbosa e se fecha com um tal de Menotti del Picchia...” (TINOCO, 1914, p. 18).

⁴⁸ Hermes Fontes, insurgindo contra a transformação das costumeiras conferências em “pretexto comum de exibição ou exploração”, em abril de 1916, escreveu para o “Correio Paulistano” (n.º 18959): “Tenho serena fé em que, ao serem linotipadas, ou compostas em ferro, essas garatujices de mau prosador, a elite intelectual de S. Paulo estará aplaudindo e consagrando um dos seus artistas mais originais e cintilantes, em quem a despreocupada modéstia não consegue apagar o radioso talento, tão digno da geração de Gustavo Teixeira, Amadeu Amaral, Aristeu Seixas e tantos outros, cuja glória nascente, sobre ser legitimamente paulista, começa a ser também carioca, irregional, brasileira... [...]” (FONTES, 1916, p. 3), e João Eduardo, para a seção de publicações de “A Lanterna” (SP), apresentando “Versos”, de Nuto de Sant’Anna, após uma reclamação sobre o descaso da imprensa e do público com os lançamentos de livros: “Neste marasmo vão-se abastardando as melhores inteligências. É preciso que haja uma reação para a elevação moral da literatura entre nós. E essa tarefa deve caber aos novos, a esses que ainda têm a alma cheia de ilusões e de aspirações elevadas e nobres, que ainda não foram

Não contavam que tomariam outros rumos... rumos “futuristas”, como por um tempo se convencionou chamar. Nas condições numéricas da época, ninguém queria ser apenas um expoente, todos os multiplicadores almejavam desempenhar o papel de “os novos” da literatura. Fatos que acabariam por ofuscar aos olhos de outras gerações uma porção de jovens poetas dessa prole, entre os quais estava o suposto Gustavo “Ferreira”, que ninguém mais poderia ser senão o são-pedrense Gustavo Teixeira⁴⁹.

empolgados pela deturpadora ambição do ouro – o mal de que enferma a literatura paulista. E novos, há-os felizmente de grandes talentos e de invejável futuro, se se não deixarem dominar pela epidemia da época e continuarem, com a mesma veemência de até aqui, perlustrando os altos domínios das letras. Nuto de Sant’Anna, Affonso Schmidt e Gustavo Teixeira, para só citar estes, são uma trindade que nos dá as melhores esperanças. [...] *Ementário*, de Gustavo Teixeira é uma revelação fulgurante. Nas belezas que nos patenteia, faz-nos antever maiores belezas para o futuro, quando o espírito do poeta desabrochar em plena florescência.” (EDUARDO, 1918, p. 2).

⁴⁹ Não há dúvidas quanto ao nome porque, primeiro, não havia nenhum Gustavo “Ferreira” entre os escritores da época, muito menos que fosse colocado ao lado de Vicente de Carvalho, como era costume de se fazer com Gustavo Teixeira; segundo, Sílvio Romero lera o “Ementário” [1908], fato que se sabe pelo trecho de uma carta sua publicada na primeira edição de “Poemas Líricos” [1925], e, terceiro, o mesmo erro de grafia do nome já havia sido cometido no jornal “Correio Paulistano” (SP) de 06 de julho de 1925, na seção de lançamentos de livros “A Semana Literária” [p. 4] escrita por Candido Motta Filho, sob a inscrição: “POEMAS LÍRICOS” – Gustavo Ferreira – Os nossos poetas n. 8, – Mensário dirigido por Nuto Sant’Anna”.

GUSTAVO TEIXEIRA

Aproxima-se lentamente um homem magro. Seus passos são cuidadosos, “como quem teme estar sendo importuno”. Faz calor em São Pedro, mas o sol não impede o colete branco, a gravata preta, e a companhia de um guarda-chuva velho. O sol também é um convite ao chapéu, “sempre empoeirado”, para que esconda a “calvície funda e quase completa”. Lá no fundo da paisagem, uma “preta gorducha” assiste ao encontro. Por alguns segundos, o homem dobra o pescoço para trás e timidamente acena para a mulher. Chama-se Marcelina, é mucana, e agora que recebe um sinal de que está tudo bem, vira-se e caminha em direção à casa. Seus olhos se voltam para cá novamente. Desconfiados, completam os sulcos do rosto. Tem o *pince-nez* preso à lapela desde mocinho. É o mesmo. A armação está presa por uma fita preta, na qual seus dedos se enrolam brincalhões, em atitude, talvez, “de retração preventiva”. O nariz é aquilino e a “boca macerada, como uma flor que vai murchando”. Diz-se que quando fala não premedita frases nem rebusca metáforas, como os poetas. Ignora que os toquinhos de lápis escondidos no fundo do bolso do casaco sejam, na verdade, visíveis. E dessa vez, parece preferir escutar.

A descrição acima é uma montagem fundamentada em depoimentos escritos de pessoas que conheceram Gustavo Teixeira (1881-1937), poeta que nasceu e morreu em uma cidade interiorana, chamada São Pedro, e que é autor dos dois livros que são objetos de estudo deste trabalho. Os depoimentos de Edvard Carmilo e de Octacílio Gomes podem ser consultados no anexo A, e os depoimentos de Náyme Bussamára, Manuel Carlos de Figueiredo Ferraz e Lígia Fagundes Teles encontram-se parcialmente transcritos em *Gustavo Teixeira: o poeta da solidão e da renúncia* (1977), de Arruda Dantas.

O poeta são-pedrense teve marcante participação na “proliferação de interiores” da poesia brasileira de início de século, verificada por Flora Süssekind. Boa parte de sua poesia refugiou-se na intimidade, em gravuras singulares, “redutos onde se tentam preservar profundidade e personalidades ameaçadas de se converter de repente em algum *portrait-charge* ou reclame” (SÜSSEKIND, 1987, p. 122). Enquanto muitos escritores “ficcionalizavam subjetividades”⁵⁰ em obra, observavam

⁵⁰ “[...] num momento em que a influência da dicção jornalística parece sugerir um progressivo apagamento da figura do narrador [...]” (SÜSSEKIND, 1987, p. 92).

interiores pelas janelas, “enquadrando privacidades” nos seus esconderijos e criando esconderijos, janelas e quartos que pudessem ser enquadrados, Gustavo Teixeira, que teve um primeiro momento de dedicação à construção das novas Grécia e Roma brasileiras, esteve dentro de seu cenário poético o tempo quase todo: São Pedro, cidadezinha no interior do estado de São Paulo.

São Paulo, a cujo enredo de transformações o poeta, por breve período, tentou se ajustar, foi onde, por carregar dentro de si a antítese desses arredores, rendeu-se à cidade, engolido, no esquecimento a que estariam fadados aqueles que não consoassem com o seu ritmo. Sua relevância funda-se ao passo que extrapola a São Pedro no movimento diverso do que geralmente se via – o de recusa a um centro de grande dimensão literária, como São Paulo (ainda que não se comparasse ao Rio de Janeiro), para onde foi e para o qual deu a réplica que o consagrou: o retorno, a São Pedro – e consolida-se com sua obra.

2.1. GREGO-ROMANO-SÃO-PEDRENSE

As origens de Gustavo Teixeira em face de sua desenvoltura como poeta desestabilizavam algumas convicções críticas. Elas levaram, por exemplo, Vicente de Carvalho a inquirir, no prefácio do *Ementário* (1908): “Como conseguiu Gustavo Teixeira, no seu inculto retiro de S. Pedro de Piracicaba, conquistar as preciosas qualidades de um fino e educado artista?” (1908, p. 8).

A situação do poeta causara alvoroço desde 1899, quando, com 17 anos, enviara uma carta com sonetos para serem publicados no “Correio Paulistano” (SP) na coluna “A propósito...”, e Álvaro Guerra descreditou que os poemas pudessem ser dele:

E isto por duas razões: 1.a) porque não se me afigura verossímil que haja produzido tais sonetos quem escreve tão incorretamente uma carta; 2.a) porque sua senhoria, segundo me comunica, é colecionador de produções alheias [...]. (GUERRA, 1899, p. 1)

O prefaciador da primeira edição de *Poesias completas* (1959), Cassiano Ricardo, foi outro a inculcar o “amor à Grécia, em S. Pedro de Piracicaba” de Gustavo Teixeira:

[...] há na vida de cada um de nós o “momento em que somos gregos” [...] O poeta talvez não tenha escapado a esse tributo; o estranho é que, simples como foi, em seu lirismo pessoal, tenha ele sido tão grego nas condições “municipais” em que escreveu seu “Ementário”. (1998, p. 8)

Pretendendo um acordo entre Gustavo Teixeira e sua obra, o escritor de *Poemas e canções* questiona a tríade taineana “raça, meio, momento histórico”:

Taine quer à viva força que os artistas sejam um produto do seu meio. O moço poeta do *Ementário* dá um novo e vigoroso desmentido ao sistema já tão contestado do crítico; e faz-se mais um exemplo de que o talento é planta sempre exótica [...]. (CARVALHO, 1908, p. 8)

Se para Vicente de Carvalho este acordo é de responsabilidade do talento, e para Cassiano Ricardo, que se sentiu compelido a perfazer a afirmação acima citada: “não se quer dizer com isto que houvesse sido Gustavo Teixeira um “poeta municipal” em relação ao federal, segundo o “malicioso” poema de Drummond⁵¹ [...]”, “não lhe faltou sequer ser “grego”, isto é, universalizar-se pelo espírito.” (1998, p. 8), é da “universalização do espírito”, para Antonio Osvaldo Ferraz essas ideias não passam de “misticismo em torno dos espíritos de polpa.”

Em um ensaio sobre Gustavo Teixeira escrito em 1919, publicado em *Fôlhas esparsas* (1954), Antonio Ferraz justifica sua opinião, dizendo que os “homens de eleição” – como Tristão de Athayde havia chamado, em conferências, os casos não-decifrados pelo princípio do “produto do meio” –, “embora dotados duma organização mais robusta, dumas circunvoluções mais acentuadas, duns nervos mais sensíveis, duns sentidos mais refinados, refletem, indubitavelmente, a realidade, os sonhos e os anseios do seu próprio meio.” (1954, p. 64), e acrescenta a isso uma lista de “gênios”, de Claudio Manoel da Costa, até Renoir e Beethoven, que não poderiam ter crescido em outro lugar senão “no doce sossego ou na aborrecida quietação da província.” (1954, p. 65). O

⁵¹ O poema, dedicado a Manuel Bandeira, publicado em *Alguma poesia* (1930), é “Política Literária”: “O poeta municipal/ discute com o poeta estadual/ qual deles é capaz de bater o poeta federal.// Enquanto isso o poeta federal/ tira ouro do nariz.” (DRUMMOND, 2002, p. 15).

afinco de sua postura é uma demonstração da vontade, diminuída no meio de tantas interpretações da história, de dar as devidas retribuições a Gustavo Teixeira e a São Pedro, além disso, provém, visivelmente, da influência de Sílvio Romero sobre a crítica – o trecho “A arte não é uma caduquice. Ela tem que acompanhar as grandes correntes do pensamento de cada época.” é paráfrase de um trecho de “A poesia de hoje”, que abre *Cantos do fim do século*:

A arte não é agora uma caduquice quando a música rejuvenesceu, e a poesia atende a todas as perplexidades contemporâneas [...] Deve ser uma consequência e uma síntese de todos os princípios que até aqui hão agitado o século. (ROMERO, 1878, p. 8-9)

Há os que, como Leonardo Arroyo, em “Gustavo Teixeira, o grego municipal” (notícia de lançamento de *Poesias completas*, publicada na seção “Vida Literária” do jornal “O Estado de S. Paulo”, em 1960), veem no helenismo de Gustavo Teixeira “seu maior prejuízo”, e delatam na sua discricção um provincianismo que o importunou de obter maior êxito com seus escritos.

De “gregos”, contudo, a literatura brasileira de então estava farta. O impressionante de Gustavo Teixeira é precisamente o fato de ele combinar a erudição citadina de poeta com a rústica singeleza proveniente da sua “municipalidade”.

2.2. “TODA UMA VIDA AZUL, COMO NUM COSMORAMA”

Tendo falecido Gustavo de Paula Teixeira, no dia 22 de setembro de 1937, o jornal “Correio Paulistano”, no dia 11 de novembro do mesmo ano⁵², reproduziu um pequeno resumo autobiográfico do poeta, “por ele deixado em um álbum de jovem professora residente em São Paulo” e publicado primeiramente no “Jornal de Piracicaba”:

Nasci em São Pedro, no sítio São Francisco, perto da serra, em 4 de março de março de 1881, sendo meus pais Francisco de Paula e Silva e Miquelina Teixeira de Escobar e Silva. O meu nome todo é

⁵² N.º 25052.

Gustavo de Paula Teixeira. Estudei as primeiras letras em casa, com minha mãe. E comecei a ler versos. Em 1901 (janeiro) fui para São Paulo onde continuei os estudos com o meu irmão Francisco de Paula Teixeira, espírito cultíssimo, que além de meu professor, foi o meu guia espiritual, iniciando-me na carreira das letras. Trabalhei, em 1905, na “Folha Nova”, de Garcia Redondo. Colaborei, naquele tempo, nos principais jornais e revistas de São Paulo. Em fins de 1905, tendo desaparecido a “Folha Nova”, voltei para São Pedro, onde fui nomeado secretário da Câmara, cargo que ocupo até esta data.

Em 1908, publiquei o “Ementário”, livro de versos, prefaciado por Vicente de Carvalho. Em 1925, publiquei os “Poemas Líricos”.

Tenho para publicar: “O Sonho de Marina”, poemeto; “A Canção da Primavera”, poemeto; “Último Evangelho”, poema sobre a vida de Jesus (em preparo), e um grosso volume de poesias avulsas, ainda sem título.

São esses os traços principais de minha vida.

São Pedro, 6-10-31.

(a.) Gustavo Teixeira.

Como ele mesmo diz, foi sua mãe, Miquelina Teixeira de Escobar, que estudara em Itu, no Colégio do Patrocínio, filha de Joaquim Teixeira de Barros⁵³ - fundador, com seus irmãos, da cidade de São Pedro -, quem o ensinou as primeiras letras. Segundo conta Maria de Lourdes Teixeira em *A carruagem alada*, filha de um primo de Gustavo Teixeira, Joaquim Teixeira de Barros teria nascido em 1790, sendo o mais velho de três irmãos: José Teixeira de Barros e Luís Teixeira de Barros, e teria falecido em 3 de outubro de 1897. Miquelina, por sua vez, faleceu dia 11 de fevereiro de 1924, com 76 anos de idade e já viúva.

⁵³ “[...] casou-se com Joaquina Brandina Escobar, de cujo matrimônio nasceram onze filhos. Viveu até às vésperas de completar 108 anos e está sepultado com a esposa na igreja de São Pedro, cuja capela inicial fora por ele construída juntamente com os irmãos no ano de 1856.” (TEIXEIRA, 1986, p. 4).

É sabido que seus pais possuíam alguns livros, que forneceram a Gustavo Teixeira suas primeiras leituras⁵⁴. Francisco de Paula e Silva, o “Chico Padre”, seu pai, nascera em Sorocaba, e “cursara o velho colégio paulistano Moritson [...], a seguir, o seminário, que abandonara para casar-se, pouco antes da ordenação sacerdotal” (TEIXEIRA, 1986, p. 35). A nota de seu falecimento fora publicado pelo “Correio Paulistano”⁵⁵ em 24 de dezembro de 1913, e traz a relação de nomes dos irmãos de Gustavo Teixeira:

FALECIMENTO

S. PEDRO, 23 – O sr. Francisco de Paula e Silva, cujo estado de saúde inspirava cuidados, faleceu, na sua fazenda Pinheiros, a dois quilômetros desta cidade, às 6 e meia horas da tarde.

O finado, que contava 77 anos de idade, era casado com a exma.sra. d. Miquelina Teixeira de Barros, digna irmã do sr. coronel Joaquim Teixeira de Toledo, da mais numerosa e antiga família deste município.

Deixa os seguintes filhos, Francisco de Paula Teixeira, funcionário da Junta Comercial, nessa capital; Olegário, Aristides e Elizio de Paula Teixeira, lavradores neste município; Gustavo Teixeira, secretário da Câmara Municipal; Otaviano de Paula Teixeira, guarda-livros em Santos; Alonso de Paula Teixeira, professor da escola do bairro do Jacaré Popira e a exma.sra. d. Etelvina Teixeira Parreira, viúva do finado tabelião Antonio Martins Parreira, de Dois Córregos.

O enterro teve lugar hoje às 4 horas da tarde, vindo o féretro da fazenda para a matriz e desta seguindo para o cemitério com grande acompanhamento.

Pêsames à família enlutada.

⁵⁴ Segundo Aristeu Seixas: *Relicário*, de Vicente de Carvalho, e, depois das indicações do irmão, Francisco Teixeira, “*Mármore*”, de Francisca Júlia, e as *Poesias* de Machado de Assis, de Raimundo Correia, de Olavo Bilac e de Alberto de Oliveira.” (1917, p. 190).

⁵⁵ N.º 18115.

Gustavo Teixeira não cursou nenhum curso regularmente, ainda que com 14 anos, de acordo com Luiz Edemir Prati, numa matéria intitulada “Um Poeta: Gustavo Teixeira”, para o “Jornal de Piracicaba” de 18 de setembro de 1973, tivesse frequentado por três meses uma escola local – pelo que Aristeu Seixas fizera questão em frisar ser o poeta descendente de uma família de lavradores, pois que seus avôs “ao que sabemos, não se dedicaram nunca às letras, nem tiveram mesmo cultura mediana.” (SEIXAS, 1917, p. 188): “É um fato digno de nota e tantas vezes repetidos, este de se multiplicarem, em todos os tempos, não só os poetas, mas também os escritores de larga fama e subido engenho sem o curso de qualquer escola, sem o diploma correspondente ao estudo metódico das academias.” (SEIXAS, 1917, p. 189). É esse o ponto que, mormente, teve repercussão dentre os traços da vida do escritor e, em torno do qual, cavou-se a comovida crítica, que muito fazia assustar-se com tal “incompatibilidade”.

Mas foi seu irmão mais velho, Francisco de Paula Teixeira, que assim como o pai cursou o seminário, responsável por encaminhá-lo ao metro parnasiano e desbastá-lo nas instruções das letras, quando em 10 de janeiro de 1900 o levou para São Paulo (SEIXAS, 1917, p. 189). Pouco antes disso Gustavo Teixeira havia dado aulas em uma escola rural, por seis meses, na “fazenda chamada pleonasticamente “Campestre”, grande propriedade de criação de gado de seu tio Joaquim Teixeira.” (TEIXEIRA, 1986, p. 36), e enviara a mencionada carta, em julho de 1899, para a coluna “A propósito...” do “Correio Paulistano”. Álvaro Guerra, comparando a carta de Gustavo aos sonetos, recusou-lhe a publicação – “seus sonetos não parecem elaborados por quem, tão baldo de instrução começou de poetar há pouco tempo” –, e interpretou a informação sobre a coleção de poemas que Gustavo Teixeira mantinha como um indício de que os poemas enviados ao jornal fossem plagiados. Maria de Lourdes confirma a existência de um

[...] caderno de grande formato em que estavam colados numerosos recortes com poemas aparecidos em jornais e revistas, bem como artigos críticos referentes à sua obra. Mas o que logo me atraiu a atenção foi, na página de abertura, um grande retrato da princesa Yolanda, da Itália, retirado dum magazine estrangeiro [...]
(TEIXEIRA, 1986, p. 42)

Hoje não há notícias sobre esse caderno, mas um bom número de recortes, acumulados por Gustavo Teixeira, o Museu Municipal de sua cidade tem preservado em acervo. A prática de reunir poemas recortando-os ou copiando-os era costumeira na época por causa da pouca circulação de livros, e permaneceu em São Pedro um pouco mais, “a ponto de muitos estudantes, moços e moças, possuírem álbuns ou simples cadernos onde haviam copiado poemas do autor do *Ementário*, já que a esse tempo não existiam novas edições de sua obra [...]” (TEIXEIRA, 1986, p. 43).

Oferece-se, então, Álvaro Guerra a publicar os sonetos enviados, com a condição de que o poeta comprovasse sua autoria, satisfazendo suas recomendações em um novo soneto:

Faça-me um soneto no mesmo teor de sua carta, isto é, descrevendo a vida de desconsolo que sua senhoria leva na roça, por imaginar que é um éden este *fervet opus* em que a alma de um verdadeiro poeta, desiludida e cansada, sempre suspira pela paz nos campos. Conte-me tudo isso, maviosamente, num soneto em que sejam esdrúxulos os versos 1º, 4º, 5º e 8º, agudos o 11º e 14º, e graves todos os mais. (1899, p. 1)

Em agosto de 1899 recebe o colunista a resposta, “o soneto exigido, mando-lh’o nesta, e, se esta prova for insuficiente, estou pronto a dar-lhe mais”: “Insônia”. Paga a contenda, Gustavo Teixeira tem, por definitivo, aceitas suas publicações no “Correio Paulistano”, até o ano de sua morte.

Em São Paulo tentou carreira no jornal, trabalhando na “Folha Nova”, fundado por Garcia Redondo, cujas tiragens logo cessaram. Nesse período foi visitante das rodas literária e deu início ao veemente ciclo de publicações que manteve ao longo da vida: foi colaborador da “Vida Moderna” (SP); d’“O Archivo Illustrado” (SP); do “Echo Phonographico” (SP); de “A Musa” (SP), em que conheceu René Thiollier e Júlio Prestes, proprietários da revista⁵⁶, e outras personalidades, como Batista Cepelos, Wenceslau de Queiroz, Múcio

⁵⁶ Um fragmento de “A Gazeta”, encontrado no acervo do Museu Municipal, indica o nome de Dario Polito como terceiro fundador – trata-se do mesmo jornal citado por Pedro Ferraz do Amaral, datado de 29 de setembro de 1951, que traz publicada uma foto de 1905 dos colaboradores d’A Musa⁵⁶; a mesma foto fora publicada *Episódios de minha vida* [1956], de René Thiollier.

Teixeira, Veiga Miranda, Francisco Lagreca e Júlio Cesar da Silva –; e ainda da *Capital Paulista* (SP) e *Nova Cruz* (SP), revistas nas quais seu irmão Francisco também publicava. É provável que sejam desses anos as colaborações “não-involuntárias” de Gustavo Teixeira no semanário literário português *A Folha*, de Ponta Delgada dos Açores, dirigido por Alice Moderno – com quem, segundo Pedro da Silveira (1981, p. 29), o poeta chegou a se corresponder. De acordo com Amadeu Amaral, os versos que reuniu em *Ementário* seriam desse tempo, “1904-1907” (AMARAL, s.d., p. 97).

Em 1905, recusando convites de amigos, como Martins Fontes e Emílio de Menezes, para trabalhar em outros jornais do Rio de Janeiro e São Paulo (TEIXEIRA, 1986, p. 37), retorna a São Pedro, morando com a mãe e com Marcelina, “preta ou antes – cafuza – idosa agregada à família” (TEIXEIRA, 1986, p. 42).

De lá, cidade natal na qual permaneceu até a morte, trabalhando na secretaria da Câmara Municipal, e viajando ocasionalmente para São Paulo e Santos (onde tomava banhos de mar, por recomendação médica), lançou *Ementário*, em 1908, prefaciado por Vicente de Carvalho. O mesmo texto escrito por Carvalho como prefácio seria publicado no jornal “O Estado de S. Paulo”, em 19 de junho de 1908, com o título de “A’ frente de um livro”.

Um ano depois, o livro ganhou a vez no “Registro Literário” de Osório Duque-Estrada, do “Correio da Manhã” (RJ) de 26 de julho. De “perfeito acordo com Vicente de Carvalho”, Duque-Estrada foi o primeiro a rascunhar algum defeito na composição dos poemas, perdoado pela “sobriedade” no “cultivo dos sonetos” e “estrofes que poderiam ser assinadas pelo mais aclamado dos poetas da nossa terra”.

Das mulheres que passaram pela vida de Gustavo Teixeira, muito pouco se sabe. Maria de Lourdes Teixeira diz que ele gostava muito de uma prima, Clementina, mas que o pai da menina se opunha ao casal pela “condição de poeta” de Gustavo (1986, p. 34). O “Correio Paulistano” de 26 de fevereiro de 1916⁵⁷ noticia o casamento⁵⁸ do “ilustre poeta”, no dia 20, com “a senhorita Geja Bourgogne, filha do farmacêutico capitão Pedro Bourgogne, cavalheiro muito estimado na localidade”, e informa que o casal teria seguido em viagem, no mesmo dia, para o Rio de Janeiro. Já o “Correio Paulistano” de 17 de

⁵⁷ N.º 18902.

⁵⁸ Ainda segundo o jornal, foram padrinhos “por parte da noiva o sr. Egydio de Moura, importante comerciante desta praça, e por parte do noivo o talentoso acadêmico Sebastião Caiuby da Costa Soares.”.

novembro⁵⁹, do mesmo ano de 1916, comunica, em “S. Pedro: notícias diversas”, outro noivado do “sr. Gustavo Teixeira, secretário da Câmara Municipal”, que teria ocorrido no dia 15, com Edith Machado, “filha do dr. Heitor Machado, engenheiro da Diretoria de Viação”. Informa o jornal de 10 de janeiro de 1917⁶⁰ que o casamento acontecera no dia 09 de janeiro. Dessa vez, a noiva seria destaque por ter fugido com um namorado no dia seguinte ao casamento (TEIXEIRA, 1986, p. 39). “Anos decorridos” e, de acordo com Maria de Lourdes, casara-se com Stela Amadi, “espanhola de nascimento”, com quem teve sua filha, Ondina (1986, p. 40). No entanto, esta última informação não procede, pois, segundo familiares, Ondina de Paula Teixeira, nascida em São Pedro, em 15 de fevereiro de 1922, é filha de Maria Esther Rodrigues. Ondina casou-se com Italo Barberio, adotando como nome de casada Ondina Teixeira Barberio. Teve quatro filhos (8 netos e 2 bisnetos), e faleceu em São Paulo, dia 09 de outubro de 1991.

Continua a publicar em jornais e revistas aqui e ali sem sair de São Pedro. É então em 1917 que Aristeu Seixas, crítico na seção “Bons & Maus” da revista “Panoplia”, decide publicar uma série de ensaios críticos sobre Gustavo Teixeira, um projeto de estudo seu que pretendia cobrir inteiramente a obra do poeta. Quatro partes foram publicadas, sendo que as três primeiras nada mais fizeram que atender a desavenças pessoais de Aristeu com Vicente de Carvalho.

Na época da fundação da Academia Paulista de Letras do Dr. Joaquim José de Carvalho, Vicente de Carvalho não compunha o grupo de sócios, e, além disso, cogitava-se excluir a possibilidade de candidatura daqueles que já fizessem parte da Academia Brasileira. Por esses motivos, o escritor de *Relicário* lançara uma campanha pessoal contra a Academia Paulista. Depois, na ocasião do lançamento de *Névoas*, de Amadeu Amaral, Aristeu Seixas, do grupo de J. J. de Carvalho, não perdeu a oportunidade de atacar o livro recém-lançado (publicando um voluminho intitulado *Um poeta*, em 1911), dizendo

⁵⁹ N.º 19165.

⁶⁰ N.º 19218(1). Também segundo o jornal: “Foram padrinhos do noivo, no ato civil, o tenente-coronel Atalyba Teixeira de Andrade, procurador da Câmara, e no religioso, o sr. Nicolau Mauro, prefeito municipal, representado pelo sr. capitão Pedro Bourgoigne, inspetor literário e vereador eleito; e da noiva, no ato civil, o capitão Joaquim Francisco Xavier Camargo, juiz de paz eleito e sogro do dr. Heitor Machado, e no religioso, o dr. Antonio Moraes Barros, advogado, representado pelo dr. João Soares Caluby, juiz de direito.” (1917, p. 3).

haver em torno dele um círculo de “panelinhas de elogios mútuos” do qual fariam parte Amadeu Amaral, Valdomiro Silveira e Vicente de Carvalho. E assim andaram as coisas até que, por insistência, Vicente de Carvalho disputou vaga na Academia com Aristeu Seixas e ganhou.

A última das quatro partes do estudo de Aristeu Seixas, que finalmente trata da vida de Gustavo Teixeira, foi que cimentou o modelo de análise da obra do escritor:

A simplicidade em que hão decorrido os dias de sua vida justifica perfeitamente o temperamento do poeta; é, a bem dizer, uma fonte de informações que satisfazem, de algum modo, a curiosidade do leitor menos frívolo, e guiam a crítica com uma relativa segurança no pedantesco e incertíssimo domínio das deduções psicológicas. (SEIXAS, 1917, p. 188)

O que mais se escreveu sobre Gustavo Teixeira a partir desse tempo data de 1925, quando publicou *Poemas Líricos* (como segundo número da série “Os Nossos Poetas”, mensário organizado por Nuto Sant’Anna), e era já colaborador regular de *A Cigarra*, ao lado de Alphonsus de Guimaraens, Octacílio Gomes, Paulo Setubal, Batista Cepelos, Joinville Barcellos, Laurindo de Brito, Guilherme de Almeida, Vicente de Carvalho, Amadeu Amaral, Martins Fontes, Olegário Mariano, Francisca Julia da Silva, Luis Carlos, Arlindo Barbosa, Aristeu Seixas, Ronald de Carvalho, Sérgio Milliet, Ribeiro Couto, Menotti del Picchia e Fábio Montenegro.

Conquanto fosse mesmo recolhido, e tivesse suas manias de doença – segundo relatos, era cliente fiel da farmácia⁶¹ da Rua Nicolau Mauro, de Seu Miguel Carretta (bem mais tarde, em 1943, eleito prefeito da cidade), que, juntamente com Martins Fontes em Santos (GOMES, 1937, p. 6), aplicava-lhe todo o repositório de injeções, em São Pedro –, ou mesmo por isso, garantira a simpatia das modernas figuras do momento, como Menotti del Picchia, Candido Motta Filho e Oswald de Andrade.

Menotti del Picchia, sem deixar de registrar, como ele mesmo diz, “o triunfo da corrente nova, tendo os processos de Gustavo Teixeira como póstumos”, vê em Gustavo Teixeira um “verdor de cousa morta” a apelar para o lirismo obstinado da “sentimentalidade atual”.

⁶¹ Ver ANEXO D.

Motta Filho, notando alguma tendência satânica, vê qualidade lírica que menciona Menotti, e prevê a construção de “um duradouro edifício poético” se o poeta abandonasse os “velhos moldes”. Oswald, que em suas visitas a São Pedro, hospedava-se em uma casa⁶² próxima alguns metros da farmácia de Miguel Carretta, fora quem, conforme a notícia de falecimento publicada no “Diário da Noite” (RJ) de 23 de setembro de 1937, comunicara a morte de Gustavo Teixeira.

A rede entre conhecidos e pessoas que escreveram sobre Gustavo Teixeira se amarra aos poucos; Antonio Osvaldo Ferraz, jornalista em Piracicaba, que escreveu um dos ensaios reunidos neste trabalho, por exemplo, era cunhado da noiva (Adelaide Guerrini de Andrade) de Nonô, filho de Oswald de Andrade, e conheceu Oswald no casamento dos dois, em 25 de janeiro de 1940 (ANDRADE, 2003, p. 40); e Nicolau Pero era amigo da família Carretta – tem publicado em 12 de julho de 1936 o “Correio Paulistano”⁶³, uma coluna na página 27 intitulada “Joaninha Carretta”, uma homenagem de Nicolau à filha de Miguel Carretta e Mariquinha Lunardi Carretta, com então 14 anos, que muito bem tocava piano e recitava poemas de Gustavo Teixeira, tendo sido inclusive tema de um de seus sonetos.

O restante dos anos de sua vida Gustavo Teixeira passou “a repolir e reapurar cada soneto e, por assim dizer, cada rima”, como diz João Luso em matéria para “A Noite” (RJ) de março de 1937, de “O último evangelho”, livro que mantinha consigo, em incansável processo de reescrita, para futura publicação.

O poeta chegou a ser eleito para a Academia Paulista de Letras como sucessor de Paulo Setúbal, em agosto de 1937, mas faleceu antes da posse, com 56 anos de idade, pouco depois do falecimento de Ciro Costa e Martins Fontes. Recebera diversas homenagens; em São Pedro, o largo da matriz passou a denominar-se Praça Gustavo Teixeira, em 23 de setembro de 1937, na sessão do Rotary Clube de Campinas, José Dias Leme prestou homenagens ao poeta; a Liga Acadêmica da Faculdade de Direito realizou uma sessão solene no “Centro de Estudos e Debates”, na qual Auro Soares de Andrade falou sobre a “vida, obra e personalidade do ilustre homem de letras”; dia 9 de outubro de 1937, era a vez da Academia Paulista de Letras homenageá-lo (a primeira de várias reuniões em memória dos falecidos no ano), fora nessa “reunião-almoço” incumbido Altino Arantes de “prosseguir nos entendimentos

⁶² Ver ANEXO E.

⁶³ N.º 24638.

com o livreiro José Olympio” para a publicação de uma edição das obras completas de Gustavo Teixeira, em vista das precárias condições econômicas em que se achava a família do escritor – em 15 de outubro de 1940 o “Correio Paulistano”, em “Notas e comentários”, sob o título de “Um poeta”, indagava a Academia sobre a demora no lançamento da prometida edição⁶⁴, que veio a sair de fato, mas somente em 1959, pela editora Anhambi, organizada por Cleomenes Campos e prefaciada por Cassiano Ricardo. Dez anos mais tarde, “O Estado de S. Paulo” noticiou, em 25 de setembro de 1947, as solenidades em homenagem à memória do poeta e inauguração de sua herma⁶⁵, realizadas em São Pedro, em que esteve presente Guilherme de Almeida, em nome da Academia Paulista de Letras.

Fosse um adepto à “claridade na poesia” (por carta, a Nuto Sant’Anna, publicada no “Correio Paulistano” em 23 de março de 1914⁶⁶, declarou: “A poesia, para agradar, precisa ser bem entendida, e para ser bem entendida precisa ser clara.”), cultivou, certamente, mais de um “tipo poético” – para comprová-lo, basta a leitura de *Ementário e Poemas Líricos*.

A resposta dada à enquete de “A Noite Ilustrada” (RJ) de 18 de julho de 1934: “O mais belo verso ilustrado”, pode ser tida pela sua ambiguidade:

⁶⁴ Segue a transcrição do trecho final: “[...] Mas o tempo está passando, e a Academia, até hoje, não deu cumprimento à missão que espontaneamente a si mesma se propôs. Os admiradores de Gustavo Teixeira continuam na expectativa da anunciada publicação, que teima em não aparecer. Teria porventura a Academia encontrado no acervo literário deixado por Gustavo Teixeira alguma recomendação do poeta, contrária à publicação póstuma de sua obra inédita? Não é provável, porque Gustavo sempre pensou em dar à publicidade todos os seus trabalhos. Em carta de 22 de abril de 1937, escrita ao jornalista Hélio de Sousa, seu amigo, informava o poeta: “O Último Evangelho” está pronto e é provável que saia logo, ainda este ano”. Não saiu até hoje, infelizmente. Mas aí está a prova de que Gustavo Teixeira não tencionava negar ao público a leitura de seus últimos versos. Há naturalmente uma razão ponderável a justificar o retardamento de tal publicação. Mas a Academia sabe, por certo, que, quanto mais cedo se desincumbir da tarefa que tomou a seu cargo, tanto maior será o serviço a prestar às letras nacionais. Daí acreditarmos que a razão da publicação seja mais ponderável que a razão da demora. Posto que não conheçamos a segunda.”.

⁶⁵ Ver ANEXO F.

⁶⁶ N.º 18201.

GUSTAVO TEIXEIRA, poeta (São Paulo):

O mais belo verso brasileiro? É difícil a escolha entre tantas preciosidades de Bilac, Raimundo, Alberto, L. Delfino, M. Fontes e outros. Vou citar um, de Bilac. É, senão o mais belo, um dos mais belos da poesia brasileira:

Roma não vale um só dos beijos dela!

É previsível, porque obediente ao inventário parnasiano de leituras; é reveladora, por representar (através da escolha do verso em particular), com a transposição dos modelos clássicos para segundo plano, a rendição de Gustavo Teixeira ao “lirismo”.

2.3. ACERVO GUSTAVO TEIXEIRA

Ao propor, em 2013, como Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, uma pesquisa que tinha como objetivo o estudo da obra de um escritor praticamente desconhecido, e falecido há quase um século, assumi como uma das primeiras etapas de investigação a apuração da existência ou não de um acervo desse escritor, a fim de obter informações precisas a respeito da composição de sua obra.

Essa etapa da pesquisa foi desenvolvida e concluída durante o trabalho final do curso de graduação e, embora não seja crucial para o desenvolvimento da pesquisa de Mestrado, cujo objetivo é analisar os dois livros que Gustavo Teixeira publicou em vida, evitando assim lidar com manuscritos, datiloscritos, cartas e toda uma documentação que requereria tratamento especializado, contribuiu imensamente para que as escolhas referentes à continuação daquele trabalho, como metodologia de pesquisa e o próprio objetivo, pudessem ser feitas e reformuladas conscientemente. Além disso, a confirmação da existência de um acervo possui um significado histórico, pois contribui para a valorização e a preservação da memória, nesse caso, particularmente, da memória literária. Por julgar que essas informações devem ser acessíveis ao público e difundidas, reproduzo-as, novamente, neste trabalho, refazendo também o relato da trajetória de parte da pesquisa anterior.

Naquele ano de 2013, entrei pela primeira vez em contato com o Museu Municipal Gustavo Teixeira no dia 23 de fevereiro, através de *e-mail*, fornecido pelo site da Prefeitura Municipal de São Pedro (SP). A resposta, positiva, logo veio, no dia 25 do mesmo mês, de um dos responsáveis pelo museu, Rodrigo Luiz dos Santos. Na época, Rodrigo

exercia trabalho como voluntário, e com ele troquei inúmeros *e-mails* até a decisão final de viajar para cidade de São Pedro.

Com o objetivo específico de tomar nota e fotografar o que havia de Gustavo Teixeira no museu, viajei no dia 21 de julho de 2013, um domingo. Os dias 22, 23, 24 e 25 foram inteiramente dedicados à pesquisa no Museu Municipal Gustavo Teixeira⁶⁷, localizado no centro de São Pedro – ao lado da Biblioteca Municipal –, na Rua Joaquim Teixeira de Toledo, n° 524. A edificação fora inaugurada em 1972, e reinaugurada em junho de 2008, no prédio do antigo Grupo Escolar [1913] e Grupo Escolar Gustavo Teixeira [1939] (SANTOS, 2009, p. 104), e é onde se mantém o Acervo Gustavo Teixeira.

Como, nesses dias, Rodrigo, que foi quem separou os papéis do poeta e montou o acervo, não pôde estar presente, receberam-me outros voluntários: Daila, Douglas e Gentila, que me ajudaram como puderam. A viagem de retorno se deu no dia 26 de julho.

O Acervo Gustavo Teixeira acha-se no porão do museu. Está acondicionado em pastas plásticas azuis com elástico, etiquetadas, guardadas enfileiradas na vertical em duas estantes de ferro, em meio a outras estantes, que guardam documentos de outra natureza e objetos do museu que necessitam de manutenção.

A primeira das duas estantes⁶⁸ contém, armazenados em 21 pastas, numeradas de 1 a 21, sob o título de “Acervo Biblioteca G.T.” e ocupando as quatro primeiras prateleiras (de cima para baixo), os livros da biblioteca particular de Gustavo Teixeira e alguns outros livros, que, acredito, sejam de Maria de Lourdes Teixeira. O número que segue a palavra “Registros” (que indica o conteúdo da “caixa”), na etiqueta, refere-se ao número de exemplares de livros contidos na pasta. No quadro a seguir, estão as descrições das pastas segundo as etiquetas que apresentavam:

Quadro 1 – Pastas do “Acervo Biblioteca G.T.”

Pastas etiquetadas
Acervo 001 Registros 001-015

⁶⁷ Ver ANEXO G.

⁶⁸ Ver ANEXO H: no canto esquerdo da foto, da esquerda para a direita, a terceira estante; e ANEXO I.

Acervo 002 Registros 016-036
Acervo 003 Registros 037-049
Acervo 004 Registros 052-062
Acervo 005 Registros 063-083
Acervo 006 Registros 085-108
Acervo 007 Registros 109-129
Acervo 008 Registros 130-148
Acervo 009 Registros 149-161
Acervo 010 Registros 162-179
Acervo 011 Registros 180-190
Acervo 012 Registros 191-200
Acervo 013 Registros 0201-207
Acervo 014 Registros 0208-0219
Acervo 0015 Registros 0220-0234
Acervo 016 Registros 0235-0243
Acervo 017 Registros 0244-0250
Acervo 018 Registros: (livros com dedicatória) 026/ 033/ 035/ 059/ 065/ 072/ 077/ 078/ 085/ 096/ 099/ 100/ 106/ 107/ 137/ 142/ 210/ 211/ 216/ 217/ 229
Acervo 019 Registros 0254-0266
Acervo 020 Registros 0267-0269
Acervo 021

Registros 0270-0272

Fonte: Acervo Gustavo Teixeira – Museu Municipal Gustavo Teixeira.

Na segunda estante, ocupando a primeira e parte da segunda prateleira⁶⁹, estão as demais pastas. De 1 a 23 estão numeradas as pastas menores, cada uma tendo após o nome “Registros” a descrição, às vezes não muito explícita, do seu conteúdo geral. Outras pastas (das quais tenho seis anotadas: Registros Semana G.T. Poesias; Registros Acervo G.T.; Registros Documentos diversos; G.T.; família G.T.; Registros Maria de Lourdes Teixeira; Registros Eleição G.T. Academia Paulista de Letras; Registros Papéis diversos), maiores, etiquetadas como “Registros”, completam a terceira e a quarta prateleiras da estante, juntamente com pastas de “Registros” de Maria de Lourdes Teixeira. E um terceiro tipo de pastas, do mesmo tamanho das anteriores, das quais não tomei nota, contendo documentos das “Semanas Gustavo Teixeira” de cada ano, é guardado nas demais prateleiras da estante. No quadro abaixo, as descrições das 23 pastas (etiquetadas como “caixas”) menores segundo as etiquetas que apresentavam:

Quadro 2 – Pastas da segunda estante

Caixas
Caixa: 001 Acervo: 001-0169 Registros: Poesias Publicadas
Caixa: 002 Acervo: 070 Registros: Papéis esparsos, 41 folhas
Caixa: 003 Acervo: 0171-0235 Registros: Poesias não publicadas
Caixa: 004 Acervo: 00236-0366 Registros: Poesias publicadas no livro GT
Caixa: 005

⁶⁹ Ver ANEXO H: no canto direito da foto, das três prateleiras ao fundo, a do meio; e ANEXO J.

Acervo: 0367-0463 Registros: Poesias Publicadas no livro
Caixa: 006 Acervo: 0464-0619 Registros: Poesias completas
Caixa: 007 Acervo: 0620-0699 Registros: O Último Evangelho
Caixa: 008 Acervo: 0700-0793 Registros: G.T. encadernado
Caixa: 009 Acervo: 0794-0869 Registros: Poesias publicadas em jornais
Caixa: 010 Acervo: 0872-0874 Registros: G.T. espiritismo
Caixa: 011 Acervo: 0875-0893 Registros: G.T. Cartas
Caixa: 012 Acervo: 0894 Registros: Documento da prefeitura
Caixa: 013 Acervo: 0895-0921 Registros: G.T. recortes de jornais
Caixa: 014 Acervo: 0922-1000 Registros: Poesias/Autores recortes de jornais
Caixa: 015 Acervo: 1001-1170 Registros: Poesias/Autores recortes (recentes) de jornais
Caixa: 016 Acervo: 1171-1196 Registros: Poesias Publicadas no livro Êxtase, Poesias completas
Caixa: 017 Acervo: 1197-1220 Registros: Poesias Publicadas no livro, poesias completas
Caixa: 018 Acervo: 1221-1229

Registros: G.T. discursos
Caixa: 019 Acervo: 1230 Registros: Lira Azul
Caixa: 020 Acervo: 1231-01236 Registros: G.T. poesias/Outros
Caixa: 021 Acervo: 1237-1239 Registros: O Sonho de Marina
Caixa: 022 Acervo: ----- Registros: 199 rascunhos de G.T.
Caixa: 023 Acervo: ----- Registros: documentos redigidos por G.T.

Fonte: Acervo Gustavo Teixeira – Museu Municipal Gustavo Teixeira.

Explicações detalhadas sobre a formulação das etiquetas não foram possíveis em razão de que esteve ausente o coordenador do trabalho com o acervo, Rodrigo Luiz dos Santos. A história da montagem do acervo, no entanto, foi contada por ele, a pedido meu, em resposta a algumas perguntas, das quais tenho selecionado um trecho:

“Qual a origem dos papéis do Gustavo? (quem doou, se foi parcialmente doado, onde ficavam guardados anteriormente... [...])”

“Entrei para trabalhar no museu, ainda como estudante de história em 2005, e comecei a vasculhar as coisas, não somente o disponível no Museu (que até então era uma sala no segundo andar da Biblioteca), como em diversos setores da Prefeitura, inclusive, aquilo que chamavam de Arquivo Morto, que mais parecia um cemitério abandonado há anos. Essa documentação [...] achei (papéis e livros), todas numa caixa, entulhadas, com um pano em cima, em um antigo armário de madeira da Biblioteca, que creio que

ali estava adormecido há décadas. Tinha bolor, estava úmido.

Tirei tudo de dentro da caixa, e coloquei tudo aberto no chão [...]

Quem doou quando da abertura do Museu, em 1972, me parece que foi uma tia do Gustavo, dona Eponimia, [...] conversando aos poucos com os familiares [...] uma prima do Gustavo me disse, que já que ele faleceu, a própria família jogou fora e queimou no quintal as coisas dele. [...]

Parto do principio, analisando os papéis, que esses estavam guardados na Câmara Municipal e na Prefeitura, guardados pelo próprio Gustavo, e que uma vez achados, foram doados a família, que os guardou.”.

Numa contagem rápida dos papéis de cada pasta, estimei cerca de 2000, considerando tudo o que havia nas pastas: desde manuscritos e datiloscritos de Gustavo Teixeira até recortes de jornal, cópias de notícias de jornal, discursos feitos sobre o poeta e certidões de óbito. Dos papéis escritos por Gustavo Teixeira, número superior a mil, a maior parte é datilografada e possui alterações manuscritas, e a outra parte é inteiramente manuscrita.

Como ainda não pôde ser elaborado um projeto de classificação para o material, nenhum desses papéis possui registro individual.

Dado o tamanho do acervo, não foi possível fotografá-lo todo, muito menos olhar o acervo fotográfico e a coleção de jornais da cidade, também guardados pelo museu. Um acidente, no fim do segundo dia de pesquisa, com a transferência das fotos das máquinas fotográficas para um *pendrive*, resultou na perda de todas as fotos tiradas até então (aproximadamente 2000).

Cuidando de planejar o trabalho para os dias restantes da viagem, pôde-se, fazendo novas fotos dos materiais, restituir o que se havia perdido – uma quantidade suficiente para dar a conhecer a riqueza do conjunto. Mesmo que tal imprevisto nunca tivesse sucedido, os quatro dias de trabalho no museu não teriam sido suficientes para que, ao cabo, se pudesse apresentar um registro completo do acervo. A profusão de documentos, manuscritos, poemas datilografados, livros com dedicatórias e tanto mais, anuncia a necessidade de uma viagem futura.

2.4. “FORTUNA CRÍTICA” E QUADROS DE PUBLICAÇÕES

Outras duas etapas da pesquisa sobre Gustavo Teixeira, propostas originalmente como Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação, também merecem ter seus resultados divulgados nesta dissertação, após o devido trabalho de reelaboração de seus conteúdos e desenvolvimento de alguns pontos relevantes.

A primeira etapa diz respeito às ações de reunir e de transcrever todos os textos possíveis, recolhidos de jornais, revistas e livros, que tratassem da obra de Gustavo Teixeira ou sobre o escritor em si. Esse conjunto, que leva o título de “Fortuna Crítica” e agrega desde ligeiros anúncios de lançamentos de livros do autor, análises mais desenvolvidas, até textos preparados para serem proferidos em palestras e conferências, somava um total de 29 textos. A ele foram acrescentados outros 5 textos: “A propósito”, publicação de Álvaro Guerra para o “Correio Paulistano” (SP), em 24 de outubro de 1899; “Revistinha”, publicação de João Crespo para o “Commercio de São Paulo” (SP), em 11 de junho de 1907; “Um poeta de raça”, publicação de Rufiro Tavares para o “Commercio de São Paulo” (SP), em 05 de julho de 1908; “Cinematógrafo”, publicação de “João do Rio” para a “Gazeta de Notícias” (RJ), em 05 de julho de 1908 e “Gustavo Teixeira”, publicação de Victor Caruso para a revista “Anhembi” (SP) de abril de 1960. O conjunto total dos textos está em anexo, no final deste trabalho.

O propósito da elaboração dessa coletânea foi o de reunir informações sobre a obra de Gustavo Teixeira e sua recepção crítica e sobre a vida literária do escritor, isto é, estabelecer fontes de informação e de “direção” para a pesquisa. Optei por manter o título inicial dado ao conjunto, de “Fortuna Crítica”. Os critérios admitidos na transcrição e ordenação dos textos não são o foco do trabalho atual, foram desenvolvidos por mim, sem consulta à bibliografia especializada (o que não foi possível de fazer, na época, por causa do pouco tempo disponível para o desenvolvimento da pesquisa), e estão explicitados, detalhadamente, no trabalho anterior, *Gustavo Teixeira: o poeta que a cidade engoliu* (2013).

A “Fortuna Crítica” divide-se em três grupos, cujos títulos explicam o conteúdo: o primeiro, “Publicações em jornais e revistas” (contendo 22 textos); o segundo “Palestras, conferências, trechos de livros” (contendo 4 textos – publicações isoladas, em livros ou suplementos), e o terceiro, “Prefácios” (contendo 3 textos). As transcrições, todas listadas no sumário, organizam-se por ordem

cronológica, baseada na data de publicação do periódico que encerra o texto transcrito.

Os textos foram compilados de fragmentos de jornais fotografados na visita ao Acervo Gustavo Teixeira; de periódicos disponíveis para consulta no site da Hemeroteca Digital Brasileira, montado pela Fundação Biblioteca Nacional; e no site do Arquivo Público do Estado de São Paulo, da página do Acervo Digitalizado; e dos acervos digitalizados dos jornais “Folha de S. Paulo” (Acervo Folha, no qual se encontram edições da “Folha de S. Paulo”, “Folha da Manhã” e “Folha da Noite”) e “O Estado de S. Paulo” (Acervo Estadão).

Algumas publicações, que infelizmente não foram encontradas, merecem ser registradas: como a de Leôncio Correia no jornal “A Pátria”, de 06 de dezembro de 1925, mencionada por Pedro Ferraz do Amaral, e as de Lygia Fagundes Telles, “Gustavo Teixeira, o poeta dos humildes”, publicada no suplemento literário (ano I, n.º 14) de “A Gazeta Magazine”, em 27 de abril de 1941, e “A “Mansfield” da Faculdade de Direito de São Paulo”, publicada em “Dom Casmurro”, em 26 de junho de 1943, listadas por Arruda Dantas na bibliografia de “Gustavo Teixeira, o poeta da solidão e da renúncia” (1977).

A segunda etapa da pesquisa pretendia, a princípio, recolher poemas inéditos de Gustavo Teixeira publicados em jornais e revistas da época, e resultou em dois conjuntos de quadros, - ambos em anexo -, que listam, um, os títulos de poemas publicados em jornais e revistas e, outro, os títulos de poemas anunciados em jornais e revistas. No Trabalho de Conclusão de Curso, os quadros somados totalizavam 40, neste, totalizam 53.

Assim como a “Fortuna Crítica”, a organização dos quadros de publicações também não teve comprometimento com teorias que lidassem com o tratamento de materiais e acervos, deixando pendente este ponto, ao encargo de trabalhos futuros. Os critérios adotados foram pensados em favor de um arranjo pessoal dos dados, para que ele servisse de auxílio durante a pesquisa, e também podem ser conferidos no Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em 2013.

As informações reunidas em quadros foram coletadas das mesmas fontes das quais se recolheu os textos que compõem a “Fortuna Crítica”: Acervo Gustavo Teixeira; periódicos disponíveis para consulta no site da Hemeroteca Digital Brasileira, montado pela Fundação Biblioteca Nacional; e no site do Arquivo Público do Estado de São Paulo, da página do Acervo Digitalizado; e acervos digitalizados dos jornais “Folha de S. Paulo” (Acervo Folha, no qual se encontram

edições da “Folha de S. Paulo”, “Folha da Manhã” e “Folha da Noite”) e “O Estado de S. Paulo” (Acervo Estadão).

Os quadros em dois grupos: o primeiro, designado como “Anúncios de publicações”, é composto de notícias de publicações recentes de Gustavo Teixeira em outros jornais e revistas que não os anunciantes, e totalizava inicialmente 25 quadros, ao qual esta pesquisa acrescentou mais um; o segundo, designado como “Publicações”, é composto das publicações propriamente ditas, verificadas nos próprios jornais e revistas em que se deram (com exceção do quadro 29 de publicações, referente a “A Cidade de Campinas,” para o qual a fonte foi um documento da caixa de número 18 do acervo do poeta), e totalizava 15 quadros, ao qual esta pesquisa acrescentou mais 12.

A apuração dos resultados computados pelas ferramentas de buscas, que alguns dos sites ofereciam, em impressos digitalizados, exigiu um trabalho que consumiu muito tempo para a visualização, anotação e organização das ocorrências de “Gustavo Teixeira”. O “Jornal do Brasil”, por exemplo, disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, por ter sido impresso em letras pequenas, para as quais a ação do tempo foi ainda mais danosa, mesmo apresentando ferramenta de busca, que acusou duas ocorrências de poemas de Gustavo Teixeira, entre os anos de 1900-1902, teve de ser examinado “manualmente” – e como em abril de 1900 passou a lançar também uma edição vespertina, sendo o “primeiro jornal em nosso país a tirar duas edições diárias” (SODRÉ, 1983, p. 274), 730 (365 + 365) jornais de cada ano, 1900, 1901 e 1902, de 4 a 6 páginas cada, tiveram de ser “folheados”. Os jornais e revistas disponibilizados no Acervo Digitalizado do Arquivo Público do Estado de São Paulo, que não oferece ferramenta de busca, também tiveram de ser examinados individualmente; o que foi feito, por exemplo, com cerca de 390 exemplares da revista “A Cigarra”, de, em média, 50 páginas cada um.

É importante dizer que, no decorrer da pesquisa, também descobri que o Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), da Unesp (SP), possui um acervo de 533 exemplares da revista “Vida Moderna” (SP), do período entre 1907-1925, e um acervo de 22 exemplares da revista “O Sportman” (RJ), que não puderam ser consultados porque o centro fornece atendimento somente presencial. Para a montagem dos quadros de publicações, foram consultados menos de 10 exemplares da “Vida Moderna”, e um exemplar de “O Sportman”, apenas os disponíveis no *site* do Arquivo Público do Estado de São Paulo e no *site* da Biblioteca Nacional do Brasil. Certamente seriam

encontradas mais publicações inéditas de Gustavo Teixeira se fosse feita uma consulta presencial a este centro.

EMENTÁRIO (1908)

Ementário é o primeiro livro de Gustavo Teixeira. Foi publicado em 1908, e é composto por 64 poemas distribuídos em três seções intituladas: “Amor” (15 poemas), “Aquarelas” (26 poemas) e “Cambiantes” (23 poemas). Algumas publicações em periódicos, anteriores a 1908, indicam que o autor pensava em “Serpentinas” como título para um livro ou para uma seção de poemas.

O livro traz um prefácio de Vicente de Carvalho, escrito a pedido do próprio autor, o que, em que pese à biografia mais divulgada de Gustavo Teixeira como “poeta dos humildes”, “poeta exilado” ou “poeta eremita”, revela que ele provavelmente tinha planos como escritor e cuidado com o que publicava, pois procurou, através de um padrinho literário, uma boa colocação como estreante nas Letras.

O prefaciador, Vicente de Carvalho, por sua vez, por mais que tenha pretendido deter-se à apresentação do livro e arrumar saídas retóricas com o fim de evitar falar de “composição poética” (Carvalho não queria ser entendido como um “rigorista intransigente”, reação que, como já explicou Ramos, era comum dos parnasianos brasileiros mais representativos, que sempre negaram o Parnasianismo “da impassibilidade” e “da estatuária”), não deixou de oferecer um receituário das práticas versificatórias até então vigorantes:

A arte, em todo caso, é a mais custosa e a mais exigente das amantes. A produção da obra artística demanda energia. Na poesia, as rimas são um luxo suntuoso de pedras preciosas; as frases em que se moldam as ideias precisam ser de ouro, sonoro e fino. A poesia vive de riquezas que só se adquirem e acumulam por um áspero labor, garimpando assiduamente na língua; lapidando pacientemente as palavras até pôr a descoberto o seu brilho íntimo, que é a sua significação precisa e luminosa, domando, corrigindo, encaminhando a inspiração, muitas vezes inconsciente, quase sempre tumultuosa, sempre descuidada; submetendo-se ao regime severo do número e do ritmo; e só assim se familiarizando com essa difícil, maravilhosa linguagem que tão poucos falam, e todos entendem... (CARVALHO, 1908, p. 13)

Assim, o prefácio de *Ementário* insere-o em um contexto determinado do plano literário poético, e cumpre com uma de suas funções principais que é a de criar uma expectativa sobre o que é prefaciado, reservando, de antemão, algumas condições interpretativas sobre os poemas que compõem o livro.

Os poemas de *Ementário* e essas condições, que, *grosso modo*, coincidem com as que resultam da avaliação histórica atual sobre esse período, são o objeto de investigação deste capítulo.

3.1. HELENISMO, CORPO E ESPIRITUALISMO

A referência à Antiguidade Greco-Latina, que em geral espera-se de um parnasiano, aparece logo no poema de abertura do livro, “A morte de Petrônio”.

O poema é dividido em duas partes e conta, em 192 versos, em maior parte, alexandrinos, a história da morte do escritor romano Petrônio, contemporâneo de Nero. Por ser muito próximo do imperador, Petrônio teria provocado a inveja de Tigelino, um dos seguidores de Nero, que por isso teria inventado uma mentira para que ele fosse acusado de traição. O imperador, acreditando nessa mentira, teria ordenado que Petrônio se suicidasse cortando as suas veias (FARIA DA SILVA, 2014).

A primeira parte do poema é basicamente descritiva e apenas oferece detalhes do “triclínio”: uma sala de refeições romana. São descritas as flores que enfeitam o lugar, o brilho das louças, o movimento das roupas e as expressões daqueles que estão presentes, há ainda menções a corpos de mulheres e ao cheiro das “iguarias” do banquete, até que Petrônio é, enfim, inserido na cena, ao lado da amante, Eunícia⁷⁰. Na sala, Petrônio é aquele que atrai todas as atenções, e suas festas são sempre superiores às festas promovidas por Nero: “Pois os raros festins do artista soberano/ Rebaixam os festins do Imperador de Roma!”. O jantar é uma despedida. Ao final da primeira parte do poema, Petrônio anuncia a sua própria morte e toma em mãos uma carta, que escrevera para o imperador.

⁷⁰ A epígrafe do poema informa que ele é baseado no *Quo vadis*, romance publicado em 1895, por um escritor polonês chamado Henryk Sienkiewicz, em que Petrônio tem como amante uma escrava chamada Eunice.

A segunda parte do poema começa com a leitura da carta com conselhos para Nero. As aspas no início de cada verso dão voz a Petrônio, e, no auge do poema, o escritor, que declara sentir nojo do imperador, consciente de todas as suas ações criminosas, assegura que, no entanto, nenhum dos atos de César é tão inaceitável quanto as suas tentativas artísticas, e, por isso, aceita a morte com felicidade:

Há na existência coisas que eu não posso
 Aturar por mais tempo: é-me impossível!
 [...]
 Não vás pensar que me afligiu o incêndio
 Da orgulhosa cidade das colinas,
 Que cobriste de opróbio e vilipêndio
 E transformaste num montão de ruínas.
 Que importa a mim que só produzas mortes,
 Que despedaces corações humanos
 E para as sombras do Érebo deportes
 Os mais conspícuos cidadãos romanos?
 Não! ó neto de Cronos! Outros atos
 Não se podiam esperar de Nero,
 A não ser o extermínio, assassinatos:
 Não! de ti outras cousas não espero!
 Mas, escutar mais anos o teu canto,
 A dura voz de pífano rachado,
 Ver o teu ventre de causar espanto
 Girar na dança pírrica agitado;
 E ver-te recitar com indecência
 As estrofes banais de tua lavra,
 São cousas que eu não posso com paciência
 Nem mais um dia suportar. Palavra!
 (TEIXEIRA, 1908, p. 22)

Tema, desenvolvimento do tema (descrição) e forma condizem, de maneira geral (pois a constância dos alexandrinos não é mantida nos exatos 192 versos: “Cala-se a voz dos instrumentos orquestrantes...”, por exemplo, é um dodecassílabo tripartido⁷¹) com a face objetiva do Parnasianismo, conforme Péricles Eugênio da Silva Ramos.

“A morte de Petrônio” é, certamente, ao lado de “Tântalo”, poema igualmente longo que encerra o livro, um dos poemas mais

⁷¹ Nesse caso, a 6ª sílaba não possui o valor fundamental que define o verso alexandrino e a acentuação recai sobre a 4ª, 8ª e 12ª sílabas: 4 + 4 + 4 (CARVALHO, 1965).

importantes de *Ementário*, mas essa importância não decorre do seu caráter conciliatório em relação a um modelo poético. Para além da posição que ocupa, isto é, por ter sido o poema escolhido para abrir o livro, seu destaque se deve ao fato de, ao abordar temática da antiguidade, gerar o mesmo tipo de ambiguidade interpretativa que gera “Tântalo”, a respeito da influência das referências clássicas (na poesia de Gustavo Teixeira, ao menos).

A Petrônio é atribuída a autoria do *Satíricon*, obra de cunho humorístico-satírico, que embora alguns estudiosos considerem uma crítica à política e aos costumes romanos, outros defendem como sátira não-moralizante. Essa informação dá sentidos diferentes às palavras e à morte do Petrônio do poema.

Diante de uma figura tão autoritária e violenta como a de Nero, espera-se do escritor uma atitude insurgente contra a sua política de império, Petrônio, porém, surpreende rebelando-se contra as suas práticas artísticas:

Eu, que tenho apurados os sentidos,
 Por tua causa enrubescer não quero:
 Antes ouvir os rábidos latidos
 Do furioso tricéfalo Cérebro!
 Envenena, mas cítara não toques!
 Incendeia cidades, mas não cantes!
 Mata, mas com teus versos não provoques
 Irreprimíveis risos humilhantes!
 (TEIXEIRA, 1908, p.)

As consequências físicas - a morte - são para ele um alívio. O corpo só deve existir se a arte puder ser bem praticada, se puder extrair “as mais preciosas gemas”, se puder usufruir do bom gosto e das “formas harmoniosas”. Ou seja, o corpo vale pela forma, não pela moral (por isso seu discurso subleva-se também contra a velhice). A beleza é o critério da vida.

Por outro lado, não é possível estabelecer a amoralidade como um dos princípios de significação definitivos do poema, pois ele também oferece matéria que conteste essa versão.

Petrônio, sendo um poeta satírico, pode não querer que suas palavras sejam entendidas literalmente. Quando diz, por exemplo, que, enquanto foi nomeado prefeito, Tigelino foi nomeado guardador de mulas porque os deuses o criaram para isso, faz uso da ironia. Por isso, nada garante que não é a ironia que ele emprega quando diz a Nero que

seu extermínio e seus assassinatos não o assombram já que não esperava dele coisa diferente. Outro ponto é a descrição da maneira como Petrônio ergue a taça que brinda a sua morte: “Firme qual justo ao fim da provação terrena” (TEIXEIRA, 1908, p. 21). Seria justo aquele que ignora as ações de Nero em favor da arte? Novamente, a ironia pode estar ou não presente, fazendo referência exclusivamente à injustiça da condenação, ou à consciência do escritor, que sabe da real situação do império: “Vou transpor o limiar do *nebuloso império...*” (TEIXEIRA, 1908, p. 21, grifo meu).

Nessa perspectiva, que inclui a moral, a morte não é mais um alívio, mas o fado, inevitável, daquele que pratica a beleza somente pela beleza, a arte somente pela arte. Nem Roma nem nenhum outro lugar podem servir a esse ideal, que almeja a perfeição, a imutabilidade e a eternidade, porque o mundo é natural, é corpo: nasce, envelhece, morre. A moral é a natureza e a efemeridade.

Em “Tântalo”, 148 decassílabos descrevem, em quartetos, um bacanal: os perfumes, a música, os sons de vozes misturados aos dos instrumentos musicais, a mesa farta com comidas de diversos lugares, do Egito, de Atenas, as mulheres febris e os homens lascivos. Porém Herculano, um velho “sibarita”, que quando mais novo conseguia usufruir das festas “orgiáticas”, encontra-se impotente, e depois de muito teimar contra a sua incapacidade, atira-se ao mar esbravejando: “Antes morresse o espírito!”.

Herculano, assim como Petrônio, nega a vida que não desfruta o belo e o corpo, e prefere morrer a viver a frustração do envelhecimento. Em outra perspectiva, moralista, Herculano descobriu que envelheceu e, mais do que isso, descobriu que envelhece, como todos os humanos. Para aquele que vive inconsciente das leis naturais, a impotência é um meio de a natureza revelar-se, e a morte, portanto, uma espécie de castigo.

Yan Mortelette, ao tratar das influências conjecturais do Parnasianismo francês e da renovação helenista e pagã que ele teria produzido, menciona um texto de Baudelaire, de 1852, no qual o autor critica a chamada “Escola pagã”: um grupo de poetas admiradores da beleza formal, “qui exaltent le paganisme parce qu’il n’assujettit pas la beauté à la morale, et qui célèbrent la Grèce parce qu’elle met à l’honneur la beauté plastique” (2005, p. 146). A observação de

Baudelaire, feita no ano de publicação de *Émaux et camées*⁷², de Théophile Gautier, ilustra um movimento de recuperação do helenismo, que na literatura seria representado pelos parnasianos, com uma concepção diferente da que até então se tinha.

A concepção até então dominante era a do helenismo acadêmico, que, de origem classicista, se distinguia esteticamente por “elementos como o equilíbrio, a ordem, a harmonia, a objetividade, a ponderação, a proporção, a serenidade, a disciplina, o desenho sábio, o caráter apolíneo, secular, lúcido e luminoso” (ROSENFELD; GUINSBURG, 2011, p. 262-263). Além disso,

[...] no classicismo o valor estético reside na obra, e somente nela. Por trás da arte, deve desaparecer o artista. [...] Uma obra, por sua vez, sendo basicamente um autovalor, deve por si fazer-se valer esteticamente, perante o público. Mas não para comunicar-lhe apenas a beleza. O efeito da obra terá de ser “dulce et utile”, como diz Horácio. Isto é, além de suscitar reações aprazíveis, ela deve trazer proveitos de natureza prática, sobretudo, didática. Na verdade, segundo a visão classicista, a obra será tanto mais realizada quanto maior o seu poder de veicular através da bela e suave revelação da forma, ensinamentos que elevem o conhecimento e contribuam para o aperfeiçoamento do gênero humano. (ROSENFELD; GUINSBURG, 2011, p 263-264)

O helenismo dos parnasianos, que Mortelette nomeia de helenismo pagão, juntou à atmosfera serena, a sensualidade. Traços como a disciplina e a objetividade se mantêm, porém, mesmo apesar de possuir um “caráter científico”, isto é, ter parte da explicação da sua influência na atenção crescente que as faculdades francesas passaram a dar aos estudos clássicos, o efeito didático do “dulce et utile” é completamente abolido. Para Mortelette (2005), há ainda uma tripla dimensão, estética, política e moral, que define o helenismo parnasiano: esteticamente, o gosto pela impassibilidade e pela beleza formal; politicamente, a conciliação entre a autonomia da “arte pela arte” com as

⁷² “Oeuvre maîtresse pour la génération des Parnassiens” (MORTELETTE, 2005, p. 149).

aspirações à democracia, e, moralmente: através da reabilitação da forma, a reabilitação do corpo.

Embora Mortelette dedique-se a pensar o helenismo parnasiano segundo a Literatura Francesa, a dimensão tripla que ele aponta, especialmente a moral, contribui para o entendimento da resolução ambígua que Gustavo Teixeira encontrou, por exemplo, nos poemas “A morte de Petrônio” e “Tântalo”. Mortelette diz que, no Parnasianismo, o “naturalisme païen substitue une religion de la beauté formelle à l’idéal religieux détruit par le positivisme.” (2005, p. 153). Em *Ementário*, o naturalismo se manifesta, formalmente, por meio da prosopopeia, porém o paganismo não toma o lugar do ideal religioso. Figuras religiosas aparecem lado a lado de figuras pagãs, ora com o sentido religioso desviado, ora desviando o sentido pagão.

Em “À hora da partida”, o eu-lírico compara o sofrimento da separação da mulher amada à crucificação:

Partir! partir sem ver aquela que amo tanto,
Aquele que é da vida o derradeiro encanto,
[...]
É pior que morrer bebendo fel, pregado
Nos braços de uma cruz, lívido, ensanguentado!...
(TEIXEIRA, 1908, p. 34)

Assim como o quarto em que dorme a amada é comparado a um santuário:

Ela dorme, a sonhar, virginalmente calma,
Como a abelha na rosa e a rosa na folhagem...
Esta alcova é um santuário: há dentro linda
imagem!
(TEIXEIRA, 1908, p. 35)

Em “Reminiscências” e “Confissão”, o eu-lírico compara-se ao próprio Jesus:

Todo o jardim estava em flor como o deixamos.
Mas pairava por tudo um grande desconforto.
Horas e horas vaguei sob os floridos ramos
Como Jesus por entre as oliveiras do Horto!
(TEIXEIRA, 1908, p. 38)

Cobre-me a palidez do mesto Nazareno

Quando, silêncio impondo ao coração cativo,
Contemplo o teu perfil de castelã do Reno!
(TEIXEIRA, 1908, p. 78)

E seu corpo é comparado com uma igreja:

Os eflúvios da noite enchiam-me toda a alma
Como enchem a uma igreja as vaporais do
incenso.
Havia no mexer de cada móbil palma
As mágoas que no adeus sacode ao longe um
lenço...
(TEIXEIRA, 1908, p. 39)

Frínia, a mulher amada do poema de mesmo nome, é comparada à Maria:

Se alguém a visse num altar, na igreja,
Julgaria estar vendo a virgem Santa.
A estrela do pastor pirilampeja
Em seu riso que as pérolas suplanta.
(TEIXEIRA, 1908, p. 29)

enquanto a desconhecida de “O meu ideal” é comparada à tentação de Lúcifer, em alusão ao episódio bíblico narrados nos livros Mateus 4 e Lucas 4:

Repousarei como num céu aberto:
- Qual sôfrego viajor
Que, na aridez de um áspero deserto,
Perseguisse lucífera imagem
- Um enxame de brilhos deslumbrantes! –
E no meio de tórrida paragem
Encontrasse um castelo de diamantes!
Quando verei o arcanjo estremecido
Que o coração espera amargurado,
De lágrimas vestido,
De espinhos coroados!
Ela há de vir, a lúcida miragem!
(TEIXEIRA, 1908, p. 27)

Já em “Dous amores”, em que o eu-lírico vive um amor duplo, a indecisão entre o mundo helênico e o mundo cristão é finalmente representada por meio do contraste entre Frineia e Raquel:

Como um náufrago, luto entre parcéis, sem norte,
E entre os dois polos ardo em padecer eterno!
Uma é a visão da Vida, outra é a visão da Morte!
Uma desce do Céu, outra subiu no Inferno!

[...]

Uma é a dócil Beatriz a cujos pés eu caio
Outra a diva pagã, a voluptuosa hetere;
O riso de uma é um astro, o riso de outra é um raio:
Uma ilumina e aquece, outra atordoa e fere.

[...]

Uma faz orações, outra solta blasfêmias,
Uma atrai com a bondade, outra com as formas nuas.
Os seios de uma são duas estrelas gêmeas,
Os seios de outra são duas marfíneas luas...

Assim, vivo a lutar sem calma, a todo instante,
Com este duplo amor, numa ânsia sem limite,
Entre a meiga Vestal e a pérfida Bacante,
Entre a Virgem Maria e a Vênus Afrodite!
(TEIXEIRA, 1908, p. 50)

Por isso, a reabilitação da forma, em *Ementário*, não reabilita o corpo físico, mas o corpo desconhecido, o corpo distante ou o corpo morto. São esses os três modos como de apresentação da mulher amada.

Em “Horas do sono”, tem-se o corpo desconhecido,

Subo ao mirante e só, haurindo o cheiro intenso
Dos laranjais em flor, trazido pela aragem,
Embebo no horizonte um mesto olhar imenso,
A sonhar, a sonhar com feminina imagem!

De manso estranha mágoa o coração me invade
Por me sentir tão só! Tão só... Então padeço,
E enche-me os olhos de água uma cruel saudade

De alguém que nunca vi, de alguém que eu não
conheço!
(TEIXEIRA, 1908, p. 45)

que também é constantemente o idealizado, como em “O meu ideal”:

Jamais a vi, mas sei que é bela e casta,
Que hei de adorá-la ardentemente... e basta!
Seu nome? Não sei! É um sonho ainda!
É uma suave ilusão fascinadora!
[...] Seu cabelo, solto
Em anéis aromáticos, revoltos
Lhe rola pela espádua alabastrina
[...]
A sua voz de lírica ternura
Em que suspira um rouxinol dolente
É melodiosa e cheia de doçura
[...]
A sua boca é o rubor das rosas
[...]
Colo de cisne, gestos de princesa
[...]
O talhe de Afrodite
E as régias mãos nevadas
 São o último limite
Da perfeição sonhada pela mente
 Enfebrecida e ardente
 De visionário artista
Que planeja uma rútila conquista!
(TEIXEIRA, 1908, p. 26-27)

Em “À hora da partida” o corpo distante confunde-se com o corpo morto. O sonho aproxima o corpo do eu-lírico, porém, findo o sonho, ele também se vai, e sua partida é sentida como uma morte:

Bastava-me um “adeus” daquela voz tão doce,
Tão cheia de ternura e mel como se fosse
A voz de rouxinol cantando em agonia...

Mas, ai! não a verei! Ela repousa. E o dia,
Como um imperador, do trono do Levante,
Sob um amplo dossel de púrpura brilhante,
Pompeando à frente o sol como um diadema
d’ouro,

Dos fulvos raios jorra o torrencial tesoiro...
Chegou, enfim, o instante horrífico, o medonho!

Adeus, mulher querida! Adeus, extremo sonho!...
(TEIXEIRA, 1908, p. 36)

“A roseira”, “Reminiscências”, “Consolado”, “Fugitiva” e “No declínio” são outros poemas que tematizam a ausência do corpo distante.

O corpo morto, assim como o corpo distante, é muitas vezes equivalente à morte do corpo do próprio eu-lírico, como em “Só”, “Meia noite”, “Coração defunto”, “Sonho Morto” e “Noite de inverno”:

Mas preciso calar o coração que chora
Porque estás longe, em terra estranha, em outro
clima...
Como é triste sonhar nas trevas com a aurora!
Que desventura pode haver mais que oprima?

E a Noite, que caminha, estuda o passo aéreo,
E a névoa cresce, e o vento ulula, e o frio corta,
Enquanto eu abro n’alma – eterno cemitério –
A sepultura da esperança há muito morta...
(TEIXEIRA, 1908, p. 43)

Por que vindes cantar neste sepulcro às bordas
Onde só vêm pousar noturnas borboletas?
Quem logrará tanger um bandolim sem cordas?
(TEIXEIRA, 1908, p. 80)

Doce ilusão crescida na minh’alma!
Nunca mais tu virás, por noite calma,
Beijar-me o rosto, plácida e radiante!

E hei de chegar ao meu sombrio outono
Sem ter um anjo que no extremo instante
Me feche os olhos para o eterno sono!
(TEIXEIRA, 1908, p. 118)

Em “Leda”, o eu-lírico rememora o corpo morto da amada, no entanto, o faz por meio de objetos que, ao que parece, exalam cheiros:

Sobre a mesa, onde havia aljôfares de pranto,

Eu abri de novo o flóreo escrínio santo
 Onde – tempo feliz! – eu, cheio de cautela,
 Guardava, ébrio de amor, tudo o que vinha dela:
 Brilhos aromais, velinos perfumados,
 Folhas de malva, um leque e outros mimos
 sagrados.

De tudo se evolava uma espiral de essência,
 Um hálito floral, uma sombra de olência,
 Como de um coração um íntimo queixume
 Quando a saudade acende o cristalino lume!
 E, como outrora, eu via o lótus de virtude
 Da ofélica beleza em toda a plenitude.
 (TEIXEIRA, 1908, p. 53)

A ideia de separação “dos liames da matéria”, representada, nos poemas de *Ementário*, pelos três modos de apresentação do corpo já mencionados, é, portanto, muito pouco parnasiana, pois busca reconstituir um sentido moral e religioso em vez de suprimi-lo. É essa a origem do espiritualismo, por exemplo, de “Leda”:

“- Alma que habitas hoje a pátria azul da Glória,
 “Livre das provocações da humana trajetória,
 “Colhendo nos jardins de luz do Paraíso
 “Coroas de jasmims da cor do teu sorriso;
 “Alma que tanto amei, alma impoluta e linda,
 “Recorda-te de mim que te amo tanto ainda!

[...]

“Escuta o meu gemido! Escuta a minha prece!
 “Deixa um instante o Céu! Desce do Empíreo!
 Desce!
 “Meu anjo tutelar, minha noiva querida,
 “Atende! atende! Traze um bálsamo à ferida
 “Cancerosa que escondo a padecer sem calma!
 “Tem piedade de mim! Tem pena de minh’alma!

[...]

“Desde que desatei os liames da matéria
 “E tomei esta forma impalpável, etérea,
 “Pensas que se acabou o amor que eu te votava
 “E que me transformou em tua meiga escrava:

“No entanto quanta vez o próprio seio firo
 “Ouvindo a invocação que fazes num suspiro!
 (TEIXEIRA, 1908, p. 54-56)

Todavia, a variação temática, em relação aos parnasianos mais conhecidos, não é suficiente para sustentar a afirmação de que *Ementário* não seria simples cópia das obras modelares da geração de 1870.

Com o objetivo de distinguir quais são os traços característicos da poética de *Ementário*, alguns aspectos formais, que têm tratamento na Teoria do Verso, e que se sobressaíram nas leituras realizadas para a pesquisa, serão analisados a seguir.

3.2. TÉCNICA E POÉTICA

Três reações, na medida em que o horizonte técnico se configurava no Brasil, transladavam-se em “procedimentos básicos” de interferência na técnica literária, de acordo com Flora Süssekind: *imitação*, na trilha da linguagem jornalística, como tentativa “de capturar a velocidade da movimentação mecânica [...] das imagens obtidas pela fotografia e pelo cinematógrafo” (1987, p. 89); *estilização*, a superornamentação na contramão do instantâneo jornalístico – o registro da modernização na eternidade –, e o *deslocamento*, a resistência em via do realojamento na “criação de um mundo-outro”: “interiores, “artefatos puros”, quadros históricos: assim se reage à difusão de novos aparelhos, ao império da publicidade, do instante e da velocidade e a padrões, ritmo e formas industriais de produção.” (1987, p. 118). Gustavo Teixeira se move, sobretudo, através do segundo e do terceiro procedimento exposto.

A propósito do que Flora chama de “deslocamento”, esse é um procedimento que se desenvolve como texto descritivo, e é típico do parnasiano, que “tem clara noção do limite, da realidade visível” (RAMOS, 1965, p. 28).

Ementário está repleto de quadros inteiramente descritivos, agrupados especialmente na seção “Aquarelas”, cujo nome já lhe serve de indicativo. A forma fixa privilegiada é o soneto, alexandrino ou decassílabo heroico. A concisão da forma contribui para a sensação de estar-se diante de um quadro ao qual adjetivos e adjuntos se oferecem como cores. Mas são os verbos na terceira pessoa do singular do presente do indicativo os responsáveis por consolidar o momento em

imagem. São exemplos: “O aranhol”, “A concha”, “As estátuas”, “A águia”, “Veneza”, “Marinha”, “Cleópatra”, “Célia”, “Galateia” e os quatro sonetos de “Os triunfadores”. “Manhã na roça” e “Tuiuti” também são quadros estáticos, entretanto, encaixam-se na temática da “proliferação de interiores”, comum dos escritores interioranos, explorada, em *Ementário*, em outros poemas de tom mais subjetivo, descritivos porém abertos à voz do eu-lírico, como “Casa paterna”, “De volta”, “Na roça” e “Visão Noturna”.

A ampliação do uso de formas fixas, outro traço parnasiano, também pode ser notada no livro, que traz, além do soneto, o poema longo, como “A morte de Petrônio”, “O meu ideal” e “À hora da partida”, o pantum, como “Frínia”, e a baladilha.

Quanto à “estilização”, procedimento, muito mais linguístico que os outros, que os escritores teriam adotado com a pretensão de evidenciar, na linguagem, a resistência à instantaneidade, à facilidade e à rapidez proporcionadas pelas inovações tecnológicas, ela apresenta os elementos mais passíveis de discussão no que tange às características de uma poética neoparnasiana. Süsserkind refere-se, particularmente, ao preciosismo vocabular dos escritores, todavia, sob o nome “estilização” pode-se agrupar ainda outros “efeitos ornamentais gerais”, que, como disse Maurício Silva (2013), completam a ideia de formalismo, como o uso de figuras de linguagem específicas como a prosopopeia e a aliteração.

3.2.1. Prosopopeia e metáfora

Por meio da prosopopeia verifica-se que a presença do naturalismo, não necessariamente pagão - diferente da observação de Mortelette⁷³ -, mas, sim, aquele que ressalta, no ser humano, os traços da sua natureza animal, é constante em *Ementário*: em “Frínia”, cravos sentem ciúmes e flores suspiram; em “Milagre”, o mar brame e possui “sérreos dentes”, e o vento emudece; em “Só”, a noite caminha; em “Horas de sono”, o sol empalidece; em “A saudade”, os astros choram, as flores têm coração, o passarinho balbucia e as estrelas têm o olhar baixo; em “Leda”, o inverno chora e uma rajada de vento “escancara” a

⁷³ O autor faz menção ao helenismo naturalista, que seria inimigo do cristianismo e, na École païenne, teria se reconciliado com o helenismo idealista “en expliquant qui l'idéalisation du beau justifie son autonomie à l'égard de la morale” (MORTELETTE, 2005, p. 146).

goela; em “Marinha”, galeões são arrogantes; em “A tempestade”, flores se ajoelham para rezar e a floresta tem convulsões. Não faltam exemplos.

Em “A agonia da árvore”, a prosopopeia assemelha o ciclo de vida da árvore ao ciclo da vida humana. Por ela é possível entender o poema como uma grande metáfora, e retomar, mais uma vez, os temas da velhice, da efemeridade e da prevalência das leis naturais (como no soneto “A águia”, em que o animal é rei, tem a Terra como trono, e dorme “acima do homem vil, que anda a gemer de rastros”):

Vai-se uma folha e exalas um lamento...
Estranhas cousas no sussurro dizes!
Desde que começou teu sofrimento
Fogem de ti os pássaros felizes!

Tu que lutavas com o tufão violento
Empedrada nas sólidas raízes,
Agora pendes, quase morta, ao vento,
Toda cheia de roxas cicatrizes...

Não te lastimes, árvore sem flores,
Erguendo ao céu, em vez da fronde linda
Os braços nos extremos estertores!

Já não tens sombra para os namorados,
Mas os teus galhos servirão ainda
Para aquecer no inverno os desgraçados!
(TEIXEIRA, 1908, p. 105)

Luís Augusto Fischer, na análise que fez de poemas de Alberto de Oliveira para *Parnasianismo brasileiro*: entre ressonância e dissonância, interpretou o procedimento descritivo da poética desse autor como um refreamento da tendência simbolista. Para ele, o recuo parnasiano coloca o relato à frente da experimentação, por isso a natureza não é fonte de mistério, mas “irmã solidária à dor do poeta” (2003, p. 208), como em “A agonia da árvore”, de Gustavo Teixeira.

A prosopopeia, no entanto, causa uma perturbação nas imagens delineadas pelas passagens descritivas. Permanente em todo o livro, ela é um dos primeiros indícios de descumprimento de alguns dos “imperativos” parnasianos, como a precisão vocabular, a economia da composição e a sobriedade das imagens (RAMOS, 1967, p. 20).

No trecho a seguir, de “A Saudade”, cecéns recebem explicitamente o predicado de “humanas”, e atributos humanos aparecem soltos, sem um corpo que os contenha:

“Quando, na solidão, cheio de desconforto,
 “Evocas as visões de um grande sonho morto,
 “Eu faço desfilar pela tua alma em fora
 “As humanas cecéns de voz de mel, sonora,
 “Formas de jaspe, olhar de seda, boca breve,
 “Dos seios a pompear o lindo par de neve!
 “Branco lírios do céu! Crianças adoráveis!
 “Auroras virginais de dias inefáveis!
 (TEIXEIRA, 1908, p. 48)

É possível encontrar o oposto também: figuras como a metáfora e a comparação cotejando o humano com a natureza. Em “Só”, a pressão sanguínea é metafórica como a agitação da maré: “com brados de alegria abafando o marulho/ dos vagalhões atropelados do meu sangue!” (TEIXEIRA, 1908, p. 43), e em “O meu ideal”, os cabelos da mulher idealizada são comparados à neblina e aos ramos de um salgueiro. Essas figuras são, porém, menos abundantes.

Ressalta-se que esse naturalismo, que se manifesta pela prosopopeia e pela metáfora, não é aquele que expõe a carne, mas o que confunde animado e inanimado, homem e natureza. De dentro do determinismo natural, portanto, surge a sua própria contradição, a indefinição entre realidade e sonho, corpo e espírito. Formalmente, essa contradição é representada pela sobreposição dos neologismos, da aliteração e da reiteração - preferências simbolistas - às palavras de uso raro e às rimas ricas - preferências parnasianas.

3.2.2. Linguagem

O levantamento dos preciosismos vocabulares⁷⁴ de *Ementário* revelou que a maioria está concentrada na classe dos adjetivos, sendo boa parte composta de latinismos:

⁷⁴ Por “preciosismo vocabular” entendo o uso de palavras empregadas com baixa frequência (na fala e na escrita), e/ou cuja origem seja erudita, científica, ou estrangeira.

Em -nte, como: albente, alfinetante, algente, anelante, doudejante, ebriante, estrepidante, gemente, loirejante, olente, opalescente, orquestrante, ridente, tremente;

Em -al, como: açucenal, ascensional, astral, auroral, brumal, feral, lirial, neblinal, noturnal, purpural;

Em -eo, como: apolíneo, brúmeo, ebúrnea, equóreo, espúmea, flâmea, flórea, fulmínea, gigânteo, gorgôneo, lácteo, plúmbea, plúmea, sáxea.

O conjunto de advérbios, entretanto, também é numeroso, chegando a ter ocorrência dupla em um mesmo verso, como “Gracilmente lirial, e lirialmente bela!”, em “Dous amores”. São exemplos: incensalmente, veludosamente, crebramente, serpentinamente, longinquamente, arcangelicamente e estridulosamente.

Muitas das palavras utilizadas não são dicionarizadas, são neologismos ou estão em formas menos usuais, como “espelhento”, “arcoirizado”, “flamicrinito”, “célico”, “rábido” e “rubim” (fazendo a flexão do plural: “rubins”). Entre os verbos, destacam-se: cascavelar, pinturizar, pirilampejar e tintinambular.

Termos bíblicos e litúrgicos, comuns nos poemas simbolistas, também aparecem, como “coroa” [de espinhos], “hóstia”, “dalmática” e “escrínio santo”, e termos fúnebres e/ou repulsivos, que, apesar de terem as ocorrências concentradas em determinados poemas, contrastam com as raridades do vocabulário parnasiano:

“treva”, “escuridão”, “carnes”, “horror”, “congela”, “encarcera”, “acorrenta”, “jazer”, “sepultar”, “esquife”, “mortalha”, “caixão”, “túmulo”, “cafurna”, “inferno trágico da Vida”, “lúcida quimera”, “sinistra noite fuzilante”, “véus mortuários”, “soluços funerários”, “vozes funerais” “prantos doridos”, “melancólicos gemidos”, “ai de sangue”, “sorte hedionda”, “exílio feral”, “gelada necrópole do Olvido”, “sonho morto”, “padecer eterno”, “migração da treva”, “funerário lume”, “fúnebre queixume”, “hora de pavor dúvidas sombrias, de pactos infernais, assombros e magias”, “abutre sanguinário” “lusbélico sabbat”, “dantesco pandemônio”, “Morte às gargalhadas”, “vômitos de chama”, “pântanos do Vício”, “grasnar famélico dos corvos”, “horror das cóleras humanas”, “bebendo sangue e produzindo febres”, “rastros nauseabundo”, “legiões de vermes”, “convulsões de morte”, “fêlico amargume”, “ensanguentando as rosas”, “pensamentos sinistros”, “corvos agourentos”, “bramindo como doze satanases”.

Já o repertório de tipos e referências a pedras e metais e a flores (como substantivos e formas derivadas) é próprio do autor:

Pedras: opala, rubi, esmeralda, turquesa, pérola, diamante, jaspe, sinopla, cristal, jade, gema, prata, marfim. Por associação: precioso, pedraria, argênteo, pingente, joia, colar, anel, diadema, estema, coruscante, brilhante, púrpura e expressões, como: “pulverizações de estrelas trituradas”.

Flores: lírio, rosa, verbena, jasmim, camélia, dália, papoula, margarida, violeta, cravo, açucena, caçoula, cecém. Por associação: botão, jardim.

3.2.3. Reiteraões

Uma das três características, mencionadas por Péricles Eugênio da Silva Ramos (1965), que dão “dicção própria” ao simbolismo, é a reiteração.

No nível fônico, a reiteração pode ser vocálica ou consonantal, mais conhecida como assonância e aliteração, respectivamente. No nível sintático ou estrutural, pode acontecer entre palavras de versos diferentes – anáfora – ou entre palavras do mesmo verso – epanalepse.

Ainda de acordo com Ramos (1965), a aliteração não é exclusividade dos simbolistas, pois os parnasianos também aliteram. A diferença está na sua sistematicidade, que enquanto é presente nos simbolistas, é ausente nos parnasianos. Embora a rima, elemento basilar da poética parnasiana, tanto final quanto intraversal, seja uma espécie de reiteração, ela funciona mais pela colaboração com a riqueza vocabular e sonora do que pela contribuição melódica ao verso. Na análise de *Ementário*, foi surpreendente, portanto, detectar a sistematicidade da aliteração e da epanalepse, e ocorrências ocasionais de rimas intraversais fornecendo apoio melódico ao verso, como comprovarão os exemplos a seguir.

A sistematicidade da reiteração fônica em *Ementário* só foi possível de ser considerada com base no capítulo de Rogério Chociay sobre “O andamento fônico e seus processos”, em *Teoria do verso* (1974). Nele, o autor estuda outras formas de aproveitamento da matéria fônica, algumas, muito menos evidentes que a reiteração múltipla de consoantes em palavras próximas, conhecida como aliteração, e, assim,

expande o índice de efeitos sonoros que podem compor a harmonia de um verso.

Entre as ocorrências de aliteração - entendida como a reiteração múltipla de consoantes em palavras próximas – encontradas, foram selecionadas as seguintes:

Em “A morte de Petrônio:

“E, entre sons de cristais e cintilantes graças”
 s s s s s s
 “Que afronta sem temor do Tártaro o castigo,”
 t t t t t

No mesmo poema, também em versos consecutivos:

“Depois de palestrar alegre e indiferente,
 p p
 Petrônio ordena (porque o vai prostrando o sono)”
 p p p
 “Se volta para os seus convivivas eneleyando
 v v v v
 Pela vez derradeira a voz num vaticício.”
 v v v

Em “O meu ideal”:

“Um turbilhão de túnicas estranhas,”
 t t t
 “Como uma chusma de almas de crianças”
 m m m m

Em “Reminiscências”:

“A lua lampejando em lágrimas acesa,”
 l l l

Em “Dous amores”:

“Todo um templo ostentando as graças coloridas,”
 t t t t

Em “A um conquistador”:

“As patas atolando em poças purpurinas;”
 p p p p

“A pólvora explodindo espalha nuvens pretas.”
 p p p p

Em “Aurora”:

“Sob um arco triunfal de flavescentes flores,”
 f.l fl fl

Em “Jesus”:

“Tripudiava em teu pranto, gargalhando!”
 tr t r .. t

Em “Leda” acontece a reiteração de duas consoantes no mesmo verso (a segunda, combinada com uma reiteração vocálica):

“E a faz – pomba veloz que entre as estrelas erra”
 z z e tr(e) e tr(e) e

Em “A tempestade”, reiteram consoantes e vogais:

“Num macabro clamor de monstros enjaulados”
 m c r c m r m r

 a a o a o o o

Assim como em “Veneza”:

“O Adriático ondula e a vaga espuma... Ufana.”
 n m n

Entre consoantes e vogais:

“Irreprimíveis risos humilhantes!”

i i i i i i

r m r m

Entre consoantes e vogais e com processos simultâneos, como o contraste entre p/b:

“Que cobriste de opróbio e vilipêndio”

b p b p

o r i o r i

io io

“Tremem todos! A carta infunde horror funéreo!”

t t

fun e fun e

No verso abaixo, a ocorrência de um quiasma:

“Jorra o espumante Cós, que os ânimos domina,”

a n i m o o m i n a

Outras ocorrências de reiterações simples:

Em “O meu ideal”,

“No vale os melros – menestréis audazes,”

m e r s m e r s

“Osculam-na as falenas furta-cores,”

f f

Em “Reminiscências”:

“As mágoas que no adeus sacode ao longe um lenço...”

l n l n
 — —
 o e e o

Em “A Saudade”:

“Donde deriva o pranto opálico das fontes,”

o p a o opa o

“E em que a mágoa abemola o canto dos pastores”

a ao a o a

—
 m m

Em “Tuiuti”:

“Rompe a batalha. Estrídulas trombetas,”

tr tr

“Troa a metralha em bélicos furores,”

tr tr

Em “A tempestade”:

“- São maltas de satãs malhando condenados...”

mal mal

“Relâmpagos febris de flâmea cauda, ariscos,”

f f

Em “Veneza”:

“Dos tempos medievais, suntuosa e soberana.”

s s

“Nas praças e canais a vida veneziana”

v v

De diminuição:

“Do ventre mastodôntico dos montes,”
 m ont mont

“Que passam pelas almas dos amantes”
 a.ma ama

Em “Leda”:

De um sítio, de uma flor, de uma sutil fragrância,”
 s de uma de uma s

De amplificação:

“À Glória de uma alcova de noivado!”
 ova o va

Em “A tempestade”:

“Conglomeradas no alto, a combinar o instante”
 com n com n

Com processos simultâneos:

Em “Frínia”:

“Patativas entoam cavatinas.”
 p t t v t v t

 a a i a a a i a

“Pega em dous leques, doudejante e lesta,”
 dou le dou le

Distantes e entre versos diferentes, em “Só”:

“Às vezes, como um ai de sangue, de repente
 ve
 Surge, entre nuvens, a verônica da lua,
 ve ve

rosa

Radiosamente loira e alabastrina!”
r osa

Em “Galatéia”:

“Dei à estátua com o sangue a vida sempiterna,
s mp t rrn
e i e a
E serpentinamente a cingem, flanco a flanco,”
s rp nt n
e e i a

Em “Reminiscências”, reiteraões dúplices entre versos, a primeira contrastiva e a segunda de ampliação:

“Luzia como o pranto em pálpebras humanas,
pra p p bra
Os cravos, espalmando as pétalas serenas,
pal p...al
Tinham a cor triunfal das púrpuras romanas.”
p p

“À brisa mais sutil que um sopro de criança,
til
Espetada no hastil, sangrando, parecia”
til

Em “A Saudade”:

“De espúmeos brocateis, de arcoirizadas lhamas,
es u br eis e o adas amas
De escumilhas brumais e vaporosas tramas,”
es u br ais e o osas amas

Em “Leda”:

“Espírito querido, espírito perfeito,”

“Aos poucos se transmuda, aos poucos se transforma”

“E duas mãos de jaspe, e duas mãos pequenas;”

“Subir! subir! subir! A cúpula celeste”

“Pelos jardins bebendo aromas *de urna em urna*,”

“De espaço a espaço, a lua assoma entre o negrume”

“Viajar da aurora à noite, errar *de monte em monte*,”

“E, jubiloso, bebo, *de hausto em hausto*,”

“E componho a cantar, *de rima em rima*,
Poemas e poemas de encantar sereias!”

“*De surto em surto*, em pares doudejantes,”

“*Basta* de horrores, *basta*, abutre sanguinário!”

“*É cada vez mais fero*, *é cada vez mais forte*”

“*Sem* ti, *sem* teu amor, *sem* teu olhar, sozinho
Sem teu calor, *sem* teu perfume, *sem* teus beijos!”

“*Talvez* chorasse ouvindo a minha voz chorosa!
Talvez se enternecesse ouvindo as minhas penas!”

As observações sobre o vocabulário de *Ementário*, como comprovam os textos compõem a “Fortuna crítica”, em anexo, não são novidade. Basta que se recorde a já citada crônica de Joe (“João do Rio”), impaciente com a “bizarria inédita das expressões” da maioria dos poemas de *Ementário*, tão inadequadas quanto “irradiação de rimas” e o “deboche de vinhos raros” romanos. Também publicada no ano de lançamento do livro, a resenha de Rufiro Tavares é ainda mais pontual.

Para Tavares, o amor e a natureza são temas tão dominantes no livro, que poemas como “Alexandre”, “Aníbal”, “César” e “Bonaparte” destoam do conjunto. Segundo ele, não existe a necessidade de se “cantar assuntos históricos ou heroicos” quando “a índole do poeta se espelha em estrofes rendilhadas, trescalando a essências esquisitas, de uma suavidade cariciosa”. Porém, da mesma forma que atribui à poesia de Gustavo Teixeira uma “índole” de mistério e abstração, alheia ao Parnasianismo, desaprova

o uso e abuso de certas expressões que se não justificam como *félico*, *flocosos* etc.; e ainda o emprego desnecessário de verbos que não existem como *cascavelar*, *cobrejar*, *ensandalar* e outros. De imaginação fertilíssima, não necessitava o autor usar semelhantes expressões, influenciando-se talvez pela leitura de poetas portugueses, entre os quais, Antonio Nobre e Eugênio de Castro. (TAVARES, 1908, p. 1)

Como se vê, a crítica aos arcaísmos e neologismos tem como fundo a influência, mal vista, de simbolistas, como Antonio Nobre e Eugênio de Castro. A hipótese da leitura dos dois poetas portugueses, por sua vez, é fornecida pelo próprio autor, que selecionou versos de Antonio Nobre e Eugênio de Castro para servirem de epígrafe aos poemas “O meu ideal” e “A Saudade”. Comprova-a a relação de livros da Biblioteca Particular de Gustavo Teixeira, em anexo⁷⁵, a tonalidade fúnebre e noturna de alguns poemas, o apelo musical das reiterações fônicas e as maiúsculas nas iniciais de substantivos, como em “A Saudade” e “À Dor”:

Ó Dor, ó velha imperatriz do mundo,
Que a gente arrasta como brônzea carga,
Maldita sejas! Teu olhar profundo
É o pesadelo desta vida amarga!

Foge de mim, fantasma tremebundo!
Arranca-me este espículo da ilharga!
O rosto em vão de lágrimas inundo:
A tua mão de espinhos não me larga!

⁷⁵ Ver ANEXO K.

Por castelos, choupanas e casebres,
 Bebendo sangue e produzindo febres,
 Passas deixando o rastro nauseabundo.

Os corações te amaldiçoam... Quando
 Há de ter fim o teu reinado infando,
 Ó Dor, ó velha imperatriz do mundo?
 (TEIXEIRA, 1908, p. 96)

Em *Ementário*, portanto, a impossibilidade de a forma reabilitar o corpo físico tem origem nas preocupações moral (caso, por exemplo, dos poemas “A um conquistador” e “A um avaro”) e religiosa, que são revestidas de referências a mundo simbólico, espiritual, traduzido pela vagueza dos elementos descritos nas cenas e pelas sugestões sensoriais:

Da boca juvenil das nacaradas rosas
 Subia incensalmente um hálito de olores,
 Uma fluida espiral de essências vaporosas.
 (TEIXEIRA, 1908, p. 39)

A minh'alma suspira, a minh'alma estremece
 Procurando abraçar figuras vaporosas
 (TEIXEIRA, 1908, p. 45)

Vestiste de ouropéis, de púrpura e brocados,
 De espúmeos brocatéis, de arcoirizadas lhamas,
 De escumilhas brumais e vaporosas tramas,
 (TEIXEIRA, 1908, p. 48)

[...]
 Formas de jaspe, olhar de seda, boca breve,
 (TEIXEIRA, 1908, p. 48)

Muito acima pairar dos pântanos do Vício,
 Dos horizontes sempre achando as portas francas,
 E sonhar no cairel de um cavo precipício
 Nos macios frouxeis das fofas nuvens brancas;
 (TEIXEIRA, 1908, p. 93)

Todas essas, técnicas de composição já presentes ou embrionárias em poemas publicados em jornais e revistas, antes de

1908, inéditos em livro, que podem ser conferidos em anexo⁷⁶, como “O Dinheiro” (1904), “A um devoto” (1907):

O DINHEIRO

Arrastando cidades e cidades,
- Templos, torrões e coruchéus quebrando
O excelso Rei de todas as idades
Domina como um Átila execrando.

Partindo cetros e ídolos, comprando
Corações de cristal, de claridades,
O oiro prolonga o seu reinado infando
Erguendo monumentos às vaidades...

Malditos sejam os vassalos do Oiro,
Que entrincheirados na arca do Tesouro
Insultam a Miséria que planteia!

Maldito seja o déspota – Dinheiro,
Que, há dous mil anos quase, na Judéia
Pregou Jesus no trágico madeiro!

A UM DEVOTO

Bate à porta de um rico obeso frade
Um óbolo pedindo para a igreja!
O devoto com risos de bondade,
Toda uma bolsa em suas mãos despeja.

Chega após uma trôpega velhinha,
Em cujos olhos a aflição se nota,
E de joelhos implora uma esmolinha
Para matar a fome...

O rico a enxota!

e “Ao adormecer”, poema de 1900, claramente inspirado em “De volta do baile”, de Olavo Bilac (pois, além de aproveitar o tema da cena da mulher se despindo, utiliza a mesma rima, entre “ventarola” e “evola”), que embora seja um dos exemplos raros de erotismo “explícito” (atente-

⁷⁶ Ver ANEXO L.

se para as reticências), característico do “alto” Parnasianismo, na obra de Gustavo Teixeira, está repleto de aliterações (na primeira estrofe, em *v* e *f*, na segunda, em *c*, e na última, em *s*):

AO ADORMECER

Entra na alcova. Move a ventarola
E lembranças fatais da fronte afasta;
Desata a cabeleira flava e basta
D’onde um perfume cálido se evola.

Depois – irmã das flores – a corola
Beija de uma camélia nívea e casta...
Despe-se toda. O seu alvor contrasta
Co’o véu negro que a noite desenrola...

Mira-se um grande espelho; e então, sorrindo,
Lê uma carta, núncia de ventura,
Muitas vezes um nome repetindo.

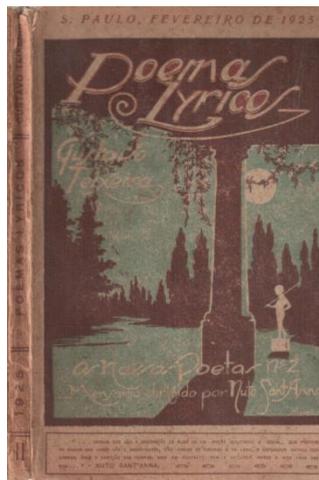
Depois acede às seduções do leito...
Sonha... e em seus lábios cheios de frescura
Surge o lótus de um riso satisfeito.

***POEMAS LÍRICOS* (1925)**

Poemas Líricos, segundo livro de Gustavo Teixeira, foi publicado dezessete anos depois de *Ementário*, em 1925. É composto por 51 poemas distribuídos em três seções: “Auréolas” (24 poemas), “Lira azul” (17 poemas) e “Catassol” (10 poemas).

Apesar de ter formato semelhante ao de um livro, trata-se, como já dito no primeiro capítulo, do segundo volume de uma revista mensal, intitulada “Os nossos poetas”. Dirigida por Nuto de Sant’Anna [Benevenuto Silvério de Arruda Sant’Anna], a revista tinha como objetivo “tornar acessíveis ao público certos trabalhos que não foram reunidos em livro ou cujas edições estão esgotadas”, enfeixando “as produções dos principais vates brasileiros” (1925, p. 3). O primeiro volume, de fevereiro de 1925, foi de autoria do próprio Nuto de Sant’Anna: *Morte, morte de amor*. No entanto, a publicação teve vida breve, encerrando-se em abril de 1925, no terceiro volume, de Alfredo de Assis, *Chama extinta*.

Figura 1 – Capa de *Poemas Líricos*



Fonte: Edição física digitalizada.

Diferente de *Ementário*, *Poemas líricos* não possui prefácio. A introdução do livro anuncia os títulos já publicados, exhibe um resumo

curto da biografia de Gustavo Teixeira, seguido de uma lista de “Obras do mesmo autor” e, por fim, reproduz uma seleção de trechos de “juízos” sobre... *Ementário*. Nomes como o de Silvío Romero, Vicente de Carvalho, Osório Duque-Estrada, Luiz Guimarães Filho e Campos Sales são invocados na função de prefácio para assegurar a recepção do novo livro, depois de “longa hibernação no silêncio” (como dissera Menotti del Picchia). Mas, mais do que nomes, o *passado* é invocado para justificar a publicação de *Poemas líricos*. A referência ao primeiro livro surge como se somente o passado pudesse autorizar a sua publicação ou torná-lo interessante aos olhos do leitor de 1925. Esses são detalhes que, como o prefácio de *Ementário*, precipitam condições interpretativas sobre o livro.

O objeto de investigação deste capítulo, por conseguinte, é os poemas de *Poemas líricos* e as condições de interpretação que eles oferecem ao leitor-pesquisador atual sobre a poesia de Gustavo Teixeira.

4.1. DO ESPÍRITO À PRISÃO FÍSICA: ESCRITA, ESPERA, PRESSÁGIO E MORTE

A face objetiva do Parnasianismo e do Neoparnasianismo possui uma expressão própria inconfundível: a reflexão poética. Péricles Eugênio da Silva Ramos a toma como o “derivado de L’Art, de Gautier”, em que o poeta é comparado ao escultor. Segundo ele, “daí alastrar-se por todo o nosso Parnasianismo por um lado a equiparação do poeta ao escultor, ao pintor, ao ourives, por outro a descrição das estátuas femininas” (RAMOS, 1967, p. 31). Nada poderia ser mais representativo das intenções de vincular *Poemas líricos* a esse plano, portanto, do que a escolha de “Canto Real da Glória” como poema de abertura do livro.

Forma fixa suntuosa, o canto real tem origem francesa, entre os séculos XII e XV. Desapareceu no fim do século XVII (de acordo com a *Encyclopaedia Britannica*, La Fontaine teria sido um dos últimos poetas a utilizá-la), e ressurgiu no século XIX. A forma consiste em cinco estrofes de oito a dezesseis versos (de dez a doze sílabas) - todas mantendo o mesmo padrão de rimas -, e um *envoi*. Originalmente, o canto real apresentava temas heroicos ou religiosos.

O tema de “Canto real da Glória” é heroico, mas canta os feitos guerreiros de outro tipo herói: o escritor, o músico, o pintor, o escultor e o ourives. Cada uma dessas atividades, representada por um grande

nome do ofício: Homero (séc. IX-VIII A.C.), poeta épico; Niccolo Paganini (1782-1840), compositor e violinista; Raffaello Sanzio (1483-1520), pintor; Fídias (séc. V A.C.), escultor grego e Benvenuto Cellini (1500-1571), escultor e ourives. Apesar de serem referências restritas à Grécia e a Itália, não são restritas a um só tempo, o que significa que o passado deve importar como um todo – por isso o refrão que as unifica, em um mesmo objetivo: “Para alcançar o beijo olímpico da Glória!”. De cada uma das atividades mencionadas também é ressaltada uma parte diferente do processo de composição do objeto artístico. Da ourivesaria, de Cellini, ganham relevo, com os verbos, as ações sobre o material: “fura”, “crava”, “desengasta”, “abre um sulco”, possíveis pelo instrumento de trabalho: “maneja o buril de ponta adamantina”. Da escultura, de Fídias, destaca-se o momento de contemplação do material bruto, pelo artista, antes que ele seja alterado: “Fídias contempla o alvor do Paros um momento, / E rasga-o [...]”. Da pintura, de Sânzio, sobressai a disposição imaginativa do artista: “Sânzio, mudo, a cismar, num embevecimento, / Deixa o espírito alar-se a mundos encantados;”, e a sua habilidade para transformá-la em arte: “E, no enlevo feliz, traça, com mão segura, / Tênuas linhas de luz, e em breve, na brancura / [...] / Da tela, resplandece, assim como a imagina”. Da música, de Paganini, é a capacidade de reagir à arte e o estado emocional, não se sabe se do músico ou do ouvinte, que são destacados:

Dir-se-ia que o violino uma oração murmura
 Para depois clamar! A humana desventura
 Acorda, soluçando em trêmula surdina,
 E logo sangra numa angústia repentina,
 Que esmaece e desmaia em queixa merencória...
 É uma alma que se entrega à febre que a domina
 Para alcançar o beijo olímpico da Glória!
 (TEIXEIRA, 1908, p. 12)

Finalmente, da escrita, de Homero, é sublinhada a combinação de “cores, luz e sons”: “E cores, luz e sons o semideus combina/ Para alcançar o beijo olímpico da Glória!”. A “percepção da obra como realização puramente literária”, ou a preponderância do valor estético acima de qualquer outro, mantém o objetivo anunciado pelo refrão, mas os ingredientes da “combinação” poética ultrapassam a dupla “forma e conteúdo”. À consciência poética parnasiana, ocupada com a fruição do Belo, junta-se, portanto, o interesse pela sensação: “dentro *da sombra macia*/ Sonhando, a flor estremece” (“Ângelus”); “[...] começam a

mesclar/ de branco e rosicler o glauco das *campinas*/ que rolam *docemente* [...]” (“Balada das rosas”); “fulge outra gema em brilho irmã:/ a *doce luz* do teu sorriso” (“Balada cor de rosa”); “No silêncio da noite *arde o meu pranto*” (“Rondó”), “*Ardo* de sede! Abrasa-me um vulcão!” (“Balada da agonia”); “Surges com o halo do Empíreo/ envolta no véu de neve/ que *ondula*, sutil e leve,/ como o *perfume de um lírio*...” ; “*Baixaste* do azul profundo” (“Visita noturna”); “A *imagem* dela – *sombra fugidia*/ [...] se desvanece em *espirais de olores*...” (“Céu deserto”); “Um sino plange, plange... Desce/ por estas *horas enevoadas*” (“Balada das folhas mortas”), “Aquele *ardente música* de pranto” (“Ao vir da noite”).

“A feia” é outro poema expressivo do ideário parnasiano, no qual se pode notar alguma interferência de outra ordem. O título parece anunciar uma composição maliciosa, que arremata o tema com o escárnio presunçoso dos parnasianos. O escárnio, porém, fica na promessa. A feiura de uma jovem é um tema que exige seriedade. Ser feia é não só ser impedida de usufruir da beleza, da aparência, do corpo, como é também ser impedida de usufruir do Belo:

Jamais se lhe abrirão as portas d’oiro
Do Paraíso – aspiração infinda
Dos que na terra buscam o tesouro
Do qual o beijo é a pérola mais linda!
(TEIXEIRA, 1908, p. 31)

E o poema ainda reconhece, na feiura, os vícios e as desgraças do mundo:

Ser feia é a morte! É inferno que resume
Tudo o que neste mundo mais crucia:
A sede, a fome, o desespero, o ciúme,
A ânsia de Hero, de Agar e de Maria!
(TEIXEIRA, 1908, p. 30)

A “moral” está em que, mesmo a feia, tendo a sorte injusta e vivendo na “condição de lesma”, recebeu, como que “por esmola”, um “torrencial cabelo de princesa”. Têm os condenados, também, o seu lugar. Assim tê-lo-iam os vícios, muitas vezes, num vulto, parecendo dourados, “mendigos envoltos em manto d’oiro”?

Ontem a vi. Errava numa aleia
De rosas brancas: e o seu vulto loiro,

Sob o cabelo solto, dava ideia
De uma mendiga envolta em manto d'oiro...
(TEIXEIRA, 1908, p. 33)

No capítulo anterior, procurou-se sustentar como o apego parnasiano pela forma é análogo, tematicamente, ao apelo à descrição, ao físico e ao corpo. Viu-se que, em *Ementário*, essa parte física é escamoteada por vestígios de uma preocupação moral e religiosa (o que muitas vezes resultou, por exemplo, numa visão ambígua sobre a mulher), restando apenas, sobre o mundo, a lembrança de suas antigas feições (representada pela Antiguidade Clássica) ou a experiência espiritual, e sobre o corpo, o desconhecimento, a idealização, a distância ou a morte.

Em *Poemas líricos*, as dualidades praticamente não existem mais. A mulher amada não é pagã e não é má. Ela é uma imagem, um perfume, ou uma lembrança, porém, de um corpo que existiu ou ainda existe. Quando fala dela, o eu-lírico recorre à memória física, à visão, e não à idealização:

Em frente à escola paro, às vezes, por acaso,
E, lançando um curioso olhar pela janela,
Descubro (pobre flor a fenecer num vaso!)
Um busto de menina excelsamente bela.
(TEIXEIRA, 1908, p. 19)

Mal eu te vi o grego aspeito
E a graça régia, Eros falaz
Cravou sorrindo no meu peito
Todas as setas do carcaz.
(TEIXEIRA, 1908, p. 27)

Que desespero insano me tortura!
Que pungente saudade me crucia!
Sem teus olhares – como a noite é escura!
Sem teus abraços – como a noite é fria!

[...]
Não sonha mais com os ecos dos teus passos
Esta alma que deixaste quase louca...
E tantas vezes te apertei nos braços!
E tantas vezes te beijei na boca!
(TEIXEIRA, 1908, p. 45-46)

Quando tu ontem, formosa,
 No meu rosal, cauta e esquiva,
 Corrias de rosa em rosa
 Colhendo as de cor mais viva,

Quase te prendi nos braços,
 De amor num extremo arroubo,
 Para cobrar em abraços,
 Todas as rosas do roubo...
 (TEIXEIRA, 1908, p. 73)

Nos teus olhares de doçura cheios
 Palpita a luz de um místico delubro,
 Mas sob a gaze que te esconde os seios
 Flameja um sol esplêndido de Outubro.

Teus seios... Diz o colibri mais lindo
 Que sente, ao vê-los, a emoção sincera
 Que agita as aves que vão florindo
 Os primeiros botões da primavera...
 (TEIXEIRA, 1908, p. 80)

Quando, louca de amor, inteiramente louca,
 Presa nos braços meus, me beijas fervorosa,
 Teu beijo virginal deixa na minha boca
 O aroma de uma rosa.
 (TEIXEIRA, 1908, p. 83)

As ocorrências da palavra “saudade”, conquanto apareçam, nesse livro, em mesmo número que em *Ementário*, estão menos associadas ao sentimento de perda do que ao sentimento de espera. É ele que provoca a “dilatação” do tempo, que, salvo algumas exceções (restritas aos poemas mais “didáticos”, em que os resquícios moralidade e religiosidade ficam aparentes, como “Vaidade”), vai rechaçar a transitoriedade e, simultaneamente, fazer projeções do futuro distante e instaurar uma atmosfera de constância, vagarosa, mórbida e noturna:

Todos os dias, mal desponta a aurora,
 Porque ela disse que há de vir, desperto,
 E olho o caminho que num rumo incerto
 Vai serpenteando pelo vale afora.

E espero. Ela há de vir. O dia ao certo
 Não sei: mas sei que, alegre como outrora,

Neste recanto, que Setembro enflora,
Hei de em seus braços ter o céu aberto!

Em honra da mais pura das violetas,
A primavera abre as mais lindas rosas
E pinta d'ouro e azul as borboletas.

Aves darão concertos cristalinos:
Tocarão sabiás flautas maviosas
E pintassilgos tocarão violinos...
(TEIXEIRA, 1908, p. 22)

Loiro Lírio celeste, que amo tanto,
Vê: não tenho repouso um só momento!
No silêncio da noite arde o meu pranto
Como as estrelas pelo firmamento.

Ouve a aragem noturna o meu lamento
Que reboa através deste recanto...
E não vens abrandar o meu tormento,
Loiro Lírio celeste que amo tanto!
(TEIXEIRA, 1908, p. 25)

[...]
Plumas e rendas sonharás
No seio meu, Ó flor vivaz!
Deus te abençoe os braços de hera
Que hão de prender-me em nó tenaz
Ao fim da minha primavera!

OFERTA

Lírio de amor! Teu beijo faz,
Na alma que em êxtase te espera,
Florir um ramo de lilás
Ao fim da minha primavera...
(TEIXEIRA, 1908, p. 28)

Quase noite e não vem! Que tarde longa e triste!
Desde que a aurora abriu o róseo cortinado
Espero ao longe ver surgir teu vulto amado
De azul como no dia infausto em que partiste.
(TEIXEIRA, 1908, p. 49)

O sentimento de espera incessante é vivenciado como um sofrimento. O eu-lírico (ou as outras personagens descritas nas cenas) vê-se preso ao tempo:

No exílio deste vale, onde me entumbo
Sob o velário das neblinas frias,
Meu coração é o pêndulo de chumbo
Que marca as horas destes longos dias.
(TEIXEIRA, 1908, p. 15)

Um véu de melancolia,
Tecido por anjos, desce...
Tange o sino: - Ave Maria!

Cheiram flores na agonia...
A tarde é morta. Anoi-tece...
Quando Vésper irradia
Tange o sino: - Ave Maria!⁷⁷
(TEIXEIRA, 1908, p. 17-18)

Na mão o livro aberto, a frente baixa
Exalando um discreto aroma de violeta.
E o dia que não passa! E o quadro que não muda!
Que sombria prisão para uma borboleta!

[...]
E a prisioneira sonha... Inveja a livre pomba
Que, abrindo como um leque as asas rendilhadas,
Se perde na amplitude e das distâncias zomba,
Na cristalinidade azul das alvoradas.
(TEIXEIRA, 1908, p. 19-20)

Só eu fiquei neste ermo céu fechado
Sofrendo o horror da Plaga Tenebrosa,
Onde já fora bem-aventurado!
(TEIXEIRA, 1908, p. 40)

Em vez do tépido conforto
De um seio e do calor materno,
Tens hoje, no silêncio do Horto,
As frias lágrimas do inverno!

⁷⁷ Releitura, possivelmente, do poema “Ave, Maria!”, de Fagundes Varela.

E para todo o sempre és morto!
(TEIXEIRA, 1908, p. 59)

Em “Visita noturna”, a ideia de circularidade ou o formato do círculo, além de referência ao tédio e à prisão, é referência ao inferno como descrito na *Divina comédia*, de Dante Alighieri (mencionado várias vezes em poemas tanto de *Ementário* como de *Poemas líricos*)

Eu tenho a visão radiante
De uma noite de noivado!
Do teu cabelo ondulado
Sobe um perfume ebriante!

Uma frase de carinho
Com que me encantas e enlevas,
Abre clareiras nas trevas
Do círculo em que caminho.
(TEIXEIRA, 1908, p. 38)

Outro exemplo surge com a comparação entre os dois livros. Enquanto as três aparições da palavra “tédio”, em *Ementário*, tinham como função negá-lo: “Deixei do Tédio o lôbrengo ataúde,/ E, jubiloso, bebo, de hausto em hausto,/ O odor das rosas. Volta-me a saúde” (“Manhã da roça”); “Dentro de um sonho o coração se aquieta,/ Sinto-me bem, sem tédio, sem fadiga,” (“Na várzea”); “Para livrar minh’alma na manopla/ Do Tédio, que a oprimia a todo o instante,/ Cortei, num brigue, mares de sinopla,” (“Em Istambul”), em *Poemas líricos* suas duas únicas ocorrências confirmam-no:

Morro de tédio, de pesar sucumbo!
O vento, que enche as solidões sombrias,
Vai propagando o fúnebre retumbo
Pelas furnas e alpestres serranias.
(TEIXEIRA, 1908, p. 15)

Não cessa de adejar sua alma de andorinha.
E ela presa! Que tédio horrível desde as onze!
E tão breve o recreio e o tempo não caminha!
Parece que Saturna anda com pés de bronze!...
(TEIXEIRA, 1908, p. 20)

O maior elemento figurativo desse tempo é o sino (ou o pêndulo):

garantir que, em vida, ela retorne como visitante (em sonho, lembrança, como perfume ou espírito), e que, na morte, os dois se reencontrem. Para isso aconteça, entretanto, tem que suportar um sofrimento infernal e enfrentar a morte pressagiada (figurada pela noite) e seus efeitos na sua parte viva, ou seja, no corpo físico:

AO PÉ DE UM TÚMULO

Descansa em paz, formosa criatura!
Deus te proteja, cândida andorinha!
Quando eu morrer, a tua sepultura
Será também a minha!

Hei de dormir um sono perfumado,
Aninhando a cabeça no teu peito,
Para que os vermes, vendo-te a meu lado,
Se afastem com respeito!
(TEIXEIRA, 1908, p. 82)

O AROMA DOS TEUS BEIJOS

Quando, louca de amor, inteiramente louca,
Preso nos braços meus, me beijas fervorosa,
Teu beijo virginal deixa na minha boca
O aroma de uma rosa.

Beija, quando eu morrer, meu corpo inerte e frio,
Mil vezes, para que meu féretro sem flores,
Em viagem para o horror do páramo sombrio
Jorre ânforas de olores!

E tanto há de cheirar meu corpo miserando
Onde não de os beijos teus florir como violetas,
Que, atraído, virá seguir o enterro o bando
Azul das borboletas...
(TEIXEIRA, 1908, p. 83-84)

A tonalidade que envolve boa parte dos poemas do livro é noturna e fúnebre (indicam-na os próprios títulos dos poemas, como “À sombra dos montes”, “Balada da agonia”, “Visita noturna”, “Céu deserto”, “Balada das folhas mortas”, “A horas mortas”, “A tortura da espera”, “Canção da noite sem aurora” e “Ao vir da noite” – todos estes da seção “Auréolas”), muito semelhante à de *Só*, de António Nobre, autor cuja

leitura parece ter afetado bastante *Poemas líricos*. Exemplo disso, além da tonalidade, é a inflexão levemente jocosa de poemas como “Ao pé de túmulo” (transcrito acima) e “A hora da morte”. Este último comparável, inclusive ritmicamente, ao “Balada do caixão”, de António Nobre:

A HORA DA MORTE

Num pesadelo

Em breve eu parto para outros mundos!
 Que desconforto! Que desconforto!
 Daqui a instantes (talvez segundos!)
 Estarei morto!

Meus olhos choram fios de sangue,
 Cavos gemidos truncam-me a voz...
 Abutres bicam meu corpo exangue
 Com fúria atroz!

Sussurram vozes... Escuto passos
 Lentos... É a morte que me procura
 Para levar-me nos hirtos braços
 À sepultura!

Macabramente batem martelos...
 Amplos sudários tremulam no ar...
 Surgem sinistros polichinelos
 A gargalhar!

Certo ao inferno sou condenado
 (Ai de minh'alma!) por ter, não poucas
 Vezes, de beijos ensanguentado
 Cheirosas bocas!

No quintalejo chorões farfalham,
 Descabelados, beijando o pó;
 Álamos fremem, cedros ramalham...
 Agouros só!

Daquela que a alma sem fé me engoiva
 Lembro-me e o pranto meu rosto orvalha!
 Ah! quem me dera seu véu de noiva
 Para mortalha!

Nenhum amigo (tantos eu tinha!)
 Me vale neste lance cruel!
 Hei de sozinho sorver a minha
 Taça de fel!

Visões me assaltam... Estranha gente
 Ri dos meus gestos desesperados...
 Ao longe, um sino, plangentemente,
 Dobra a finados...

Já que não posso fugir da Morte
 (Já vai gelando meu coração!)
 Quero que seja bem largo e forte
 O meu caixão!

Rondam fantasmas com ar funéreo...
 As trevas descem, a luz me foje...
 Sei que no fundo de um cemitério
 Vou dormir hoje!

Hão de deixar-me no Campo Santo,
 Num abandono desolador,
 Sem epitáfio, sem cruz, sem pranto,
 Sem uma flor!

Torvo coveiro me espera rindo,
 Cantarolando sombria trova.
 Já ouço os ecos da enxada abrindo
 A minha cova...

Soltam corujas pios insanos...
 Ninguém na terra chora por mim...
 Ah! como é triste na flor dos anos
 Morrer assim!
 (TEIXEIRA, 1908, p. 50-53)

4.2. TÉCNICA E POÉTICA

O conjunto de formas fixas de *Poemas líricos* é ainda mais variado que o de *Ementário*. Além do soneto, reaparece o pantum, como “Ao vir da noite”, e surgem o canto real, o rondó, a quadra, e as baladas

francesas com décimas⁷⁸, em versos decassílabos, como “Balada da agonia”, em versos alexandrinos, como a “Balada das rosas”, e em versos octossílabos, como a “Balada lírica” e a “Balada cor de rosa”.

As estrofes heterométricas também são um pouco mais exploradas. Em *Ementário* estavam presentes em três poemas, enquanto em *Poemas líricos* estão presentes em quatro: “Oceano da alma”, 12/ 8; “Ao pé de um túmulo”, 10/ 6, “O aroma dos teus beijos”, 12/ 6 e “A hora da morte”, em que o verso composto aparece pela primeira vez: $8 = (4 + 4) / 6$. Heptassílabos e octossílabos, que em *Ementário* apareceram apenas uma vez cada um, também aparecem mais vezes: o primeiro, nos dezessete poemas de “Lira azul” e em mais outros dois, e, o segundo, de acordo com Ramos, “um verso pouco usado pelos parnasianos” (1965, p. 26), em quatro poemas.

4.2.1. Prosopopeia

Em *Poemas líricos* as prosopopeias são menos escandalosas (nada como “[...] o fero mar bramia,/ dos escolhos mostrando os sérreos dentes” ou como “[...] a brusca rajada, escancarando a goela,/ pragueja fora como um Hércules possesso,”) e utilizadas de modo mais contido. São exemplos:

“rezando, a lua aparece”, “a flor estremece”, “a aragem, que dedilha eólio bandolim”, “do sonho o botão acorda, abre a corola,/ e uma lágrima ardente as pálpebras lhe escalda”, “a voz do vento é cheia de melancolia”, “a lua beija a noite morta”, “ao vir da noite, que se ajoelha e chora”, “plange a angústia de um violino”.

4.2.2. Linguagem

O levantamento dos preciosismos vocabulares do livro revelou que, assim como em *Ementário*, a maioria está concentrada na classe dos adjetivos, porém, a diferença entre as classes de palavras (no que se refere ao número de preciosismos por classe), é menor do que em *Ementário*. Os latinismos permanecem, porém, em comparação com *Ementário*, também em menor número:

⁷⁸ Estrofes com dez versos.

Em -nte, como: ebriante, estrepitante, fulgurante, odorante, soluçante, virente;

Em -al, como: astral, torrencial, triunfal;

Em -eo, como: áureo, brúmeo, cerúleo, etéreo, flóreo, funéreo, marmóreo, róseo;

Em -ino, como: adamantino, opalino.

O conjunto de advérbios continua numeroso. São exemplos: aladamente, excelsamente, longamente, macabramente, plangentemente, sideralmente.

Entre os verbos, destacam-se: branquejar, entumbar, oirejar, rumorejar, irisar, alancear, torcicolar, esfrolar e ulular.

Entre as palavras utilizadas que não são dicionarizadas, são neologismos ou estão em formas menos usuais, estão “arcoirizado”, “brancor”, “queimor”, “cristalinidade”, “irisamento”, e “rubim” (fazendo a flexão do plural: “rubins”).

Termos bíblicos e litúrgicos, comuns nos poemas simbolistas, continuam aparecendo, como “coroa de espinhos”, “pátena” e “pálio bento”.

As ocorrências de termos fúnebres e/ou repulsivos, entretanto, aparecem em grande número e menos concentradas:

“me entumbo”, “velário das neblinas frias”, “morro de tédio”, “de pesar sucumbo”, “solidões sombrios”, “propagando o fúnebre retumbo”, “inferno que resume”, “condição de lesma”, “Rua da Amargura”, “círculo de monstros infernais”, “aflições mortais”, “sangrou de compaixão”, “cheio de úlceras fatais”, “jardim de violetas funerais”, “orvalhadas de sangue”, “guiei na escuridão”, “atroz flagelação”, “alcova escura”, “clareiras nas trevas”, “ermo céu fechado”, “horror da Plaga Tenebrosa”, “um sino plange”, “folhas mortas”, “mundo atro”, “triste penumbra”, “fúnebre grinalda”, “choram as neblinas”, “fúnebre plange”, “sete círculos do inferno”, “desespero insano me tortura”, “saúde me crucia”, “a noite é escura”, “a noite é fria”, “sorte hedionda”, “fadário infando”, “acordar na treva em que pranteio”, “álgido retiro”, “a noite, gélida”, “com as próprias unhas dilacero o peito”, “plange um sino feral”, “a esperança é morta”, “corvo do presságio”, “sinistras asas”, “choram fios de sangue”, “cavos gemidos”, “abutres bicam meu corpo exangue com fúria atroz”, “morte que me procura”, “para levar-me [...] à sepultura”, “macabramente batem

martelos”, “sinistros polichinelo a gargalhar”, “ao inferno sou condenado”, “de beijos ensanguentado”, “agouros só”, “lance cruel”, “um sino [...] dobra a finados”, “gelando meu coração”, “que seja bem largo e forte o meu caixão”, “rondam fantasma com ar funéreo”, “as trevas descem”, “a luz me foge”, “no fundo de um cemitério vou dormir hoje”, “torvo epitáfio me espera rindo”, “cantarolando sombria trova”, “ouço os ecos da enxada abrindo a minha cova”, “soltam corujas pios insanos”, “cheia de melancolia”, “a noite morta”, “tu jazes frio”, “branqueja [...] o cemitério”, “feral jardim de cruzes pretas”, “céu funéreo”, “entre sombras erra”, “vai-te aquecer dentro da terra”, “lágrima de sangue”, “sonhos mortos e delírios”, “fatais e trágicos amores”, “roseiras más, que nunca deram rosas”, “terceto fúnebre de Dante”, “os vermes, vendo-te a meu lado”, “meu corpo inerte e frio”, “meu féretro sem flores”, “viagem para o horror do páramo sombrio”, “há de cheirar meu corpo miserando”.

O repertório de tipos e referências a pedras e metais e a flores (como substantivos e formas derivadas), próprio do autor, é ampliado:

Às pedras: opala, rubi, esmeralda, turquesa, pérola, diamante, jaspe, cristal, prata, jade, gema, acrescentam-se: safira, prásio, berilo, carvão, malaquite, ônix, sárdio. Por associação: precioso, pedraria, colar, diadema, púrpura, adamantino.

Às flores: lírio, rosa, jasmim, papoula, margarida, violeta, cravo, cecém, acrescentam-se: narciso, bonina. Por associação: botão, jardim, laranjeira, álamo, cedro, salgueiro, cipreste, capão, haste, tufo, floresta.

4.2.3. Reiteraões

A respeito da reiteração no nível fônico, que aparece no livro anterior em número significativo e com regularidade, em *Poemas líricos* é representada por ocorrências raras, em número insuficiente para que se possa afirmar a existência de uma sistematicidade, mesmo considerando as harmonizações fônicas mais sutis, como a reiteração dúplice.

Ocorrências de reiteração múltipla, consonântica e/ou vocálica, em palavras próximas:

Em “Balada das rosas”:

“Fazendo farfalhar as árvores frondosas”

fa fa fa a a a f a

Em “Rondó”:

“Loiro lírio celeste, que amo tanto!”

l l l

Em “Visita noturna”:

“Envolta no véu de neve”

e v ve eve

Em “Céu deserto”:

“Que junto dela já me viu de joelhos.”

j j j

Ocorrências de reiteração dúplice:

Em “Visita noturna”:

“Alada e loira, sorrindo,”

l a l a

Em “Balada das rosas”:

“Flora sorrindo põe o flórido colar”

flor flor

Em “Água que foge”:

“Ora a mole dos montes contornando.”

mo e mo e

Em “As horas mortas”:

“Que sorte hedionda, que fadário infando”

nda ndo

_____d
fad fa d

Entre versos (uma paronomásia):

“Rolo nos sete círculos do inferno
nf rn
_____i e
Desta infrene paixão de que sucumbo!”
nfr n
_____i e

Em “Canto real da Glória”, também entre versos:

“Entre o glauco esplendor dos prásios abrasados...
dor
Cellini, com ardor, faceta opalas, fura”
dor

Em “O bordado”:

“Das néveas trepadeiras trescalando,”
tre a tre a

Em “Canção da noite sem aurora”:

“De longe vem, fugaz e fino,”
f f

Em “A hora da morte”:

“Ao longe, um sino, plangentemente”
l nge l nge

As ocorrências de epanalepse, anáfora e polissíndeto, mais relacionadas ao nível estrutural (ou sintático) do que ao fônico, são, em *Poemas líricos*, mais relevantes que as reiterações fônicas. Isso, não somente porque estão em maior número, mas porque se somam à

preferência do autor, nesse livro, por formas fixas cujas regras de composição determinam refrão (repetição de um verso ou um conjunto de versos em intervalos regulares), enfatizando, assim, uma tendência à simplicidade e à musicalidade:

“*E o dia que não passa! E o quadro que não muda!*”

“*Chia aqui, chia ali, até que um dia enfim,*”

“Um sino *plange, plange...* Desce”

“*Que desespero insano me tortura!*
Que pungente saudade me crucia!
Sem teus olhares – como a noite é escura!
Sem teus abraços – como a noite é fria!”

“*E tantas vezes te apertei nos braços!*
E tantas vezes te beijei na boca!”

“*Em vez de um beijo, em vez da edênica ventura,*”

“Meu coração te espera há quase *um ano!* E *um ano!*”

“A noite é *fria*, muito *fria*,
 É *fria* e triste... a voz do vento”

“Tu jazes *frio, frio, frio...*”

“*Onde não se ouve um riso etéreo,*
Onde não brincam borboletas...”

“*Só flores, só, tiveste, pobre!*”

“*Que desconforto! Que desconforto!*”

“Antes de um ano! *Era* tão cedo!
E eras tão belo! *E eras* tão forte!
E já sabias rir, contente,”

“*Sempre* há de arder, da dor brotada,

Sempre! uma lágrima de sangue,”

“*E* o mel dos beijos que me dás, sorrindo,
E o oiro que rola da odorante seara,”

“*Só* floriam lírios roxos,
Só se abriram rosas pretas...”

“*Névoa... névoa... o céu* negreja”

“*Sem* epitáfio, *sem* cruz, *sem* pranto,
Sem uma flor!”

“*Como* a violeta que levava ao peito,
Como impoluto flóculo de neve.”

“*Como* suspiros desse mar que sondas,
Como o clamor de um coração que sangra!”

“Quando, *de surto em surto*, o débil volantim,”

“Pelas conchas ecoam *de angra em angra*,”

Dos historiadores da literatura brasileira que pelo menos mencionam o nome de Gustavo Teixeira em seus livros, Massaud Moisés (2001) foi o único que reparou nas “notas simbolistas” (que Candido Motta Filho havia assinalado em resenha, em 1925) de *Poemas líricos*. Também para ele, essas notas eram já evidentes em *Ementário* e, no segundo livro do autor, apenas se avolumaram, “a par”, contudo, do “mesmo verso escultural” (MOISÉS, 2001, p. 454). A meu ver, de acordo com a análise empreendida neste capítulo, o simbolismo é mais trabalhado em *Poemas líricos* tematicamente. A força musical dos poemas tem mais a ver com o metro e a forma fixa utilizados (como o heptassílabo – que não são exclusividade do Simbolismo nem do Parnasianismo –, dos dezessete poemas de uma ou duas estrofes de “Lira azul”, seção que contribuiu com a redução da média de versos por poema de 34,2, em *Ementário*, para 19,4) e com a simplificação da linguagem (menos carregada de raridades vocabulares) do que, especificamente, com técnicas de versificação simbolista. Tecnicamente,

o simbolismo é tão visível em *Poemas líricos* quanto em *Ementário*, em que as maiúsculas do início de substantivos (ausentes no segundo livro) sinalizam outras camadas de sentido nos poemas, e em que a musicalidade, embora não chegue a fluir, barrada pelo ritmo carrancudo do verso parnasiano, é casada com a sonoridade do vocabulário difícil.

Com efeito, tentar estabelecer a identidade das técnicas versificatórias utilizadas nos dois livros de Gustavo Teixeira foi um exercício importante porque demonstrou que essa identidade importa, sobretudo, por ser técnica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Permita-se-nos que nos insurjamos contra esses processos banais de julgamento literário, ainda que reconheçamos a nossa incompetência na matéria. Permitam-nos dizer que se não fica bem a um artista sacrificar constantemente as regras elementares da gramática e mesmo da métrica chamada clássica, também não é menos conforme à razão investigar se essas convenções literárias, quando infringidas, obedecem a uma maneira pessoal do artista, em benefício da forma e do sentimento.
(autoria não identificada, 1900)

Tenho escrito muito, muito, incrivelmente, com facilidade, instantaneidade que me desgosta. Isto não é da nossa disciplina.
(Martins Fontes, em carta para Gustavo Teixeira, 1936)

Neste trabalho, procurei descrever, mediante análise e interpretação de elementos formais, a poética dos livros *Ementário*, de 1908, e *Poemas líricos*, de 1925, do poeta paulista Gustavo Teixeira. O objetivo era aproveitar a distância temporal existente entre as duas publicações para verificar quais foram as estratégias de composição utilizadas nos poemas e como elas foram aplicadas em cada tempo, e, desse exame comparativo, extrair material capaz de contribuir para a reflexão sobre a situação da poesia brasileira (de origem anterior ao Modernismo) no início do século XX.

Como demonstram as análises de *Ementário* e *Poemas líricos* no terceiro e o quarto capítulos, tendo em mente o conjunto mais difundido de convenções para se fazer poesia no início do século XX, predominantemente parnasiano, os livros não distam tanto entre si, e nenhum dos dois apresenta nenhuma inovação formal ou temática grandiosa. Deve-se considerar, por isso, que a pesquisa resultou frustrante? Só responderia que sim aquele que esquecesse que Gustavo Teixeira nasceu, como leitor e como poeta, em um tempo em que, como nos lembra Paulo Henriques Britto, “as regras de versificação eram condições definidoras do poético” (2014, p. 28). Nenhuma expectativa fundamentada na ideia de que o poeta tem “liberdade de criar suas próprias regras” poderia se efetuar com relação ao resultado dessa

pesquisa, isso porque, de novo, como explica Britto (2014), essa concepção de poesia surgiu com o Modernismo, e não condiz com a época de Gustavo Teixeira.

Como a liberdade formal (no sentido de “participação na formulação de regras de composição literária poética”) não é uma direção para *Ementário* e *Poemas líricos*, a noção evolutiva também não serviria para analisá-los. Por isso, tentei não colocar o segundo livro em função de primeiro, embora pretendesse compará-los.

Ementário e *Poemas líricos* estão dentro de um sistema literário para o qual a manutenção de regras de composição preestabelecidas é muito importante, porque ele se define por isso. E em um sistema baseado na manutenção de regras, regras são sempre bem-vindas, pois dominam o espaço que seria destinado à invenção, e daí à deformidade, à imperfeição e à falha, inaceitáveis. Repare-se que a primeira década do século XX coincide com o acirramento das críticas literárias gramatqueiras nos jornais.

O acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, sob os cuidados da Universidade de São Paulo, disponibiliza *online* uma edição de *Ementário* cujo exemplar físico utilizado no processo de conversão para formato digital pertenceu, de acordo com a dedicatória do livro, a Aristeu Seixas. A análise do livro, que Seixas havia prometido fazer para a “Panóplia”, não chega sequer a ser iniciada na série incompleta publicada em quatro partes pela revista, mas algumas de suas anotações de leitura manuscritas, que podem servir de exemplo sobre a afirmação do parágrafo acima, estão legíveis nas imagens em preto e branco da versão digital. Em uma delas, a palavra “azúleo” é sublinhada, e na margem esquerda do papel, um comentário diz “não conheço azúleo. Azulino sim”. Três páginas depois, “azúleo” reaparece sublinhada com mais um comentário: “não existe azúleo. Não sei por que empregar essa palavra”. Os modernistas também fizeram críticas aos preciosismos inovadores de poetas como Gustavo Teixeira. No último número da revista “Klaxon”, Mário de Andrade ironizou a publicação de *Arlequinada*, de Martins Fontes, em uma crônica que terminava com: “É horroral, abrenuncial, e vaderetriz! Força é pois vaiar, flaufiauizar, batatizar, ovopodrizar nestas linhas tão alaridal mamata.” (1923, p. 30).

Falamos em regras, porém, quanto maior o número de regras, mais suscetíveis às variações de interpretação e de aplicação as regras ficam. Um exemplo é a própria observação de Aristeu Seixas sobre o emprego da palavra “azúleo”, à qual, pode-se pensar, o sufixo latino

(referência a uma das línguas da Antiguidade Clássica) empresta uma sonoridade especial e potencializa o seu valor como rima.

Coincide ainda com essa época o acirramento das discussões em torno do Parnasianismo e do Simbolismo, tentando estabelecer o que, afinal, corresponderia aos seus “projetos literários”, às suas contribuições, aos seus danos e às suas banalizações.

De limitadoras, as regras de composição poética passaram a ser, de certo modo, libertadoras, pois uma vez que numerosas, ofereciam enorme possibilidade de variação. Dentro de um sistema que só sabia conceber-se de maneira regrada, a prova de que as regras se tornaram a saída para a rigidez e de que foram elas que possibilitaram a diversidade poética das duas primeiras décadas do século XX, é o fato de, até hoje, não haver consenso sobre a abordagem dessa produção. Fala-se em Neoparnasianismo, Neossimbolismo ou Pré-modernismo porque alguma diferença entre a poesia dessa época e a que se produzia até 1900 há que não passa despercebida. Não fosse assim, jamais se cogitaria falar em outra coisa que não em Parnasianismo e Simbolismo. Péricles Eugênio da Ramos diz que o

“Pré-Modernismo” não é movimento nenhum, não é anunciação, não é nada senão indefinição crítica. O que houve antes de 1922 foi, por um lado o próprio Simbolismo, e por outro o Parnasianismo (e o Neoparnasianismo, para aqueles poetas que estrearam posteriormente ao advento do Simbolismo). O resto é confusão, sabendo-se que o Modernismo não foi resultado de uma evolução, mas uma ruptura, uma negação total da arte anterior [...]” (RAMOS, 1965, p. 30)

Simbolismo e Parnasianismo foram mesmo os dois perfis poéticos dominantes, porém, como prática versificatória, isto é, juntos e constituindo um quadro de regras que cada vez mais se desdobravam.

O que há, portanto, em *Ementário* e em *Poemas líricos* são permanências e inconstâncias. Cada um desses livros é produto de uma seleção e de uma combinação de regras de composição diferente, regras que constituem, entretanto, um mesmo conjunto. Em *Ementário* as referências à Antiguidade Clássica estão muito mais presentes do que em *Poemas líricos*, assim como a quantidade de poemas em verso alexandrino, por outro lado, a musicalidade das reiterações é muito mais acentuada nesse livro do que no outro. E *Poemas líricos*, que tem mais

imagens de tonalidade noturna e mais poemas de estrofes heterométricas que *Ementário*, apresenta também um repertório maior de formas fixas, e não aproveita as reiteraões pelo som, entre os termos integrantes e acessórios da oração, como aproveita as reiteraões pelo ritmo, tendo o verso como unidade mínima.

Outra pergunta que pode ser feita, decorrente das análises dos livros de Gustavo Teixeira, diz respeito à permanência do parnasianismo e à origem das práticas versificatórias compartilhadas pelos escritores. Se se pensar em “permanência do Parnasianismo” como sucesso de um projeto (ou programa) poético estático, aquela “diferença” entre a produção das primeiras décadas do século XX e a das últimas décadas do século XIX não pode ser explicada. Tanto o raciocínio que deduz que com a divulgação dessas práticas a rigidez poética se tornou maior, como o que deduz que com a sua divulgação a rigidez se tornou muito menor, não conseguem ser conclusivos sobre a produção do período. Não há um modelo de referência global, as regras não aparecem em um poema todas de uma só vez – nem poderiam, tantas que havia –, e tampouco deixam de existir. A permanência existe porque houve o desdobramento das regras, e, com isso, uma maior liberdade de escolha dos elementos de composição poética – liberdade de variação –, e porque havia mecanismos culturais, como a imprensa, fortíssimo meio de divulgação da literatura, que propiciassem a “popularização” e “vulgarização” dessas regras.

E se a poética de *Ementário* e a poética de *Poemas líricos* não oferecem resistência ao seu tempo, nem são cópia do Parnasianismo ou mera continuação dele (o que implicaria uniformidade, estabilidade e um projeto poético a ser seguido), como se explica a aceitação tão grande que teve o parnasianismo (com “p” minúsculo, remetendo apenas aos princípios fundamentais que, em suas derivações, originaram o conjunto de práticas versificatórias vigentes nas primeiras décadas do século XX) em um país praticamente analfabeto? Um país praticamente analfabeto precisava, justamente, de regras para conseguir erguer-se literariamente. O que não quer dizer, com essa dependência, que ele não tivesse autonomia de criatividade ou de reflexão crítica. A autonomia dos escritores existiu, como nunca até então, no início do século XX, porém, dentro da lógica daquele sistema literário: uma autonomia para variar, para escolher e harmonizar as regras de composição poética.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS. *70 anos da Academia Paulista de Letras*. São Paulo: Gráfica Sangirard, 1979.
- ALBUQUERQUE, Matheus de. *Visionário*. 2. ed. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1912.
- AMARAL, Amadeu. *O elogio da mediocridade: (estudos e notas de literatura)*. São Paulo: Empresa Editora Nova Era, 1924. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00050200#page/1/mode/lup>>. Acesso em: 11 mar. 2013.
- _____. *Um soneto de Bilac: Conferencia realizada em Jahú, no Jahú Club, em 25 de agosto de 1920*. São Paulo: Edição do Jahú Club, 1920. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00051900#page/5/mode/lup>>. Acesso em: 11 mar. 2013.
- AMARAL, Pedro Ferraz do. *Gustavo Teixeira*. Separata de: Revista da Academia Paulista de Letras, n.º 94, s.n.t.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- ANDRADE, Marília de; RIBEIRO, Ésio Macedo (Org.). *Maria Antonieta d'Alkmin e Oswald de Andrade: Marco Zero*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes: Imprensa Oficial do Estado, 2003.
- ATHAÍDE, Tristão de [Alceu Amoroso Lima]. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966.
- AZEVEDO, Sânzio de. *Apolo versus Dionisos: considerações em torno do parnasianismo brasileiro*. Ceará: Editora Henriqueta Galeno, 1978.
- BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

BILAC, Olavo. *Ironia e piedade*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1916. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00291300#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 6 ago. 2013.

BRITTO, Paulo Henriques. O natural e o artificial: algumas reflexões sobre o verso livre. *Elyra: revista da rede internacional lyracompoetics*. v. 3, n. , p. 27-41, 2014.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 3. ed.. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1975.

_____. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. v. 1.

_____. *O método crítico de Sílvio Romero*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____; CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: história e antologia*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 2 v.

CAROLLO, Cassiana Lacerda (Org.). *Decadismo e simbolismo no Brasil: crítica e poética*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; Brasília: INL, 1980. 2 v.

CARVALHO, Amorim de. *Tratado de versificação portuguesa: teoria moderna da versificação*. 2. ed. Portugal: Portugália Editora, 1965.

CHANT ROYAL. In: *Encyclopaedia Britannica*. 2016. Disponível em: <<http://www.britannica.com/art/chant-royal>>. Acesso em: 04 jan. 2016.

COUTINHO, Afrânio (Coord.). *A literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

_____. *Crítica e poética*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890 – 1915*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2000.

DANTAS, Arruda. *Gustavo Teixeira: o poeta da solidão e da renúncia*. São Paulo: Editora Pannartz, 1977.

EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro de meu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. 3 vols.

FABRIS, Annateresa (Org.). *Modernidade e modernismo no Brasil*. 2 ed. Porto Alegre: Zouk, 2010.

FARIA DA SILVA, Márcia Regina de. Petrônio e sátira latina. *Principia*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 1-4, 2014. Disponível em: <<http://www.epublicacoes.uerj.br/ojs/index.php/principia/article/view/13799>>. Acesso em: 18 dez. 2015.

FERRAZ, Antonio Osvaldo. *Fôlhas esparsas*. São Paulo: Indústria Gráfica Cruzeiro do Sul Ltda., 1954.

FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção história (1870-1940)*. Editora Unesp, 2002.

FISCHER, Luís Augusto. *Parnasianismo brasileiro: entre ressonância e dissonância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

GIL, Fernando Cerisara. A ambivalência do idealismo classicizante na poesia parnasiana brasileira. *Revista Letras*, Curitiba, n. 52, p. 39-50, jul./dez., 1999.

_____, et al. A poesia parnasiano-simbolista na história da literatura brasileira. *Terceira margem*, Rio de Janeiro, p. 180-193, n. 12, jan./jun., 2005. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero12/NUM12_2005.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2015.

_____. *Do encantamento à apostasia: a poesia brasileira de 1880-1919: antologia e estudo*. Curitiba: Editora da UFPR, 2006.

GINZBURG, Carlo. Conversar com Orion. Tradução de Henrique Espada Lima. *Esboços*, Florianópolis, v. 12, n. 14, p. 163-170, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/175/9940>>. Acesso em: 08 dez. 2014.

_____. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: _____. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989. p. 169-178.

_____. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra: estudos e crítica literária I, 1902-1947*, São Paulo: Companhia das Letras, 1996. v. 1.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática S. A., 1994.

JOBIM, José Luís. *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

JUNQUEIRA, Ivan. Bilac, *versemaker*. In: _____. *Escolas literárias no Brasil*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004. p. 491-498.

KOTHE, Flávio R. *O cânone republicano I*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

LÔBO, Danilo (Org.). *Introdução à estética parnasiana*. Brasília: Thesaurus, 1994.

MACHADO NETO, Antônio Luís. *Estrutura social da república das letras: sociologia da vida intelectual brasileira, 1870-1930*. São Paulo: Grijalbo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

MARQUES, Pedro (Org.). *Antologia da poesia parnasiana brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Lazuli Editora, 2007.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: realismo e simbolismo*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

MORTELETTE, Yann. *Histoire du Parnasse*. França: Librairie Arthème Fayard, 2005.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

NUNES, Zilma Gesser. *Espectros do texto (Resgate de Poemas Inéditos de Ernani Rosas)*. 1995. 311 f.. Dissertação (Mestrado em Letras, Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

O'DONNELL, Julia. *De olho na rua: a cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

OLIVEIRA, Alberto de. *Melhores poemas*. Seleção de Sânzio de Azevedo. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.

OLIVEIRA, Diogo de Castro. *Onosarquistas e patafísicos: a boemia literária no Rio de Janeiro fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

PACHECO, João. *A literatura brasileira: vol. III – O Realismo (1870-1900)*. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1971.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Do barroco ao modernismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1979.

_____. Introdução ao parnasianismo brasileiro. *Revista USP*, n. 3, p. 155-168, set./nov., 1989. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25491>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

_____. *Poesia parnasiana – antologia*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

_____. *Poesia simbolista – antologia*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da história: ensaio de poética do saber*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIO, João do [João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto]. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0006-00800.html>. Acesso em: 31 jul. 2013.

ROMERO, Sílvio. A poesia de hoje. In: _____. *Cantos do fim do século*. Rio de Janeiro: Typographia Fluminense, 1878. Disponível em: <<http://archive.org/details/cantosdofimfose00romegoog>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

_____. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949. v. 5.

_____. *Outros estudos de litteratura contemporanea*. Lisboa: Typographia da “A Editora”, 1905. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/01616100#page/9/mode/1up>>. Acesso em: 30 jul. 2013.

ROSENFELD, Anatol; GUINSBURG, J. Romantismo e classicismo. In: _____. *O romantismo*. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SANTOS, Rodrigo Luiz dos (Org.). *São Pedro: educação, cultura e turismo*. São Paulo: Noovha América, 2009.

SCHERER, Marta Eymael Garcia. *Bilac – sem poesia: Crônicas de um jornalista da Belle Époque*. 2008. 250 f.. Dissertação (Mestrado em Letras, Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SECCHIN, Antonio Carlos. Presença do Parnaso. In: JUNQUEIRA, Ivan (Coord.). *Escolas literárias no Brasil*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2004. p. 491-498.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

SILVA, Maurício Pedro da. *A Hélade e o Subúrbio: confrontos literários na Belle Époque carioca*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. *O sorriso da sociedade: literatura e academicismo no Brasil da virada do século (1890-1920)*. São Paulo: Alameda, 2013.

SILVEIRA, Pedro da. *Os últimos luso-brasileiros*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1981.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

_____. *História da literatura brasileira: seus fundamentos econômicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SOUTO, Luiz Filipe Vieira. *Artur de Oliveira: ensaio biográfico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1935.

SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Tal Brasil, qual romance?: uma ideologia estética e sua história : o naturalismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TEIXEIRA, Gustavo. *Ementário (Amor-Aquarelas-Cambiantes)*. São Paulo: Typographia da Maré & C., 1908.

_____. Poemas lyricos. *Os nossos poetas* [fev., n. 2.], São Paulo: [s.n.], 1925.

_____. *Poesias completas de Gustavo Teixeira*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 1998.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes. *A carruagem alada*. São Paulo: Pioneira, 1986.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira: 2ª série*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

_____. *Estudos de literatura brasileira: 4ª série*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

_____. *Últimos estudos de literatura brasileira: 7ª série*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

Jornais

A ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS REALIZOU, ONTEM, A SUA REUNIÃO-ALMOÇO. *Correio Paulistano*, São Paulo, 10 out. 1937. p. 5.

ALBUQUERQUE, Matheus de. Carta para a provincia. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 19 ago. 1911. p. 1.

ARTE de amar. *Correio Paulistano*, São Paulo, 15 abr. 1924. p. 4.

ATHAÍDE, Tristão de [Alceu Amoroso Lima]. Bibliografia. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 03 de maio de 1921. p. 1.

- CARLOS, Luís. A pedra. *O Pharol*, Minas Gerais, 26 abr. 1905. p. 1.
- CARVALHO, Ronald de. A poesia nova. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 21 abr. 1922. p. 1.
- CARVALHO, Vicente de. A' frente de um livro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 jun. 1908. p. 1.
- EDUARDO, João. *A Lanterna: folha anti-clerical e de combate*, São Paulo, 14 jun. 1918. p. 2.
- FALECIMENTO. *Correio Paulistano*, São Paulo, 24 dez. 1913. p. 8.
- FONTES, Hermes. Novas Forças, *Correio Paulistano*, São Paulo, 18 jan. 1918. p. 1.
- FONTES, Hermes. Uma conferência, *Correio Paulistano*, São Paulo, 25 abr. 1916. p. 3.
- GRIECO, Agripino. Vida Literária, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 26 ago. 1923, p. 1.
- GUSTAVO TEIXEIRA. *Correio Paulistano*, São Paulo, 11 nov. 1937. p. 7.
- LETRAS E LETRAS. *Correio Paulistano*, São Paulo, 23 mar. 1914. p. 2.
- LOPES, Oscar. A Semana. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 05 out. 1913. p. 2.
- NETO, Coelho. Passionarias. *Correio Paulistano*, São Paulo, 01 mai. 1916. p. 4.
- NOTÍCIAS DIVERSAS. *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 fev. 1916. p. 3.
- NUNES, Wale. Poetas... . *A Florescência*, São Paulo, jan. 1917. p. 2.
- PERO, Nicolau. Joanhina Carretta. *Correio Paulistano*, São Paulo, jul. 1936. p. 27.
- QUEIROZ, Wenceslau de. Crítica Literária. *Correio Paulistano*, São Paulo, 09 out. 1904. p. 1.
- REIS, Raimundo. As mulheres de preto. *Correio Paulistano*, São Paulo, 01 mai. 1916. p. 4.
- RUD, Sergio. Cartas de longe. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 16 nov. 1908. p. 5.
- S. PEDRO: NOTÍCIAS DIVERSAS. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 nov. 1916. p. 3.
- S. PEDRO: NOTÍCIAS DIVERSAS. *Correio Paulistano*, São Paulo, 10 jan. 1917. p. 3.
- SIMPLÍCIO [Álvaro Guerra]. A propósito... . *Correio Paulistano*, São Paulo, 09 jul. 1899. p. 1.
- UM POETA. *Correio Paulistano*, São Paulo, 15 out. 1940. p. 5.

Revistas

ANDRADE, Mário de. *Chronicas: Martins Fontes – “Arlequinada”*. *Klaxon*, São Paulo, dez./jan. 1923. p. 29-30.

JÚLIO TESTAMANTIS – “WALKYRIANAS”. *A Cigarra*, São Paulo, nov. 1928. p. 42.

O FUTURISMO – O MOVIMENTO FUTURISTA EM SÃO PAULO: MÁRIO FLAMMA. *A Cigarra*, São Paulo, 01 jul. de 1921. p. 24.

O MAIS BELLO VERSO BRASILEIRO – RESPOSTAS AO INQUÉRITO D’A NOITE ILLUSTRADA. *A Noite Illustrada*, Rio de Janeiro, 18 jul. 1934. p. 9.

PICCAROLO, A. Estado actual da poesia brasileira. *A Gazeta Artística*. São Paulo, jan. 1910. p. 5.

R., J. Névoas e Flamas. *O Pirralho*, São Paulo, 04 out. 1913. p. 6.

SAMPAIO, Sebastião. A Semana Elegante. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1915. p. 22-23.

SEIXAS, Aristeu. Bons & Maus. *Panóplia*, São Paulo, jun. 1917. p. 35-39.

SEIXAS, Aristeu. Bons & Maus. *Panóplia*, São Paulo, jul. 1917. p. 81-86.

SEIXAS, Aristeu. Bons & Maus. *Panóplia*, São Paulo, ago. 1917. p. 133-136.

SEIXAS, Aristeu. Bons & Maus. *Panóplia*, São Paulo, set. 1917. p. 188-191.

TINOCO, Aguiar. A nossa enquete literária. *O Pirralho*, São Paulo, 4 jul. 1914. p. 18.

VAL, Ivo do. Novos e Velhos. *A Cigarra*, São Paulo, 18 fev. 1916. p. 47.

Epígrafes

ATHAÍDE, Austraúgésilo de. “Rito pagão”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1922. p. 2.

BIBLIOGRAPHIA: Urzes, de Amadeu Amaral. S, Paulo, 1899. *O Archivo Illustrado*, São Paulo, abr. 1900. p. 118.

CARTAS DE SAÚDE. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 8 nov. 1925. p. 4.

FONTES, Martins. [carta], 1936, Santos, [para] TEIXEIRA, Gustavo. São Pedro. 2 f.

OLIVEIRA, Alberto de. Poeta sertanejo. In:_____. *Poesias*: quarta série (1912-1925). 2. ed.. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1928. p. 231.

PINA, Manuel António. A ferida. In: _____. *Todas as palavras*: poesia reunida (1974-2011). 3. ed. Portugal: Assírio & Alvim, 2015. p. 307.

ANEXO A – Fortuna Crítica

SUMÁRIO

PUBLICAÇÕES EM JORNAIS E REVISTAS

[1899a] <i>Correio Paulistano</i> - A propósito.....	169
[1899b] <i>Correio Paulistano</i> - A propósito.....	171
[1899c] <i>Correio Paulistano</i> - A propósito.....	173
[1907] <i>Comércio de São Paulo</i> - Revistinha.....	177
[1908] <i>Comércio de São Paulo</i> - Um poeta de Raça.....	181
[1908] <i>Gazeta de Notícias</i> - Cinematógrafo.....	187
[1909] <i>Correio da Manhã</i> - Registro Literário: “Ementário, versos de Gustavo Teixeira”.....	191
[1917a] <i>Panóplia</i> - Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário.....	195
[1917b] <i>Panóplia</i> - Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário.....	201
[1917c] <i>Panóplia</i> - Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário.....	211
[1917d] <i>Panóplia</i> - Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário.....	219
[1925] <i>A Cigarra</i> - Livros Novos: Poemas Líricos, por Gustavo Teixeira.....	225
[1925] <i>Correio Paulistano</i> - Poetas.....	227
[1925] <i>O Estado de S. Paulo</i> - Bibliografia.....	229
[1925] <i>O Imparcial</i> - Crônica de livros: Gustavo Teixeira - “Poemas Líricos”.....	237
[1925] <i>Jornal do Brasil</i> - Registro Literário: “Poema Lírico”.....	241
[1925] <i>Correio Paulistano</i> - A Semana Literária: “Poemas Líricos”.....	247
[1936] <i>Correio Paulistano</i> - Gustavo Teixeira.....	249
[1937] <i>A Noite</i> - O poeta Gustavo Teixeira.....	253
[1937] <i>Folha da Manhã</i> - O poeta da primavera.....	257
[1937] <i>Jornal do Recife</i> - Um poeta cristão.....	261
[1943] <i>O Estado de S. Paulo</i> - Gustavo Teixeira: o poeta do espírito.....	265
[1943] <i>O Estado de S. Paulo</i> - Gustavo Teixeira.....	269
[1950] <i>Correio Paulistano</i> - Gustavo Teixeira.....	273
[1960] <i>O Estado de S. Paulo</i> - Vida Literária: Gustavo Teixeira, o grego municipal.....	275
[1960] <i>Anhemi</i> - Livros de 30 dias: Gustavo Teixeira.....	277
[1961] <i>A Gazeta</i> - Gente Ilustre (15): O poeta Gustavo Teixeira.....	281
[1966] <i>A Gazeta</i> - O verdadeiro perfil de Gustavo Teixeira.....	285

PALESTRAS, CONFERÊNCIAS, TRECHOS DE LIVROS

[1937] Conferência (livro integral) - <i>Gustavo Teixeira: o poeta da Solidão e da Renúncia</i>	287
[1954] Ensaio (em livro) - Gustavo Teixeira	301
[1967] Apresentação para antologia (em livro) - Gustavo Teixeira.....	311
[1977] Palestra (em revista) - Gustavo Teixeira.....	315

PREFÁCIOS

[1908] <i>Ementário</i> - Prefácio.....	333
[1959] <i>Poesias Completas de Gustavo Teixeira</i> - Gustavo Teixeira: Presente.....	343
[1981] <i>Poesias Completas de Gustavo Teixeira</i> - Introdução à poesia de Gustavo Teixeira.....	353

Correio Paulistano – SP
 09 de julho (domingo) de 1899, p. 1
 A propósito... – “Simplicio” (Álvaro Guerra)

A PROPÓSITO...

Nero sentia o *belo horrível* quando contemplava, ao longe, as labaredas de um grande incêndio. Era uma sensação estética que muito o deliciava...

Maior prazer, porém, deve experimentar, no remanso plácido das selvas, o mísero mortal que, fatigado deste viver febricitante da cidade, pode respirar ali, a largos haustos, o ar embalsamado das montanhas, ouvindo a música silvestre da solidão e assistindo todos os dias, as grandiosas mutações do cenário da natureza.

É lá que o homem, sentindo-se mais próximo de Deus, pode gozar o *belo amável*. Se é poeta, assenta-se, como Anacreonte, sob as árvores floridas, onde zumbem insetos e chilreiam pássaros, – e, inspirado, deixa o cálamo, deslizar impetuosamente pelo papel, como impelido por estranha força. “*Est Deus in nobis...*”, – dizia o bardo mantuano.

Pois essa ventura, não a sente o sr. Gustavo de Paula Teixeira, que, de S. Pedro, me enviou, há dias, uma carta, com seis sonetos (!) para serem publicados no *A Propósito*. “Triste, muito triste é minha vida aqui, onde apenas tenho, por divertimento, poesias para ler”, – pondera-me, desconsolado, o meu desconhecido correspondente. Conta ele apenas 17 anos; vive isolado numa fazenda; e por lá anda a arrastar uma existência *infeliz...*

Procurando desculpar-se de quaisquer incorreções dos seus versos, o desalentado jovem adverte-me de que “nunca frequentou colégio: o que sabe, aprendeu-o na roça”. Há pouco tempo, comprou ele a metrificação de Castilho e, corajosamente, entrou a “versejar” (*sic*). Tem já escrito tantos versos que, reunidos, dão um bom volume...

Atirando às urtigas os biocos da modéstia, declara-me, afinal, o obscuro vate:

“Hoje deliberei sair da penumbra em que vivo, enviando-lhe alguns versos. Se acaso eles forem dignos de publicidade, continuarei a versejar; se não, quebrarei minha lira”...

Confesso que, muito d’alma, lamentaria a quebra da lira do sr. Teixeira... Não quero, absolutamente, concorrer para o prejuízo de quem

quer que seja. Como, aliás, o meu desconhecido correspondente se me antolha muito sinceramente através da sua carta, vou-lhe eu declarar, também, com a máxima franqueza, que lhe não posso publicar os versos.

Por quê? – perguntar-me-á sua senhoria, naturalmente surpreendido. Será porque não prestam?

Não: é exatamente pelo contrário. Os seus sonetos não parecem elaborados por quem, tão baldo de instrução começou de poetar há pouco tempo. E isto por duas razões: 1.a) porque não se me afigura verossímil que haja produzido tais sonetos quem escreve tão incorretamente uma carta; 2.a) porque sua senhoria, segundo me comunica, é colecionador de produções alheias, cujo número já anda em duas mil...

Alimento, entretanto, o desejo de ser agradável ao sr. Teixeira. Não se me dá, por isso, de publicar aqui todos os seus sonetos. Preciso, porém, que sua senhoria, com a necessária lealdade, me prove ser, efetivamente, o autor dos versos que me remeteu. Para isso, peço pouco. Faça-me um soneto no mesmo teor de sua carta, isto é, descrevendo a vida de desconsolo que sua senhoria leva na roça, por imaginar que é um éden este *fervet opus* em que a alma de um verdadeiro poeta, desiludida e cansada, sempre suspira pela paz nos campos. Conte-me tudo isso, maviosamente, num soneto em que sejam esdrúxulos os versos 1º, 4º, 5º e 8º, agudos o 11º e 14º, e graves todos os mais.

Por muito feliz me darei eu, se tiver a glória de revelar ao mundo a existência de mais um bom poeta brasileiro...

SIMPLÍCIO.

Correio Paulistano – SP
 01 de agosto (terça-feira) de 1899, p. 1
 A propósito... – “Simplício” (Álvaro Guerra)

A PROPÓSITO...

Os que me fazem a graça de ler esta seção – escrita, às vezes, sabe Deus como – devem estar lembrados de que, há dias, respondi a um poeta residente em São Pedro, propondo-lhe certas condições para a publicação de uns versos de sua lavra. Satisfazendo aqueles requisitos, – escreve-me o poeta as seguintes linhas:

“Li a sua crônica de 9 do corrente, na qual s.s. diz que acha inverossímil que haja elaborado os sonetos que aí estão, quem escreve tão incorretamente uma carta.

Efetivamente, não está correta, confesso; pois escrevi-a ao correr da pena, com muita pressa e pouca atenção, porque não julguei que a crítica recaísse sobre ela.

S.s. exige-me um soneto em que eu descreva a vida triste que levo aqui, pois julga-me um plagiário.

Ora, teria muita graça que eu quisesse adornar a *minha pequena* com jóias alheias; e depois?!

O soneto exigido, mando-lh’o nesta, e, se esta prova for insuficiente, estou pronto a dar-lhe mais”.

A prova pedida ao desconhecido poeta era contar-me ele em verso o que revelava na sua carta. Isso, porém, deveria ser num soneto composto de decassílabos, dos quais fossem esdrúxulos o 1.º, o 4.º, o 5.º e o 8.º, agudos o 11.º e o 14.º, e graves todos os mais. Cumprindo tais requisitos, o sr. Gustavo Teixeira (assim se chama o poeta) enviou-me este soneto:

Insônia

Vai alta a noite. Taciturno e pálido,
 Contemplo o vasto e plúmbeo firmamento...
 Nem uma estrela resplandece. O vento
 Traz-me das rosas o perfume cálido...,

Inclino a fronte e choro. Uma diabólica
 Praga minh’alma solta, num lamento...
 E eu sozinho!... Meu Deus! que desalento

Sinto esta hora fria e melancólica...

Tenho um oceano de pezares n'alma!...
Amei outr'ora e nunca mais se acalma
A saudade em meu triste coração!

Não basta o desalento que me invade,
Não basta a dor atroz desta saudade,
E inda esta negra e fria solidão!...

S. Pedro, – 20 – 7 – 1899.
Gustavo Teixeira.

Convenhamos que, como obra de encomenda, não podia estar melhor a *Insônia* do sr. Teixeira.

Dou-me por satisfeito com ela.

Oportunamente publicarei os demais sonetos assinados pelo meu correspondente.

Não me queira mal sua senhoria por ter eu duvidado de que o autor da carta fosse o mesmo dos sonetos, ou... vice-versa. É que, como reza o prolóquio, “gato escaldado té d'água fria tem medo”.

Amanhã, ou depois (se m'o permitir o meu estômago), contar-lhe-ei a história de certa gralhazinha que, há tempos, se adornou com penas de Guimarães Júnior, para vir pavonear-se no meu *A Propósito*.

A esta, como à outra de Lafontaine, cumpre que se aplique a pena merecida.

SIMPLÍCIO.

Correio Paulistano – SP
24 de outubro (terça-feira) de 1899, p. 1
Ed. 12983, Ano XLVI
A propósito... – “Simplício” (Álvaro Guerra)

A PROPÓSITO

Tenho um companheiro de trabalho que anda a sofrer da nostalgia do *verde*. Aqui residente há muitos anos, sente-se agora cansado desta lufa-lufa tumultuosa, fabriciante, em que os organismos mais robustos se gastam logo e cada ano que passa vale por dez já vividos.

Ilustrado e talentoso, esse belo rapaz tem sido felicíssimo na carreira que escolheu. Entretanto, está já aborrecido de viver só pelo espírito, velando as noites à luz do candeeiro de estudo e estragando o estômago na imobilidade de uma profissão sedentária.

- “Quando eu vivia na roça – disse-me ele, ainda anteontem – tinha bom apetite, comia bem, dormia melhor e fazia o resto otimamente. Não havia mal que me entrasse. Tristezas, impaciências, desânimos, tudo isso eram coisas que eu desconhecia por completo.

“Acordava com os passarinhos, aos primeiros clarões do dia, e recolhia-me com as galinhas, logo à boca da noite, quando os sapos, num brejo perto de casa, começavam a sua música de latas velhas... Depois de beber uma boa cuia de café bom broa de milho, pinha eu o chapéu de palha na cabeça e, de enxada ao ombro, lá ia, caminho da várzea, preparar a terra para o arroz, ou *carpir* o mato que havia nascido com as últimas chuvas.

“Ao meio-dia, quando o sol me ardia nas costas como brasas, tirando faíscas da enxada, que relampejava, descia eu à grota para beber, no côncavo das mãos, um pouco da água fresca e clara que correia na raiz do morro, à sombra das taiobas e dos inhames. Se me sentia um tanto cansado, deitava-me debaixo de uma árvore (quase sempre um pé de café) e ali, de papo para o ar, ouvindo os tico-ticos e os pintassilgos, esperava que o sol *virasse*.

“Depois, trabalhava mais um pouco e, quase à tardinha, voltava para casa, de enxada às costas, alegre, satisfeito, feliz, pensando em regalar-me com o apetitoso angu e com o succulento feijão que, rodeados, lá fumegavam sobre a mesa, à minha espera, desafiando os apetites mais refratários.

“Mas, aqui, neste formigueiro humano, trabalho dia e noite, e não há dinheiro que me chegue para as despesas necessárias. Falta-me a saúde, falta-me o descanso, falta-me o sossego de espírito. Como mal e digiro pior; durmo pouco e pessimamente. Numa palavra: em vez de viver, vou morrendo aos bocadinhos...”

*
* *

Não sei se Tito Franco também sofre da nostalgia do *verde*... O que, entretanto, me parece evidente é que o melancólico e duvidoso poeta das *Estrofes* anda muito descontente da vida. É isto, pelo menos, o que se conclui do soneto infra:

NOUTE

Aos poucos desce a noute e com ela desce
 Todo o cortejo das Melancolias...
 (Quando no livro de minh'alma lias
 Era – lembras-te? à noute.) Hoje, parece

Que mataste – partindo – as alegrias
 Minhas. Agora a nostalgia tece
 Um cântico de mal pela refece
 Noute. Vem d'alto as dúvidas sombrias.

A Noute é como gélida mortalha
 Que envolve um corpo de desilusões.
 E, mudo e só, meu peito, em contrações

Nervosas, freme, enquanto a Noute espalha
 Ecuramente as dúvidas sombrias
 Por sobre a farsa dos passados dias...

(Do “Poema das Lágrimas”)

Tito Franco.

Já Gustavo Teixeira, o jovem e obscuro poeta, que floresce tropicalmente como as trapoerabas e os manacás em uma fazenda para os lados de S. Pedro, não se sente assim tão desalentado. O que mais o impressiona não são as sombras perniciosas da noute: são as resplandecências vitalizantes do dia. Vejamo-lo através deste soneto:

CANICULAR
(À Álvaro Guerra)

É meio dia. Na tremente parra
Bate o sol em galões, em beijos d'ouro;
Zumbe, zumbe no azul negro besouro
Qual o sol de uma límpida fanfarra.

Num coqueiro sombrio, uma cigarra
Canta, enredada no seu cacho louro;
Despenha-se a cascata num estouro
Como caindo de uma estranha jarra...

Um cravo rubro as pétalas espalma...
E as andorinhas, na ardentia calma,
Brincam na espuma nívea da cascata.

Passa uma aragem perfumada e fria;
Murcham-se as flores ao calor do dia
E um perfume dos seios se desata...

Gustavo Teixeira.

Aí temos duas amostras de poesia brasileira: uma da cidade e a outra da roça. Aquela de um poeta ilustrado, polido, cheio de torturas, tanto na alma como nos versos: esta, de um poeta nativo, inculto, quase analfabeto, que verseja como gorjeiam os sabiás.

SIMPLÍCIO.

Commercio de São Paulo – SP
 11 de junho (terça-feira) de 1907, p. 1
 Ano XIV – n. 219
 Revistinha – João Crespo

REVISTINHA

Gustavo Teixeira...

Certo, os leitores já viram este nome subscrevendo aqui mesmo no *Commercio* algumas produções poéticas. É um *novo*. Mas é um dos *novos* que mais prometem, convém acrescentar. No entanto, quem o vê não dá nada por ele. Traja-se com certo desleixo e fala pouco. Para mim essa modéstia congênita de Gustavo Teixeira é que me dá segura garantia do seu valor. Os *esperançosos* que começam com muito entono pessoal, com muita filáucia, quase sempre não vão adiante, não progredem, porque não trabalham, não se esforçam, não lutam para conquistar a meta desejada – que nada mais é do que a afirmação de sua personalidade numa obra d’arte.

Gustavo Teixeira vai publicar o seu primeiro livro de versos, que terá o título de *Estemas*.

Desta coleção enviou-me o jovem poeta três sonetos inéditos, que gostosamente insiro nesta seção, posto que não sejam melhores trabalhos que tem produzido.

Em todo caso, já por esse *trio* de sonetos poderão os leitores aquilatar a qualidade do seu livro de estreia, que valerá, certo, pela mais brilhante promessa.

Ora vejam se não lhes digo a verdade verdadeira:

Loira e bela

Cabelos d’ouro como o das visões do Empíreo
 Olhos amplos e azuis de uma beleza estranha...
 Essa perfúmea Flor, que eu amo com delírio,
 É a mais linda que o sol de minha pátria [ilegível]!

Dá-lhe não sei que graça a palidez do lírio,
 - A doce palidez das monjas da Alemanha,
 E a voz... Se Cristo a ouvisse em meio do martírio,
 Esqueceria a cruz e dos judeus a sanha!

Se ela quisesse unir ao meu o seu destino,
Que ventura! Mas não! um lótus levantino
Não pode florescer ao lado de um cipreste...

Adoro porque é bela e, sobretudo, pura,
Essa loira mulher de grega formosura,
Que passeia ao luar toda de azul celeste!

Andorinha que não volta

Não há punhal que fita mais um peito
Do que a saudade da mulher querida:
Por isso eu chamo em lágrimas desfeito
Enclausurado no torreão da vida.

Ela partiu com rosto satisfeito.
Sem uma frase de ternura unvida,
Deixando o gelo em meu vazio leito
E em minh'alma sangrando uma ferida!

Vi-a fugir com as prófugas revoadas
Das andorinhas que iam agrupadas
Passar o inverno em solidões marinhas.

E os pássaros não tornam! Desespero!
Sei que não volta, mas ao menos quero
Pedir notícias dela às andorinhas!

Última grega

Como hoje estava linda! Eu nunca a vi mais bela!
Assenta-lhe tão bem no corpo estremecido
O seu vestido azul de renda guarnecido,
Sob o qual o primor das formas se revela.

Chilreava o rouxinol... Como eu adoro aquela
Tagarelice! Quando a escuto, embevecido,
Penso que estou no céu! estático, embebido

Perco a noção do tempo a ver o rosto dela!

Que sorriso! Que olhar! Que luminosa graça
Um bando de ilusões translúcidas esvoaça
Em torno dessa flor de Abril, maravilhosa.

Ao ficar séria – um ar de estátua grega assume,
E tem mimos, pureza, encantos e perfume
De malva, e lírio, e cravo, e dália, e mito, e rosa!

GUSTAVO TEIXEIRA

Agora, esperem os leitores pelo livro do jovem poeta, o qual virá mostrar aos que não trabalham quanto vale o talento aliado à modéstia.

JOÃO CRESPO.

Commercio de São Paulo – SP
05 de julho (domingo) de 1908, p. 1
Ano XV – n. 549
Um poeta de Raça – Rufiro Tavares

UM POETA DE RAÇA

(*Ementário* – Poesias de
Gustavo Teixeira. S.
Paulo – 1908).

O volume de versos em que Gustavo Teixeira reuniu as suas produções de uma bela feitura e de um delicado lavor artístico, não foi propriamente uma revelação no mundo das letras paulistas: o poeta, não obstante viver fora dessa espetaculosa e convencional *coterie* que infelizmente é uma nota sintomática em coisas de literatura no Brasil, a revelar-se no elogio mútuo, que por aí campeia desbragado e insolente, era já aceito como um artista de mérito, como um fino cinzelador de estrofes, como um eleito das Musas.

De quando em vez os nossos olhos se fixavam em versos escritos pelo talentoso poeta, revelando no meticuloso da forma, na contextura bizarra, na espontânea fluência e apuro das rimas, essa virtude que *Théophile Gautier* condensou nos últimos versos do seu formoso esdrúxulo, em que ele nos pinta, com as cores do seu pincel mágico, a opima beleza da forma “a arte dos versos soberanos que acima dos próprios deuses se conservam mais fortes que os bronzes”.

Mas se assim era realmente, se Gustavo Teixeira com a publicação esparsa de algumas de suas poesias tinha admiradores nas rodas de literatura (alguns estoicos que abstraem da repugnante feição industrial da época para fixarem o espírito nessas coisas) com o ter enfeixado agora as suas produções é que ele se afirmou um poeta, desde que em bloco ressalta a sua individualização artística, apreendem-se-lhe minúcias, modalidades de estro, pequenos nada, que, reunidas, formam um todo contingente de valor em qualquer obra literária.

Dada a modéstia que o distingue, avesso a esses pruridos de exibição, como já o assinalamos, só mesmo dispondo-se a reunir os seus versos, para salvá-los de um esquecimento criminoso, poderia Gustavo Teixeira, o autor do *Ementário*, receber a consagração dos mestres, a começar por aquele que prefaciou o seu livro, o delicioso e inspirado

poeta das *Ardentias*, do *Relicário* e da *Rosa, Rosa de amor...* o adorável e cativante lírico, que é Vicente de Carvalho.

A este coube a tarefa de, com a responsabilidade do seu nome, emitir um juízo seguro sobre a organização poética daquele a quem nos estamos referindo, e o fez com o desassombro e franqueza que constituem um dos mais nobres atributos das organizações intelectuais superiores. Vicente de Carvalho consagrou o poeta como um artista, porque, diz ele “acabar um soneto sem mácula, mantendo de princípio a fim o vigor da expressão, a limpidez correnteia das ideias na sobriedade harmônica das imagens e da frase, é tarefa que só realiza um poeta senhor de sua arte”.

Melhor elogio não receberá o poeta, ainda que outros falem de suas estrofes, outros que representem no meio literário de nossa terra, um papel de justo destaque, de indiscutível evidência, em cujo rol não temos a estulta pretensão de figurar.

Realmente o sr. Gustavo Teixeira merece elogios e aplausos, distanciando-se garbosamente dessa mediocridade petulante e agressiva, que consegue às vezes alar-se a alturas, onde por uma ficção das coisas (também no Parnaso dominam as ficções) se consagra uma imortalidade convencional.

Quem, por exemplo, estabelecerá um paralelo entre as lindíssimas e fluentes estrofes do poeta do *Ementário* e as chôchas, anêmicas e banais produções do sr. Mario de Alencar a quem o sr. barão do Rio Branco, o improvisado *Mecenas* da Academia de Letras, colocou naquele cenáculo onde pontificam poetas da estofa de Raimundo Correia, Olavo Bilac e Alberto de Oliveira?

Não se deve incomodar Gustavo Teixeira com essas aberrações, com essas injustiças que são próprias da comédia humana; os que amam verdadeiramente a arte e podem senti-la, nos seus múltiplos aspectos, deliciando-se com as sonoridades de estrofes onde a natureza se retrate, hão de sentir, lendo os seus versos, um suave consolo que é o melhor anestésico para as agruras que nos assaltam, no *fercet opus* da agitação mundana, nesse tumultuário e exaustivo suceder de aspirações insatisfeitas, que consomem o corpo e ressecam a alma.

O autor do *Ementário* é um paisagista, cuja delicada sutileza irrompe em requintes de apuro e preciosas filigranas, sem que para conseguir o efeito d’arte busque exóticas e incolores frases, que não emocionam, por carecerem de expressão e de um cunho sincero. É bastante ler-se os dois primorosos sonetos da segunda parte do livro e que se intitulam – *O aranhol* e *A Concha*. São duas mimosas aquarelas

que bem justificam o nome dado pelo autor a essa parte, tão carinhosamente e tão sentidamente trabalhada.

Para mostrar que não exageramos, aqui transcrevemos um daqueles sonetos:

O ARANHOL

Entre bromélias, junto a quérula torrente
Que do plaino em que habito um longo tracto banha,
Num contínuo labor, uma operosa aranha
Fia o rico enxoval da noiva, sutilmente.

O tecido brumal, que nunca se emaranha,
É feito de um só frio, um ténue fio albente,
Que vai, de volta em volta, ininterruptamente,
Tramando o brocatel de contextura estranha.

Quando o sol se levanta enviando olhares d'oiro,
E a aranha, distendendo a fibra, no tesouro
Da renda leve embala as ilusões radiosas.

Na teia, que, filtrando orvalho, oscila e pende,
A luz, que se refrange em cada gota, acende
Uma aurora boreal de pedras preciosas!

Vê-se por aí quanto Gustavo Teixeira cultiva a Natureza, como a adora e compreende, no que ela tem de mais belo e de mais sugestivo. E essa qualidade faz dele um primoroso lírico, revelando-se em muitas das estrofes que compõem o *Ementário*, como *Reminiscências* e *Horas de sonho* (págs. 38 e 45), para não citar outras.

Nesse lirismo, ora quente, ora suave e carinhoso, se plasma a alma do poeta, bem como naquelas estrofes em que, na estesia do seu temperamento, interroga as estrelas, a lua, o sol, os rios e as florestas, num panteísmo consolador, vivificante e forte.

Neste ponto concordamos com o que disse o sr. H. Viotti pelas colunas do *Diário Popular*, salientando o pendor lírico de Gustavo Teixeira.

Quiséramos que ele fosse apenas um lírico de alma sonhadora e vaga, um temperamento emotivo que se está desenhando nos versos que

lhe descobrem a fibra passional, como em *Leda, Horas de sonho* e naqueles que tem por título – *Consolado*.

Cantar o Amor e a Natureza, com esse apaixonadíssimo cunho que excele nas manifestações rítmicas de Gustavo Teixeira, é já um privilégio concedido a poucos, uma qualidade excepcional, ainda que os assuntos pareçam banais, ainda que os temas se prestem a inúmeras explorações de impenitentes e incorrigíveis versejadores.

Se o amor é coevo do Mundo, e, se com ele vive e se exalça a Natureza, como fugir a essa dualidade que tão fundamente impressiona a quem quer que possua no coração uma partícula de afeto que aí se esconde como uma hóstia sagrada e no cérebro meia dúzia de sonhos vaporosamente lindos que o povoam, dando-lhe a sensação das coisas inéditas e sugestivas? Bem pudera Gustavo Teixeira, na sonoridade e na opulência de suas estrofes, revelar-se unicamente o poeta do Amor e da Natureza. Tanto bastaria para que fosse irmanado a Alberto de Oliveira – o maravilhoso paisagista, quando, por exemplo, debuxou o *Aranhol* e a *Agonia da Árvore*, ou a Olavo Bilac, o poeta dos amores voluptuosos ou suaves, ao tecer os versos de *Reminiscências* e de *Consolado*.

Dessa forma o poeta do *Ementário* evitaria o que em rigor se afiguram defeitos no seu belo livro, comparando-se com a feição genérica do mesmo, algumas outras produções que destoam dessa nota encantadoramente lírica. Por esse motivo, francamente, nos parecem inferiores aos assuntos, os sonetos que Gustavo Teixeira denomina os Triunfadores, isto é, *Alexandre, Aníbal, César e Bonaparte*.

Para que cantar assuntos históricos ou heroicos, quando existem aquelas fontes maravilhosas de que falamos e quando sobretudo a índole do poeta se espelha em estrofes rendilhadas, trescalando a essências esquisitas, de uma suavidade cariciosa?

Pode-se ainda notar o uso e abuso de certas expressões que se não justificam como *félico, flocosos* etc.; e ainda o emprego desnecessário de verbos que não existem como *cascavelar, cobrejar, ensandalar* e outros.

De imaginação fertilíssima, não necessitava o autor usar semelhantes expressões, influenciando-se talvez pela leitura de poetas portugueses, entre os quais, Antonio Nobre e Eugênio de Castro.

Mas essas pequenas faltas não obumbram a beleza e a inspiração da obra poética de Gustavo Teixeira, que de hoje em diante figurará na lista dos mais consagrados cultores do verso, sem embargo do seu reconhecido desprendimento e de sua louvável modéstia.

Escrever estrofes, nas quais à delicadeza da forma e o escrupuloso e rico tesouro das rimas, é tarefa reservada aos artistas de eleição, que rareiam nos tempos de hoje em que há tantos versejadores a profanarem o templo augusto da divina Arte, com os seus despautérios e os seus desenxabidos e trôpegos arranjos metrificados.

É por isso que felicitamos a Gustavo Teixeira, pedindo que nos inscreva entre os obscuros e sinceros admiradores do seu talento artístico, tão sobejamente posto à prova no *Ementário*.

RUFIRO TAVARES

Gazeta de notícias – RJ
 05 de julho (domingo) de 1908, p. 2
 Ano XXXIV – n. 188
 Cinematógrafo, Joe (João do Rio)

CINEMATÓGRAFO

[...]

SEGUNDA

“Ementário?” Sim. Um livro de versos... Não há semana que por cima da minha mesa não venham cair volumes de versos. Um, dois, três, quatro... Já tive uma semana que a encontrei com dez, muito arrumados em pilha e talvez contrariados da companhia, porque os poetas gostam de brilhar só. E eu perguntei desconsoladamente aos volumes:

- Por que haverá tanto poeta no Brasil?

E os dez volumes não me responderam.

Mas a poesia é a flor da vida e um verso, mesmo ruim é a cristalização sonora do que a alma tem de bom, de puro e de formoso. Um poeta certa vez para mostrar que o povo da sua terra era bom mostrou que insensivelmente e quase a seguir as mulheres falavam em versos de sete sílabas. Foi um lindo gesto. Para mostrar que somos bons basta um argumento: é que todo o Brasil faz versos.

Daí os poetas serem para mim, nos seus versos, sugestionadores de bondade. Quando os vejo nos cafês, um pouco na “purée” da boemia, cabeleirudos e maldizentes, injetando as produções aos amigos e achando o resto da humanidade, abaixo de cavalgadas, sinto uma certa vontade de não os ler. Mas quando os encontro em volume não resisto e passo a gozar esses reflexos do amor, do céu, dos astros e da paixão que os poetas são...

Ainda agora, nesta manhã de segunda-feira, antes de sentar a escrever, a escrever sempre, passo a ver dois volumes de versos. O primeiro é de Paulo Brandão, e intitula-se “Poemas do Sonho e da Saudade”.

É um livro encantador. Paulo Brandão é um descritivo e um amoroso, e como tal um sensível. A sua poesia é feita de sugestões, de sugestões delicadas. Passo a ler o seu soneto “Outono”:

Espraio o olhar ao longe e vejo, ao abandono,
 Na agonia da tarde a mesma sonolência,

O mesmo sol sem luz, na mórbida indolência,
De um rei agonizando entre o esplendor do trono...

Ah! que tristeza traz este final de outono!...
A alma, que dantes ria, em plena efervescência,
Cantando a grande luz, a grande transparência,
Cheia de tédio, agora, anseia o eterno sono...

Sem as palpações das flores e dos ninhos,
As a[x]ores, de luto, alteiam-se, esfolhadas,
Como negras visões das belas arvoradas...

Nem uma flor sequer à beira dos caminhos!...
Somente o vento passa e lúrido farfalha,
Como o triste rumor das folhas que escapa.

É ou não é lindo?

Mas se Paulo Brandão é o espírito moderno, febril, doente, feixe de nervos a vibrar sob o encantamento da natureza, há um outro poeta preso da maravilha pagã, um impenitente romano da decadência, preso da bizarria do Oriente, do estranho de todo o mundo conquistado pela Roma vitoriosa, amando como Ovídio, sentindo como Tibulo e tirando de cada aspecto da natureza uma irradiação de rimas.

É o autor do “Ementário” Gustavo Teixeira.

Entretanto, a minha alma não está para gozar esse deboche de vinhos raros e a bizarria inédita de expressões da maioria de poesias do “Ementário”. E exatamente eu fico nestes dois sonetos, a amá-los entre os outros – um, que se chama “Aranhol”, é descritivo:

Entre bromélias, junto à quérula torrente
Que do plaino em que habito um longo tracto banha,
Num contínuo labor, uma operosa aranha
Fia o rico enxoval de noiva, sutilmente.

O tecido brumal, que nunca se emaranha,
É feito de um só fio, um ténue fio albente,
Que vai de volta em volta ininterruptamente,
Tramando o brocatel de contextura estranha...

Quando o sol se levanta enviando olhares d’oiro

E a aranha, distendendo a fibra, no tesoiro
Da renda leve embala as ilusões radiosas,

Na teia, que, filtrando orvalho, oscila e pende,
A luz que se refrange em cada gota acende
Uma aurora boreal de pedras preciosas!

Outro que é para as raparigas já amadas:

Ó vós que na manhã da minha mocidade
Reduziste a pó as minhas esperanças,
Por que vindes por entre as névoas da saudade
Derramas em minh'alma o perfume das tranças?

Ó flores que trazeis o olor da virgindade
E risos matinais em bocas de crianças,
Deixai-me, enfim, em paz na minha soledade
Apascentando o meu rebanho de lembranças!...

Mas se agora vos punge a dor do louco amante
Que via em vosso olhar a estrela do Levante
E ouvia uma canção em vossa ebriante voz:

Quando em breve eu fechar os olhos entre círios,
Pagai-me em bogaris, crisântemos e lírios,
As santas ilusões que desfolhei por vós!

E depois, mais triste nesta aziaga manhã, pondo na estante os dois
poetas, eu que não sou poeta penso na vida antes de escrever um
comentário bem mau que assegure o leitor e a existência... Ó vós que
sois poetas! Como deve ser bom ser poeta e não fazer mais nada!

[...]

Correio da Manhã – RJ

26 de julho (segunda-feira) de 1909, p. 1

Registro Literário: “Ementário, versos de Gustavo Teixeira” – Osório Duque-Estrada

Ementário, versos de Gustavo Teixeira

Estou de perfeito acordo com Vicente de Carvalho (um dos maiores poetas que o Brasil tem produzido), quando afirma esta verdade:

“Basta, às vezes, um verso para revelar um poeta. Há versos que, por assim dizer, ficam fulgindo nos olhos e cantando no ouvido de quem os lê.

Um verso desses é um acaso feliz de felicidade rara em alguns, frequente em outros, mas que os deuses propícios só concedem aos poetas que de verdade o são.”

Há mais de um exemplo dessa felicidade no livro do jovem poeta paulista. Para não citar outros, basta a deliciosa quadra que o seu distinto prefaciador patenteou às boas graças da crítica:

“Quem perde uma ilusão ridente, nada perde
 Pois outras ilusões
 Se abrem no coração, que é uma roseira verde
 Coberta de botões.”

Só um poeta, em verdade, acharia na simplicidade dessa estrofe a roupagem justa e perfeita para a ideia que tão naturalmente lhe despontou no cérebro. Se a poesia é, como disse um crítico, uma *sugestão de imagens*, dificilmente se encontrará conceito mais feliz e mais poeticamente traduzido que o daquela pequenina joia.

Uma informação preciosa que o mesmo prefácio ministra aos leitores: o autor é um rapaz de vinte e cinco anos, nascido e criado em S. Pedro de Piracicaba, onde vive e exerce funções modestas de secretário da Câmara Municipal.

Não era preciso mais para que eu folheasse com simpatia e curiosidade o livro do sr. Gustavo Teixeira.

Encontrei nele algumas desigualdades e imperfeições, que sempre as há, mesmo em trabalhos de mestres; mas, a par de um ou outro descuido, de meia dúzia de composições fracas e sem capricho, não

foram poucas as belezas, nem raras as preciosidades que essa leitura me deparou.

Gustavo Teixeira é autor de algumas estrofes que poderiam ser assinadas pelo mais aclamado dos poetas da nossa terra. Cultiva pouco o soneto, ou, pelo menos, com mais sobriedade que os outros vates da sua geração. É um novo título que o deve recomendar à estima pública, principalmente porque os sonetos só lhe saem da pena com o apuro e o remate que se devem sempre exigir em tais produções. É exemplo disso o seguinte:

“No jardim do castelo, em majestosa fila,
Quedam marmoreamente as estátuas radiantes;
O orvalho matinal que, rútilo, cintila,
À cabeça lhes forma estemas de brilhantes.

São os filhos da Grécia heróica. Entre bacantes
Sileno empunha a taça e Minerva, tranquila,
A égide opõe a Amor, que as setas coruscantes
Da aljava arranca, sempre em vão, para feri-la.

Riem ninfas gentis, de olhos claros, serenos,
E cisma Apolo, o Deus que em época remota
Dominou gerações e gerações de helenos!

E Adônis, cujo olhar não há pincel que imite,
Conserva na pupila eternamente imota
A nostalgia azul dos tempos de Afrodite.”

Mais simples, posto que não menos apreciável, é a *Agonia da Árvore*, cujo metro decassílabo, mais adequado ao soneto, tem a vantagem de fazer parecer mais espontânea a inspiração do poeta:

“Vai-se uma folha e exalas um lamento...
Estranhas cousas no sussurro dizes!
Desde que começou teu sofrimento
Fogem de ti os pássaros felizes!

Tu que lutavas com o tufão violento,
Empedrada nas sólidas raízes,
Agora pendes, quase morta, ao vento,
Toda cheia de roxas cicatrizes...

Não te lastimes, árvore sem flores,

Erguendo ao céu, em vez da fronde linda,
Os braços nos extremos estertores!

Já não tens sombra para os namorados,
Mas os teus galhos servirão ainda
Para aquecer no inverno os desgraçados!”

Muitas outras produções poderiam ser citadas, com grande lustre para o autor. Limito-me a deixar aqui os meus mais entusiásticos aplausos ao jovem artista do verso, afirmando que o Estado de São Paulo possui agora o seu segundo poeta na pessoa de Gustavo Teixeira.

Panoplia: Mensario de Arte, Sciencia e Literatura – SP

Ano I, n.º 1, junho de 1917, p. 35-39

Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário. 1ª parte, O prefácio I – Aristeu Seixas

I.ª PARTE
O PREFÁCIO
I

Com os defeitos de que se não libertam os incipientes e com as belezas que não mínguam em poetas de talento, mas de muito talento e de muita inspiração, deu-nos o sr. Gustavo Teixeira um livro de versos, de elegantes e sonoros versos, a que chamou *Ementário*. Em 126 páginas de texto encerram-se 64 composições, ou sejam 41 sonetos e 23 poesias estróficas.

O referido trabalho, que traz a data de 1908, divide-se em três partes: *Amor*, *Aquarelas*, e *Cambiantes*; e vem prefaciado pelo sr. Vicente de Carvalho, que o apresenta “como livro de um estreante, mas, de modo nenhum, como o de um principiante”.

E bem. Temos sob os olhos uma coletânea rimada precedida de conversação preambular, à guisa de proêmio, planeada e executada por mão estranha a que delineou o texto.

Não somos contra os antelóquios, e até os temos, sinal de que os aplaudimos e adotamos, em mais de um livro de nossa lavra. Mas, entendemos que não devem eles fazer parte de uma obra de arte como simples peça decorativa, valendo assim por umas cariátides que, nos grandes monumentos arquitetônicos, fingem sustentar nos ombros as pesadas arquitraves, as silenciosas, brutas cornijas...

Esse fato, o antelógio do ilustre sr. Vicente de Carvalho, nos faz adiar para a 2.ª parte deste estudo a apreciação que, há muito, prometemos ao sr. Gustavo Teixeira do seu formosíssimo livro de versos.

Ementário, a nosso ver, podia e devia ter dispensado o prólogo do sr. Vicente de Carvalho, sem dúvida nenhuma um bom poeta; mas, talvez, por isso mesmo, sem acentuadas inclinações para a arte de criticar. Certamente s.s. se persuade com Wordsworth de que a faculdade crítica pouco vale, e a põe, ainda com o grande poeta inglês, em plano muito inferior ao da faculdade criadora. É possível que assim pense, despertando por isso a cravelha das apreciações estéticas. E

ninguém tem o direito de o obrigar a não pensar assim; sendo certo, entretanto, que não rezam pela mesma cartilha nem Lesing, nem Macaulay, nem Pelayo, nem Hagel, nem Schopenhauer, nem Valera, nem Goethe, nem Zola, que, não obstante, foram todos luminares da crítica, em que conquistaram invejável renome.

É Mathew Arnold quem diz, contestando William Wordsworth, ser inegável que o exercício de um poder produtor, de uma ingênita capacidade criadora é a sublime função do homem, por isso mesmo que ele encontra nesse dom a sua verdadeira felicidade; mas da mesma forma, continua Arnold, é inegável que os homens podem ter a impressão de exercer essa mesma atividade de outros modos, que não produzindo grandes obras de literatura ou arte; e, se assim não fosse, ficaram quase todos privados da suposta ventura real. Podem, conseqüentemente, acrescenta o mesmo notável escritor, exercê-la na beneficência, no ensino e na crítica.

Aceitamos, todavia, como secundária, a missão da crítica. Mas nesse caso, quem assim entender, não deve exercitá-la de modo nenhum, sobretudo de maneira rudimentar, que vá contribuir para maior descrença dos pessimistas nesse particular.

Ninguém nega que o sr. Vicente de Carvalho se tenha apoderado dos segredos da forma, tanto na poesia, como na prosa. Mas, na prosa, muito mais do que no verso, não basta a *maneira* de dizer. É preciso que num período primorosamente cinzelado, numa frase redondamente acabada se encerre uma ideia, se engaste um pensamento, se resuma um conceito. Tudo quanto disto se afaste, pode ser muita coisa e coisa muito bonita, mas não será obra de um escritor, que, na frase do próprio sr. Carvalho, “é o artista da palavra escrita, o mestre na arte de manejar por escrito a língua nacional”, e, segundo o nosso entendimento, tudo isso e mais um inesgotável viveiro de sentimento e reflexões. Escrever com gramática e dispor as palavras com elegância, já é muito; mas não é tudo. Não recusamos a glória de real triunfo aos que conseguem dar sentido ao que escrevem... O que lhes pedimos, e com fervoroso empenho desejamos, é que esse sentido contenha uma verdade, e que essa verdade seja seleta. Desta forma teremos conceito, que é, efetivamente, a expressão de um pensamento real, escolhido e elevado.

Isto é tanto mais de rigor, quanto é certo que a crítica não admite devaneios exclusivamente. O seu objetivo, em todos os ramos do saber humano – teologia, filosofia, história, arte e ciência – é fazer que vejamos, consoante opina o autor da *Crítica na atualidade*, o objeto tal como é em si mesmo.

A crítica é indiscutivelmente uma escola, em que se agitam, se discutem, e se esclarecem os mais variados assuntos. Como tal e por ser tal, deve delinear-se consciente e, mais ou menos profunda, sempre austera, independente e leal. Dessa austeridade e independência, bom é que seja dito, não devem participar a chacota, os remoques, a ironia e a sátira, que, no judicioso dizer de um contemporâneo e excelente cronista, é o refúgio da incapacidade. A ignorância é uma fraqueza de que se não deve rir ninguém. Permitti-la é, todavia, um crime; diminuí-la um dever. Um dever e uma esmola que se faz de lábios mudos, coração aberto e olhos fechados... Alardeá-la é reduzir a nobreza da ação e a piedade do gesto. Só é possível ensinar a quem não sabe; e, pois, não cabe um riso de sarcasmo onde de enteva a incipiência.

Nem de outro modo se nos apresenta a sensata e verdadeira crítica, que, por verdadeira e sensata, não comporta as pequeninas discussões rasteiras. Quem faz crítica, não despica, ensina. É, contudo, um ensinamento que só se prodigaliza aos que se fazem dignos dele, aos que aparece na arena, senão armado de égide e lança, ao menos com decisivo pendor para aquilo cujo caminho perlustram.

Taine, o esteta por excelência, tão compenetrado de sua arte que, envolto nas sombras da morte, fora conduzido às galerias do Parthenon para que se cumprisse o seu último desejo, Taine não elogiava diretamente os autores: analisava-os, discutia-os, comentava-os; e só nisso, ou em tudo isso, consistia o seu melhor encômio. Com efeito, criticar é sinal de apreço, e apreço não se consagra senão a um bom trabalho.

Como vínhamos dizendo, quem faz crítica não desagrava, não vinga, não desforra: esclarece. Impingir ao público, com o rótulo pomposo de crítica, um amontoado de palavras amargas contra o autor, ou adocicadas em excesso, mas em qualquer dos casos com ausência de bons conceitos e legítimas doutrinas, é iludir os desassisados e representar papel de segunda plana perante os que podem aquilatar o assunto.

Em verdade, numa análise justa, num julgamento sensato, numa apreciação desinteressada, impõe-se-nos o dever de aplaudir comedidamente, prudentemente, o que se nos afigura bom, assim como o de censurar, com a delicadeza que a severidade não exclui, o que se nos depara errado. Exprobrando ou advertindo, razão não há para que desertemos a cordura, para que fuçamos à lhaneza. Não satisfaz, porém, não satisfaz e não basta dizer que isto é bom e aquilo é mau. A razão do elogio ou da censura claro é que a devemos dar, já como defesa da

opinião expendida, já para orientação do autor criticado. A questão é, parece, pois, conveniente fugir a tais princípios em assuntos que respeitem a crítica literária, ou a crítica de qualquer outra natureza.

Citando os erros e senões, os desvios e fraquezas de um autor, não procura o crítico levá-lo a picota dos que lêem com entendimento. Basta que não haja malícia de um lado e mediocridade de outro. Onde existe talento, existem belezas, que hão de aparecer, ainda que emergindo da multidão dos defeitos. E, mantendo este equilíbrio a esta autonomia, poder-se-á dizer que a crítica se encaminha para a conquista serena da simpatia e do aplauso.

Assim pensando na crítica em geral, de outro modo não pensamos dos prefácios.

Todo prefácio é uma crítica *a priori* com respeito à impressão e divulgação do trabalho a que se refere. O prefacista não está, por consequência, na obrigação de turibular incondicionalmente o seu apresentado pela só razão de que o apresenta. Não. O apresentante é um crítico como qualquer outro, e não deve deixar prear-se pela simples gentileza de um convite, turbando a verdade com o tumulto hiperbólico das expressões lisonjeiras. O prefaciador é um crítico com responsabilidades, senão maiores, pelo menos iguais às de todos os outros que lhe sucedam na análise da obra.

A crítica, tendo diante de si um trabalho para julgar, pode, como muitas vezes acontece, desconhecer o autor e, *ipso falso*, o meio que o cerca e a evolução por que haja passado o seu espírito. E, tais circunstâncias ignorando, a apreciação ficará imperfeita, o juízo apenas esboçado; que um consciencioso estudo-crítico se não limita à obra em julgamento, senão que passa do livro ao autor e do autor ao meio em que este há vivido.

Ao inverso, porém, do que se dá com o crítico propriamente dito, ao apresentante não fica bem alegre a ignorância desses fatos. Por isso que é incoerência apresentar um desconhecido, deve o último daqueles conhecer o autor e o seu meio, os traços principais de sua vida, o seu estado de alma, e as lutas renhidas pelo seu espírito, ou a placidez em que, porventura, lhe deslizem os dias. Para tal cousa afirmar não é preciso ter lido Winckelmann, nem Taine, nem Brunetière, nem Benedetto Croce, nem Sainte-Beuve, nem Hennequin, nem Tarde, nem Guyau, nem Gustavo Planche, nem Albalat, nem Pompeio Gener, nem

Veron: basta ter senso-comum e não ser completamente cego nas questões do espírito.

Quem prefacia um livro não tem diante de si tão somente o prefaciado, a quem bastaria, quiçá, o mais simples gabo para que se lhe afrouxassem desde logo todos os nervos da vaidade satisfeita. Tem, sim, para o julgar, o tribunal supremo de todas as opiniões menos eruditas, ou seja, aquele que, com efeito, profere em última e valiosa instância a sentença de obscuridade ou consagração dos escritores. E se o prologuista é um crítico, como convém que seja, corre-lhe a obrigação, muito elementar aliás, de, apontando os defeitos, indicando as falhas da composição, fazer que lhe ressaltem as belezas. Porque, em suma, num conjunto, num trabalho de arte, *máxime* num livro de versos e versos de um estreante, não pode deixar de haver senão, ao lado embora de imperecíveis belezas; sendo que o mérito do autor, a vitória do artista consiste justamente em que estas ou sejam em maior número que aqueles, ou de tal magnificência, que, não obstante reduzidas em número, venham a salvar o conjunto pela qualidade. Desses *altos* e *baixos*, que o crítico, com a sua perspicácia e experiência, com o seu estudo e observação, desenrola aos olhos do leitor, resulta ainda o *contraste* – fonte muitas vezes do belo, por ser um dos meios de que a arte de escrever dispõe para armar o efeito. E este trabalho compete ao crítico, ou, para melhor dizermos, ao prefacista, que faz o papel de cicerone erudito, a guiar o leitor nas suas complicadas, nas labirínticas regiões da arte.

E não será jamais um guia digno desse nome aquele que se limite a levar o profano das letras através da urdidura finíssima de um livro, desviando-o mudamente dos espinhos, e alvoroçando-se apenas diante da soberana beleza das flores.

A beleza também aumenta ou diminui o círculo do seu esplendor, conforme o ponto de vista sob que a estudamos, conforme o entendimento que dela temos.

Por outras palavras, a beleza pode existir imperceptivelmente para uns, e toda irradiação para outros; e, para que aos olhos de todos ressalte e pompeie e resplenda, força é que o crítico a indique e demonstre em todos os seus pormenores.

Procurando-a, encontrando-a, ostentando-a, o crítico repassa naturalmente a obra de arte, ou, se quiserem, estudando a obra de arte vai pondo em evidência toda a beleza que nela existe, e aparece, e fulge, e se derrama...

Pode haver num trabalho literário, para particularizarmos desde já o caso, muitas passagens admiráveis, que o leitor despreocupado e desprevenido percorra, passe e não veja. É quando, então, a quem lê faz o prefacista alguma coisa de útil no que respeita ao seu ofício; despertando-lhe a atenção, digamos, para a graça de um torneio, que não fora percebida, detendo-o ante uma precisa descrição, a exaltar-lhe a delicadeza do colorido e a firmeza dos traços, a variedade da expressão e a elegância do estilo.

Isto, bem que se não entenda com todos os que lêem, há de ser por muitos, por muitíssimos, rigorosamente aproveitado.

E não exageramos: há entre nós indivíduos, que passam por muito letrados, e que, entretanto, nunca formaram juízo seguro e pessoal a respeito de um livro. Nem são da família dos fonógrafos, porque ouvem pouco e repetem mal; nem suportam os enxertos, de raquíticos que são; nem se lhes pode chamar parasitas, porque lhes faltam a ele o encanto e a beleza com que aquelas vivem uma vida inconsciente que não é sua.

E interpretem e analisam – míseros parvoinhas! – quase sempre carregados por quem não precisa de satélites para ser grande e brilhar...

Fazer crítica é, afinal de contas, o dever de quem delinea uma prefação, de quem faz do seu juízo o pórtico de um trabalho literário e, servindo-se do prestígio do seu nome e dos argumentos que expende, procura arrancar dos leitores o turbulento coro dos aplausos.

Não cuide pessoa alguma que aqui viemos para tecer simplesmente a apologia ou a objurgatória dos proêmios. Não. É que, por obra do acaso, estamos escrevendo de um livro que traz prefácio, e tal circunstância azou magnífico ensejo para falarmos, em geral, desse dúbio gênero literário; e, em particular, do que abre o inspirado livro do sr. Gustavo Texeira, do que foi concebido por uma celebração poética de primeira plana, e tracejado por mão que, não raro, é de mestre, quando borda a oiro nos domínios misteriosos da Poesia...

Vila Desdêmona, 23 de janeiro de 1916.

Panoplia: Mensario de Arte, Sciencia e Literatura – SP

Ano I, n.º 2, julho de 1917, p. 81-86

Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário. 1ª parte, O prefácio II –
Aristeu Seixas

I PARTE
O PREFÁCIO
II

Prefácio há que, mal orientando o leitor, danam a verdadeira compreensão da obra. O do sr. Vicente de Carvalho não está bem neste caso; e, todavia, é um agrupamento de palavras, que não constituem de forma alguma um estudo, senão um gracioso brinde ao poeta, gracioso e inofensivo. Vale, talvez, por uma interjeição, mas não vale mais do que isso. Elogia com todas as forças, e todas as forças parecem serem empregadas com sinceridade, o que aliás não aumenta nem diminui o mérito ou demérito do trabalho: todos sabemos que há muita ignorância sincera e muita força inconsciente. Além disso estamos farto de turbulações. O que precisamos inadiavelmente é de crítica, mas de boa crítica, serena e corajosa, justa e independente, que se não dedigne de baixar a um tugúrio para saudar a beleza, nem vacile em subir a uma cadeira de juiz para corrigir e verberar os defeitos.

Para a crítica inflexível, nada vale a posição social do indivíduo; importa-lhe unicamente a arte tal como em si é. Requerendo, porém, a crítica variados e múltiplos conhecimentos, além de vocação especial, bom seria que entre nós houvesse mais amor ao estudos; e os que não pudessem, a um tempo, brilhar nesse ramo da literatura e resolver a valorização do café, por exemplo, que se decidissem por uma ou por outra cousa. Fazer uma delas com perfeição, é preferível a fazer as duas atabalhoadamente.

Achamos dispensável o prefácio com que o sr. Gustavo Teixeira fez abrir o seu livro de versos, e achamo-lo sinceramente. Nessa introdução o que, em resumo, se diz é que o autor do *Ementário* é poeta. A chama sagrada, como lá dizem os entendidos, ou a *fúria sonora*, como lhe chamou Camões, foi descoberta pelo prefacista nesta encantadora quadrinha:

*Quem perde uma ilusão ridente nada perde:
Pois outras ilusões*

*Se abrem no coração, que é uma roseira verde
Coberta de botões..*

à semelhança de conhecido crítico, que, por seu turno, adivinhara outro poeta nest'outra quadra:

*Quando as rosas da vida nos fenecem,
Das folhas mortas linda virgem sai;
Como novas roseiras nascem, crescem,
Da semente da rosa que se esvai.*

O sr. Vicente de Carvalho descobriu o poeta, mas não o criticou. Fez o papel de garimpeiro, que apanha o diamante e o entrega ao lapidário para fazê-lo brilhar...

Felizmente, poetas como o sr. Gustavo Teixeira são, a um tempo, se nos permitem a expressão, garimpeiros e lapidários de si mesmos. Para fulgirem, não precisam de ir à casa do artífice: rutilam até nos esconderijos, rutilam e ofuscam, indistintamente, por entre arestas de censor amargo ou em mãos eburneas de formosa dama...

Como quer que seja, a verdade é que o paraninfo ilustre do *Ementário* disse muita coisa no seu preliminar, mas se proveito real para o poeta. S. s. não é crítico, e lealmente o confessou a páginas 6 do livro de Gustavo Teixeira: ‘... não sou crítico, nem tenho inclinações para esse lado’.

Ora, convenhamos, sem malícia e sem rancor, se a confissão é sincera, por que aceitou, então, o encargo de se pronunciar sobre um livro de versos? Se, ao contrário, nenhuma dose tem ela de sinceridade, por que a fez, quando ninguém lh’a pediu? Se o sr. Vicente de Carvalho *não é crítico, nem tem inclinações para esse lado*, diga-nos, pois, que intuito houve, s. s. escrevendo e fazendo imprimir um prefácio, que ou é obra de crítica, ou não é coisa nenhuma?

O fato, porém, de não haver crítica nas páginas preambulares do *Ementário* não é o único defeito desse prefácio. O que mais afeia a introdução assinada pelo sr. V. de Carvalho são os atentados à eufonia, são as discordâncias gramaticais, são as incoerências na enunciação das ideias, são as expressões redundantes, são as frases ambíguas, são os períodos incompreensíveis, são as expressões desnecessárias, tudo isto a constituir, no pórtico de um livro de estreia, a praga aniquiladora da linguagem. Enumerar e justificar alguns desses defeitos vai ser agora o

nosso trabalho. E o faremos sem benevolência, mas também sem ódio. A nossa censura não resvalará pelo insulto; e se houver uma feliz oportunidade para o elogio, este, consumando-se, por certo não há de rastejar em torno do elogiado.

Nem uma só vez trocaremos o nome do sr. Vicente de Carvalho, nem a nenhum dos seus trabalhos chamaremos ‘epitelioma’ uma só vez. Não somos juiz, nem temos sessenta anos de idade; nunca fomos secretário de Estado, nem somos membro da Academia Brasileira; não nos pesa a responsabilidade de um diploma de bacharel, nem temos ainda a suprema ventura de ser pai de catorze filhos. Modesto de nascimento, nada até hoje se nos deparou na vida, material ou intelectualmente falando, que transformasse em opulência a adorável pobreza de que proviemos. Somos quase um anônimo, que só deixa de o ser no resumido mundo de cinco ou seis amigos, e na serena paz da família. Não fomos, não somos, e de certo nunca seremos mais do que isso.

E, todavia, é preciso não perdermos a compostura. É por índole, pois, que falamos e não gritamos; é por princípio, está visto, que lutamos com a força do argumento, deixando aos garotos espirituais o pretenso direito de intimidarem com o escândalo do assobio.

Revidem da rua com o alarido das vaias. Nós ficaremos no gabinete, gozando o contraste da assuada, que lá fora ensurdece, com o silêncio dos livros, que cá dentro ilumina. A saraivada dos costumeiros ápodos, responderemos invariavelmente com a austeridade da crítica.

Bem sabemos que para quem a pupa, uma crítica não é castigo, é prêmio.

É um prêmio esta crítica. Ao que se segue não chame ninguém dádiva duradoura do ferro em brasa: que isto, não sendo a vereda do céu, tão pouco será o caminho que leva a penas eternas a vaidade irritada e a pretensão derruída.

- I. – É do proêmio do *Ementário*, páginas 4, as linhas que se vão ler:

“Se a poesia é um bem – e assim há de parecer aos olhos dos que a namoram e requestam com paixão mal compensada e fiel – é bem que só se adquire *par droit de naissance*. Não há esforço que assegure essa RECOMPENSA SEM CAUSA, que os deuses prodigalizam unicamente aos eleitos da sua graça”.

Não há sofismas que absolvam o sr. Vicente de Carvalho do pecado contido no trecho acima reproduzido.

RECOMPENSA SEM CAUSA... A primeira condição, *sine qua non*, para que um ato seja considerado de *recompensa*, é haver uma *causa*. *Recompensar* é dar uma *recompensa*; e “recompensa é o prêmio oferecido em reconhecimento de um serviço, favor ou boa ação”, diz Brunswick.

Aulete não nos deixa dúvida sobre isso, quando assim define tal substantivo: “*Recompensa* – retribuição, reconhecimento de um serviço ou de uma ação meritória”. Para mais elucidar o significado dessa palavra, cita Aulete o seguinte exemplo de Herculano: “Os longos serviços feitos por ele ao islamismo espanhol... tornavam-no digno de tão alta *recompensa*”; e mais este de Garrett: “Que agradecido grande *recompensa* pela ação generosa me fadara”.

Ainda na acepção de *castigo*, não pode haver, senão talvez para o autor dos “Poemas e canções”, *recompensa sem causa*. É o mesmo Aulete quem diz: “Os vícios têm a sua recompensa merecida na perda da saúde, na miséria e no desprezo”.

No sentido de indenização, é igualmente um dislate dizer-se *recompensa sem causa*. “Foi-lhe concedida uma pensão como *recompensa* das perdas e danos que sofrera com a invasão”, é também exemplo arrolado pelo mesmo dicionarista, como o são todos os que se seguem: “Deus *recompensa* a virtude com a paz da consciência”. – “*Recompensou-o* da insolência com uma bofetada”. – O lucro da lavra não *recompensa* o trabalho”. – “*Recompensar-se* das fadigas com o descanso”.

Moraes, no seu *Dicionário da língua portuguesa*, assim define a palavra *recompensa*: “Compensação, satisfação, ESPÉCIE DE TROCA DE UMA COUSA POR OUTRA; retribuição de benefício recebido”.

Vêm-nos ao lanço os seguintes exemplos, colhidos no repositório do grande dicionarista: “Amor mal *recompensado*”; “valor *recompensado*”; “serviços *recompensados*”; “benefício *recompensado*”; “mal *recompensado* com outro tal”; “o que esta louça da Índia tem de quebradiço, *recompensa* com a barateza de seu custo”.

É de Fr. Domingos Vieira, *Dicionário da língua portuguesa*, tomo 5º, páginas 13, coluna I.ª: “*Recompensa* – reconhecimento de um serviço. – Em *recompensa* de sua dedicação. – ‘Contra o voto do qual houve outros, que eram remirem este negócio por alguma boa soma de dinheiro, dizendo que, entregues os cativos com mais este dinheiro em *recompensa* do dano que era feito ao primeiro capitão que ali veio,

seríamos satisfeitos'. João de Barros, Década 2, livr. 6, cap. 3". – Em sentido contrário, castigo. – Receber *recompensa* do seu crime. – Compensação, ressarcimento, reparação. – Para *recompensa* de seus serviços, concedem-lhe uma pensão".

Segundo Constâncio, *recompensa* quer dizer: “compensação, indenização, remuneração, prêmio, gratificação, RETRIBUIÇÃO DE SERVIÇO FEITO, DE BENEFÍCIO RECEBIDO POR QUEM REMUNERA. (*Novo dicionário crítico e etimológico*).

Roquete, no seu *Dicionário* de sinônimos, páginas 352, assim discorre: “GRATIFICAÇÃO, RECOMPENSA. Estas duas palavras têm uma ideia comum, qual é a REMUNERAÇÃO DE QUALQUER TRABALHO; porém, distinguem-se pelo caráter com que se dá. A qualidade distintiva destas duas palavras consiste em que a primeira é produzida pelo reconhecimento, a segunda PELA COMPENSAÇÃO. Na gratificação pode obrar a vontade; na *recompensa* só o dever. Gratificação é a entrega de alguma coisa em remuneração de qualquer serviço; *recompensa* É A SATISFAÇÃO QUE SE FAZ DE UMA COUSA POR OUTRA EQUIVALENTE. A *gratificação* nunca será uma paga como a *recompensa*. A *gratificação* leva consigo a generosidade e o reconhecimento de serviços antecipados que merecem um prêmio; a *recompensa* É OBRIGATÓRIA, PORQUE TAL É A FORÇA DAS AÇÕES QUE A MERECEM, QUE SE FALTARIA À JUSTIÇA SE NÃO SE OBRASSE DESTES MODO. – A *gratificação* dá-se; a *recompensa* adquire-se”.

Lacerda, em o *Novíssimo dicionário dos sinônimos*, 2.^a edição, 1860, páginas 112, escreve: “GRATIFICAÇÃO, *recompensa*. – *Gratificação* é um ato de agradecimento. *Recompensa* é um ato de compensação. *Gratificação* é a concessão, a entrega de uma coisa em remuneração de um serviço prestado. *Recompensa* É A SATISFAÇÃO DE UMA COUSA POR OUTRA EQUIVALENTE. A *gratificação* dá-se; a *recompensa* DEVE-SE”.

Brunswick discreta por esta forma, no *Dicionário de sinônimos*, de que é autor. Ed. Lisboa, 1899, páginas 484: “GRATIFICAÇÃO, RECOMPENSA. – A *gratificação* é um ato voluntário por parte de quem a dá, mas não deixa por isso de ser até certo ponto merecida por parte de quem a recebe. Um empregado que mostra zelo e inteligência no exercício de suas obrigações é merecedor de uma *gratificação*, a qual é como um suplemento ao seu ordenado, e corresponde ao suplemento de trabalho que ele teve para apressar a conclusão daquilo de que estava incumbido. *Recompensa* É A EQUIVALÊNCIA, OU O QUE SE

REPUTA COMO EQUIVALENTE A ALGUM SERVIÇO PRESTADO, fora de toda a obrigação”.

Cândido de Figueiredo, o mais moderno e quiçá o menos competente dos lexicógrafos da nossa língua, diz também que “*recompensa* é o ato ou efeito de recompensar”, e que “*recompensar* É RECONHECER OS SERVIÇOS OU BOM PROCEDIMENTO DE, dando-lhe alguma cousa; é *premiar*, é *galardoar*, é *compensar*, é *pagar*”. E, em que muito pese aos que falseiam a significação das palavras e o valor das expressões ninguém *premeia* o bem, nem *galardoa* senão o mérito, nem *compensa* senão alguma cousa, nem *paga* senão o que é devido. *Sem causa* nada disso fazemos, nem fazem os *deuses*, nem faz o próprio sr. Vicente de Carvalho, posto que o escreva sem propriedade.

Podem, pois, os *deuses* prodigalizar *aos seus eleitos* tudo quanto quiserem, sem que para isso haja *causa*; mas, o que nos garantem, com absoluta segurança, todos os dicionários portugueses que consultamos é que a isso não se pode chamar *recompensa*. Chamasse-lhe *graça* o sr. V. de Carvalho, e lhe não chamaria mal. A *graça* pode ser feita *sem causa*, sem um motivo que a torne obrigatória ou simples benevolência. Chamasse-lhe *favor*, e chamar-lhe-ia ainda com muita mais propriedade.

Ambos os termos referidos se empregam como *concessão*, e não como *retribuição*; ambos são considerados dons gratuitos, não implicando nenhum deles a ideia de sacrifício, mas a de proeminência de poder, sem todavia patentear superioridade de fortuna. O *favor*, porém, revela *predileção* pela pessoa a quem é feito; o que não acontece com a *graça*, que não importa essa ideia. Por isso, no caso vertente, opinaríamos pelo emprego de *favor*, como o mais oportuno e vernáculo.

Foi por inadvertência, pois, que pingou da pena de ouro do consagrado escritor paulista a ilógica expressão – *recompensa sem causa*. Aliás não teria ela vingado em trabalho de quem tanto cura da pureza de sua língua e da legitimidade de suas letras. Foi por descuido: que só por descuido claudica quem tão puro nos parece...

2. – A página 4 do citado livro, escreveu o sr. Vicente de Carvalho:

“Perdoamos aos maus, FUGINDO-LHES. Mas não os condenemos a pena mais severa, e antes DEIXEMOS QUE OS ACOMPANHE E CONSOLE A NOSSA SIMPATIA.”

Testemunhar *simpatia* a uma pessoa de quem fugimos, é ação impraticável. É, com franqueza, uma *simpatia* muito original... Com efeito, *simpatia*, escreveu o doutíssimo filólogo sr. Adolfo Coelho, no *Dicionário manual etimológico da língua portuguesa*, é a TENDÊNCIA PARA ALGUÉM, para uma coisa; é a INCLINAÇÃO RECÍPROCA DE DUAS PESSOAS; é a conformidade de gênio”. Brunswick diz que é o “sentimento de ATRAÇÃO MORAL QUE DUAS PESSOAS SENTEM UMA PELA OUTRA”. Aulete estende-se ainda mais, assim discorrendo: “*Simpatia* é a tendência natural para uma coisa. “INCLINAÇÃO OU TENDÊNCIA INSTINTIVA QUE FAZ ATRAIR DUAS PESSOAS SUMA PARA A OUTRA; conveniência ou harmonia de gênio e de inclinação entre as pessoas. “Influência mútua entre duas coisas. “Influência ou modificação que duas coisas produzem reciprocamente uma sobre a outra quando se aproximam. Começo de amor, primeiros sentimentos de amor”. Moraes exprime-se da seguinte maneira: “*Simpatia* – correspondência de qualidades que os antigos imaginavam haver entre certos corpos: *ter simpatia*, afinidades, ATRAÇÕES. “Semelhança, *conveniência de inclinações*, gênios e humores, que gera afeição e atrai e enlaça amizades, UNIÃO de interesses”.

E Domingos Vieira, que dirá a respeito de *simpatia*? Diz o seguinte: “Inclinação instintiva QUE ATRAI DUAS PESSOAS UMA PARA A OUTRA. Espécie de inclinação suposta pelos antigos entre os diferentes corpos; TENDÊNCIA A UNIREM-SE: o mercúrio une-se ao ouro por *simpatia*.

Fechemos, neste caso, o nosso rosário de citações com a opinião luminosa de Bluteau, a cujo respeito escreveu Rui Barbosa: ⁽⁷⁹⁾ “Apesar de ter a data do século XVIII, não é um livro anacrônico no século XX a obra de Bluteau. Em todas as questões onde se intente ventilar a árvore da degeneração das palavras no nosso idioma há-de ser, a todo o tempo, um repositório imprescindível e inestimável de informações autorizadas. Ainda além dessas raias, porém, isto é, ainda quando a controvérsia recaia sobre questões de atualidade em nossa língua, o voto desse antigo lexicógrafo será muitas vezes digno de ponderação, quando não for decisivo. Para desdenhar de Bluteau, é necessário não o conhecer. Infelizmente a sua raridade não o põe ao alcance de todos. Mas os que tiverem ocasião frequente de versar aqueles dez volumes, neles

⁽⁷⁹⁾ Projeto de Código Civil Brasileiro, v. I, pág. 595.

reconhecerão, para o latim e o português, uma vasta mina de noções preciosas”. Bluteau, o velho e judicioso Bluteau, além do muitíssimo mais que escreve sobre a palavra *simpatia*, assim se exprime logo ao topo da sua longa definição: “*Simpatia*. Deriva-se da partícula Grega *Sym*, que responde à partícula Latina *Cum*, e de *Pathos*, que vale o mesmo que *Afeto*, é uma conformidade de qualidade naturais, da qual nasce uma mútua alteração, e propensão recíproca em matérias, ainda que separadas, e distantes. Também em cousas de diferente natureza, pode haver simpatia, e parentesco de afetos, como entre o corpo, e a alma, como mostra a experiência no impulso da vontade, e no movimento local, e em outras infinitas uniformes operações da alma, e do corpo para conservação da vida. Desde o céu até a terra, em todas as ordens, e estados da natureza espiritual, e material, intelectual e corporal, domina a simpatia. Começando pelas inteligências, e espíritos celestes, aos Anjos (segundo a doutrina dos Platônicos) dá Deus ofídios conformes a sua própria inclinação natural; de sorte, que os Espíritos mais dados à contemplação da fortaleza, são os Anjos da guarda dos conquistadores; os que mais se deleitam com as obras da sabedoria, assistem aos Legisladores, Ministros de Estado, etc., donde nasce aquele trato familiar de alguns Santos, e Santas com os seus Anjos custódios, que levados da sua inclinação natural, comunicam com eles, e nos sonhos, ou com sinais lhes dão salutíferos conselhos.

Entre os planetas há uma certa amizade, originada das qualidades predominantes, cuja semelhança faz a Vênus amiga de Marte, ao Sol amigo de Mercúrio, e a Júpiter amigo do Sol. Nos três Reinos do mundo subllunar, a saber, no reino vegetal, e mineral, e animal, são mais sensíveis os prodigiosos efeitos da Simpatia; e certamente são tão prodigiosos, e em tão grande número, que há tratados grandes, e livros inteiros deles, aos quais remeto os curiosos, particularmente ao livro do Padre Atanásio Kircker, intitulado, *Magnes, siue de Arte magnetica*, aonde se acham infinitos exemplos da Simpatia de plantas, pedras, metais, animais, etc. Simpatia de naturais, gênios e costumes. Ter uma pessoa simpatia com outra. TRÊS COUSAS obrigam os homens a se querer bem, benefícios, esperanças, e simpatia de gênios”. (*Vocabulário português e latino*, vol. 7.º, págs. 813 e 814).

Argumentemos com todas as letras, muito embora se alonguem as inevitáveis transcrições; e neguemos com vigor e abundância, como é de justiça, a propriedade da expressão que ao mestre escapou *currente calamo*.

Não padece dúvida que *simpatia* traz consigo a ideia clara e precisa de *atração*, de *união*, de *inclinação* mútua, de *tendência* recíproca. Tudo isto, e mais aquilo que nos faz participar das penas, dos prazeres e das impressões de outrem – chama-se *simpatia*.

Ideia diametralmente oposta nos sugere, porém, a expressão: “Perdoemos os maus, *fugindo-lhes...*” Fugir é desviar-se precipitadamente, é retirar em debandada, é evitar alguma cousa, é sair furtivamente; é escapar-se, é coar-se, é desaparecer; é afastar-se, é insular-se, é desprezar. É mais ainda: é desaconchegar-se, é desprender-se, é acabar, é extinguir-se...

E, pois, é contrassenso, na mais rigorosa expressão da palavra, dizermos que tem a nossa *simpatia* quem de si nos obriga a *fugir*. O que o apresentante de Gustavo Teixeira quis escrever não foi, ao que parece, *simpatia*, mas *idiopatia*.

Promanam, certamente, de um *lapsus calami* as linhas criticadas: que com tanto acerto as podia ter composto quem tão bem conhece a arte da palavra escrita...

(*Continua*).

Vila Desdêmona, julho de 1917.

Panoplia: Mensario de Arte, Sciencia e Literatura – SP

Ano I, n.º 3, agosto de 1917, p. 133-136

Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário. 1ª parte, O prefácio II (conclusão) – Aristeu Seixas

I PARTE
O PREFÁCIO

II
(Conclusão)

3, – Ainda a páginas 6 do aludido proêmio discreteia por esta forma o ilustre sr. Vicente de Carvalho:

“uma estrofe assim é sempre um acaso feliz; ACASO PROCURADO ou não, pouco importa, mas que só se depara aos que os deuses parcialíssimos protegem”.

Não nos parece bem. Quem encontra porque *procura* não encontra *por acaso*. ACASO PROCURADO não é *acaso*; é, com perdão da palavra, uma grandessíssima tolice.

Aprendam, os que não sabem, em Moraes a significação exata, restrita de *acaso*; para que o não empreguem tão desacertadamente como aquele inspirado poeta: “*Acaso*, s.m. Sucesso *imprevisto*, *inesperado*, DE QUE NÃO SE SABE A CAUSA. *Acaso*, *Destino*, *Fortuna*, *Sorte*, sin. Entre *Destino*, *Fortuna*, *Sorte* de um lado, e *Acaso* do outro há uma espécie de oposição; as três primeiras implicam uma ideia de regularidade ou de intenção. O *Destino* é a ordem imutável, fatal das coisas; a *Fortuna*, embora caprichosa, é considerada como obedecendo a uma tendência determinada; a *Sorte*, conquanto parece em mais estreitas relações com o *Acaso*, tem também elementos invariáveis. Fulano é perseguido pela sua má *Sorte*, diz-se, E NUNCA FULANO É PERSEGUIDO PELO SEU MAU *acaso*. Cada um, É PERSEGUIDO PELO SEU MAU *acaso*. Cada um, cada cousa tem seu *destino*, sua *fortuna*, sua *sorte*; NINGUÉM TEM SEU *acaso*, PORQUE O *acaso* A NADA ESTÁ LIGADO, DE NADA DEPENDE, EXCLUI TODO O ENCADEAMENTO DE ANTECEDENTES E CONSEQUENTES, que *Destino*, *Fortuna* e *Sorte* necessariamente compreendem”. (Dic. Da ling. port., 7.ª ed., Lisboa, 1877).

A argumentação do reputadíssimo lexicógrafo é cerrada e é forte, é judiciosa e é completa. É bem de ver, por conseguinte, que de nada mais precisaríamos para a defesa da nossa crítica. Quem tão bem e tão copiosamente discorre sobre determinada matéria, prescinde por certo de outras opiniões sobre o caso. Demais, sem ofensa a Adolfo Coelho e Cândido de Figueiredo, que ainda vivem, o grande trabalho de António de Moraes Silva continua a ser o *primus inter* no gênero referido. É, para nós, a maior autoridade da língua em matéria de dicionário. Oxalá fosse tão farto de vocábulos como o daquele filólogo a que acima nos referíamos em segundo lugar!

Mas a nossa crítica, dadas as circunstâncias especiais em que é feita, precisa de ser abundantemente documentada. Além disso, já houve, mesmo com respeito a nós, quem chamasse o *bolorento Moraes* ao conspícuo dicionarista...

E bem. Não é só com Moraes que discutimos: as provas vêm-nos ao lanço sem dificuldade, uma após outra.

Vejamos o que diz Aulete: “*Acaso* – acontecimento CUJA CAUSA SE IGNORA, sucesso IMPREVISTO: O *acaso* é uma palavra sem significação filosófica, porque todo o efeito tem uma causa”. “O *acaso*, o conjunto de acontecimentos NÃO LIGADOS A UMA CAUSA”.

É de Adolfo Coelho: “*Acaso* – caso fortuito. Eventualidade. O todo dos sucessos NÃO LIGADOS A CAUSAS”.

Domingos Vieira assim discorre: “*Acaso* – Eventualidade, evento, SUCESSO IMPREVISTO, azar, casualidade, acidente fortuito. Combinação de circunstâncias INDEPENDENTES DA VONTADE, QUE SE NÃO PODEM EVITAR, NEM PREVER, NEM TÃO POUCO EXPLICAR A RAZÃO DELA”.

Colhemos em Roquete: “*Acaso*, antes *caso*, do latim *casus* (de cado, cecidi, casum, cair, acontecer), toma-se algumas vezes em lugar de *fortuna*, mas referindo-se não a uma série ou encadeamento de sucessos, SINÃO A UM SÓ QUE FORTUITAMENTE ACONTECE, como disse Vieira falando do jogo: “Nos dados e nas cartas nenhum lugar tem a razão e o juízo, senão a temeridade e o *caso* (XIII, 252).

Lacerda, no seu *Novíssimo dicionário* de sinônimos, assim escreveu sobre a palavra *acaso*: “Também não designa um ser real a palavra *acaso*, cuja significação contudo é análoga à da palavra *fortuna*; porém *acaso* parece referir-se mais particularmente a um fato solitário, só por só, sem ligação a outros; enquanto que *fortuna* parece referir-se a uma certa série de fatos. CONTUDO *acaso* DISTINGUE-SE

ESSENCIALMENTE DE FORTUNA, ENQUANTO CONSIDERAMOS AQUELE INDEPENDENTE DA NOSSA VONTADE, a qual pelo contrário julgamos que pode concorrer de algum modo para que a *fortuna* tenha no seu obrar, embora inexplicável, antes um do que outro resultado”.

Fr. De S. Luis, no *Ensaio sobre alguns sinônimos da língua portuguesa*, diz acerca de *acaso* o seguinte: “*Acaso* é outra palavra que não significa objeto algum real. Dela nos servimos em um sentido análogo ao da palavra *fortuna*; MAS CO ALGUMA DIFERENÇA: porque *acaso* se refere mais ordinariamente a um fato só por só, QUE NOS PARECE NÃO TER RELAÇÃO ALGUMA COM OUTROS ANTECEDENTES OU CONCOMITANTES, e que por isso supomos SEM CAUSA; ao mesmo passo que *fortuna* parece referir-se mais propriamente a uma série de fatos, que na sua mesma inconstância e variação, mostram um desígnio, E TÊM ALGUM NEXO E CERTA ORDEM. Demais, O QUE ATRIBUÍMOS AO *acaso* É TOTALMENTE INDEPENDENTE DA DILIGÊNCIA OU PROVIDÊNCIA HUMANA; não assim o que atribuimos à *fortuna*; porque esta julgamos nós que umas vezes favorece a nossas diligências, e que outras vezes capricha de as contrariar ou desprezar”.

Brunswick, o mais recentes dos dicionaristas que se não ocupado da sinonímia da língua portuguesa, escreve ainda, ao tratar de *acaso*, *fortuna*, *sorte*, *fatalidade*, *destino*, *fado*, *ventura*, *dita* e *estrelas*, o que em seguida se lê: “O *acaso*, o mais fantástico de todos os seres desta série, OBRA ARBITRARIAMENTE; prepara combinações de circunstâncias TÃO IMPOSSÍVEIS DE PREVER, COMO DE IMPEDIR, e delas proveem fatos, felizes ou desgraçados, que nos deixam estupefatos de prazer ou de dor. As suas manifestações não são constantes; isto é, não se lhe referem fatos sucessivos; revela-se de quando em quando; oculta-se, reaparece; persegue-nos ou abandona-nos; favorece-nos ou esmaga-nos. É nisto que não se assemelha à *fortuna*, pois esta, como veremos, parece obrar de um modo constante, e ao *acaso* só se imputam fatos isolados, TENDO POR ISSO MUITA ANALOGIA COM A FATALIDADE”.

Não há dúvida: *acaso procurado* é garabulha que se não entende. De fato, se *acaso* é aquilo que acontece independente da nossa vontade, e se *procurar* é fazer diligência por encontrar, é buscar, é tratar de conseguir, de obter, é fazer que alguma cousa se nos depare, não se pode dizer *acaso procurado*. *Acaso* é aquilo que se verifica *sem depender de*

nada, excluindo todo o encadeamento de antecedentes e consequentes; e não em virtude da nossa procura, do nosso esforço, da nossa diligência.

Aí está. Muito caminhávamos para documentar a congruência do sr. Vicente de Carvalho. Poucos nos terão de certo acompanhado nesta pesquisa, porque fomos efetivamente demasiado prolixos. Continuaremos, todavia, nesse mesmo caminho, embora fastidioso; pois só assim não fugiremos à norma da boa crítica, que deve ser repleta de autorizados exemplos e copiosa documentação para ser honesta e convincente.

Profligamos, por justas razões, por motivos ponderosos, a errônea expressão do velho escritor paulista; ou, para melhor dizermos, profligaram-na por nós alguns mestres conspícuos da portuguesa língua. Com efeito, o sr. Vicente de Carvalho, neste caso do *acaso* andou muito afastado daquilo que se chama propriedade de expressão; e não sabemos bem se s. s. errou por *acaso* ou se nem por *acaso* acertou... Como quer que seja, não ficou menos brilhante por isso: que, por exceção, tanto pode falsear o mestre de grande saber e assinalado engenho, quanto acertar o aprendiz de apoucada vocação e resumidas letras...

4. – A página 3:

À CATA DELA malbaratam a vida inteira, etc.”

Estamos que essa *catadela*, que mancha as primeiras páginas de um livro estreante, lançadas à maneira de apadrinhamento, não soa bem aos aparelhos auditivos do leitor. Pede monda, que se lhe não pode negar a bem da harmonia da frase.

5. – A página 5 da questionada introdução, leem-se palavras tais:

“Eles (os deuses) darão talvez às nossas teorias irrefutáveis um IRÔNICO SORRISO de BENEVOLÊNCIA”.

Perdoe-nos o sr. Vicente de Carvalho a rude franqueza com que o analisamos, e releve-nos dizer que o s. s. não conhece bem a química do nosso linguajar. Nos torneios da palavra as combinações também se fazem, como na química, sob preceitos e regras que se não podem

desprezar. Na linguagem, que também é uma ciência, há leis e há processos a seguir.

Ironia e benevolência são cousas que se repelem uma a outra, são atos cujos fins se não conciliam. A *ironia* a modo que tresanda a perversidade; enquanto que a *benevolência* é um gesto sereno da bondade. *Sorriso irônico de benevolência* não se diz, nem se escreve.

Sorriso irônico tem sido em todos os tempos coisa muito diversa de *sorriso de benevolência*. Se *ironia* vale o mesmo que *sarcasmo*, como sabe toda a gente, como se pode ver benevolência num sorriso em que há *ironia*, ou *ironia* num sorriso em que há *benevolência*?

O sr. Vicente de Carvalho não devia escrever em prosa. O lirismo, a que tão bem se adapta o seu temperamento tumultuoso de superficialidade, é que comporta, na opinião de muitos, essas incoerência que a prosa condena e repete. A prosa, já disse Balart, é a linguagem da vida real; e, por isso mesmo, demanda uma firmeza de pulso e uma cultura de espírito, que o ilustre poeta da *Rosa, rosa de amor* nunca se decidiu de atingir, no domínio das letras ou fora dele; conclusão a que chegará qualquer pessoa esclarecida depois de atenta leitura das suas obras impressas.

Versos, e versos líricos, é o que exclusivamente devia s. s. escrever. A poesia lírica é, por assim dizer, uma futilidade permanente e divina, que disfarça os erros com o encanto das rimas e o embalar dos ritmos. A prosa requer outros conhecimentos, maior descortino, mais justeza no período, mais segurança no gesto, mais profundeza na ideia: que se aquela tem a peia da rima e do metro, esta só tem o limite da inteligência e do gosto.

6. – Ainda a página 12, do trabalho de que ora se questiona, se lê:

“GUSTAVO TEIXEIRA, INTENCIONALMENTE OU NÃO, encara e canta o amor como um gracioso ornato da existência”.

Isto, se houvesse sido escrito com reflexão, será taxar de inconsciente o formoso poeta do *Ementário*. O sr. Gustavo Teixeira *encara* ou *não encara* o amor como simples ornato da existência. Em qualquer dos casos, porém, pratica um ato propositado, muito propositado mesmo; age de acordo com o seu temperamento, de harmonia com o seu sentir e pensar.

A própria significação do verbo *encarar* arreda a hipótese de uma ação *não intencionalmente executada*.

“*Encarar*, na acepção de que tratamos, diz Aulete, é *considerar, estudar, analisar*: ENCAROU a questão por dois lados.”; que é o caso do sr. Gustavo Teixeira, que “*encara* o amor como simples ornato da existência”, isto é, “*considera-o*, etc”. E quem *considera*, quem *estuda*, quem *analisa*, não opera senão *intencionalmente*.

Todas as ações correspondentes ao verbo *encarar* são *ativas*; não há uma só *passiva*, que se possa realizar sem o deliberado propósito de alguém.

Se é verdade, pois, o que do seu prefaciado escreveu o prefaciador, isto é, que ele *encara e canta o amor como simples ornato da existência*, o poeta do *Ementário*, sobrepondo a tudo a sua lúcida consciência, consuma, com isso, um ato *absolutamente intencional*: que só os loucos fazem o que não sabem, e não sabem o que fazem...

7. – Iríamos muito longe, alongaríamos sem conta esta parte do presente estudo, se assentáramos de respigar todos os defeitos, todas as imperfeições que enxameiam o antelóquio do sr. Vicente de Carvalho. Vamos, portanto, encerrar as nossas observações com a análise das suas últimas sete linhas, que realizam assim:

“Um poeta de talento sente, adivinha por intuição, o que mais convém à feição do seu espírito. Se FOSSE POSSÍVEL, SÓ UM CONSELHO SERIA LÍCITO DAR-LHE: O DE TER INSPIRAÇÃO, E MUITO AMOR À SUA ARTE. SÃO QUALIDADES QUE SE NÃO ADQUIREM A CONSELHO DE OUTREM. DEMAIS, GUSTAVO TEIXEIRA POSSUE-AS AMBAS, E EM ALTO GRAU: prova-o triunfantemente o *Ementário*”.

A chave do tal preâmbulo é simplesmente admirável! Digam lá os que podem julgar da arte difícil da palavra escrita, se temos ou não razão quando afirmamos que o sr. Vicente de Carvalho baralha as cousas e faz trabalho de fôlego pelo tamanho, mas nulo ou quase nulo pelo que realmente exprime. Vejamos.

Diz s. s. no trecho transcrito, que, se *fosse possível, seria lícito* dar um conselho ao poeta, *qualo de ter inspiração e muito amor à sua arte*. Mas tal *conselho*, acrescenta logo em seguida o sr. Carvalho, *não pode ser dado, por se tratar de qualidade que se não adquirem a*

conselho de outrem. E, depois de tudo isso, deixa escapar a confissão de que o *aconselhado possui todas as virtudes que imaginara e desejara nele ver!*

Assim temos que s. s., conforme declara e afirma:

I.º - imaginou aconselhar uma cousa;

2.º - estava certo de que essa cousa não era cousa que se adquirisse por conselho;

3.º - sabia que o aconselhado já possuía a tal cousa, isto é, o objeto do conselho lembrado *como lícito*, mas considerado *absurdo*.

E, pois, diga-nos agora o prefaciador ilustre a razão por que se lembrou desse conselho. Porque este poderia, com proveito, ser seguido pelo sr. Gustavo Teixeira? Não, o próprio sr. Vicente o reconhece e proclama. Porque do referido conselho precisava o poeta do *Ementário*? Também não, é o mesmo sr. Vicente quem entusiasticamente o assevera e jura.

Nesse caso, que pretendeu s. s. com aquelas sete linhas inexpressivas e inúteis, descabidas e desconexas, levemente pensadas e absurdamente largadas na cauda do seu escrito de apresentação?

É resposta que a vaidade humana não deixa vir à flor dos lábios; que a pretensão apertada e prende nas paredes da garganta.

Vila Desdêmona, agosto de 1917.

ERRATA:

No I.º n.º da *Panóplia*, p. 36, I.ª coluna, onde se lê: “Assim pensando *na* crítica em geral”, leia-se: “Assim pensando *da* crítica em geral”.

No 2.º, p. 82, 2.ª coluna, onde se lê: “*É do proêmio do Ementário*”, leia-se: “*São do proêmio do Ementário*”.

Panoplia: Mensario de Arte, Sciencia e Literatura – SP

Ano I, n.º 4, setembro de 1917, p. 188-191

Bons & Maus: Gustavo Teixeira, Ementário. 2ª parte, A Vida I – Aristeu Seixas

II PARTE

I

A VIDA

Disse o prefaciador ilustre do *Ementário*, falando de Gustavo Teixeira, “não saber que vida ainda tão curta e deslizada toda em tão remota e sossegada vila, possua história que se conte”. E disse-o muito bem: quatro linhas mais em seguimento a estas, e teremos tracejado, sem prejuízo dos fatos principais, narrativa dessa existência modesta e honrada, que tem sido a do elegante bardo paulista. Por simples não deixa ela, todavia, de nos interessar e atrair para os efeitos da crítica; por curta ainda, e desataviada em todo o seu curso, singela em todos os seus estádios, não deixará de figurar a sua história, também singela e curta, na parte respectiva da apreciação literária que lhe diz respeito. A simplicidade em que hão decorrido os dias de sua vida justifica perfeitamente o temperamento do poeta; é, a bem dizer, uma fonte de informações que satisfazem, de algum modo, a curiosidade do leitor menos frívolo, e guiam a crítica com uma relativa segurança no pedantesco e incertíssimo domínio das deduções psicológicas.

Gustavo Teixeira, ou melhor – Gustavo de Paula Teixeira nasceu em uma fazenda próxima à cidade de São Pedro, então vila de São Pedro de Piracicaba, aos 4 de março de 1881. Seu pai, já falecido, fora o agricultor Francisco de Paula e Silva; e sua mãe, que ainda sobrevive, é d. Miquelina Teixeira de Escobar. Ambos receberam instrução apreciável, havendo aquele, ao que nos consta, feito todo ou parte do curso de teologia para a carreira eclesiástica, que não seguiu por ter, em certa altura, mudado a sua resolução de vestir, para todo o sempre, a negra samarra simbolizadora das ordens religiosas.

Quanto a genitora de Gustavo Teixeira, fora ela educada no Colégio das Irmãs de São José de Itu, onde lhe foi ministrada a instrução que possui.

Francisco de Paula e Silva, pai do poeta, não era simplesmente um homem culto, por isso que nele se manifestavam decididas tendências literárias. A sua atividade intelectual, exercida apenas sob a

forma de *diletantismo*, foi principalmente dedica à história; havendo, todavia, na sua adolescência, escrito também alguns versos, que a família ainda conserva em seu poder. O teatro mereceu-lhe, igualmente, certa atenção; e, nesse gênero, deixou o manuscrito de um drama, que não havia, então, terminado, quando a morte o colheu vai para cinco anos.

Os avôs de Gustavo Teixeira, ao que sabemos, não se dedicaram nunca às letras, nem tiveram mesmo cultura mediana. Foram, porém, o tipo acabado do paulista severo e destemido. O seu avô paterno, de quem o pai de Gustavo tomara o nome por inteiro, chamava-se Francisco de Paula e Silva, e fora agricultor abastado no município de Sorocaba. O avô materno do poeta, falecido aos 108 anos de idade, tinha nome Joaquim Teixeira de Barros. Homem de princípios austeros, caráter de rija têmpera, destemidez de bandeirante, mantivera em toda a sua vida o dever como lema e a honra como apanágio. Foi o fundador de São Pedro, que havia de ser, quase um século mais tarde, o berço neto cantor, cujo estro admirável e cujo admirável talento correm paralelamente com a sua peregrina modéstia.

Se se impusesse aos moldes deste trabalho o examinarmos com profundidade a árvore genealógica dos *Teixeiras*, iríamos seguramente defrontar com um dos vultos mais sombrios, mais trágicos, mais sanguinolentos que a história registra no repositório eterno das suas páginas: o famigerado duque d'Alba (I) que, além de outros feitos que lhe caracterizam a ferocidade da índole, tem o de haver, no reinado de Filipe II, governado as províncias revoltadas dos Países Baixos, onde, mais que em parte nenhuma, deu largas ao seu instinto de opressor, e onde, todavia, menos triunfos que em outro qualquer lugar conseguira sobre os oprimidos.

Mas, não foi para nos referirmos ao seu gênio belicoso e ao seu instinto de perversidade, que aqui mencionamos o nome lendário do lendário duque. Foi precisamente pensando nas suas raras qualidades intelectuais, no seu fino espírito, sempre fino e sempre pronto na frivolidade dos momentos e nos momentos mais difíceis, foi exatamente considerando o seu grande amor às letras, estereotipado, além do mais, no gesto do reimprimir, à sua custa, as obras de fr. Luis de Granada, foi tendo em vista esses predicados da inteligência, que para aqui o trouxemos, que aqui o registramos, ligando de alguma maneira, mau grado os séculos que os separam, os dotes espirituais do tirano vencedor da ponte de Alcántara, ao estro magnífico do bardo primoroso do *Ementário*.

Gustavo Teixeira descende, porém, diretamente, como vimos, de uma honrada família de lavradores. Foi, pois, distante do bulício aterrador das cidades, da vaga barulhenta dos grandes centros populosos, que o cantor de *Cleópatra* afrontou, na inconsciência ou na ingenuidade do desabrochar, os insultos das primeiras tempestades da vida. Teve ele, ao abrir os olhos, ao escancarar as janelas que dão para a existência, teve ele diante de si, sem falsos adornos, o quatro cem vezes maravilhoso da natureza bruta.

Nasceu e cresceu na despreocupação da vida agrícola, brincando sobre a relva pontilhada de boninas, à sombra das árvores amigas, ao chilrear do passaredo em festa, e contemplando, pela manhã, o reboição dos animais na manjedoura; e, à tarde, a redescender dos campos longínquos, a bela, a tarda, a longa, a encantadora fila da boiada...

Nasceu e cresceu, dizemos nós, porque o poeta só deixou o sítio tranquilo, o remansoso torrão natal aos 19 anos de idade, isto é, a 10 de janeiro de 1900, quando veio para S. Paulo, fixar-se, como se fixou, em companhia de seu irmão mais velho – o sr. Francisco de Paula Teixeira, poeta também, e prosador erudito, com inegável capacidade para os estudos de crítica literária e psicológica, como a que levou a cabo com respeito ao *Ateneu*, de Raul Pompéia; poeta e prosador quase desconhecido, porém, pela maneira avara com que oculta, aos olhos do público e às indiscrições da crítica, as suas composições literárias. Antes, entretanto, de se transferir para a capital paulista, o autor do *Ementário* se ocupara, em 1898, como professor particular, na fazenda denominada *Campestre*, de propriedade de seu tio Joaquim Teixeira de Toledo, político residente no município de São Pedro; havendo, algum tempo depois, exercido as funções de professor substituto de uma das escolas públicas da sua cidade natal.

Gustavo Teixeira não fez nenhum curso regular, podendo mesmo dizer-se que jamais frequentou qualquer escola primária ou secundária. É um fato digno de nota e tantas vezes repetido, este de se multiplicarem, em todos os tempos, não só os poetas, mas também os escritores de larga fama e subido engenho sem o curso de qualquer escola, sem o diploma correspondente ao estudo metódico das academias. Já Latino Coelho, a propósito das conclusões tiradas pelos biógrafos de Camões, de que este, pela volumosa erudição que ressumbra nos seus poemas, especialmente nos *Lusíadas*, devera forçosamente ter perlustrado as escolas e os estudos maiores, já Latino Coelho assim dizia: “Não há, porém, mais viciosa e mais inconsistente conclusão. O exemplo manifesto, recente, incontrastável de eminentes

escritores, que à sua própria energia autodidática deveram quanto de saber e de instrução nos legaram em seus escritos, está averbando de suspeitas ou falazes tão ligeiras e infundadas ilações. Quando vemos que Alexandre Herculano primava nas suas obras em vária e profusa erudição histórica, jurídica, literária e agrônômica, apesar de que das escolas superiores apenas frequentou, sem fruto e sem exame, o primeiro ano da academia de marinha, onde se matriculou em 1824, seremos rebeldes a conceber que igualmente o Camões, ao próprio esforço devesse porventura o muito que sabia? Que estudos regulares e sistemáticos tinha caso seguido Rebello da Silva, que na escola politécnica e na universidade, onde cursou, não conseguiu habilitar-se numa só disciplina?"⁽⁸⁰⁾. E, agora Camões, Herculano e Rebello, em Portugal e no Brasil os exemplos se avolumam, cada qual mais eloquente, cada qual podemos quase chamar o criador da língua portuguesa, desde Barros até Camilo Castelo Branco, na lusitana pátria; desde Bento Teixeira Pinto, no Brasil, até Quintino Bocaiúva, até Machado de Assis, até Olavo Bilac, muitos são os escritores de notável erudição não conquistada nos cursos sistematizados das escolas.

Gustavo Teixeira entra para essa legião de esforçados, ou, se quiserem, para a plêiade esclarecida de rebelados contra a oficialização dos conhecimentos humanos. Pode ser que tudo isso seja uma simples obra do acaso; mas pode ser também um protesto lançado conscientemente, pelo que assim pensam, contra o limite que, de algum modo, os institutos estabelecem à sabedoria do homem.

Gustavo não frequentou jamais uma escola. Estudou as primeiras letras na casa paterna, com sua mãe; e, na data a que acima nos referimos, prosseguiu os seus estudos com Francisco Teixeira, que não é apenas uma apreciável ilustração, senão também um caráter de primeira ordem, um espírito reto, um coração bem formado, e um fiel cumpridor de seus deveres.

Foi deste irmão que Gustavo recebeu os salutares ensinamentos, com os quais pode, aproveitando e aprimorando as suas naturais tendências literárias, ascender como artista para as regiões misteriosas da poesia; foi com este irmão que o poeta do *Ementário* adquiriu o conhecimento de várias disciplinas constitutivas do curso de humanidades, preparando dess'arte o seu espírito para o estudo e assimilação de outras matérias simpáticas ao seu temperamento e ao seu pendor para o beletismo.

⁸⁰*Galeria de Varões Ilustres*, Luís de Camões, 38 e 39.

Antes, porém, que lhe deslumbrassem a vista os esplendores da capital artística, já Gustavo Teixeira, no sossego da sua vila e na quase rusticidade do seu espírito, se sentia atraído pelos encantos do verso. O metro e a rima tinham já para ele alguma estranha magia, que o arrastava, através do tumulto da inspiração, para o banquete maravilhoso das Musas. Ainda aí, foi seu irmão mais velho quem os passos lhe guiou na escolha dos melhores autores.

O primeiro livro de versos lido pelo poeta fora o *Relicário*, de Vicente de Carvalho; sendo certo que só mais tarde, e ainda por indicação de Francisco Teixeira, Gustavo pôde perflustar as páginas de autores de maior vulto, em quem o fogo sagrado não se divorcia nunca da mais escrupulosa correção de linguagem. E, pois, a seguir, leu os *Mármores*, de Francisca Júlia, e as *Poesias* de Machado de Assis, de Raimundo Correia, de Olavo Bilac e de Alberto de Oliveira.

“São estes os parnasianos, dizia-lhe o irmão, e os parnasianos são para mim os melhores poetas”. E Gustavo Teixeira os lia, lia-os sempre, e os apreciava sobre todos os outros, informou-nos ele, “certamente por sugestão”.

De suas preferências, que não são tendenciosas, por este ou aquele autor, trataremos em outra parte deste estudo.

Ao findar o ano de 1905, voltava o nosso poeta a aninhar-se de novo nas nemorosas e sossegadas paragens do seu nascimento, levando já, como patrimônio glorioso, um nome mais ou menos conhecido e apreciado nas rodas intelectuais desta formosa paulicéia. Porque Gustavo Teixeira colaborava, então, com certa assiduidade em muitos jornais do interior do Estado, e nas melhores revistas que, por essa época, saíam ao lume no populoso e movimentado centro paulista.

Regresso à sua terra, à plácida São Pedro de seu nascimento, e para logo, a 6 de novembro de 1906, se empregou como secretário da respectiva câmara municipal, instalada havia cerca de quatorze anos, com a elevação da vila a cabeça de comarca, em virtude da lei estadual n.º80, de 25 de agosto de 1892. Regressou à sua terra, e aí se conserva até hoje, sem aspirar, ao que parece, ao turbilhão das grandes cidades, arredio do convívio dos propugnadores da divina arte, de que ele é sem dúvida um paladino emérito, afastado desta civilização tempestuosa das capitais, voluntariamente exilado na pequena nesga de terra, em que o perfume das flores silvestres lhe embalsamara o beco, e a brisa selvagem dos sertões lhe acalentara os sonhos do alvorecer.

Gustavo Teixeira levará, então, para São Pedro um bom número de composições poéticas, realizadas no último ano de sua permanência

em São Paulo, com as quais havia de, mais tarde, formar o volume do seu *Ementário*; mas foi principalmente em São Pedro que o distinto poeta escreveu a maior parte do livro, dado à estampa em 1908, como dissemos ao iniciar esta apreciação.

Daí para cá, não nos deu ele quaisquer outras produções de sua autoria enfeixadas em volume. Conserva, entretanto, inéditos vários trabalhos em verso, que deverão formar um novo livro, batizado com o título muito simples de *Poemas Líricos*.

E é só. Sua vida, seus traços gerais, é apenas isso. Tudo mais, que lhe dá relevo e graça, chama-se talento, chama-se estro, chama-se ilustração, chama-se arte, chama-se engenho, e chama-se caráter.

Vida desinteressante para todo mundo. Menos para os que sabem e sentem as torturas com que a alma do poeta se desprende da matéria vil para divinizar, sedenta de beleza e de glória, a magnificência do verso e os esplendores da rima...

Vila Desdêmona, outubro de 1917.

A Cigarra – SP

II quinzena de março de 1925, p. 38

Livros Novos: Poemas Líricos, por Gustavo Teixeira, 1925 – n. i.

POEMAS LÍRICOS, por Gustavo Teixeira, 1925

O segundo número da coleção artística *Os Nossos Poetas*, editada pelo nosso brilhante e querido confrade de imprensa Nuto Sant'Anna, enfeixa os *Poemas Líricos*, de Gustavo Teixeira. O volume, que apresenta uma vistosa, sugestiva capa de Meirelles, é impresso em excelente papel Bufon. E quanto aos versos do ilustre poeta do *Ementário*, pode-se dizer que encantam pelo ritmo e pela inspiração. Certo Gustavo Teixeira ao compraz ainda, no seu heptacórdio quereloso, em evocar, em surdina, as belas manifestações do sentimento, cantando-as à maneira antiga, em versos metrificados e (cousa rara!) escritos em português). As novas correntes, ao que parece, não o tentaram ainda, se bem que, por exemplo na *Canção da Noite sem Aurora*, mau grado á sistematização rítmica, já se nota qualquer cousa que o divorcia dos velhos padrões poéticos. A arte, é possível, que não envelheça; todavia, em que parece ao carrancismo dos que se fossilizam dentro de fórmulas imutáveis, está sujeita a variações contínuas e, como a moda, deve refletir as exigências e o gosto contemporâneos. Sem dúvida hoje, como sempre existiu, existe uma poesia nova. Bilac foi novo no seu tempo, como o foram Castro Alves, Gonçalves Dias, Gonzaga, o remoto Gregório de Mattos nas épocas em que suspiraram e fulguraram. Atualmente há um espírito de inovação, que anseia pela originalidade. Esse espírito, mal interpretado, a cada passo revela pelo absurdo, não raro pelo ridículo. Os grandes poetas, porém, vão realizando alguma cousa séria, que vem contribuir com novos cabedais para o patrimônio das nossas letras. Ora, Gustavo Teixeira, que é um artista consumado, talvez deva estudar esta recente face da literatura – e então, ele que, em arte antiga, como ainda agora nestes *Poemas Líricos*, nos dá tantos primeiros, certamente nos dará, em arte nova, trabalhos que o atualizem e que soberbamente nos deliciem pela frescura e bizarria das suas concepções.

Correio Paulistano – SP
 17 de março (terça-feira) de 1925, p. 4
 Poetas – “Helios” (Menotti del Picchia)

POETAS.

Nuto Sant’Anna e Gustavo Teixeira, cuja longa hibernação no silêncio fazia-nos viver apenas da saudade do tempo em que empolgavam a poética paulista, ressurgiram, de mãos dadas, numas lindas e pequeninas edições cuidadas por Nuto, dando-nos uma bela florada de versos.

Eu não sei se esses dois livros se encartam bem no nosso atual instante anti-romântico e formidavelmente pragmático.

Sei apenas que ainda adoro o velho Chopin, depois de uma elétrica e álgida explosão jovial de Villa Lobos e Malipiero...

Gustavo Teixeira tem no seu acervo lírico algumas jóias imortais. Vicente de Carvalho – onde está o projeto de herma de Vicente de Carvalho? – soube sublinhá-la com seu alto senso crítico, num prefácio que glorificará sempre o suave poeta do “Ementário”. Nestes novos poemas, dentro da técnica que manteve irreduzível, há ainda toda a comoção romântica de sua alma, toda a virginal beleza lírica do seu desalento de homem inatual, inadaptável à bárbara violência deste século másculo, de cabotinos, “nouveaux-riches”, “cowboy”, rudes conquistadores da glória e da fortuna.

Sua sentimentalidade refoge à corrupção do mundo moderno, aferrado à penumbra das sinceridades, dos sentimentos belos e nobres. É um luminoso e terno fantasma de uma arte que culminou em “Poemas e Canções”, o evangelho dos lirodos românticos. E nossa alma, flagelada pelos jatos dos arcos voltaicos, sacudida pelos trancos dos 60 H. P., tornada cética e estéril pela ganância dos traficantes onzenários, refugia-se como num jardim ensombrado, sonoro de repuxos, dentro da deliciosa poética de Gustavo Teixeira. Por muito tempo ainda esse lirismo dominará as resistências da nossa sentimentalidade, cuja transfusão na estética moderna demorará o prazo que demora a vitória das renovações. Não hesito, porém, um só instante em registrar o triunfo da corrente nova, tendo os processos de Gustavo como póstumos, vivendo no tempo como a trepadeira a que se cortou as raízes e que sobrevive a si mesma, no verdor da euforia das suas folhas, até que pouco a pouco se estiole, seque, amareleça.

Esse delicado verdor de cousa morta e suave é o que me comove ainda, acordando no meu espírito o eco dos velhos ritmos, que fizeram a beleza espiritual e sonhadora da minha mocidade...

Helios

O Estado de S. Paulo – SP
04 de abril (sábado) de 1925, p. 3
Bibliografia – Sud Mennucci

BIBLIOGRAFIA

GUSTAVO TEIXEIRA – Poemas Líricos – in Rev. Os Nossos Poetas, n.º 2, de Fevereiro de 1925 – Instituto Anna Rosa – São Paulo.

Em 1908, um livro de autor quase desconhecido teve o condão de atrair sobre ele a atenção dos maiores da crítica indígena e, em especial, daqueles aristarcos reputados os verdadeiros cêrberos da literatura nacional. Esse livro era o “Ementário” de Gustavo Teixeira e representava uma estreia de tão alto valor artístico que Vicente de Carvalho, já então no apogeu de sua glória, se julgava no dever de prefaciá-lo.

Recebido com os mais calorosos e os mais significativos aplausos (nesse tempo ainda não era praxe o elogio da obra dos néscios) ao contrário do que era de esperar, Gustavo Teixeira desapareceu do cenário artístico paulista. Durante o espaço de dezessete anos, não tivemos dele mais que uma ou outra poesia esparsa, assim mesmo publicada em jornais de província de reduzidíssima circulação regional ou nalguma revista da capital de tiragem incapaz de sustentar a nomeada de um homem.

Este ano, após um tão longo hiato de silêncio, Gustavo Teixeira ressurgiu no mensário, dirigido por Nuto Sant’Anna e intitulado “Os nossos poetas”, cujo segundo número é inteiramente abrangido pela primeira série dos seus “Poemas Líricos”. E nessa ressurreição, o vate de São Pedro mostra que o Gustavo Teixeira de 1925 é o mesmíssimo poeta de 1908. Não se deixou encantar pelas maneiras do modernismo nem quis sacrificar nada de sua arte às correntes estéticas em voga. Lírico era, na forma vincadamente passadista do Fagundes Varela, lírico permanece, com as mesmas características que lhe trouxeram o êxito do “Ementário”.

Vegetando naquela pequenina e retardatária cidade de província, que as vias de penetração comercial do Estado foram esquecendo de um lado, para realizar, talvez, o estranho paradoxo de ter, a poucos minutos do progresso, um recanto perdido entre montes que tão afastado delas se afigura como se estivesse encurralado nos sertões do Mato Grosso,

Gustavo Teixeira, surdo aos convites dos amigos e admiradores, alheio ao “brouhaha” que a civilização lhe grita em torno, cuida apenas das atas das sessões da Câmara Municipal de São Pedro, de que é secretário e encerra-se, como num sonho, dentro da torre de marfim que é a sua Poesia.

Cá fora, estruge a luta pela glória e [trecho ilegível] berrantes e violentos, os cartazes das novas orientações artísticas; engalfinham-se, em polêmicas espetaculosas, os reformadores e os reacionários, e, na ânsia de ser algo no cenário mundial, de representar um valor na barafunda social contemporânea, organizam-se “jazz-bands” literários, que, em esgares e trejeitos, tentam dominar a esquiva e arredia curiosidade pública...

E o alarido não chega às plagas tranquilas, onde o poeta mora: Ele pode rever, como no seu “Canto real da glória”, que, com toda a serenidade:

“Sob o régio docel do heleno firmamento,
 Donde os Titãs revéis foram precipitados,
 Homero, a lira em punho, celebra o valimento
 Dos argivos heróis por Palas aureolados.”

E pode rever ainda a Fídias, todo atento a trabalhar no mármore de Paros:

“Saltam lascas do bloco, estala a pedra dura:
 - Um par de seios mostra a rara cinzelura,
 Das curvas de Afrodite o encanto predomina
 E as pernas, do brancos ondeante da neblina,
 Sustêm do torso grego a perfeição marmórea
 Com que o gênio imortal as gerações fascina.”

E dentro de seu sonho de artista, esquecido da hora presente e do mundo revoltado e indisciplinado “d’après-guerre”, apela para Atenas e roga:

“Protege os que, durante a humana trajetória,
 Haurem o fel que o mundo ao Sonhador propina
 Para alcançar o beijo olímpico da Glória!”

É pois, Gustavo Teixeira, irrecusavelmente e conscientemente, um “démodé”.

E, entretanto, em que pese à atitude mais ou menos declamatória dos idealistas da chamada renovação, esse “démodé” é ainda um poeta na verdadeira e na fiel acepção do vocabulário.

Fora da moda de seu tempo, incapaz de vestir os seus versos pelo figurino do último grito, imunizado contra as modernas sensações não febris, mas febricitantes dos nossos fazedores de rimas, há, contudo, na sua arte uma sinceridade quase ingênua de emoção, de que recuma, a espaços, como a água de uma talha muito cheia, a dolorosa angústia de sua ala.

E essa dor sentida derrama-a pelos seus versos, que palpitam como carne, cuja cadência e cujo ritmo são de uma finura e de uma elegância espontânea e nativa, sejam eles alexandrinos, decassílabos, heroicos ou simples redondilhas.

E isso vem a dar, mais uma vez, razão a Lorenzo Stecchetti, quando traçou aquele seu conhecidíssimo preceito: “Non vi sono ne veristi scrittori Che scrivo no bene e degli scrittori che scrivo no male, ecco tutto”. Preceito a que se poderia aplicar, no caso, uma paráfrase: “Não há nem futuristas nem passadistas; há poetas que são poetas e outros que são apenas versejadores”.

Sim, porque não há preocupações de escola ou mania de época capaz de diminuir a beleza destes decassílabos dolentes, onde estua a paixão incontida e onde explode a mágoa de um sentimento que não pode ficar mais longamente calado:

“Logo, porém, tudo esqueceste... E agora,
Quando à beira do Atlântico divagas,
Hás de, escutando a voz do mar, que chora,
Teu nome ouvir na música das vagas.

São os meus versos que através das ondas
Pelas conchas escoam de angra em angra
Como suspiros desse mar que sondas,
Como o clamor de um coração que sangra!

Atende! São meus cânticos dispersos
Que em ecos plangem pela tarde calma
O mar guardou nas conchas os meus versos
Como eu guardo teu nome dentro da alma”.

Nem ninguém se lembrará de pedir impressionismo ou de exigir o cumprimento geométrico de uma regrinha moderna, a estas duas quadras deliciosas, em que perpassa, dentro de uma onda de ternura carinhosa, um reproche de amor e que o vate apelidou de “Sacrifício inútil”:

“Diante do confessor te ajoelhas e, tremente,
Para ficar com a alma azul, resplandecente,
Com o céu ao tomar a comunhão da aurora.

Murmuras em seguida as mais ardentes preces.
Batendo com unção no imaculado peito:
Mas Deus não te ouvirá, por mais que te confesses
Enquanto eu não perdoar o mal que me tens feito”.

E quem não concordará com a justeza desta observação perversa, que, em “Vaidade”, à guisa de conselhos paternais e doutrinários, esconde um verdadeiro madrigal de despeito?

“Porque eu, num madrigal, te comparei ás rosas
Ficaste crendo que és das flores a rainha:
E já queres subir a alturas prodigiosas
Ter surtos de condor com asas de andorinha.

É tão bom ser violeta, e, à sombra de uma leira
Em flor, guardar intacto o aroma azul! [trecho ilegível] olha:
A rosa de mais graça e púrpura é a primeira
Que a coroa real de pétalas desfolha...”

Entretanto, esses são simples brincos com que a imaginação do poeta se deleita. Sente-se neles a graça, o sabor, a leveza, mas não se sente a angústia.

Nesse folheta, de apenas noventa páginas, há porém, a “Canção da noite sem aurora”, “[trecho ilegível] do mais dorido acento” e à sua leitura sentimo-nos tentados de perguntar, se será absolutamente necessário ter o espírito forrado de todas as pieguices dos vanguardistas do “claro riso” e de todas as normas e postulados que eles dizem módulos da verdadeira arte [trecho ilegível], para compreender, num frêmito sincero, toda a sagrada comoção e toda inenarrável amargura daqueles versos.

É quase impossível fugir ao desejo de transcrevê-la quase na íntegra:

“

Na voz do vento dobra um sino...
 E enquanto o vento plange fora
 E acorda o [trecho ilegível]
 Dentro da noite sem aurora
 Tu jazes frio, frio, frio...
 Meu coração, sangrando, chora!

.....

Não te pranteou de um sino o dobre
 No escárnio dessa tarde de ouro,
 Num jaspe ou mármore recobre
 O teu esquife de anjo louro
 Mas, na urna estreita que te encerra,
 Não estás só! Toda a [trecho ilegível]
 Minh'alma, que entre sombras erra,
 Vai-te embalar em noite escura,
 Vai-te aquecer dentro da terra.
 Da sorte o sopro álgido e [trecho ilegível]
 Selou-te as mãos, fechou-te os olhos,
 De amor, partiu-se em mar de escolhos.
 Antes de um ano! Era tão cedo!
 E eras tão belo! E eras tão forte!
 E já sabias rir, contente,
 Abrindo os braços num transporte
 Para cingir-me docemente!
 E suportaste a dor da morte!
 Que graça tinhas! Com que encanto
 Gestos fazia a mão querida!
 Eu te adorava tanto, tanto!
 Eras o enlevo desta vida
 Que naufragou num mar de pranto!
 Em vez do tépido conforto
 De um seio e do calor materno,
 Tens hoje, no silêncio do Horto,
 As frias lágrimas do inverno!
 E para todo o sempre és morto!
 Mas, num altar onde alvorada

Não luz por ti, que és mudo, exangue,
Sempre há de arder, da dor [trecho ilegível]
Sempre! Uma lágrima de sangue
Como uma lâmpada sagrada!...”

Que página de amor, incendiada nos estos de uma alegria pagã, poderia oferecer-nos, em rigor, em intensidade, em beleza, a sensibilidade emotiva que brota desse acabado poemeto da aflição e do desconforto?

*

Não se feche esta notícia bibliográfica sem uma nota de [trecho ilegível] à [trecho ilegível] obra que a direção do mensário “Os nossos poetas” começou a realizar.

A lembrança [trecho ilegível] de fazer voltar à [trecho ilegível] da publicidade muitos nomes de poetas esquecidos, a que a profissão, a fortuna ou o deliberado propósito haviam afastado das lides literárias – nomes entre os quais havia mais do que simples promessas – não pode deixar de merecer o aplauso de todos quantos, nesta terra, trabalham consciente, modesta e sinceramente, pela criação de uma literatura nacional, cujo primeiro apanágio seja, de fato, o cunho de brasileirismo, o único, aliás, que lhe pode dar originalidade.

Poder-se-iam citar, ao correr da pena, alguns desses trânsfugas das letras – Sampaio Freire, Manuel Carlos, Paulo Setúbal, Raymundo Reis – cuja obra está a pedir divulgação entre um público maior porque, oriunda de espíritos de elite, não deve jazer olvidada em simples folhas volantes de duração efêmera de vinte e quatro horas ou enterrada nas gavetas desses literatos... em férias.

É impossível que esses homens hajam abandonado definitivamente a pena. O testemunho que deixaram, as provas que deram de sua irresistível vocação artística não lhes permitiriam uma renúncia tão completa e formal de seus [trecho ilegível] de mocidade, que são os únicos verdadeiros e duradouros, mesmo quando a vida, ao depois, nos mostra o seu [trecho ilegível] de sobrececho carrancudo.

Se fosse [trecho ilegível] o de Gustavo Teixeira [trecho ilegível] por mais de três [trecho ilegível] e agora, ao reaparecer, traz-nos uma lista de livros novos que orça por [trecho ilegível]. Assim devem ter [trecho ilegível] os outros.

[trecho ilegível] o novo mensário, que, em os publicando, realizará honestamente a sua missão que hão de beneficiar as nossas letras e, em especial modo, as novas gerações, que vão surgindo

excessivamente abeberadas de ideais em cujo “modernismo” há uma boa dose de desconhecimento e de inexperiência... essas leituras serão de salutareos efeitos.

Sud Mennucci

O Imparcial – RJ

02 de maio (sábado) de 1925, p. 3

Crônica de livros: Gustavo Teixeira – “Poemas Líricos” – Oscar Lopes

CRÔNICA DE LIVROS

GUSTAVO TEIXEIRA – “Poemas Líricos” – Edição d’“Os Nossos Poetas”, mensário de S. Paulo, dirigido por Nuto Sant’Anna.

É muito louvável a iniciativa do Sr. Nuto Sant’Anna, nosso prezado confrade, divulgando, por meio de sua publicação, “Os Nossos Poetas”, a obra de certos escritores de mérito que ainda não lograram um mais amplo conhecimento dos admiradores da arte. Gustavo Teixeira, por exemplo, que não é um nome popular, já de há muito recebeu consagração da crítica, desde que fez editar “**Ementário**”, em 1908, e goza entre os intelectuais seus patrícios do prestígio a que faz jus o seu belo talento.

É, pois, com o mais vivo prazer que agora lemos os “Poemas Líricos” onde brilhantemente se consubstanciam as formosas qualidades de um estro da mais pura formação mental. Reunem-se, com efeito, em Gustavo Teixeira os atributos mais ambicionados na boa poesia. Há uma grande clareza na sua frase, o que imediatamente impõe simpatia pela sua linguagem limpa e nobre. Há uma larga ventilação de ideias errantes em seus poemas, o que lhes assegura a mais agradável permanência na memória dos leitores. Uma ânsia de perfeição se insinua em cada composição o que faz que seus versos surjam sempre impregnados de particular encanto. Tudo isso coloca Gustavo Teixeira ao nível dos bons poetas do seu tempo.

Já de entrada, à guisa de pórtico, o livro abre com o “Canto Real da Glória”, que é um primor no difícil gênero que Goulart de Andrade transplantou, com grande êxito, para a poesia brasileira.

Veja-se a primeira estrofe:

**“Sob o régio docel do heleno firmamento,
 Donde dos Titãs revéis foram precipitados,
 Homero, a lira à mão, celebra o valimento
 Dos argivos heróis por Palas aureolados;
 - Canta os feitos de Ajax e Ulisses, a bravura
 De Aquiles, o esplendor marcial e a formosura**

**Da deusa belatriz de graça peregrina
Que brande como Ílion, o gládio que fulmina...
Com dois versos conduz o plaustro da vitória!
E cores, luz e sons o semideus combina
Para alcançar o beijo olímpico da Glória!”**

As estrofes seguintes, que completam a estrutura técnica do poema, conservam o mesmo esplendor marmóreo, a mesma eloquência, igual elasticidade e vão desabrochar, com alta elegância, na invocação do Ofertório:

**“Egrégia Atene! Tu, que à terra pequenina
Lanças do Olimpo o olhar, que é benção opalina,
Protege os que, durante a humana trajetória,
Haurem o fel que o mundo ao Sonhador propina,
Para alcançar o beijo olímpico da Glória!”-**

Quantos poetas, na nossa língua, seriam, capazes de arrostar com as dificuldades de um canto real e vencê-las com fulgor igual ao que coroou o esforço de Gustavo Teixeira?

Tivemos aí uma amostra de sua inspiração e de sua capacidade de execução em um largo trabalho de métrica maior. Não nos fartamos ao prazer de apontar agora o “Angelus”, em tercetos de seis sílabas, que assim começa:

**“ Quando Vésper irradia,
Num lento rumor de prece,
Tange o sino: - Ave Maria!**

**No azul, a astral ardentia
De súbito resplandecer
Quando Vésper irradia**

**Por detrás da serraia,
Rezando, a lua aparece...
Tange o sino: - Ave Maria!”**

O poemeto continua com a mesma delicadeza de tons, a mesma segurança na factura, e termina, prolongando a sua vaga de sugestão, desse modo encantador:

**“Numa suave nostalgia,
A alma feliz se embevece
Quando Vésper irradia**

**Um véu de melancolia,
Tecido por anjos desce..
Tange o sino: - Ave Maria!**

**Cheiram flores na agonia...
A tarde é morta. Anoi-tece...
Quando Vésper irradia
Tange o sino: - Ave Maria!”**

Gustavo Teixeira, senhor absoluto da forma, é também um excelente baladista. Figuram no livro alguns desses modelos de tão cativante atração e em todos eles se verifica o mesmo domínio do poeta sobre as dificuldades a vencer, são igualmente felizes a “Balada das Rosas”, “Balada das Folhas Mortas”, ou a “Balada Cor de Rosa”. Mas a “Balada da Agonia”, de um misticismo profundamente comovedor, é uma peça poética do mais raro merecimento e por si só faria a reputação de um artista.

Ela na íntegra:

**(Jesus, sangrando pelas chagas vivas,
clama dolorosamente:)**

**“Para salvar a humanidade impura
Da voragem de tenebres ferais,
Subi a longa Rua da Amargura
Num círculo de monstros infernais,
Vertendo o suor das aflições mortais...
Vai parando em meu peito o coração
Que muita vez sangrou de compaixão
Da própria flor que parecia na haste!
Ardo de sede! Abrasa-me um vulcão!
Senhor! Senhor! porque me abandonaste?**

**Não tem mais fim a bárbara tortura!
Abafo a custo dentro da alma os ais
Da angústia que me abala e transfigura!**

Meu corpo cheio de úlceras fatais,
 É um jardim de violetas funerais,
 Orvalhadas de sangue... E choro em vão
 Vendo uma rosa aberta em cada mão...
 Depois do triunfo, a morte... Que contraste!...
 Que é desses que eu guiei na escuridão?
 Senhor! Senhor! porque me abandonaste?
 Ó minha Mãe! ó Santa Criatura,
 Que neste mundo não verei jamais,
 Enxuga o pranto dessa face pura,
 Porque a dor dos teus olhos celestiais
 Vem fazer que estas chagas doam mais!
 Meu Deus! meu Deus! que atroz flagelação!
 A coroa de espinhos, a irrisão
 De um cetro não bastaram! E deixaste
 Pregarem-me na cruz da execração...
 Senhor! Senhor! por que me abandonaste?

OFERTÓRIO

(Jesus, quase a expirar, volte os olhos para o céu:)

Abre-se o azul da Mística Mansão...
 Descem anjos... É a Glória!... Ó Pai, perdão
 Se eu, esgotando o Cálix que me enviaste,
 Ousei clamar, numa hora de aflição;
 “Senhor! Senhor! por que me abandonaste?”

Essa admirável balada é, na poesia patricia, uma exceção tanto pela “trouvaille” do refrão como pela dramaticidade com que se desenvolvem as estrofes. Remata à maravilha, como uma soberba, o formoso livro de Gustavo Teixeira.

OSCAR LOPES

Jornal do Brasil – RJ

06 de maio (quarta-feira) de 1925, p. 6

Registro Literário: “Poema Lírico” – Osório Duque-Estrada

POEMA LÍRICO, de Gustavo Teixeira

O autor deste novo livro de versos é paulista e reside, desde 1906, em São Pedro, cidade do interior, onde exerce as funções de Secretário da Câmara e da Prefeitura.

Em 1908 publicou EMENTÁRIO, livro de versos prefaciado por Vicente de Carvalho de que figura até hoje na minha biblioteca, bem encadernado e entre outras obras de alguns dos melhores poetas de sua geração.

Saudei o aparecimento da obra em um dos meus primeiros REGISTROS e, entre outras cousas, afirmei então:

“Não foram poucas as belezas, nem raras as preciosidades que essa leitura me deparou. Gustavo Teixeira é autor de algumas estrofes que poderiam ser assinados pelo mais aclamado dos poetas de nossa terra. Cultiva pouco o soneto, ou, pelo menos, com mais sobriedade que os outros vates de sua geração. É um novo título que o deve recomendar à estima pública, principalmente porque os sonetos só lhe saem da pena com o apuro e o remate que se devem sempre exigir em tais produções.”

E depois outras considerações no mesmo sentido:

“Muitas outras produções poderiam ser citadas, com grande lustre para o autor. Limito-me a deixar aqui os meus mais entusiasmáticos aplausos ao jovem artista do verso, afirmando que o Estado de São Paulo possui o seu segundo poeta na pessoa de Gustavo Teixeira.”

Isto escrevi há dezessete anos, quando só ele parecia querer aproximar-se do grande vulto de Vicente de Carvalho. Hoje São Paulo possui não um, mas uma plêiade de poetas de grande valor, e ao lado de Gustavo Teixeira brilham igualmente os nomes de Aristeu Seixas, Julio Cesar, Menotti del Picchia e outros.

Ainda assim, disputa-lhes galhardamente a primazia o autor deste POEMA LÍRICO, que ressurge agora, maior do que em 1908, assinando versos que cinzela no seu obscuro e ignorado retiro de *São Pedro*, mas cujo alto merecimento pode ser desde logo aferido pelo poema inicial intitulado CANTO REAL DA GLÓRIA e que termina assim:

“Fídias contempla o alvor do Paros um momento,
E raspa-o: - e logo vão surgindo, arredondados,
Contornos feminis de um claro polimento,
Da venusta feição dos mármoreos sagrados,
Saltam lascas do bloco, estala a pedra dura:
- Um par de seios mostra a rara cinzelura,
Das curvas de Afrodite o encanto predomina,
E as pernas do brancor ondeante da neblina
Sustém do torso grego a perfeição marmórea
Com que o gênio imortal as gerações fascina,
Para alcançar o beijo olímpico da Glória!

Ardem os camafeus num vivo irisamento
Pelas patenas d’ouro e hostiários rendilhados,
Fulge a safira azul, chispa o rubi sangrento,
Entre o Glauco esplendor dos prásios abrasados...
Celini, num ardor, faceta opalas, fura
Caros metais e crava o sol em miniatura
De um berilo oriental numa custódia fina.
De um carvão desengasta a estrela matutina...
Assim, com gemas abre um sulco astral na história,
Manejando o buril de ponta adamantina
Para alcançar o beijo olímpico da Glória!

OFERTÓRIO

Egrégia Atene! Tu, que à terra pequenina
Lanças do Olimpo o olhar, que é benção opalina,
Protege os que, durante a humana trajetória,
Haurem o fel que o mundo ao Sonhador proprina
Para alcançar o beijo olímpico da Glória!”

A segunda produção do volume é um soneto e intitula-se A SOMBRA DOS MONTES.

Pela ideia, pelo sentimento e pelo aprimorado labor do verso, revela igualmente um poeta e artista de grande merecimento.

É a seguinte:

“No exílio deste vale, onde me entumbo
Sob o velário das neblinas frias,
Meu coração é o pêndulo de chumba
Que marca as horas destes longos dias.

Morro de tédio, de pesar sucumbo!
O vento, que enche as solidões sombrias,
Vai propagando o fúnebre retumbo
Pelas furnas e alpestres serranias.

Só! Tu, que tinges de carmim as rosas,
E para a glória da alvorada existes,
Rasgas nas brumas amplidões radiosas!

Quero escalar os píncaros dos montes
Porque meus olhos vão ficando tristes
De saudade dos amplos horizontes.”

Da **BORBOLETA PRESA**, que é uma bela menina encarcerada na escola de São Pedro, basta citar as duas quadras finais:

“Depois pega na agulha e borda mais de uma hora;
Das suas alvas mãos brotam vermelhas flores.
Nunca nas nuvens d’ouro a rósea mão da aurora,
Com seus fios de luz bordou iguais primores!

E que alegria quando a injusta pena é finda!
Das crianças em meio às chusmas pressurosas
Sai de branco, irradiando, a sua imagem linda
Como um lírio de jaspe entre um florir de rosas!”

Não me forro ao prazer de reproduzir o bonito soneto intitulado **A HORA AZUL**:

“Todos os dias, mal desponta a aurora,
Porque ela disse que há de vir, desperto

E olho o caminho que num rumo incerto
Vai serpenteando pelo vale a fora.

Espero. Ela há de vir. O dia ao certo
Não sei; mas sei que, alegre como outrora,
Neste recanto, que Setembro enflora,
Hei de em seus braços ter o céu aberto!

Em honra da mais pura das violetas,
A primavera abre as mais lindas rosas
E pinta d'ouro e azul as borboletas.

Aves darão concertos cristalinos:
Tocarão sabiás flautas maviosas
E pintassilgos tocarão violinos..."

Leia-se agora a **ÁGUA QUE FOGE**:

“Entre oblongos calhaus, torcicolando,
Flui a nívea torrente serpentina,
Ora beijando os pés de uma colina,
Ora a mole dos montes contornando.

Aqui, sobre ela uma árvores se inclina,
O cabelo de folhas ensopando,
Além, das borboletas o áureo bando
Erinca esfolando o azul da tremulina.

Dá de beber a pássaros e flores,
E docemente, em líricos rumores,
Some-se no horizonte que se esfuma.

Assim, cortando gandaras e searas,
Foge, levando à flor das águas claras
Um diadema de pérolas de espuma..."

A segunda parte do livro, denominada **CATASSOL**, é feita de pequeninos quadros que são verdadeiros primores de graça e de poesia.

Aqui está o que traz por título **VAIDADE**:

“Porque eu, num madrigal, te comparei às rosas
 Ficaste crendo que és das flores a rainha;
 E já queres subir as alturas prodigiosas,
 Ter surtos de condor com asas de andorinha!

É tão bom ser violeta, e, à sombra de uma leira
 Em flor, guardar intacto o aroma azul! Pois olha,
 A rosa de mais graça e púrpura é a primeira
 Que a coroa real de pétalas desfolha...”

Não lhe é inferior o SACRIFÍCIO INÚTIL:

“Diante do confessor te ajoelhas, e, tremente,
 Uns pecados pueris contas com voz que chora,
 Para ficar com a alma azul, resplandecente
 Como o céu ao tomar a comunhão da aurora

Murmuras em seguida as mais ardentes preces
 Mas Deus não te ouvirá, por mais que te confesses,
 Enquanto eu não perdoar o mal que tens me feito,”

Leia-se ainda A DOR MAIOR:

“Quando eu te disse o adeus da extrema despedida
 Sob o caramanchel, num plácido recanto,
 Tua alma soluçou de súbito ferida
 E teus olhos azuis encheram-se de pranto!

Mudo, sem o fulgor de uma divina opala
 Nos cílios, abracei-te entre um pungir de abrolhos:
 Mas a dor que mais dói é aquela que se cala!
 O pranto que mais arde é o que não sobe aos olhos!”

Para terminar, o que traz por título A UMA MENINA, e que é igualmente um pequenino madrigal trescalando aroma e frescura:

“Nos teus olhares de doçura cheios
 Palpita a luz de um místico delubro,
 Mas sob a gaze que te esconde os seios
 Flameja um sol esplêndido de Outubro.

Teus seios... Diz o colibri mais lindo
Que sente, ao vê-los, a emoção sincera
Que agita as aves quando vão florindo
Os primeiros botões da primavera...”

Não é preciso mais. Aí está, todo ele, e acrescido, o mesmo poeta de 1908, que já então encantava o grande Vicente de Carvalho, a quem denunciara a sua grande vocação de artista por esta simples e deliciosa quadrinha:

“Quem perde uma ilusão ridente, nada perde;
 Pois outras ilusões
Se abrem no coração, que é uma roseira verde
Coberta de botões.”

Ao ilustre autor do POEMA LÍRICO os meus mais francos e mais sinceros aplausos.

Correio Paulistano – SP

06 de julho (segunda-feira) de 1925, p. 4

A Semana Literária: “Poemas Líricos” – Candido Motta Filho

“POEMAS LÍRICOS” – Gustavo Teixeira – Os nossos poetas n. 8, - Mensário dirigido por Nuto Sant’Anna.

Estas poesias de Gustavo Teixeira estão escritas nos velhos moldes. Poesia, aúcién regime! A feitura parnasiana quase, o enlevo pelo mundo helênico, pelas velhas figuras da mitologia, seguram o poeta num campo restrito de convenções e medidas.

Assim, penso eu agora diante da grande reforma na arte poética que aboliu o artifício em favor da personalidade.

Entanto, preso dessa cadeia de imagens e números, de ficções e regras, Gustavo Teixeira revela-se um grande poeta lírico, rico de emoções. As suas estrofes são seguras e harmônicas e nos cantam no ouvido agradavelmente.

Gustavo Teixeira é um poeta tristonho. Comove a mim a sua alma taciturna embalada no ritmo dos versos. A sua onda lírica cresce majestosa diante de meus olhos desconfiados! Suave poeta, distribuidor amável e gracioso de evocações singulares.

“Amo o silêncio. O lamento”
Da água que foge, a canção
Das aves, a voz do vento,
– Tudo me causa aflição.

“Busco o silêncio do leito:”
Mas, com acerbo pesar,
Descubro dentro do peito
Um velho sino a dobrar”

Percebo nos seus versos, uma enublada tendência satânica, a lembrar Baudelaire e Edgard Poe. Nesses tranSES de eloquência romântica Gustavo Teixeira perde a “inútil serenidade grega” e deixa que só expenda, mesmo com exageros, o seu mundo de emoções: –

“Terno coveiro me espera rindo,”
“Cantarolando sombria trova.

“Já ouço os ecos da enxada abrindo”

“A minha cova”...

“Soltam corujas pios insanos”...

“Ninguém na terra chora por mim”...

“Ah, como é triste na flor dos anos

“Morrer assim!”

Com o talento, com a cultura, com a sensibilidade que tem Gustavo Teixeira, estou certíssimo que ele, libertando-se da tortura formal, construirá um duradouro edifício poético, digno de nossa raça e de nossa civilização de adolescentes.

Correio Paulistano – SP
24 de maio (domingo) de 1936, p. 3
Gustavo Teixeira – Nicolau Pero

GUSTAVO TEIXEIRA

Agora que a mocidade da nossa Faculdade de Direito, em vista às termas de São Pedro, acaba de homenagear o poeta do “Ementário”, cumpre-nos reivindicar para o velho e tradicional “Correio Paulistano” a glória de haver publicado, incentivando o grande artista, os primeiros versos de Gustavo Teixeira.

Álvaro Guerra, o mestre querido, e que ainda agora presta o culto da sua velhice gloriosa à nossa língua vernácula, redigia a seção literária “A propósito”, neste jornal.

Gustavo Teixeira, que nasceu em S. Pedro, no sítio de propriedade de seu pai Francisco de Paula e Silva, pertencente à antiga e conceituada família paulista, era criança ainda e apenas estudara as primeiras letras no próprio lar com sua mãe, a sua respeitável e inteligente matrona d. Miquelina Teixeira Escobar, que fora educada no Colégio das Irmãs de S. José, de Itu.

Seu pai era homem culto, apreciador das boas letras, e possuidor de excelente biblioteca, da qual faziam parte as obras dos nossos maiores poetas.

Gustavo, logo que aprendeu a soletrar, leu, com avidez, todos esses livros. Para satisfazer depois a ânsia interior que o levava a escrever, comprou o Tratado de Metrificação, de Antonio Feliciano de Castilho, e começou a fazer versos.

Um belo dia pega num dos seus sonetos e o remete a Álvaro Guerra. O mestre, admirado com a beleza dos versos, em desacordo com a linguagem mais ou menos fraca da carta que o poeta lhe escrevera, pede-lhe a prova de ser ele o autor do soneto remetido.

Gustavo responde imediatamente: defende a paternidade dos versos, e, referindo-se ao metro empregado, revela perfeitos conhecimentos de técnica.

Álvaro Guerra se convence, então, que está diante de uma grande revelação artística, e publica o soneto.

Foi a primeira vitória do poeta.

A mocidade da sua terra, num entusiasmo incontido, festeja o conterrâneo ilustre, que, menino ainda, via publicado no “Correio

Paulistano”, na seção entregue à grande autoridade de Álvaro Guerra, os seus primeiros versos.

Foi assim que começou o poeta.

Gustavo, embriagado com o próprio triunfo, lê, estuda, com afinco, e escreve, com aquele entusiasmo febril que faz os artistas, soltando ao vento, como um bando de andorinhas em revoadas os seus versos...

Vai depois para S. Paulo, onde residia o seu irmão mais velho, Francisco de Paula Teixeira.

Em companhia do irmão, dono de brilhante cultura e vasta biblioteca, Gustavo estuda com ele, enriquece o seu espírito e aprimora o estilo e educa sua vocação artística.

Em pouco, a colaboração do jovem poeta vem nos melhores jornais e revistas da época: “Correio Paulistano”, “Comércio de S. Paulo”, “A Notícia”, “Ilustração Brasileira”, “Capital Paulista”, “Minerva”, “Nova Cruz”, “O Eco”, “A Vida Paulista”...

Da reunião dos seus versos, surge o “Ementário”, tendo como paraninfo Vicente de Carvalho.

Foi uma estreia auspiciosa como poucas. A crítica literária, pela pena autorizada de Silvio Romero, Osório Duque-Estrada, Conde de Afonso Celso, Rocha Pombo, Humberto de Campos, Luiz Guimarães Filho, Goulart de Andrade, e tantos outros, artistas exigentíssimos todos eles, recebe o livro do jovem artista com hosanas. Chovem os aplausos, insuspeitos, de toda parte.

Estava consagrado o poeta.

Decorridos agora vinte e oito anos, a mocidade da Associação Acadêmica “Álvares de Azevedo”, da nossa Faculdade de Direito, num gesto que tanto a honra e eleva, veio, neste doce e festivo mês de maio, visitar o poeta, no seu retiro voluntário, nesta bela e encantadora cidade serrana, onde ele nasceu, sonhou e amou, para prestar-lhe significativa homenagem.

E, numa festa em que tomou parte, comovido, todo o povo da sua terra, a palavra sadia e moça de Diogo Pires de Campos, Auro de Andrade e Pero Neto, evocou a vida e a obra do grande poeta, recitando-lhe os versos admiráveis, para fazer sentir ao autor de “Folhas Mortas”, que não obstante o sopro revolucionário que agitou o campo das letras ultimamente, a sua arte equilibrada e perfeita, ainda conserva a realza e o esplendor antigos...

Oportuna essa homenagem, porque Gustavo Teixeira, solicitado por amigos e admiradores, vai enriquecer, dentro em pouco, as nossas letras, com a publicação de mais um livro de versos, “Último Evangelho”, do qual o “Correio Paulistano” já publicou alguns dos melhores sonetos.

Amando a sua arte, vivendo, neste retiro bucólico e ameno, para a sua arte, exclusivamente, Gustavo Teixeira obedece àquela fatalidade que arrasta e empolga os verdadeiros artistas.

É que Arte e Artista, amantes insatisfeitos levados irresistivelmente um para o outro, hão de viver sempre juntos, irmanados por um elo indissolúvel e eterno como Paolo e Francesca... Hão de perguntar, sempre, como o poeta do “Ementário”:

“Não é verdade, Amor meu, que
Nossas almas se buscaram
E, num lírico transporte,
Na foz do amor se juntaram,
Para a vida e para a morte?”

S. Pedro, maio, 936

NICOLAU PERO

A Noite – RJ

22 de março (segunda-feira) de 1937, p. 2

O poeta Gustavo Teixeira – “João Luso” (Armando Erse de Figueiredo)

O POETA GUSTAVO TEIXEIRA

O poeta Gustavo Teixeira é secretário da Câmara Municipal de São Pedro de Piracicaba ou Caldas de S. Pedro, como também lhe chamam. Aqui mora a bastantes anos, benquistado mas retraído, admirado, mas avesso a quaisquer relações ou convívios fora do círculo restritíssimo de amigos onde se sente em intimidade familiar. Com as outras pessoas fala o menos possível. Passa, a caminha da repartição ou à volta para casa, olhando a direita, como se não desse pelas criaturas e as coisas que por ali fora marcham ou estacionam. Usa pince-nez; e é de certo o único homem no mundo que ainda passa o cordão da luneta por traz da orelha, como é o último poeta que fala com respeito dos seus contemporâneos.

Se lhe louvam os versos, fica num enleio, num vexame, arrependido talvez de os haver feito e quase pedindo perdão de ter tanto talento. Porque a sua figura e o seu espírito foram o contraste mais singular. Por trás daquelas lunetas que se desviam, fogem dos outros olhares, há uma larga e ousada imaginação, que se expande incontivelmente, servindo a arte e criando a beleza. Se o semblante se nega e dá a impressão de querer apagar-se de todo, a alma – que nele absolutamente não tem seu espelho – como bem poucas se enche de inspiração, se exalta, se entrega ao seu sonho de sublimidade. E que extremo cuidado, que requintado esmero na execução de cada obra! Vejam como é admiravelmente trabalho este *Retrato de Jesus* (segundo Santa Brígida, Niceforo e PublioLentulo):

*“Quase alto. Nem redonda a face nem comprida,
Não sendo musculoso, é de vigor dotado,
Lábios vermelhos e não grossos, Consolado
Sente-se que o vê, das mágoas desta vida.*

*Nem muito levantada a testa nem caída,
Mas direita; o nariz igual, proporcionado;
Liso o louro cabelo até a orelha e ondeado
Para baixo, e, como este, a barba repartida.*

*A face de um tom róseo e docemente cheia;
Os olhos garços entre verdes. Belo, alteia
O corpo escultural, sem mancha, alvo, lunar.*

*Feições da Virgem, porte augusto e olhar profundo,
Não foi visto sorrir uma só vez no mundo!
Mas quanta vez se viu Nosso Senhor chorar!*

Para a timidez de Gustavo Teixeira concorreu uma razão especial. O seu temperamento, já de natureza tristonho e como que amedrontado, sofreu aqui os maus tratos que determina uma rápida transformação do cenário e do ambiente. S. Pedro de Piracicaba, ou apenas S. Pedro, como oficialmente a designam, foi, até a alguns anos, uma localidade sossegada, obscura, estacionária, própria em verdade para abrigar este homem de ideal e de poesia, que vivia tanto melhor quanto mais o deixassem viver dentro de si. Nisto, aparecem “as águas” e todo aquele silêncio passa, dum dia para o outro, a burburinho, toda aquela solidão se anima precipitadamente. Surgem, como por encanto, os automóveis e os vastos ônibus que por aqui se chamam “jardineiras”. Abrem-se além das pensões inúmeras, dez ou doze hotéis, modestos embora, mas a que logo afluí uma clientela excessiva, em frequentes casos obrigada a recuar para Rio Claro ou Piracicaba e lá ficar esperando quarto vago. O jardim público em que meditavam os antigos moradores regurgita agora de passeantes. Há seis ou oito sorveterias, cinema, parque de diversões — tudo bem incipiente, é certo, mas já com uma freguesia entusiástica. Ora, no meio de tudo isso, o poeta sentia o seu refúgio invadido, revolvido, atreado pelos bárbaros do progresso. Precisava mais que nunca de se esconder, de se enclausurar na mansão suavíssima, e só ela inalterável, dos seus versos. Passou assim a compor com escrúpulo de ourives e enlevo de monge, o livro *O último Evangelho*, com sonetos em alexandrinos, outras tantas jóias de metal e lavor finíssimos. Admiram já o *Retrato de Jesus*; gozem o encanto de *Filha de Jairo* e do *Cego de nascença*:

*Jairo, em Capharnaum, ao pé da filha morta,
Deixa a fio correr o doloroso pranto,
Tantos rogos em vão! Jesus demorou tanto!
Uma grande tristeza as almas punge e corta.*

A mãe, numa agonia, a dor já não suporta:

*Esmagada, sem voz, jaz, quase inerte, a um canto.
Começa o funeral. Nisto, envolto no manto,
No olhar trazendo o céu, Cristo aparece à porta!*

*- “Porque chorais? Silêncio!” ordena com império,
Calam-se a harpa, a doçaina, acitola e o psaltério
Que acompanhavam já o vôo da andorinha.*

*Exclama então a voz d’O que por todos vela:
“- Levanta-te, menina!” E a morta, calma e bela,
Abre os olhos, sorri, levanta-se e caminha...*

*Pensa: - “Como será o céu, a estrela, a aurora?
As nuvens, o arrebol, as noites de luar?”
E o cego, que tateia, ouvindo risos, chora
Nas trevas de uma noite opaca, tumular!*

*Jesus lhe põe as mãos nas pálpebras: - “Agora
Vai à Fonte Siloé os teus olhos banhar”.
No fundo do seu peito, onde a tristeza mora,
A alma, que a fé coroa ajoelha-se a rezar.*

*Lava os olhos. De chofre esplende o azul! Defronte,
Vê o sol que se eleva, as árvores, o monte,
E, a seu lado, perfil do Cristo envolto em luz.*

*Perto, fervilho um mar de lírios e de rosas...
E ele sente, mirando as coisas mais formosas,
Que mais bela que tudo é a imagem de Jesus!*

Gustavo Teixeira conclui já o seu livro. Passa agora as boas horas da sua existência a repolir e reapurar cada soneto e, por assim dizer, cada rima. E sabe Deus os argumentos, primeiro, e depois a espécie de violência que tive de empregar para oferecer desde já ao público as três preciosidades que os leitores d’A NOITE me estão agora agradecendo.

Folha da Manhã – SP

19 de agosto (quinta-feira) de 1937, p. 6

O poeta da primavera – Octacílio Gomes

O POETA DA PRIMAVERA

(Copyright da Imprensa Brasileira Reunida Ltda. (I. B. R.) –
Exclusividade no Estado de S. Paulo para a “Folha da Manhã”)

OCTACÍLIO GOMES

Jaú a São Paulo, via Piracicaba. Em São Pedro, na rua que é a continuação da estrada poeirenta faço parar o automóvel e pergunto ao único cidadão que vejo:

- Sabe onde mora Gustavo Teixeira?

- É ali mesmo.

Indica-me uma casa, quase em frente. O poeta não está. Uma velha mucama, gordalhona e simpática, faz-me entrar e sai à procura dele. Parece acostumada a essas visitas de viajantes em trânsito, e nem sequer indaga quem é e o que deseja o visitante. Gustavo tem amigos e admiradores em toda a parte, e de toda vem gente, que, de passagem por São Pedro, estaciona um momento para vê-lo. Até há pouco tempo, era o único atrativo do lugar. Agora as caldas, que já criam fama, começam a fazer-lhe concorrência...

A residência do suave cantor de Marina é de uma extrema modéstia. Do corredor exíguo, onde estou, percebo o piso de tijolos gastos de um canto de cozinha e distingo, através de uma porta mal fechada, um pequeno compartilhamento em que há, além de uma cama de ferro, uma mesa e cadeiras rústicas. É o quarto do vate. Tenho a impressão de que cometo uma grave falta devassando a intimidade alheia e desvio os olhos para o chão, para o teto para as paredes, enquanto concentro o pensamento na pessoa do são-pedrense ilustre.

Faço cálculos. Há talvez uns vinte anos que não o vejo. Raras notícias dele nesse longo espaço de tempo. Conheci-o em Santos aonde ia para banhos de mar, já com o nome laureado de autor do “Ementário”. Martins Fontes, que o amava, aproveitava-se da oportunidade de sua presença para lhe aplicar quanta injeção tonificante aparecia, de amostra, no seu consultório médico. Era um tímido. Teria uns 35 anos apenas, já havia sofrido muito, já as tragédias sentimentais lhe haviam posto sulcos no rosto e desconfiança nos olhos não obstante

a mocidade da alma a lhe florir em rimas. Vivia a enrolar os dedos na fita preta que, presa à lapela, lhe garantia a integridade do “pince-nez”. Era o seu cérebro. Como estaria agora Gustavo Teixeira, passados quatro lustros?

Ei-lo que chega. É o mesmíssimo Gustavo. Mais velho, apenas. Vinte anos mais velho! Mais rugas, menos cabelo, mas o mesmo “pince-nez” preso à mesma fita preta em que os dedos ainda brincam, a mesma timidez, a mesma sensibilidade, a mesma atitude de retração preventiva, que tanto pode ser o receio de um louvor à queima roupa, como o de um juízo menos favorável de sua arte. Pouca expansão, a princípio. O abraço, que eu lhe preparara, fica retido em meu coração.

Mas não demora a animar-se com a palestra. Falo-lhe de sua vida intelectual, recrimino-lhe o esquecimento voluntário a que se votou, reclamo-lhe versos, estímulo-o a falar de si, de sua obra, dos seus projetos. Sim, tem trabalhado bastante, ultimamente. Compôs uma coleção de cerca de oitenta sonetos que formarão “O Último Evangelho”, dividido em três partes: Mirra, Incenso e Ouro. É toda a vida de Jesus em alexandrinos, da Anunciação ao Calvário. Um estágio superior da inteligência amadurecida e do espírito sossegado pelos anos. Mostra-me o volume datilografado, leio alguns sonetos ao acaso. Os versos têm a flexibilidade do jungo, amplos, claros e harmoniosos, a revelar o dedo do mestre que se exercitou em balados e cânticos reais. O meu entusiasmo é sincero e contamina o poeta. Ele se alegra, torna-se mais comunicativo. Tem outro livro a editar: “Êxtase”, em que reunira todas as suas poesias avulsas, inclusive dois longos poemas, “O Sonho de Marina” e “A canção da Primavera” de cem estrofes cada um.

O tempo, infelizmente, me é escasso. Tenho de prosseguir viagem e o abraço que não dei à chegada encontra à saída a correspondência desejada. Despeço-me saudoso daqueles rápidos instantes, contente comigo mesmo por haver conseguido insuflar um pouco de entusiasmo na alma do mais tímido dos homens e do mais modesto dos poetas.

*

O “Ementário”, ao surgir em 1908, constituiu um dos mais belos sucessos literários da época. A crítica com Vicente de Carvalho à frente, que lhe escreveu um prefácio que, no dizer de Sílvio Romero, é um belo pórtico a um edifício ainda mais belo, foi unânime em louvar e festejar a glória nascente de Gustavo Teixeira. Jornais e revistas do país e de Portugal viviam cheios de seus magníficos versos, que conseguiram impressionar até a alma fria da Escandinávia. Vários poemas seus foram

vertidos para o sueco... Chamava-se, então, Vicente de Carvalho, o poeta do mar, como a Olavo Bilac o poeta das estrelas. A Gustavo Teixeira, quando lhe conheci o livro admirável, achei que lhe cabia o título de poeta da primavera, tantas eram as flores que perfumavam a sua lírica suave. As suas mágoas eram profundas, e grandes as suas dores. Mesmo assim, porém, os jardins nunca deixaram de sorrir em meio as suas tristezas nunca os pássaros deixaram de cantar nos vergéis da sua fantasia, nem o sol deixou jamais de brilhar nos seus sonhos. De fato, Gustavo Teixeira nasceu com a primavera no coração. Mais tarde, bem mais tarde, veio ele demonstrar que eu tinha razão, escrevendo um dos seus mais formosos poemas, “A Canção da Primavera”. E ainda hoje, aos 55 anos de idade, a primavera fulge e canta na sua grande alma de artista.

*

Quando, há dias, a Academia Paulista de Letras foi desencavar Gustavo Teixeira do seu esconderijo de São Pedro, trazendo-o para a sua companhia e pondo-lhe de novo em circulação o nome quase esquecido, felicitei-o efusivamente. Mas aqui, de público, é à Academia Paulista de Letras quero apresentar os meus parabéns. Bem o merece a egrégia instituição que com tanta justiça se lembrou de premiar um dos mais legítimos valores da poesia nacional, oferecendo-lhe o diploma de uma precária mas honrosa imortalidade.

Jornal do Recife – PE
6 de novembro (sábado) de 1937, p. 3
Ano 78º, N.º 88
Um poeta cristão – Edvard Carmilo

UM POETA CRISTÃO

Edvard Carmilo

Gustavo Teixeira, o grande poeta paulista, que acaba de fechar os olhos na imensa noite que não amanhece, fez de São Pedro de Piracicaba mais do que um retiro para esquecer, mais do que um recanto para sonhar no abandono e na solidão.

Fez, da pequena cidade do encanto do seu berço e da glória do seu túmulo, o seu cemitério.

Quase um anacoreta, longe do mundo tumultuário, distante da controvérsia dos homens, aí rezou, de mãos postas, a prece altíssima do seu último evangelho.

São Pedro é um mapa de colégio, de tão pequena; é uma paisagem de presépio, de tão bucólica.

Cabe toda no olhar e por isso fica inteira na recordação de quem a vê uma só vez, e nunca mais a esquece.

Uma ladeira longa que sobe da estação, e em que se emendam as fitas largas, longas brancas, das estradas de rodagem.

A ladeira sobe para o jardimeto que enfeita a praça principal, que a igreja matriz abençoa com os seus altares, que vela com as suas lâmpadas, e acorda com as suas campanas. Poucas ruas. Muitas árvores. Cantam indiscretos, bem-te-vis, João de Barros, previdentes, gargalham dos alados companheiros que não são arquitetos.

Pelas estradas, esticando os caminhos, chamam carros de bois e, se não vão ou vêm, ao longe, imitam e enganam as cigarras, que “são a nota errante de um clarita”.

No fim da ladeira, ao lado direito, passando a praça, uma casa de bandeirante: velha, empoeirada, o reboco esborcinando, um pouco de musgo no beiral do telhado. Duas janelas. Na porta, Mãe Preta cachimba, meditando. Aí morava Gustavo Teixeira, com uma porção de pontas de lápis no bolso. Mas cada lápis era um buril, era um maravilhoso cinzel com que brunia os belos versos da língua. Era essa a casa do poeta, do notável do talentosíssimo Gustavo Teixeira, cuja obra

no atestado valioso e inestimável do Conde Affonso Celso “basta para dignificar todo um povo”.

Mas essa oibre, sem alampadários e alfalias, foi um santuário onde o magnífico citeredo, na mais unvida solidão, na mais sincera castidade de corpo, cumprindo como que um voto de pobreza e desprendimento, na renúncia e no cilício, escreveu o poema da mais alta religiosidade, da mais clara beleza apostólica, que até hoje já se ciulezou em língua portuguesa, com aquela paciência delicadíssima, sutilíssima, com que se esmerilha a ideia, e se brune a forma para a alegria da perfeição com esse esmero de aranhol que lembra e exalta a própria aspiração quando na febre genial do brocatel...

“Na teia, que, filtrando orvalho, oscila e pende,
A luz, que se refrange em cada gota, acende
Uma aurora boreal de pedras preciosas!”

Aí, pensou, sofreu e sonhou o harmonioso beneditino da rima, construindo como seu grande sonho etéreo, as aras e as colunas, as arcarias e os zimbórios, as torres e os sinos, da sua maravilhosa catedral, para rezar, de mãos postas, o missal do resto de seus dias, que é o magnífico livro apenas terminado: “O Último Evangelho”.

Debruçado sobre a “Imitação de Cristo”, adormecendo na meditação dos doutores da igreja e acordando no estudo dos evangeliários, antes de morrer, como oferenda a Deus, como lírica obra de sua alma religiosa, legou aos céus para implorar, doou aos homens para consolar, a divina oração dos seus versos.

A terra de São Pedro produziu dois milagres. Rebentou em duas fontes. Uma, de águas benfazejas, para curar o corpo. Outra, em versos, em beleza, em consolação para inspirar a fé, para insuflar a piedade, para erguer as almas à suprema aspiração do firmamento.

Estas palavras são um apelo.

Entretanto, não uma crítica ou um louvor, que não bastam.

Queremos que e clero, em geral, deve e precisa conhecer esse livro para amar e compreender o que de mais dulcificante já se fez no parnaso brasileiro como poesia religiosa.

Essas poesias precisam ser, para a própria educação da alma cristã dos brasileiros, declamadas nas escolas e interpretadas pelo púlpito.

Em particular, nos dirigimos à Associação das Senhoras Católicas para que edite e espalhe e difunda essa obra que, além de lapidas pelos

tesouros de pensamento e beleza que encerra, é um verdadeiro catecismo limpidamente expressional, altíssimo pela inspiração, balsâmico pela bondade.

Praticará, assim um bem, a nobre Associação das Senhoras Católicas. Dará uma lição. Fará um nobre favor à juventude. Esculpirá, sobretudo, um exemplo para as almas bem intencionadas.

A esse empreendimento das boníssimas senhoras católicas de São Paulo, não há de faltar, data vênia, a animação do nosso eminente prelado, o sereníssimo D. Duarte Leopoldo, que, desde a querida paróquia de Santa Cecília, magnânima padroeira dos artistas, vem impregnando as naves dos nossos templos da dulcíssima poesia da sua eloquência, das suas virtudes consoladoras do seu sideral espírito!

O Estado de S. Paulo – SP

07 de fevereiro (domingo) de 1943, p. 6

Gustavo Teixeira: o poeta do espírito – João Baptista

O POETA DO ESPÍRITO

João Baptista Pereira

Por volta do ano de 1920, quando iniciava a minha carreira de advogado, tive a imensa e inesquecível alegria de conhecer pessoalmente o humilde secretário da Câmara Municipal de São Pedro, lá nas fraldas dos chamados risonha e mística, suave e repousante, à qual devo tanto, não só pela acolhedora hospedagem, com que me recebeu, como pelo eficiente aprendizado de minhas primeiras letras de profissional do direito, que representa o jardim da infância de minha advocacia incipiente.

Gustavo Teixeira, o poeta da “roseira verde coberta de botões”, vivia oculto e invisível mesmo à população da cidade do apóstolo-pedra-fundamental do cristianismo.

Para vê-lo e conviver alguns instantes de sua espiritualidade translúcida, era preciso procurá-lo em sua casa antiga, de telha vã, em rua de gente pobre, mas afastado do centro, onde ele criava os seus valentes galos índios brigadores, exemplares típicos da raça, que eram o enlevo do poeta e o fixavam objetivamente à vida terrena.

Só, com sua cozinheira, a preta velha que, pacientemente, tomava conta do exilado, Gustavo Teixeira vivia mergulhado no pélagos infinito de seus sonhos de artista e de suas meditações de filósofo, com aquela resignação evangélica que edificava a quantos o procuravam.

Foi ali que o conheci de perto e auscultei os seus pensamentos mais íntimos sobre o mistério da vida e a ideia de sobrevivência da alma humana, pois Gustavo tinha uma crença inabalável e racional em Deus e na existência dos espíritos.

Conversávamos amiúde sobre os problemas transcendentais de nosso destino e penetrávamos muitas vezes pela bíblia a dentro, exumando os fatos gloriosos do Velho Testamento, por onde a Misericórdia do Senhor quis legar à humanidade de todos os tempos a afirmação peremptória de nossa imortalidade.

E quantas vezes desfilaram diante de nossa imaginação o rei Saul e a pitonisa de Endôr, Nabucodonosor e o festim do Baltazar, a mulher de Lot, vítima da curiosidade, convertida em estátua de sal ao se voltar

para ver a cidade condenada, Isaac e Abraão na terra de Moriah, sobre o monte “o Senhor proverá”. Pedro e João libertos pelo Anjo que lhes abriu os gonzos pesados do cárcere, Jesus a caminho de Emaús, Paulo caído por terra na estrada de Damasco ao ouvir a voz do Salvador, Zacarias advertido no templo pela entidade que anunciava a concepção em Isabel, sua mulher, a estéril, enfim toda a linda série de manifestações dos dóceis sonhos emissários do Criador.

Aquelas nossas tertúlias, às vezes interrompidas para dar entrada aos cavacos literários sobre a poesia e os prosadores, e afim de que Gustavo discorresse com sua autoridade de gênio iluminado, porque era ele um intérprete admirável não só de suas belas produções, como de outras de grandes vates brasileiros, portugueses, franceses, italianos e espanhóis, ficaram para sempre gravadas em minha memória, como oásis reconfortante no meio do deserto onde nos encontrávamos, não de “homens e de ideias”, mas de amadores das atividades espiritualistas naqueles remansos e bucólicos sítios do “hinterland” bandeirante.

A morte colheu Gustavo quando o fardo lhe era pesado demais e o mundo já o aborrecia, irresistivelmente.

Viveu sofrendo. Incompreendido no amor, porque os poetas não nascem para os deleites transitórios da vida conjugal, a morte constituiu para ele uma estupenda redenção e uma ressurreição solar, esta por ele mesmo definida no comovente soneto que nos manda de “lau dela”, dedicado ao seu berço natal, à cidade que elegera para seu “habitat” planetário na última jornada, e que foi verdadeiramente o seu grande e maior amor.

Gustavo adorava a sua São Pedro de Piracicaba, e a prova aí está na mensagem ritmada que lhe envia através da hipersensibilidade psíquica de Francisco Cândido Xavier, o jovem e mediúnico psicógrafo de mais de quarenta poetas desencarnados, conservando-lhes os estilos a estros, assim identificando-os nos pianos imortais do espírito onde vivem, amam e pensam embora “sem miolos na cabeça”, mas expressão feliz de Humberto de Campos.

Divulgando a produção “post mortem” de Gustavo Teixeira, quero também homenagear pessoalmente a cidade de S. Pedro de Piracicaba, que vive em minha saudade e no meu sincero reconhecimento; como símbolo e pórtico de minha iniciação na vida prática, após haver deixado as vetustas arcadas do velho mosteiro do largo São Francisco a Faculdade de Direito de S. Paulo.

Último instante, derradeira imagem
Nas procissões da sombra em longas filas...
Era a morte cerrando-me as pupilas
No doloroso termo da ramagem.

Graças a Deus, a crença era meu pagem
E, buscando-lhe, ansioso, as mãos tranquilas,
Chorei de gratidão, só pressenti-las
Conduzindo-me à luz de outra paisagem!...

O'terra de São Pedro que amo tanto.
Com que angústia te vi, banhado em pranto,
Nos supremos e tristes estertores!...

Trabalha e espera sob os céus risonhos,
Que a morte é vida para nossos sonhos
E paraíso para nossas dores.

(a) GUSTAVO TEIXEIRA

O Estado de S. Paulo – SP
31 de março (quarta-feira) de 1943, p. 2
Gustavo Teixeira – Arlindo Barbosa

GUSTAVO TEIXEIRA
Arlindo Barbosa

Todos nós temos um baú íntimo, onde, de vez em quando, vamos procurar a vida... Achamo-la, esfrangalhada, esmigalhada em trechinhos amargos e no meio desses amargos fragmentos, brilha, aqui e ali, uma recordação boa e sincera. Esse brilho projeta-se de longe, do fundo das horas passadas, onde palpita, sonha e vive um amigo que a morte levou, para torná-lo presente em todos os corações e em todas as saudades.

Meu baú íntimo atraiu-me em busca de recordações de Gustavo Teixeira, o tão humilde quanto grande poeta que nasceu, viveu e morreu na sua cidadezinha de S. Pedro, que muita gente teima em chamar S. Pedro de Piracicaba.

E pude encontrá-las e senti-las e para mais senti-las, volvo, em pensamento, a S. Pedro, para rever a figura de Gustavo Teixeira, levando na alma e no coração toda a grandiosidade de sua arte de versejar e, por isso, admirá-la e compreender que esta admiração tocava as raias do misticismo e da veneração devida aos grandes poetas, muito especialmente quando esse grande poeta se acha aureolado de profunda humildade, como sucedia a Gustavo.

Numa tarde fria de junho de 1936, cheguei à terra de Gustavo. Cidade velha e pacata como as criaturas solteironas que têm uns restos de alegria, e com eles, não se divorciam totalmente do presente, muito embora prefiram o passado, porque no passado é que está verdadeiramente a razão da sua velhice...

S. Pedro, silenciosa e velha, dormia, naquela tarde, debaixo de um véu leve de neblina que lhe mandava a serra do Itaqueri, a leoa serena que se opôs ao avanço dos trilhos da Ituana, obrigando os homens do último império a tomar rumo diferente daquele, afim de que o progresso paulista fosse percutir nos mais longínquos sertões...

Em face de novo rumo, a cidade estacionou. Os homens tinham pressa e não perscrutaram os tesouros que a cidadezinha pobre ocultava no seu coração. Até que um dia, S. Pedro aparece no cartaz, ofertando suas águas miraculosas, vestindo-se com roupas novas para receber seus

hóspedes, a quem a ciática fisgava e a quem um rim incompreendido impunha larga lavagem.

Com as roupagens de S. Pedro, Gustavo apareceu no comentário burguês. A pouca mudança na fisionomia de sua terra nada o alterou. O mesmo homem pacato, sereno e doentio.

Quando fui vê-lo, em sua casa, confesso que pratiquei o melhor ato de minha vida. Vi-me de joelhos diante de sua figura alta e majestosa e sobretudo humilde. Aquela humildade era o prêmio de muitos desejado porque era a própria serenidade de um coração que muito sonhou, sonorizando os minutos da vida, atupindo de sonhos, ao mesmo tempo, outros corações anônimos que se iluminam com versos mágicos, para atravessar as noites de amargura com que a vida nos espera neste vale de lágrimas e de prosa, como dizia o Eça.

Para mim, S. Pedro desaparecera desde aquele instante e somente me ficou a pessoa de Gustavo. Ela era tudo. O pacato jardim público, com as palmeiras imperiais projetando-se na quietude da piscina; ruas de casas baixas e de terra vermelha; o nome de qualquer delas; o vulto de uma velhinha que passasse a caminho da igreja – tudo era do conhecimento de Gustavo. E a passos, fomos parar em sua casa, que era de porta e janela na praça onde se situa a Câmara Municipal, hoje simplesmente Prefeitura. Com um velho e sincero amor pela sua repartição, apontou-me para o edifício que vira nascer e onde, segundo falava, tinha muito que fazer. Era secretário da Câmara e redigia atas e consertava erros de redação dos políticos incultos e bem intencionados que sacudiram os primeiros empreendimentos em matéria de administração pública. Ali Gustavo bateu à porta. Minutos depois, apareceu uma mulher preta e gorda e luzidia, com os braços grossos à mostra e a gaforinha revolta. Era a velha ama do poeta. A única que o não abandonou em suas amarguras. E por isso, com ar maternal, recebeu-nos, recomendando a Gustavo seu remédio e sua dieta. Depois, desapareceu no meio de galinhas velhas, semi-depenadas pelo tempo, algumas pombas, um gato e um mamoeiro baixote e verdejante, abraçado de flores.

A preta velha explicou-me que as galinhas morriam de velhice, Gustavo não permitia, de modo algum, a sua matança. E ilustrando a conversa com uma prova viva, trouxe-nos um galo capenga e cego que esperava seus últimos dias à sombra da piedade do poeta e debaixo de um poleiro fresco e limpo.

Por essa ocasião, Gustavo ingressara na Academia Paulista de Letras. A notícia o comovera fundamentalmente. Mostrou-me velha fotografia

em S. Paulo, onde estivera pela penúltima vez. Datava de mil novecentos e dez. Estava entre poetas e jornalistas e desses me ficaram na lembrança a figuras de Julio Prestes e René Thiolier que, naqueles remotos anos, abriam as asas da inspiração para os vôos incipientes...

Minha intimidade com o autor do “Ementário” parecia já muito antiga, à proporção que ele mergulhava nos dias idos e de lá trazia, às vezes, com lágrimas nos olhos, uma carta, um poema, um recorte de jornal.

Falava compassadamente, na sua sala de trabalho, uma pequena mesa, ao lado de uma estante. Mostrou-nos a mim e ao poeta Epiteto Fontes, sua correspondência íntima com os vultos da Academia Brasileira de Letras, sinceramente encantados com seus versos. Não se tratava de simples elogios, de simples palavras de consolo, mas de expressões de profundo afeto e tentadores convites para exercer funções de relevo nesse ou naquele ministério, nessa ou naquela secretaria. Gustavo parecia satisfeito com as resoluções tomadas, de não deixar a sua querida S. Pedro. Nunca se arrependera. Lia-nos a correspondência de ministros e escritores da Academia e depois, olhava com satisfação pela janela, e seu olhar envolvia a pacatês daquelas ruas despreziosas onde dormiam [trecho ilegível] [x]çavam galinhas e mulheres conversavam à porta das vendas com os filhos pendurados das [x]vaias, quadro inalterável, e diário que os forasteiros encontravam e deixavam sem vestígio de sua passagem.

Seu grande amor foi S. Pedro e S. Pedro, como ele, escondeu no seu vasto seio, tesouros imensos. A terra, abandonada começou a reflorir com a descoberta de suas águas milagrosas. Revelou o seu coração numa angustiosa humildade. Assim, também, o coração de Gustavo começou a reflorir diante do seu livro “Último Evangelho”, uma série de impecáveis sonetos com que exaltou com pinceladas de mestre os quadros principais da vida do Divino Filho de Maria.

Nesse livro pôs Gustavo toda a sua arte e por causa desse livro, talvez, nunca pretendeu deixar sua terra, para um passeio ligeiro que fosse, tanto assim que nos confessou, mirando-nos com firmeza e ajustando o “pinçe-nez” bem junto dos olhos, que a última vez que visitara São Paulo foi em 1920! Não tinha tempo. A secretaria da Prefeitura tomava todos os seus minutos e com essa afirmativa, demonstrava que essa secretaria fora o seu derivativo predileto, o túmulo silencioso e amargo de sua mocidade desiludida. Tinha-lhe fundo respeito, atribuindo a ela todas as suas iniciativas frustras.

E deu-nos a conhecer, nessa memorável noite, os maravilhosos sonetos de seu “Último Evangelho”. Chegou a falar num possível editor e numas possíveis economias para uma edição por sua conta.

Nunca foi atraído pela chamada escola moderna. E argumentava que para a inteligência, o haver ou não “escolas modernas” era questão secundária. A arte, em sendo expressão de beleza absoluta, não se pode sujeitar a certas normas menos inflexíveis, uma vez que essas normas, por liberais, não exigem o apuro, a elegância, o polimento, a linguagem, o ritmo, o colorido e todos os demais pequeninhos elementos que adornam e elevam a poesia. A arte moderna, para os homens de talento, impõe muito mais exigências. Para os menos protegidos das luzes superiores, também nada exige...

Gustavo, portanto, poetando a moda antiga, seria o mesmo mavioso poeta da moda de hoje. Seu talento, sua bondade, seu drama íntimo escoimado de recalques e de vinganças, elevaram-no diante de todos nós. Jamais o tentaram acenos de bons empregos, relevo social, ondas fragorosas de cabotinismo, coisa que acontece comumente até mesmo a quem não sabe escrever uma linha em língua nenhuma e que quer aparecer e brilhar em qualquer circunstância de tempo, de lugar e de moda...

Foi por isso que acreditei na sinceridade dos ilustres membros da Academia Paulista de Letras, em eleger para ilustrá-la também, por valor que era, a figura de Gustavo Teixeira. Se a eleição lhe fora honrosa, não menos honrosa teria sido ao colendo cenáculo a presença do poeta, aliás, presença que se não verificou, pois a morte exigira antes...

Ora, um cenáculo que conta com um Francisco Pati, um Afonso Schmidt, Rubens do Amaral, Motta Filho, Soares de Melo, Menotti Del Picchia e outros nomes de elevada projeção em nosso mundo intelectual, não pode, de modo algum, relegar ao esquecimento o nome de Gustavo Teixeira. Como aconteceu à terra do poeta, que revelou os tesouros ao seu seio através de suas águas, seja-me permitido dizer que a Academia Paulista de Letras está no dever de tomar a iniciativa de “manifestar” o tesouro incomparável do coração de Gustavo – o “Último Evangelho” que, além de “Ementário”, enfeixa uma obra soberba, digna da mais ampla divulgação por todos os recantos onde chegue a refulgência dos bons versos e onde o nome de Jesus seja sinônimo de Bondade.

Aqui deixo meu pequeno sopro às cinzas que começam a encobrir a brasa viva da memória de Gustavo Teixeira. Produzir chamas é tarefa que escapa ao meu fôlego...

Correio Paulistano – SP (informado em nota manuscrita no recorte do jornal)

“Publicado por volta de 1950” (informado em nota manuscrita no recorte do jornal), p. n.i.

Gustavo Teixeira – Helio de Sousa

GUSTAVO TEIXEIRA

HELIO DE SOUSA

Um amigo fez há dias a justiça de se referir a mim como tendo sido o precursor da ideia de perpetuar a memória de Gustavo Teixeira no centro da cidade de São Pedro, sua terra natal. O caso liga-se à herma erigida no jardim local, e cuja inauguração deu margem a que Guilherme de Almeida, durante o ato, falasse sobre o grande poeta desaparecido.

DEZESSETE ANOS DEPOIS

A herma de Gustavo Teixeira em São Pedro e justamente no lugar onde se acha, tem para mim, com efeito, um significado singularmente superior. Em 1930, empenhei-me junto ao prefeito são-pedrense no sentido de ser dado o nome do poeta ao largo fronteiro à Igreja Matriz. Fiz correr pela cidade um abaixo-assinado, pois convinha dar à homenagem um colorido popular.

Mas o então vigário da paróquia se opôs. Exortou os fiéis a negarem sua adesão à lista por mim encabeçada. Gustavo era partidário da metempsicose. Emplacar com seu nome o largo da Matriz parecia uma ofensa ao culto católico. Parecia emplacar o espiritismo. O padre esquecia que o nome de Gustavo Teixeira era acima de tudo um patrimônio da cidade, representando uma glória positiva das letras paulistas, independente dos princípios religiosos que o poeta esposasse. Mas, esporeado por uma intolerância fanática, ele desencadeou tão violenta reação contra a iniciativa, que Gustavo Teixeira, não querendo servir de motivo para uma desarmonia na família são-pedrense, me procurou e pediu que torpedeasse a homenagem. Não o atendi ao requerimento deu entrada na Prefeitura.

Que fez o poeta? Escreveu ao prefeito, confessando-se sabedor de um abaixo-assinado que se lhe referia e pedindo fosse o mesmo arquivado, já que não podia aceitar a homenagem.

Dezessete anos depois, vi com prazer o nome de Gustavo Teixeira na fachada do prédio do grupo escolar de São Pedro. Vi-o

também emplacado na praça central da cidade, onde justamente se inaugurou, como no resplendor festivo de uma ressurreição, a herma do genial artista do “Ementário”. Já ninguém lhe contestava o direito à imortalidade. Pouco importava saber se ele aceitava ou repelia a doutrina da reencarnação.

O PURO ARTISTA

Gustavo Teixeira mereceu o insigne privilégio de ser apontado como um dos maiores poetas líricos do Brasil. E dele se pode com justiça dizer que foi um artista puro. Amou e serviu a beleza com a exaltação de um convertido. Com exclusivismo. Com dedicação imensa e imenso idealismo. No sossego bucólico de sua vida simples, lá em São Pedro de Piracicaba, ele era como um voluntário da solidão, metido consigo e trabalhando para sua arte sublime. O culto do estilo impunha-se-lhe como nobre reação contra a forma frouxa e desatenta de certos românticos à Musset, então ainda inacreditavelmente apegados ao verso choramingas, parecendo espectrais sobreviventes de uma época perempta. Seu parnasianismo era antes o produto de uma convicção do que propriamente de uma simples questão de escola. Ele o que achava era que Flaubert tinha razão: que a obra de arte não podia sobreviver senão pelo estilo.

Por sinal que o “Ementário”, quando apareceu, foi uma revelação. Quer na suavidade, lírica da frase extreme, quer na transparência e na graça do pensamento elevado, tudo, nele, de princípio a fim, pelos seus tesouros de Beleza rara e de majestade palpitante, tudo contrastava com o feitio diminutivo, simples, docemente retraído e modesto do poeta.

Os “Poemas Líricos”, arremessados à publicidade muitos anos depois, não superaram, a meu ver, o livro de estreia. Foram, todavia, uma brilhante confirmação das qualidades estéticas do poeta.

CONCLUINDO

Conheci Gustavo Teixeira na intimidade de sua pobreza e de sua modéstia, durante minha forçada permanência em São Pedro, de 1930 a 1931. Pude então apreciar os tesouros daquela grande alma, eu que já conhecia e admirava o fulgor de seu talento.

A herma do poeta, hoje erguida no coração da cidade que ele muito amou, constitui um ato de justiça e uma aplicação da lei da reciprocidade: é a homenagem da terra ao filho que tanto a engrandeceu.

O Estado de S. Paulo – SP

20 de fevereiro (sábado) de 1960, p. 3

Vida Literária: Gustavo Teixeira, o grego municipal – Leonardo Arroyo

GUSTAVO TEIXEIRA, O GREGO MUNICIPAL

A Editora Anhambi reuniu num único volume, de cerca de quinhentas páginas, com uma introdução de Cassiano Ricardo, as “Poesias Completas”, de Gustavo Teixeira. Poeta esquecido, e muito menos estudado, têm os leitores nesta obra oportunidade de apreciar, não somente uma expressão lírica, como um fenômeno literário de complexa realidade histórica. É que se estranha, como o faz Cassiano Ricardo, recordando uma observação de Emerson, como tenha sido Gustavo Teixeira “tão grego nas condições “municipais” em que escreveu o seu “Ementário”. Eis aí, parece-nos, o prejuízo maior de Gustavo Teixeira, com reflexos na sua obra. Faltou-lhe perspectiva histórica para situar-se nas coordenadas do fenômeno poético, fato cuja causa dispensa, nestas linhas, maiores comentários. O mal deste poeta foi ser grego municipal, um lírico voltado para si mesmo e de pouca exteriorização, pouca comunicabilidade, isolado no seu municipalismo de motivações muito pessoais ou intelectuais, e sem a necessária deformação para ultrapassar as fronteiras do seu meio cultural. Dir-se-á que queremos julgá-lo dentro de conceitos modernos. Nada disso. Mesmo dentro de sua época Gustavo Teixeira tem suas deficiências. Seu mal também foi o de ter escrito demais. Este excesso pode agora pesar na apreciação do seu valor, perturbando-o. Com todos os defeitos possíveis, contudo, Gustavo Teixeira foi sem dúvida um temperamento rico de lirismo, possui versos magníficos, não ignorou o segredo da composição poética. Morreu em 1937, ainda grego, alheio ao mundo além de seus limites municipais. Mas Gustavo Teixeira deve ser discutido, lido. Daí em conclusão, a importância desta iniciativa da Editora Anhambi.

Anhembi – SP

Ano X, n.º 113, abril de 1960, p. 368-370

Livros de 30 dias: Gustavo Teixeira – Victor Caruso

GUSTAVO TEIXEIRA

“Nasceu e morreu poeta”. São estas as palavras, simples e belas como lhe foi a alma, que se leem no busto de Gustavo Teixeira, em uma praça pública de São Pedro. Naquele seu recolhimento do interior do Estado a melhor parte da vida repartiu-a com a Musa e o trabalho – secretário da Edilidade, não teve, a amenizar-lhe os dias, os prazeres das viagens nem, sequer, um condizente convívio espiritual. Lia muito e escrevia ainda mais. Eis porque a sua obra, apenas poética, é enorme, a maior, talvez da de todos os versejadores patrícios.

Ementário, em 1908, foi o seu livro de estreia, com a apresentação enaltecida de Vicente de Carvalho. Lembro-me do acolhimento entusiasta da crítica naquela época distante, em que um livro novo despertava vivo interesse da imprensa. E não é desacerto avançar que os louvores foram unânimes. Todavia, deles discrepou um dos mais autorizados jornalistas e filólogo campineiro – Alberto Faria. No jornal em que eu trabalhava, *Cidade de Campinas*, publicou três folhetins com o título: *Nota dissonante* em que, pelo prazer do *contra*, como o próprio cabeçalho indicava, contrariou a opinião favorável geral, sobre o volume. Recordo-me, ainda, haver interpelado aquele meu amigo e mestre, o porque da maldade, tendo como resposta: “Esse moço tem muito talento; mas os elogios passam da conta”. Afinal, os reparos, inconsistentes, de pouca monta, não serviram para empanar o brilho do estreado. Nem, por outro lado, a diatribe motivou polêmica, gênero predileto de Faria e ao sabor do tempo. E nisso tinha ele muito de Júlio Ribeiro como, aliás, provou na mantida em 1968 com Otoniel Mota⁸¹.

Mas falei do livro, embora ligeiramente. *Poesias completas* tem o condão de agradar a toda gente, tanto mais aos que estimam a arte. Não vem ao caso a moderna maneira de poetar. Poesia não tem época, nem figurino. É eterna, porque eterna é a beleza. Produto do espírito, vale pela sensibilidade, pelo primor de imaginação, e deve comunicar-se de autor a leitor. Escolas, formas, inovações, são secundárias. E o juiz, nessa questão, é o público.

⁸¹ *Revista do Brasil* – novembro de 1918.

Em conjunto, os versos de Gustavo são perfeitos e belos. Cultuou a estética em todos os domínios da poesia, já como parnasiano, já, e mais frequentemente, como lírico; ora foi descritivo – veja-se *A tempestade*, ora fantasista – leia-se *O sonho de Marina*; aqui é o aquarelista de *Lira azul*, ali o concentrado cantor das coisas bíblicas. E em tudo, desde as simples estrofes aos extensos poemetos, há tintas de uma palheta mágica. Riqueza de imagens, profusão de símbolos, originalidade. Atentem para estas figuras, a propósito de relâmpagos: Cobrejam relâmpagos trementes – pág. 43; fosforeiam sutis relâmpagos de opala – pág. 44; relâmpagos dão punhados de oiro – pág. 94. Outras: a rosa... espetada no hastil, sangrando, parecia um coração suspenso à ponta de uma lança – pág. 48; surge entre nuvens a verônica da lua – pág. 50; o pavão pompeava, as plumas sacudindo, uma aurora boreal no iriante leque aberto – pág. 195; os teus beijos são hóstias de perfume, que a alma comunga em êxtase, de joelhos – pág. 225. E uma infinidade mais, que seria longo enumerar e, de igual modo as composições obras primas. *Cleópatra*, p. ex., é um soneto que Francisca Júlia ou mesmo Leconte de Lisle assinariam. E, de igual quilate, uma série grande. Não é possível, porém, entre mais de 400 poesias, destacar todas. Baste a amostra de

PAINEIRA MORTA

Adeus, ó verde amiga das crianças,
Que eras toda perfume e murmurinho,
E para o enxame das abelhas mansas
E colibris nunca tiveste espinhos!

Hoje, flóreo cabelo não destraças,
Jorrando aromas, balouçando ninhos,
Nem mais sacodes triunfalmente as tranças
Onde noivavam ledos passarinhos!

Caíste em plena glória, farfalhando,
E cobrindo de pétalas o finando
Algoz, que lava as mãos como Pilatos!

Não mais, porém, no estio entre os ardores,
Darás abrigo a vândalos ingratos
Sob o cheiro clâmide das flores!

Gustavo Teixeira não teve a fortuna de viver em um grande meio, em rodas de escritores e jornalistas, que são incentivo e favoneiam a notoriedade. Nem por outro lado, um mínimo de vaidade que serve, não raro, de adinúculo ao renome. Foi por demais modesto, o solitário de São Pedro.

Cinquenta e dois anos já transcorreram desde o aparecimento de *Ementário* e vinte e três do seu passamento. Ingrata como é a memória humana, o olvido lhe estava a envolver o nome, como tem acontecido com outros escritores.

Em boa hora, pois, Paulo Duarte lhe arrancou do esquecimento e lhe exumou do ineditismo a grande obra. Fê-lo com o seu senso de escritor porque a reputou importante para o nosso patrimônio intelectual. E um livro de poesias, como publicou *Anhambi*, com 532 páginas, é arrojo editorial. Mas acertou: a prova levará *Poesias completas* a se esgotarem muito breve. E isso será ouro sobre azul à consagração póstuma do grande poeta de São Pedro. – VICTOR CARUSO.

A Gazeta – SP

Junho de 1961, p. n.i.

Gente Ilustre (15): O poeta Gustavo Teixeira – Silveira Bueno

O POETA GUSTAVO TEIXEIRA

Prof. Silveira Bueno

A cidade de Leme, entre Arara e Pirassununga, ocupa, em minhas recordações, precioso lugar. Em seu grupo escolar concluí meus estudos preliminares, aprendi a jogar futebol e também a fumar o primeiro cigarro, a primeira prova de virilidade com a qual se estadeia toda e qualquer adolescência. Tínhamos professores excelentes, grande era a curiosidade literária e já, aos domingos, no jornal da terra, todo me ufanava com as incipientes agressões à língua e à literatura, série de atentados que ainda hoje continua a perpetrar. Quando já me encontrava no quarto ano, em vésperas de receber o meu “diploma”, surgiu em nosso grupo escolar uma figura interessantíssima de professora ultramoderna, audaciosíssima para aqueles tempos já tão perdidos no passado. Chamava-se Dona Adelaide e a minha memória de criança não lhe guardou o sobrenome, se bem que nunca me esquecesse da sua personalidade. Morena, não de todo feia, magra, com leve buço masculino, trajava-se pouco femininamente, preferindo “tailleur” e gravatinha às saias rodadas da época. Dizia-se “sufragista”, adjetivo que nos vinha da França e da Inglaterra, onde as mulheres lutavam pelo direito de voto, pela sua igualdade de direito aos homens. Naquele tempo, sufragista equivalia, mais ou menos, a comunista de hoje. Para ostentar a sua masculinidade, era quem dirigia o trole em que os professores da seção masculina se transportavam para o prédio bem distante onde funcionava essa parte do grupo escolar. Tudo isto me enchia de admiração, mas, quando vi, no primeiro número do jornal da cidade, um belo soneto assinado pela profa. Adelaide, corri à pensão onde ela residia para cumprimentá-la. Eram versos muito bem feitos, soneto realmente inspirado, e belo. Quando lhe manifestava a minha admiração, toda cheia de si, acrescentava:

- Desses, faço às centenas, de olhos fechados...

Voltei quase humilhado por aquela visita: fazia centenas, de olhos fechados, quando eu sofria horrores, suava frio durante toda uma semana para uma simples quadrinha! Que talento o da dona Adelaide! Comprei caderno especial para colecionar as suas poesias, pois, o jornal

de Leme continuava, aos domingos, a publicar os seus sonetos, cada qual melhor que outro. Mas certa manhã, quando todo o grupo escolar se encontrava em plenos labores, ouvindo-se apenas as vozes dos mestres a ensinar nas classes, eis que rebenta um vozerio do gabinete do diretor, coisa assim de briga, de ameaças de agressão:

- Corto-a de chicote! De rabo de tatu! Ladra despuorada!

Os professores saíram das classes, correram ao gabinete do diretor e como fosse meu irmão, também para lá corri, certo de que era com ele tal ameaça de chicote, de rabo de tatu e outras delicadezas. Lá estava um homem magro, de roupas de brim, chapéu de abas largas, bigodes ralos, tipo de caboclo, meneando na destra um temível rebenque. Quem seria? Por que estava tão indignado e ameaçando cortar de chicote a alguém do nosso grupo escolar? Era o poeta Gustavo Teixeira, então, residente em Cordeiros, hoje Cordeirópolis, segundo me disseram naquele momento. Por que estava assim em atitudes tão pouco poéticas? Quem seria a vítima que desejava cortar a rabo de tatu? Quase desmaiei quando soube de tudo: era a nossa sufragista, a nossa poetisa Dona Adelaide, que, ali, em Leme, a poucas horas de Cordeiros, tinha a coragem de publicar, dominicalmente, um soneto do poeta Gustavo Teixeira, como se fosse dela! Eram estes os sonetos que ela fazia, aos centos, de olhos fechados... E houve a surra prometida? Não: poeta ameaça, mas não bate... nem com uma flor, em mulher, ainda que fosse tão descarada plagiadora. Dona Adelaide não se achava no edifício e nunca mais a vimos: embarcou para a capital, pediu remoção, desapareceu, assim como desapareceram, o seu sufragista, e sua irrequieta masculinidade. O jornal de Leme, no primeiro domingo, já não trouxe um daqueles belos poemas da nossa magnífica professora. Dentro da minha desilusão de adolescente ficou o grande vazio daquela página, mas trago na memória a figura de ambos os protagonistas: a da plagiadora e a do poeta que nunca mais tornei a encontrar.

Muitos anos depois, quando já cursava estudos superiores, ao final de uma palestra em Jundiá, entre as pessoas que em vieram saudar, lá deparei com certo rosto que me pareceu conhecido:

- Dona Adelaide?

Era ela mesma! Magra ainda, mas vibrante e loquaz. Não me reconheceu: quando lhe falei no seu sufragismo de outros tempos, em Leme, prontamente se recordou daqueles dias da sua juventude. Estava aposentada já muito tempo, e, para encher o vazio de suas horas solteironas dedicava-se aos pobres, numa “Assembléia Espírita”.

- Lembra-se então de como era eu masculina?

- Se me lembro!...

- Pois, olhe, somente agora vim a descobrir a causa de todas aquelas expansões ultra-modernistas: em uma de nossas sessões, baixou o grande espírito de Napoleão Bonaparte...

- E que lhe disse?

- Que, desde a minha juventude se encarnara em mim! Daí aquele meu temperamento de homem, aqueles pulsos fortes com que conduzia o trole dos professores... Lembra-se?

- Como então? O espírito de Bonaparte vive em seu corpo?

- Vive, não! Manifestava-se através do meu temperamento!

Mais admirado ainda, muito mais do que quando visitei Dona Adelaide, naquela velha pensão de Leme, olhei o rosto da minha antiga professora: o pequeno buço de outrora era já verdadeiro bigode. Uma dúvida, porém, ainda me assalta: usava Napoleão bigodes? São mistérios dos tempos e do espiritismo.

A Gazeta [Literária] – SP

22 de outubro de 1966, p. n.i.

O verdadeiro perfil de Gustavo Teixeira – Justino Pinheiro

O VERDADEIRO PERFIL DE GUSTAVO TEIXEIRA *JUSTINO M. PINHEIRO*

A encantadora cidade de São Pedro de Piracicaba, que se espalha ao sopé da serra que lhe emoldura o casario e o envolve em amoroso amplexo, encerrou, no último domingo de setembro, a “Semana Gustaviana”, celebrada anualmente em homenagem ao seu filho dileto, o poeta do “Ementário”, Gustavo Teixeira.

Velho amigo, que conviveu com ele e dele conserva carinhosa lembrança, rebuscando antigos guardados, encontrou e trouxe-me um recorte de *A GAZETA*, de 26 de junho de 1961, com um artigo do prof. Silveira Bueno, intitulado “O poeta Gustavo Teixeira”, no qual traça o perfil distorcido e inexato do homem, apresentado como um ferrabrás, de palavreado e gestos truculentos e agressivos.

Narra o articulista o episódio de uma professora do Grupo Escolar de Leme, que publicava na edição domingueira do jornal local, como seus, sonetos e outras poesias do vate são-pedrense. Certa manhã, surge, de inópino, no gabinete do diretor da escola, um desconhecido, de rebenque em punho, que brandia ameaçadoramente, enquanto, aos gritos, perguntava pela “ladra despudorada”, para agredi-la a chicote, pelo furto dos seus versos. O temível agressor era Gustavo Teixeira, revoltado com o plagiato da professora de Leme. O fato não teve maiores consequências porque a plagiária não estava presente e até desapareceu da cidade, removendo-se para outra escola.

A apropriação indébita dos versos pode ter acontecido. Mas a narrativa da reação violenta do poeta merece formal contestação, ainda que tardiamente, mas com oportunidade em razão das comemorações da Semana Gustaviana.

Ninguém, na aprazível São Pedro tem conhecimento desse fato, ignorado até pelos parentes de Gustavo Teixeira, que lá residem, e que não passaria despercebido, pela singularidade.

O articulista refere que o poeta partiu de Cordeirópolis, onde residia, para a sua viagem de vindicta. Mas nesta localidade ele nunca morou, não tendo jamais saído da sua querida terra natal, salvo para curtas estadas nesta Capital.

Gustavo Teixeira foi um homem simples, de maneiras serenas e suaves, tímido, de uma timidez que atingia à humildade.

Era incapaz de manejar outra arma que não fosse a pena, que lhe servia para os misteres do cargo de secretário da Câmara local e, principalmente, para escrever os versos magistras, primorosos, dos seus devaneios poéticos.

A mão que empunhava a pena não apertaria jamais o cabo de um rebenque, na atitude inglória de agredir a mulher que lhe furtava os versos.

Nem o homem tímido, retraído, de personalidade marcadamente introversa, cujo coração, como disse Cassiano Ricardo, no prefácio das Poesias Completas, valendo-se dos próprios versos do poeta, era “uma roseira verde, coberta de botões”, seria capaz de explodir em palavrões e gestos desatinados.

Os botões daquela verde roseira não possuíam espinhos. O perfil de Gustavo Teixeira, debuxado no episódio narrado, não é verdadeiro. Quem o conheceu, vivendo entre os pássaros que tanto amava, na convivência fraternal dos seus amigos, com os quais disqueteava assentado sempre no mesmo banco do velho jardim da praça da Matriz, nas tardes que morriam suavemente enquanto o sol apagava-se paulatinamente, em afogueado ocaso, atrás dos altos morros que circundam a cidade, quem sentiu de perto a simpatia que se irradiava daquela figura magra de asceta, de feição suave, na qual o olhar absorto se escondia atrás do “pince-nez” de vidros grossos, quem tratou com o poeta e com o homem, não acreditará jamais que ele pudesse transmutar-se, despersonalizar-se, ao ponto de assumir o porte e o jeito de um valentão, brigador, a invadir uma escola à cata da ladra dos seus versos, para surrá-la.

O episódio não é, nem pode ser verdadeiro e não afina com a vida sossegada, tranquila, do poeta, na tranquila e sossegada São Pedro.

Embora seja antiga a crônica do professor Bueno, sempre é tempo para restabelecer a verdade, corrigir o erro e reparar a injustiça, a fim de que a pessoa do vate são-pedrense, com ásperas arestas e com uma fisionomia que não lhe era própria.

Gustavo Teixeira foi sempre um bom, incapaz da bruteza que lhe é atribuída. Vamos conservar a verdadeira, a exata, lembrança de como ele foi, o Gustavo Teixeira de coração puro, “roseira verde coberta de botões”, que se abriam cada manhã ao rocío dos seus versos.

Conferência (livro integral – “Gustavo Teixeira: o poeta da Solidão e da Renúncia”)

18 de outubro de 1937, p. 1-28

Estabelecimento Gráfico CASA LIVRO AZUL – SP

Gustavo Teixeira: o poeta da Solidão e da Renúncia – J. Dias Leme

GUSTAVO TEIXEIRA
(O poeta da Solidão e da Renúncia)

Conferência realizada na noite de
18 de Outubro de 1937, no salão do
“Centro de Ciências, Letras e
Artes”, de Campinas.

Meus senhores

Com a entrada de Nelson Omegna para a Presidência do “Centro de Ciências, Letras e Artes”, parece que esta casa rejuvenesceu.

Já anda de boca em boca o eco das realizações culturais do “Centro”, nestes últimos meses, - demonstração soberba de que em Campinas também há gente que pensa no Belo e sabe entretecer a vida de coisas espirituais.

E, quando Nelson Omegna me disse que havia convidado o poeta Gustavo Teixeira para vir aqui receber uma homenagem de admiração, eu cá comigo mesmo, num arroubou entusiasmo, recordei em voz alta aquelas palavras de Magalhães de Azeredo:

“Porque me volta aos olhos, hoje, a tua
imagem, depois de um hiato escuro de anos e
anos?

Deixa que eu te contemple comovido e um
pouco perplexo.

A tua imagem é sempre bela.

A tua lembrança é sempre doce.”

Mas, meus senhores, é bem verdade o brocardo popular que afirma: “O homem põe e Deus dispõe”.

Depois de quase trinta anos de esquecimento, quando a Academia Paulista de Letras resolveu trazê-lo, pela sua mão, à cadeira de triunfo;

depois que os da geração atual, curiosos e embevecidos, aguardavam o reaparecimento do grande astro da poesia nacional, eis que a morte, - zombeteira e indiferente, fria e cruel, arrebatava para sempre, num ímpeto de inveja, o suave eremita de São Pedro de Piracicaba, deixando entre nós outros o vazio de uma decepção e a tristeza irremediável de quem perdeu um tesouro que não soube estimar.

Gustavo Teixeira, pode-se dizer, foi “o poeta do amor e da saudade”. Foi o monge lírico da solidão. Foi o sonhador que procurou sempre a penumbra para, - como as avencas, - viver tranquilo dentro de seus cismares.

Ao saber que fora eleito para a Academia Paulista de Letras, ficou desconcertado e profundamente inquieto. Ao receber centenas de cartas de cumprimentos e felicitações, sentiu a tortura da popularidade e ruborizou-se todo como se fosse assaltado pelo remorso.

Ao ver se ameaçado de receber homenagens e elogios, começou a temer que a sua vida de contemplativo fosse perturbada e que se profanasse o seu retiro. A notoriedade, a fama e a glória eram motivos para arrepelar a sua velhice ignorada e serena, pois ele mesmo havia escrito:

“E é um vago fumo, uma neblina
A Glória!”

Assim, talvez a festa que o “Centro” ia promover em sua honra mais o acabrunhasse, ao sentir-se glorificado em vida, - ele que jamais se preocupara com as vaidades do mundo e com as ambições dos homens.

A glorificação em vida é sempre torturante para os espíritos superiores, quanto é ridícula e fementida para os néscios e para as criaturas pavoneantes.

*
* *

Quase nada sabemos sobre a vida de Gustavo Teixeira. Do casulo da sua modéstia só nos veio o conhecimento de que era Secretário da Câmara Municipal de São Pedro de Piracicaba, onde sempre viveu. Deixou uma filha moça e morreu aos 55 anos de idade.

Nada mais. Nada mais, porém, é preciso.

Se é verdade, como dizem, que os gênios não têm pátria, os poetas também não precisam de certidão de idade, nem de árvores genealógicas para que todos conheçam a sua origem, os seus ancestrais e a sua descendência.

A história da sua vida se encerra quase sempre nos versos que compôs. A poesia é a descrição, em formas harmoniosas, dos feitos e dos sentimentos. É a fala cantante do coração. É a linguagem das emoções d'alma. Os versos são retalhos de confissões, são lágrimas rimadas, são soluços feitos trovas, são fragmentos de sonhos, farrapos de esperança. O coração dos poetas é um roseiral despetalando versos.

Só é poeta quem sabe fazer da vida motivos de poesia. Por isso é que Tristão de Ataíde sentenciou:

“Além do mais, todos que fazem versos se julgam poeta e é tão fácil fazer versos como é raro ser poeta”.

Os versos de Gustavo Teixeira têm poesia, - poesia cheia de beleza e enternecimento, porque exalta os nobres sentimentos e comove os corações mansos e simples.

Os moços escritores da nossa terra, que fizeram carreira luminosa e brilharam nas letras pátrias, quase todos saíram de cidades humildes. Querendo subir, querendo vencer, abandonaram seus lares, desamarraram-se da terra natal e correram em busca das grandes capitais do país, onde seus anseios pudessem encontrar eco, onde suas aspirações poderiam obter êxito.

Foi assim com Castro Alves e Fagundes Varela. Foi assim com Alberto de Oliveira e Coelho Neto. Foi assim com Humberto de Campos e Amadeu Amaral.

Logo que se emplumaram, abriram largos vôos para as alturas onde esplenderam e deslumbraram.

Gustavo Teixeira, no entanto, nada quis. Poderia ter sido tudo, mas preferiu ser apenas ninguém. A vida para ele era feita de doces e íntimas emoções. Se a ilusão despertava, nos neófitos das letras, a feira das vaidades e o amor material do gozo pelas coisas terrenas, - através das sensações violentas e mesquinhas, ele preferia ensimesmar-se na torre de marfim do seu temperamento de meditativo e solitário.

*

* *

Referindo-se à eleição de Gustavo Teixeira, para a vaga de Paulo Setúbal, na Academia Paulista de Letras, escreveu a “Folha da Manhã”:

“A escolha foi justa e feliz. Desse vate paulista, disse, com muito acerto, Vicente de Carvalho, ao prefaciá-lo o “Ementário”, seu primeiro livro de versos: “Gustavo Teixeira pertence ao resumido número dos que carregam sorrindo o peso da vida. Mágoas, e grandes, com certeza as terá sofrido: mesmo nos mais felizes a felicidade é, sobretudo, feita de resignação: e, nos poetas, a fantasia, aformoseando de miragens o horizonte, faz de quase todas as realidades desencantos. Mas as suas mágoas, não as desabafa ele em desespero e em indignação, arremessando contra o céu longínquo os seus versos, como flechas sibilantes e inofensivas... As suas tristezas são melancolias suaves: há sempre luar nas suas noites. O poeta do “Ementário” é um intelectual; creio que a sua única paixão absorvente, dominadora, será o verso”.

São de Otacílio Gomes, estes conceitos exatos, a respeito do grande poeta:

“O “Ementário”, ao surgir em 1908, constituiu um dos mais belos sucessos literários da época. A crítica, com Vicente de Carvalho à frente, que lhe escreveu um prefácio que, no dizer de Sílvio Romero, é um belo pórtico a um edifício ainda mais belo, foi unânime em louvar e festejar a glória nascente de Gustavo Teixeira. Jornais e revistas do país e de Portugal viviam cheios de seus magníficos versos, que conseguiram impressionar até a alma fria da Escandinávia. Vários poemas seus foram vertidos para o

sueco... Chamava-se, então, a Vicente de Carvalho, o poeta do mar, como a Olavo Bilac o poeta das estrelas. A Gustavo Teixeira, quando lhe conheci o livro admirável, achei que lhe cabia o título de poeta da primavera, tantas eram as flores que perfumavam a sua lírica suave. As suas mágoas eram profundas, e grandes as suas dores. Mesmo assim, porém, os jardins nunca se deixaram de sorrir, em meio às suas tristezas, nunca os pássaros deixaram de cantar nos vergéis da sua fantasia, nem o sol deixou jamais de brilhar nos seus sonhos. De fato, Gustavo Teixeira nasceu com a primavera no coração”.

*

* *

Ainda há poucos anos, assistimos à morte trágica de Hermes Fontes, o grande poeta sofredor e magnífico.

Sentindo-se só, viúvo de um amor todo feito de espiritualidade, Hermes Fontes, desiludido da vida, desesperado dos homens, rebelou-se contra Deus e procurou no suicídio o termo da sua angústia.

Batista Cepelos, outro poeta que foi um lapidador de versos, um fino joalheiro da poesia brasileira, sentindo-se desprezado, intoxicou o coração de pessimismos e, repudiando a vida que lhe fora um cálice de amarguras, procurou o refúgio da morte, despenhando-se do morro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro.

Gustavo Teixeira não. Soube ser forte, revelou-se sempre uma alma de eleição. Que importa se a vida é cheia de maldades? Que importa a ingratidão e as mesquinhas das criaturas humanas?

Um mundo interior, cheio de nobres virtudes morava-lhe no coração. Nada de imprecações. Só os fracos maldizem e se revoltam. Só os egoístas se rebelam contra os homens.

Ele detestava Ibsen e Nietzsche, porque compreendeu e praticou a célebre frase: - *“Se sofres, faze da tua dor um poema”*.

E a sua mágoa diluiu-se em versos meigos e tristes, o seu desencanto desmanchou-se em estrofes balsâmicas e enternecedoras.

Ele não sentiu o aproximar da morte irremediável, nem chegou a perceber que o seu fim estava próximo. Não teve necessidade de se arrepende e de se penitenciar para conquistar o céu.

“E Gustavo Teixeira é o último evangelista que, de lira em punho, dá ao mundo cristão um novo Evangelho, vazando nos áureos moldes que a poesia lhe proporcionou, e as letras pátrias mais uma peça literária digna de figurar entre os clássicos, conforme noticiou a imprensa.”

São João Evangelista escreveu o Apocalipse porque fora desterrado para a ilha de Patmos, por ordem de Domiciano. O Apocalipse foi a revelação. São João, sentindo-se exilado, só pensava na sua igreja de Éfeso, deixando fixada em caracteres que atravessaram e atravessam os séculos, a interpretação da palavra divina.

Gustavo Teixeira exilou-se voluntariamente. Vivia-lhe no subconsciente aquele provérbio árabe: - *“um mediano bem estar tranquilo é preferível à opulência cheia de preocupações”*.

Em vez de procurar os salões doirados dos banquetes e recepções, a dizer madrigais às damas decotadas e rutilantes de joias; em vez de andar pelas avenidas e teatros a ostentar sabedoria e mundanismo; “em vez de pensar na comédia sentimental de Versalhes, quando abades preciosos e viscondes duelistas respiravam o aroma da “Pompadour”, na frase de Agripino Grieco, ele preferiu de coração, gostosamente, a sua cidadezinha humilde e esquecida, para viver e sonhar, compondo seus versos, cantando seus desenganos.

Wells, - o famoso romancista e sociólogo inglês, escolheu o seu recanto campestre em Easton Gebe, onde construiu sua vivenda confortável, cercada de lindos jardins com lagos artificiais e flores nenúfares.

Foi lá, no meio do luxo, na abastança da sua fortuna advinda dos seus livros maravilhosos, que ele escreveu e poetou, dando asas à sua imaginação genial, idealizando mundos fantásticos num futuro cheio de grandes realizações.

Kipling que viveu no seu castelo feudal, cercado de fâmulos, bafejado pela glória e pela riqueza, amava seu retiro feito da placidez morna da sua rica moradia, onde escreveu suas melhores obras.

D'Annunzio, que não perde achas da publicidade com que mantém a lareira da sua glória, vive a sua vida principesca, sentindo a volúpia de ser admirado pelos povos, deleitando-se com seus versos e seus feitos que já o imortalizaram na história da Humanidade.

Mas, meus senhores, o recolhimento e a obscuridade formam também um mundo misterioso que é a pátria dos predestinados.

As pérolas vivem e crescem no fundo dos oceanos.

São Pedro de Piracicaba foi sempre quase ignorada, porque paupérrima. Consta que há lá petróleo no seu solo. Agora, as suas águas já se vão tornando famosas pelas curas que têm realizado.

Mas, no tempo em que Gustavo Teixeira escolheu para seu *habitat*, era uma cidade modesta, graciosa e boa.

Para o poeta, entretanto, era como uma metrópole da ilusão. O seu casebre tão rústico era-lhe mais que um palácio. A paisagem que o rodeava era-lhe um cenário luxuriante de árvores e bosques, onde a orquestra da passarada executava as mais lindas sinfonias. As noites de luar na sua terra, para ele, eram esplêndidas decalcomanias prateadas em alto relevo.

O luxo, o conforto e a riqueza dos gênios não causavam inveja a Gustavo Teixeira que, como um perdulário das rimas e dos versos, vestia o seu recanto com as roupas doiradas e cintilantes da sua poesia cheia de luz.

*

* *

Dizem que Gustavo Teixeira sofreu uma grande desilusão na sua vida. Dizem que viveu um romance de amor, como todos os poetas. Dizem que curtiu durante anos a angústia sem remédio de ser incompreendido e repudiado.

Não sei se isto é verdade ou lenda tecida em torno do seu nome. Nem esta hora é própria para desvendar certas coisas íntimas que devem ser respeitadas.

O que não resta dúvida é que seus versos revelam toda a sua história, todo o seu sofrimento. O que não resta dúvida é que ele foi um grande resignado e que a sua vida não foi mais do que um poema de Renúncia.

São de 1908, quando saiu o “Ementário”, estes versos magníficos:

“Quem perde uma ilusão ridente, nada perde;
 Pois outras ilusões
 Se abrem no coração, que é uma roseira verde
 Coberta de botões!”

Vê-se por aqui que o poeta ainda aninhava a esperança no coração. Percebe-se que ele, - cantor extasiado da Primavera, sentia florir aos seus olhos deslumbrados, as rosas vermelhas da Alegria.

Deve ter sido, naturalmente, no tempo em que se julgava feliz por ter ao lado quem enchia de encantos a sua vida sossegada.

Por isso ele escreveu aquela balada romanesca:

“Tu és o sol da minha vida!
 O teu amor de castelã,
 De um antro fez jardins de Armida,
 E dá-me a força de um titã...
 Eis-me, afinal, na Canaã
 Dos sonhos d’ouro, onde improviso
 Loas a Deus e odes a Pã,
 À doce luz do teu sorriso!”

Parece que esta vida de enlevo durou pouco. Parece que seu sonho de amor lhe custou grandes amarguras, porque na “Lira Azul”, ele confessava:

“Para cercar-te de flores,
 Vivo cercado de espinhos.”

O destino caprichoso e ciumento devia ter cortado os fios de ouro de um grande amor, a ponto de desterrar espontaneamente o mavioso poeta, que se refugiou em São Pedro, sozinho, silencioso e esquecido, sem uma queixa, sem uma revolta interior.

E assim ele ficou o resto da vida à espera de que a felicidade voltasse um dia. E assim morreu, ungido pela esperança.

Há muitas maneiras de interpretar a dor. Uns choram, outros amaldiçoam. Gustavo Teixeira interpretava deste modo:

“Meu coração te espera há quase um ano! E um ano
 Para quem ama é a eternidade.
 E à tona deste amor que é um agitado oceano,

Palpita a vela da saudade.”

Ouve a aragem noturna o meu lamento
Que reboa através deste recanto.
E não vens abrandar o meu tormento,
Loiro lírio celeste que amo tanto.”

Seu lirismo converteu-se em religião estética, como em Byron e em Ruskin.

O retiro voluntário foi o cadinho acrisolado onde ele temperou o estro na forja dos grandes sofrimentos.

A arte é a libertação, como disse Ronald de Carvalho. A arte foi-lhe o refúgio e foi-lhe a nova caverna de Daniel onde ele aplacou os leões dos maus pensamentos, fazendo com a vara mágica do verso, jorrar da rocha do seu abandono os poemas delicados e os sonetos maravilhosos que são águas cristalinas da Poesia.

Naturalmente ele leu e decorou versículos de Isaías Caminha: - *“Fiquei de longe, sozinho, como sempre fiquei nessas coisas e como parece ser meu destino ficar sempre.”*

Assim se explica porque procurou o recanto natal onde passara a meninice e que lhe povoava a memória de tão gratas recordações. E, como um contemplativo, se enamorava da simplicidade virgiliana da sua gleba, sintetizando o mundo nas belezas simples daquela pacata e silenciosa São Pedro de Piracicaba.

É no “Ementário” que ele conta a alegria com que voltou para a sua cidade querida, escrevendo este soneto:

DE VOLTA

“Eis-me de novo no abençoado abrigo
do sítio umbroso onde brinquei na infância!
As flores, desatando-se em fragrância
me cumprimentam com seu gesto amigo.

Borboletas e pássaros com ânsia,
com a alegria do bom tempo antigo
pousam-me no ombro, enquanto, a rir, bendigo
esta esquecida, remansosa estância!

Tudo, ao me ver, de júbilo palpita!

Parece até que a abóboda infinita
acendeu as estrelas mais preciosas.

As moitas oferecem-me os regaços...
Como vos amo, ó árvores saudosas
que me embalastes muita vez nos braços!”

Durante trinta anos o poeta, como um anacoreta da poesia, viveu à sombra do silêncio, embalando a imaginação na contemplação das coisas inatingíveis.

É na solidão que Deus fala aos homens. Foi na solidão que ele se sentiu como que inspirado para escrever o seu “Último Evangelho” que é uma centena de sonetos bíblicos. “É a vida de Jesus cantada pelo aedo de São Pedro, que nessa obra memorável se revela o cantor e o místico incomparável, na sublime beleza de sua arte, como escreveu S. T. M., no “Correio Paulistano”.

O “Último Evangelho” será mesmo uma coletânea de sonetos? Para mim é mais do que um “Flos sanctorum”. É um livro de orações. Seus sonetos são preces rimadas. São antífonas consoladoras.

Há certos versos que se tornaram populares. Andam no ar. A gente os repete em toda parte. “As pombas”, de Raimundo Correa, “Círculo vicioso”, de Machado de Assis, “Ouvir Estrelas”, de Olavo Bilac e “Esta vida”, de Guilherme de Almeida, são assim.

Mas, o “Último Evangelho”, de Gustavo Teixeira, é mais um livro de meditação. Lê-lo é tanto como rezar. É como “Da Imitação de Cristo”, do Conde de Afonso Celso. Os alexandrinos são puros e cantantes.

Quem, como eu, já anda quase deslembado do modo de orar, sente que a flor da fé ainda lhe poderá desabrochar no coração, ao ler este:

PADRE NOSSO

“Padre nosso, que estais no céu, na estância flórea,
Hinos a ouvir, em mar de luz, no trono de astros,
Santificado seja o vosso nome! Glória
A vós que o olhar volveis aos que o dizem de rastros!

O vosso reino venha a nós como a alvorada!
Vossa vontade seja feita assim na terra

Como no céu donde dimana a lei sagrada
Que as almas ilumina e o bem supremo encerra.

Dai-nos o pão de cada dia, que imploramos,
As nossas dividas perdoais como perdoamos
Do íntimo da alma a todo nosso devedor.
Não nos deixeis cair em tentação. No mundo
Há tanto abismo, tanto báratro profundo!
Mas livrai-nos do mal, de todo mal, Senhor!

Estes versos devem ser lidos de mãos postas. Seus sonetos têm a unção de uns *santos-óleos*. São suaves e confortadores como um perdão.

Quem os ler, mesmo tendo o espírito saturado de descrença, mesmo tendo o coração fechado pelo ceticismo, sente a ternura invadir-lhe a alma e tem vontade de entrar numa igreja para rezar.

Um crítico, certa vez, estudando a obra de Rabindranath Tagore, disse que não se podia distinguir se os seus versos eram cânticos ou preces.

E a poesia, quando impregnada de misticismo, tem o sabor de um salmo bíblico que convida à meditação e eleva o pensamento para Deus.

Gustavo Teixeira foi chamado, e com justiça, o poeta evangelista, porque, nos últimos anos de sua vida ele viveu embevecido com as sagradas escrituras, traduzindo em versos líricos toda a magnificência poética da vida de Jesus. Seu pensamento vivia fixo no céu, cantando as belezas das passagens dos Evangelhos.

Rodrigues de Abreu, sentindo-se doente, de um mal incurável, voltou-se para Deus e escreveu os mais lindos versos em louvor ao Senhor.

Acaba de aparecer agora, com grande sucesso, o livro póstumo de Paulo Setúbal, “Confiteor”, no qual o autor conta como se converteu de novo à religião, tecendo um hino quente de sinceridade e de fé em louvor a Cristo.

Foi a tuberculose voraz que despertou nesses dois maravilhosos poetas a piedade cristã que tanta consolação lhes dera antes de morrerem.

São Francisco de Assis cantou as aves e os peixes. Hermes Fontes e Rodrigues de Abreu entoaram cânticos ao Senhor. Mas, na exaltação a Deus e nas glórias do Senhor, há uma paixão pelo infinito, há uma ânsia de redenção para em paga receber a bem-aventurança.

No “Último Evangelho”, ao contrário, há a beatitude serena de um crente compassivo que fez da resignação e da bondade a sua escada de Jacó.

Um grande pensador, percebendo que as novas leis e teorias sociais só têm trazido mais inquietação à humanidade descrente, não teve dúvidas em dizer que só a oração, diante de um crucifixo, poderia consolar aos que sofrem e aos que se desesperam.

Orar é conversar com Deus. Orar é como aconchegar os lábios ressequidos e sedentos a um veio de água, em meio do deserto. Orar é como que encontrar um poiso ameno para o viajante cansado e exausto. Orar é ser lembrado pelo céu, quando esquecido pelo mundo.

E Gustavo Teixeira foi um esquecido. A renúncia voluntária trouxera-lhe o esquecimento.

A esperança é a miragem consoladora dos que esperam alguma coisa. O esquecimento é a túnica

“*Que a gente veste para todo o sempre*”, como ele próprio o escreveu.

O esquecimento é o silêncio. E o silêncio é uma sepultura. A sepultura para os mortos, é a decomposição no fundo da terra. A sepultura do silêncio, para os vivos, é a introspecção, é a renúncia, é a humildade, é a ternura, é o “nunca mais”.

Gustavo Teixeira, já nos últimos tempos de existência, ao ver-se aclamado pelos seus admiradores sinceros, percebeu que os seus últimos sonhos, - como uma corsa fugidia, sumiam-se à procura do crepúsculo.

E, pendida a cabeça sobre o peito, pensativo e triste como um cisne, alheando-se mais ainda da vida, rememorou toda a sua história nos esplêndidos versos de:

RENÚNCIA

(A Manoel de Azevedo)

Cansado de correr atrás de sonhos loucos,
 Descanso. Nada mais desejo, nada mais!
 Os felizes são tão poucos!
 Felicidade! Um dia, eu vi partir do cais
 Numa palpação de velas
 Cor de luar,
 As minhas flóreas caravelas,
 Para nenhuma só voltar...

Perscruto o mar. Ao longe, atrás de uma onda
 Que se arruía em espumas de cambraia,
 Deve brilhar Ofir, deve esplender Golconda...
 Mas fica tão distante aquela praia...

Só é feliz quem não procura
 A felicidade.
 A única ventura
 É nada desejar, de nada ter saudade.

Um dia,
 Em tempos que lá se vão,
 Eu também quis, numa alta fantasia,
 Fazer do mundo a volta num balão.

Hoje nada me tenta. Eu só aspiro à calma
 Beneditina, a paz monástica, a quietude.
 Fechou as asas a minha alma,
 Que não adeja e não se ilude.

Se, toda rosicler, a aurora me convida,
 Com o sorriso mais doce desta vida,
 A ver o mundo do alto da montanha,
 A deixar os meus hábitos de monge:
 Eu olho a encosta que de luz se banha
 E dou sinal que não...

- “É muito longe!”

*
 * *

Carlyle, numa das suas “Conferências”, classificou os poetas em Heróis e Profetas. Herói é aquele que vive na esfera interna das coisas, dentro do verdadeiro, do Divino e Eterno. Fichter chama o homem de letras, por isso, um Profeta, - sacerdote expondo o que é divino para os homens.

Gustavo Teixeira, por ser poeta, foi um profeta e mais do que um herói. Quem escreveu o “Último Evangelho” deve ter morrido em “odor de santidade”.

Otacílio Gomes disse que ele nasceu com a Primavera no coração. Ele, que sempre se enamorou da natureza que lhe enchia de encantos a pequenina gleba da sua cidade natal, cantou a estação das flores tal como um salmista, dando-lhe a sua inspiração, os seus versos e a sua mocidade. E, como se tudo isto fosse pouco, no dia exato da entrada da Primavera, num ofertório sublime, deu-lhe a própria vida de presente, como sua última homenagem.

Ao dormir agora, no regaço úmido da terra que ele tanto amou, a Primavera, - que trouxe música nos ninhos, que surgiu imponente com as suas guirlandas verdes de folhas, há-de naturalmente, sentir a falta do seu cantor apaixonado, do seu poeta enternecido.

E se Stecchetti queria que da sua sepultura brotassem flores que dissessem dos seus ais e dos seus versos que não foram escritos, eu creio que a Primavera, - daqui por diante, todos os anos, num preito de saudade, fará os ciprestes rezarem baixinho, fará as casuarinas gemerem de recordação, fará as roseiras chorarem suas lágrimas de pétalas sobre a campa de Gustavo Teixeira, onde forçosamente brotarão os “loiros lírios celestes” da sua poesia, cujo perfume, nas noites de luar, há de subir ao céu como um cântico dos cânticos.

Ensaio (em livro – “Fôlhas Esparsas”)
1954, p. 62-73
Indústria Gráfica Cruzeiro do Sul Ltda. – SP
Gustavo Teixeira – Antonio Osvaldo Ferraz

GUSTAVO TEIXEIRA
(2-IX-1949)

Meu trabalho não fixará juízos críticos, respeitantes a Gustavo Teixeira, mas terá a intenção, aberta e franca, de dizer as impressões recebidas ao contato dos seus poemas.

Tenho a certeza de que ninguém exigirá de mim mais do que proponho a narrar, dum modo tão simples, como um serão familiar à lareira. O tempo tão reduzido proibiu-me de fazer penetrante exame da obra do poeta são-pedrense.

Mas, seria preciso uma dissecação integral de sua obra para adquirirmos plena consciência de que ele é um poeta de verdade, é um artista de alto quilate?

Não. A sua consagração como poeta excelente vem desde o primeiro livro que publicou. “Ementário” foi recebido com o aplauso unânime de crítica do país. O agudo exame dos seus versos apenas nos faria sopesar mais profundamente a mensagem do autor, no requinte da sua sensibilidade, na afluência recebida durante a sua formação artística, na seleção das suas ideias e sentimentos, no lavor do seu estilo e nas cintilações da sua forma, no apuro do seu gosto e, em suma, na sua evolução espiritual.

Talvez não coubessem mesmo tais cogitações numa hora de homenagem. Homenagem é muito mais emoção do que lógica, muito mais coração do que cérebro!... E se me mandarem escolher entre cérebro e coração, escolherei o coração... O coração é a uma força poderosa e constante. É mesmo a chave do cérebro.

Está claro, o sentido desta homenagem é fazer crescer ainda mais o entusiasmo pelo poeta. E entusiasmo é uma etapa sentimental, é uma forma de amar.

Sintamos neste instante, com mais ardor, as páginas sutis, as páginas de fogo, as páginas de oiro, as páginas de revolta, as páginas de resignação do vate. Depois de apreciar a sua obra, todos nós, no sossego e recolhimento, esmiuçaremos, com respeito, paciência, penetração e

prazer comovido, as peças de que são constituídas as supremas glórias do artista.

“Ementário” veio a lume no ano de 1908. A crítica o recebeu batendo as palmas, em calorosos louvores. Vicente de Carvalho, primoroso poeta santista, ao escrever o prefácio da obra, teceu-lhe os mais rasgados elogios. Dentre as proposições saídas da sua pena, destaquemos as seguintes: “Basta, às vezes, um verso para revelar um poeta. Há versos que, por assim dizer, ficam fulgindo nos olhos e cantando no ouvido de quem os lê”. Mais abaixo cita, como um ponto alto da poesia patricia, esta estrofe de Gustavo Teixeira:

“Quem perde uma ilusão ridente nada perde!
Pois outras ilusões
Se abrem no coração, que é uma roseira verde
Coberta de botões”...

O prefácio de Vicente de Carvalho vai se estendendo, vai se desdobrando, vai se ampliando e mais versos e poema do vate são-pedrense são colocados em nichos realçantes. Mas Vicente de Carvalho agora contesta Taine que afirma que o homem é produto do homem. Gustavo, para ele, não pode ser produto do seu meio, do seu ambiente!

Eu me lembro de que ouvi algumas conferências literárias de Tristão de Athayde, no auditório de “A Gazeta”. E o respeitado crítico tudo explicava como um produto do meio, menos os homens de eleição. Estes, na opinião do crítico, eram uns privilegiados, superando o próprio ambiente...

Discordo desse misticismo em torno dos espíritos de polpa. Porque estes, embora dotados duma organização mais robusta, dumas circunvoluções mais acentuadas, duns nervos mais sensíveis, duns sentidos mais refinados, refletem, indubitavelmente, a realidade, os sonhos e os anseios do seu próprio meio. Mais bem dotado psicologicamente, Gustavo Teixeira é a maior síntese emotiva do seu próprio meio. Se teve pouco contato com rodas literárias da Paulicéia e nenhum contato com as esferas literárias do Rio, de Portugal, da França e de outros países, recebeu a sua influência pelo correio, como monologaria o Jacinto de “A cidade e as serras...”. Mas a substância da sua poesia, a palpitação arterial e nervosa da sua frase, o calor sanguíneo dos seus assuntos, isso, em grande parte, foi haurido em São Pedro, ao pé das ondulações azuis das serras, no pinturesco da região, no lirismo encantador dessa sociedade profundamente religiosa e infinitamente sonhadora. Ambiente de Dulcinéias e Julietas, de casas amáveis, de

paisagens amenas, de neblinas sutis, como poeira de cal, de bucolismo virgiliano, de cascatas sussurrantes, de passeios à fonte, agora substituídos por voltas em torno do jardim... Mas sempre a mesma simplicidade romântica de vida!

Ali, a igreja erguendo o seu campanário para o ar imóvel, como uma eterna prece, sorvendo, todas as manhãs, o primeiro gole de sol. Igreja das novenas, da purificação e da espiritualidade envolta em espirais de incenso. Igreja do mês das flores, do mês de Maria, das filhas de Maria... Das ladainhas e dos hinos sacros. Da austeridade do ritual e da amenidade dos Evangelhos. Do recalque e da libertação do confessionário...

Poucas ruas e um punhado de casas da eterna vigilância... Há uma medida sisuda para a vida das pessoas!... Fugir da realidade para o país do sonho, eis o recurso! Nem todos fariam isso com brilho, mas Gustavo Teixeira o fez.

Meditem bem os que me seguem o fio do pensamento. De onde saiu a plêiade mais lírica e encantadora dos poetas nacionais? Da metrópole? Não. De Vila Rica: Cláudio Manoel da Costa, Inácio Alvarengo Peixoto, Silva Avarenga, Bartolomeu Antônio Cordovil, Bento de Figueiredo Aranha...

Ampliando mais as nossas vistas: de onde vieram Gioto, Rafael, Ticiano, Goya, Van Gogh, Renoir e o nosso imenso Portinari? E o Aleijadinho? E Bach, o matemático da música, e Mozart o poeta da música, e Beethoven, o filósofo da música? Nenhum, das grandes cidades. Saíram do campo ou da província.

A arte, em grande parte, é feita de sonho, e sonha-se mais do doce sossego ou na aborrecida quietação da província.

Manoel Bandeira, grande poeta modernista, que deixou de ser melancólico para banhar sua poesia na fonte da ironia e do humorismo, já afirmou, numa recente entrevista, que os seus versos não são escritos no bulício social do Rio de Janeiro, mas sim nas férias, quando se acha na vida vadia da fazenda. E esse Manoel Bandeira está sempre fugindo da realidade, está sempre no país do sonho...

“Vou-me embora p’ra pasárgada
Lá sou amigo do rei

Vou-me embora p’ra pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente

Que Joana a Louca da Espanha
 Rainha e falsa demente
 Vem a ser contraparente
 Da nora que nunca tive”.

No Brasil, o lirismo tem brotado vicejante de toda a parte, notadamente das províncias e das regiões do Nordeste. É verdade que para ser-se um poeta primoroso e refinado, de alto conceito nacional ou universal, necessário se faz passar por um árduo aprendizado, necessário se faz trabalhar paciente e beneditinamente para alcançar o esmero da forma, a expressão perfeita.

Um poeta de certo valor precisa possuir três qualidades inseparáveis: robusta intuição artística, convivência apaixonada com os livros e dedicação e amor à sua arte. Gustavo Teixeira, intuição privilegiada, erudição e cultura extraordinárias, grande cinzelador de magníficos versos, é bem o espelho perfeito do bom poeta. A poesia, essa arte suprema do ritmo e da harmonia, essa parte olímpica, fê-lo Himalaia de São Pedro, mas tão fulgurante que seus vivos raios de luz poéticos esparziram, como poeira de ouro incandescente e vibrátil, por todo o Brasil, levando-o a uma poltrona da Academia Paulista de Letras. Todavia, queiram ou não queiram os fados, Gustavo Teixeira é a síntese grandiosa e palpitante, a síntese triunfal de sua cidadezinha pitoresca e romântica, terra tão franzina e sutil que nos lembra uma tela sutil e vaporosa de Corot.

Folhando o “Ementário”, topamos logo com o vigor do estro do vate, em excelentes alexandrinos:

“Sob o pátio de um céu broslado de cambiantes,
 A galera real, de tírias velas tesas,
 Avança rio a dentro, arfando de riquezas,
 Cheia de um resplendor de pedras coruscantes.

Sob um dossel de bisso, entre espirais ebriantes
 De incenso, a escultural princesa das princesas
 Cisma... Remos de prata, à flor das correntezas,
 Deixam móbeis jardins de bolhas trepidantes.

Soluçam harpas doiro às mãos de ancilas belas:
 Branda aragem enfuna a púrpura das velas

E à tona da água alveja um espumoso friso.

E a Náiade do Egito, ao ver a frota ingente
De Marco Antônio, ri, levando unicamente
Contra as lanças de Roma a graça de um
sorriso...”

Está aí o poeta, repleto de imaginação, cheio de fogo na frase, cheio de música nos versos, mas um tanto apegado aos velhos assuntos, atinentes à Grécia antiga e à Roma. Assuntos de uso e abuso dos parnasianos como Herédia, Leconte de Lisle, Bilac e outros mais. Bilac, todavia, foi mais espontâneo e humano, menos convencional, no seu soneto que tem o mesmo nome.

Mas esse moço de vinte e cinco anos, que é Gustavo Teixeira, quando escreveu “Ementário”, tem coisas fluentes e sublimes assim:

“Orvalho que afogava as brancas açucenas,
Luzia como pranto em pálpebras humanas.
Os cravos, espalmando as pétalas serenas,
Tinham a cor triunfal das púrpuras romanas.”

“Ementário” compõe-se das partes: *Amor*, *Aquarelas*, *Cambiantes* e *Os triunfadores*. Todas elas encerram formosos poemas. Mas em *Aquarelas* o vate mostra mais firmeza, maior segurança, maior equilíbrio de concepção. O cérebro aí se equilibra melhor com o coração. A ideia se irmana com mais justeza à forma. Diria Amadeu Amaral: “Os impulsos são temperados com a disciplina, a inspiração com o aprendizado, a invenção com o estudo”. Desse capítulo, leiamos o soneto intitulado “A Águia”:

“Asas de ponta a ponta abertas no Infinito,
Quase roçando o Azul, já das estrelas rente,
A águia, no surto audaz, como os titãs do mito,
Tenta escalar o Céu, fitando o sol de frente.

E, sussurrando, solta o belicoso grito,
Que é a nota de um clarim vibrando heroicamente,
Quando, vermelho, o sol, o leão flamicitino,
Rola, sangrando luz, no boqueirão do Poente.

No ventre dos bulhões, onde se apinham raios,
Crava as garras de ferro e entre as nuvens
marinhas,

Indo as asas fechar nos cimos himalaios.

E, acima do homem vil, que anda gemer de
rastros,
No pináculo dorme o sono de rainha,
Tendo por trono – a Terra, e por diadema os
astros!”

Um grande artífice dos versos se denuncia por esse soneto!
Imagens encantadoras, brilho extraordinário da forma.

Mas o poeta não nos apresenta o seu lirismo caudaloso e exuberante. Quando ele mais se aproxima do seio da sua cidade natal, dos seus problemas, da sua angústia, da sua revolta, do seu desconsolo, da sua saudade, seu lirismo, abemolado, em tom menor, brota tão pessoal, tão brasileiro, tão nacional, que nos tomamos duma comoção tão contagiante e profunda. “Sua mensagem, diria Roberto Alvim Correia, tem o caráter de uma reivindicação a cujo contato o que mal existia em nós se anima, se expressa, toma consciência de si mesmo”. Essa transmissibilidade de fumegante emoção humana vemos em “Fugitiva”:

“Adeus! Já não és minha e não me amas! Nunca
Em tua alma floriu um sentimento nobre!
A dor de te perder a própria voz me trunca,
Mas, vai! deixa que a nau sem bússola soçobre!

Meu coração que o teu olhar espinhos junca,
Se estorce e plange como um sino em triste dobre.
Do meu castelo fizeste uma espelunca
De um asceta infeliz, de um miserando pobre!

Vai, andorinha!... Chega entre boreais rajadas
O inverno que faz voar os pássaros dispersos,
E veste de neblina as loiras alvoradas.

Mas embora de mim e do meu pranto mofes,
Hás de sempre escutar o choro dos meus versos,
Há de seguir-te sempre um séquito de estrofes!”

Atentemos ainda mais nessa aquarela de tintas suaves e esmaecidas. Há talvez nesses versos um influxo bilaqueano e raimundano:

VISÕES

(às meninas que eu amei)

“Ó vós que na manhã de minha mocidade
 Reduziste a pó as minhas esperanças,
 Porque vindes por entre as névoas da saudade
 Derramar em minh alma o perfume das tranças?”

Ó flores que trazeis o olor da virgindade
 E risos matinais em bocas de crianças,
 Deixai-me, enfim, em paz na minha soledade
 Apascentando o meu rebanho de lembranças!...

Mas se agora nos punge a dor do louco amante
 Que via em vosso olhar a estrela do Levante
 E ouvia uma canção em vossa ebriante voz

Quando em breve eu fechar os olhos entre círios
 Pagai-me em bogaris, crisântemos e lírios
 As santas ilusões que desfolhei por vós!”

Fechamos o “Ementário” e abramos agora “Poemas líricos”. No “Ementário”, Gustavo Teixeira é poeta romântico em transição para o parnasianismo. Muito embora tivesse sido um feliz estreante, não foi um libertado das convenções. A influência dos modelos se faz sentir de onde vez em seus versos e nos seus assuntos. Mas em “Poemas líricos”, publicados em 1925, já se nota maior emancipação do artista. Não claudica mais entre duas escolas. Foge do romantismo rançoso e do parnasianismo, que fez poesia principalmente com o apuro da forma.

Penetra no templo do simbolismo. Deixa de ser um grande discípulo e torna-se um mestre. Deixa de ser um lindo e saboroso fruto verdoengo e torna-se um pomo de ouro, sem nenhuma acidez, excelentemente sazornado.

A arte não é uma caduquice. Ela tem que acompanhar as grandes correntes do pensamento de cada época. Debussy cria uma música de timbres, politonal, de acordes vagos, feita da sequência de imagens sonoras. Manet cria telas impressionistas em que os mesmos objetos apresentam tonalidades infinitas de cor, levando-se em conta as horas do dia, o estado do céu, a atmosfera. Claude Monet, outro impressionista, pintou algumas dezenas de vezes a Catedral de Rouen, em todas as

horas do dia, para demonstrar a relatividade da sua cor. O estudo da cor e da luz absorveu a corrente renovadora da pintura: o impressionismo. Também na poesia houve inovação. Mallarmé cria uma poesia nova fazendo desaparecer nas brumas indecisas do simbolismo tudo quanto a poesia nos pudesse oferecer de vulgar. É a poesia musical, onomatopaica. “Mallarmé, diz Alvaro Lins, pretendeu retirar das palavras os seus elementos acidentais para atingir a essência poética das coisas que elas simbolizam”.

Leiamos este soneto de Gustavo Teixeira em que as palavras e ritmos sugerem algo de tétrico e sombrio:

“À SOMBRA DOS MONTES”

“No exílio deste vale, onde me entumbo
Sob o velário das neblinas frias,
Meu coração é o pêndulo de chumbo
Que marca as horas destes longos dias.

Morro de tédio, de pesar sucumbo!
O vento, que enche as solidões sombrias,
Vai propagando o fúnebre retumbo
Pelas formas e alpestres serranias.

Sol! Tu que tinges de carmim as rosas
E para a glória da alvorada existes.
Rasga nas brumas amplidões riosas!

Quero escalar os píncaros dos montes
Porque meus olhos vão ficando tristes
De saudade dos amplos horizontes!”

Aí o poeta afinou a sua lira pelas concepções estéticas universais do momento. Mas em “Lira Azul”, capítulo do mesmo livro, é que ele se desprende completamente de todas as influências, ou de modelos, ou de escola, e agigantou-se ainda mais na sua arte. Aí ele alcançou o equilíbrio, o aticismo, a expressão natural, a espontaneidade, a musicalidade, a sedução da forma e do estilo. Fez poesia da melhor, sem nenhuma eloquência. Quadrinhas sutis, graciosas e filosóficas. Imaginação pronta, delicadeza etérea de sensibilidade, tão tênue e vaporosa que culminou numa simplicidade luminosa e cintilante. É um estradivário nas mãos de um Bouillon, tocando em surdina:

“Vagueio pelas florestas,
 Pelo vale, pelo prado,
 Colhendo lírios e giestas
 Para ofertar-te, anjo amado.

Vê quantas acerbadas dores
 Me custam os teus carinhos:
 Para cercar-te de flores,
 Vivo cercado de espinhos!

No livro do céu profundo
 Eu lia, em letras radiantes,
 A sorte dos que no mundo
 Sonham dias fulgurantes.

Lia a tua: num transporte,
 As estrelas mais brilharam.
 Quando fui ler minha sorte,
 As estrelas se apagaram...

Amo o silêncio. O lamento
 Da água que foge, a canção
 Das aves, a voz do vento,
 Tudo me causa aflição.

Busco o silêncio do leito:
 Mas com acerbo pesar,
 Descubro dentro do peito,
 Um velho sino a dobrar...

Salgueiro, que te debruças
 Para chorar sobre as águas,
 Em vão sobre elas soluças!
 Não se vão as tuas mágoas!”

Essas quadrinhas me fazem lembrar um conceito de Giovanni Papini: “A poesia deve ser destilação refinadíssima em uma gota de perfume potente, de uma massa enorme de erva e de flores”.

Há tanto tempo, tinha eu pouco mais de vinte anos de idade, fui a São Pedro com o meu amigo jornalista Hélio de Sousa, a fim de visitar Gustavo Teixeira. Modesto na atitude, cordialíssimo no trato, olhos vivos e faiscantes, acolheu-nos o poeta com satisfação sincera. Ouvíamos-lo conversar: uma nobreza de mentalidade, uma nobreza de sensibilidade!

Voltamos, àquele tempo, a Piracicaba, nossa queridíssima e amantíssima cidade natal. Mas ficou dentro do nosso espírito toda a aristocracia de encanto e de beleza espiritual do vate são-pedrense.

Apresentação para antologia (em livro – “Poesia Parnasiana - antologia”)

1967, p. 290-291

Edições Melhoramentos – SP

Gustavo Teixeira – Péricles Eugênio da Silva Ramos

GUSTAVO TEIXEIRA

GUSTAVO TEIXEIRA, poeta que via as rimas “sacudindo as asas cor de chama” e desejava que a estrofe soasse “como um clarim de prata”, pode representar, no começo de sua carreira, um dos aspectos epigonais de nosso parnasianismo, baseado no vocabulário precioso, latinizado, e também na concepção plástica dos assuntos que descreve e na sonoridade do verso. A par disso, tinha poesias amorosas, de essência romântica, por vezes cor local como a que tinge alguns cromos e sonetos de B. Lopes, e até certas notas sociais.

Cassiano Ricardo, que estudou a poesia do bardo de São Pedro, acentua o seu derramamento em “poemas excessivos, longos demais, como ‘O Sonho de Marina’, ‘Última Página’, ‘Leda’, ‘Versos Brancos’ e muitos outros”, e também a sua falta de surpresa, quer no ritmo, quer na rima; aponta o poeta de *Martim Cererê* que onde há “violetas” se seguirão “borboletas”, ou vice-versa (embora não deixem de ocorrer várias parselhas de “violetas” e “Julietas”, acrescentamos nós). Isso também se havia dado entre os simbolistas: depois de “astros” viria “de rastros”, e o próprio Gustavo Teixeira não escaparia à combinação, no terceto final de “A Águia”, onde o homem anda a gemer “de rastros”, ao passo que a águia tem por diadema os “astros”.

Um de seus sonetos, “Cleópatra”, foi bastante elogiado por Vicente de Carvalho, que prefaciou *Ementário*, e Cassiano Ricardo giza igualmente que não é por acaso que um poeta pode reunir tantos recursos líricos e formais num soneto, e sim pela consciência de seu ofício. “Cleópatra” é composição de cunho hereditário, como várias das “aquarelas” de Gustavo. O que prejudica seus poemas publicados em vida, frequentemente, é não só a extensão, já assinalada por Cassiano Ricardo, mas ainda certa falta de tato vocabular e de senso de medida, a qual faz conviver em seus versos um tom elevado e palavras que decaem subitamente, imagens expressivas e outras postiças e sem vida, sonoridades quase ocas por vezes. Por isso mesmo, Gustavo Teixeira não atingiu com *Ementário* nem *Poemas Líricos* o primeiro plano,

mesmo em nosso neoparnasianismo; mas de qualquer modo representa bem, nessa primeira fase, o poeta do Interior que sonho com ideais inatingíveis de beleza, sendo mesmo estranho, como assinala Cassiano Ricardo, que “tenha sido tão grego nas condições ‘municipais’ em que escreveu o seu *Ementário*”. A publicação de suas poesias inéditas, principalmente as do *Último Evangelho*, viria mostrar que no fim da vida o poeta alcançara uma posição de equilíbrio, que se pode notar em vários sonetos daquele livro: sua arte é, então, bem mais simples e mais precisa, bastando para conceder-lhe, tranquilamente, um lugar ao sol entre os neoparnasianos.

Gustavo Teixeira nasceu em 4 de março de 1881 em São Pedro de Piracicaba, onde sempre viveu, com exclusão de breve período em que tentou o jornalismo em São Paulo. Conhece-se, desse tempo, uma fotografia sua, em que figura ao lado de Júlio Prestes, Batista Cepelos, Francisco Lagreca e René Thiollier (no livro deste, *Episódios de Minha Vida*, São Paulo, Anhambi, 1956, entre págs. 16 e 17). Exerceu as funções de secretário da Câmara Municipal de seu município. Eleito para a Academia Paulista de Letras na vaga de Paulo Setúbal, faleceu pouco depois, em 22 de setembro de 1937.

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

Ementário (1904-1907), São Paulo, Tip. Maré e Cia., 1908; *Poemas Líricos*, São Paulo, Os nossos Poetas, 1925; *Poesias Completas*, São Paulo, Anhambi, 1959 (reunindo os livros anteriores e copiosos inéditos).

BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR

Vicente de Carvalho, “Um Poeta” (prefácio de *Ementário*, reproduzido em *Páginas Sôltas*, do próprio Vicente de Carvalho, São Paulo, Tip. Brasil, 1911, vol. I, e em *Poesias Completas* de Gustavo Teixeira, cit.; Cassiano Ricardo, “Gustavo Teixeira: Presente”, em *Poesias Completas*, cit.; Fernando Góis, *Panorama da Poesia Brasileira*, vol. V, *O Pré-Modernismo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969, pág. 197 e ss.

TEXTO

Poesias Completas, cit., págs. 71, 96, 486, 522.

Palestra (em revista)

Separata da Revista da Academia Paulista de Letras, n.º 94 – SP

s.d. [1977], p. 95-111

Gustavo Teixeira – Pedro Ferraz do Amaral

GUSTAVO TEIXEIRA⁸²

PEDRO FERRAZ DO AMARAL

Sejam as minhas primeiras palavras um voto de aplauso e agradecimento à Prefeitura Municipal de São Pedro, tão bem exercida por Walmir Modesto, um homem empreendedor e enérgico, cuja benemerência seu nome não pode esconder; e à Secretaria Estadual de Cultura, Ciência e Tecnologia, tão bem administrada pelo sr. Max Feffer, que sabe dinamizar o apoio oficial às atividades literárias. Aplauso a ambos por essa atitude esclarecida, dando prosseguimento à Semana Gustavo Teixeira, ora na sua vigésima segunda realização; agradecimento pelo convite com que me distinguiram para vir falar aos são-pedrenses, o qual me permitirá o ensejo de prestar culto à memória de um grande artista, de quem me honro de ter sido amigo. Represento neste ato a Academia Paulista de Letras, que se associa a esta homenagem de louvação a Gustavo Teixeira.

QUANDO O CAFÉ NÃO TINHA PREÇO...

Um lar paulista, modesto mas saudável, naquele sítio de São Francisco, “perto da serra, quase ao pé da mata”, sumindo-se nas fraldas do Itaqueri, aí para os lados de Brotas e Santa Maria.

*“Perto, o bambual em cujo seio amigo
Cantam graúnas, e o pomar antigo
Com melros, tiés e gurundis em bando...
O ribeirão, o cafezal, a horta...”*

⁸² Palestra realizada em São Pedro, na 22ª Semana Gustavo Teixeira, no dia 22 de setembro de 1977, data do 40º aniversário da morte do poeta, por indicação da Academia Paulista de Letras, a convite da Secretaria de Estado de Cultura, Ciência e Tecnologia e da Prefeitura Municipal.

Gustavo Teixeira sofreu desde cedo as agruras da vida roceira, as quais marcariam para sempre suas feições tristes e melancólicas. O trato da terra, naquele tempo de café sem preço, mal dava para o sustento da casa, de tal arte que ele nem pode frequentar escola: aprendeu a ler e escrever com a própria mãe, dona Miquelina Teixeira de Escobar, uma senhora de grandes virtudes, educada no colégio São José de Itu, por onde passavam então as meninas filhas de fazendeiros de café. O pai, Francisco de Paula e Silva (lembramos que ele deveria assinar-se Gustavo Teixeira de Paula e Silva) era um homem cultivado, como se dizia antigamente, pois mantinha em casa uma estante de bons livros, entre os quais os dos grandes poetas brasileiros. O menino devorou-os todos e se afeioou aos versos. Um de seus biógrafos refere que adquiriu por compra um exemplar do tratado de versificação de Antônio Feliciano de Castilho. Outro conta que ele também recebeu aulas primárias de Dona Gabriela César. Mas o que é certo é que logo mais se tornava mestre de primeiras letras na fazenda Campestre, de seu tio, Joaquim Teixeira de Toledo. Cantou depois “o lar querido que deixei chorando”, “o sítio umbroso onde brinquei na infância”. E lamentava a “batalha rude em que fiquei desiludido e exausto”...

4 de março de 1881 é a data do seu nascimento. Ao se instituir no País a República, era uma criança. Talvez a revolta de Floriano, em 1896, já lhe tenha dado o primeiro contato com a realidade nacional. Mas que importância poderiam ter esses acontecimentos, para um moleque de quinze anos, cujo enlevo eram o rio, as arapucas, os estilingues e os bодоques, que o punham em contato com a natureza? E de tal arte lhe calaram na mente as belezas da vida rural que seus primeiros versos, se não são bucólicos, esmaltam-se de reminiscências do campo.

Aos doze anos, já versejava. A esse tempo, o professor Álvaro Guerra, um grande conhecedor de língua vernácula, que lecionava na Capital, mantinha no “Correio Paulistano” uma seção sob o título “A propósito”, na qual dava guarida a composições de seus alunos e de outros neófitos das letras. Gustavo Teixeira foi louvado por ele e passou a colaborar em jornais de Piracicaba e Campinas.

EMIGRA UMA ANDORINHA...

Em 1901, aconteceu o inesperado.

*“Destas paragens que setembro enflora,
Donde nunca emigrou uma andorinha”...*

emigrava um jovem de 20 anos, chamado Gustavo Teixeira. Atendendo a sugestão de amigos, que lhe acenavam com as possibilidades de carreira, foi para São Paulo, onde passou a estudar com o irmão Francisco de Paula Teixeira. Aprendeu francês, italiano e espanhol, o que veio a constituir valioso cabedal para seu tirocínio literário. Versos de sua lavra foram divulgados pelo “Correio Paulistano”, “Comércio de São Paulo”, “A Notícia”, “Capital Paulista” e outros jornais, assim como pelas revistas “Ilustração Brasileira”, “Minerva”, “O Eco”, “Vida Paulista” e outras. Publicações do Rio e de Portugal reproduziram-lhe os poemas.

Em 1905, estava no vespertino “Folha Nova”, dirigido por Garcia Redondo, engenheiro que veio a pertencer à Academia Brasileira de Letras. A vida intelectual da capital era intensa. Os acadêmicos de direito insuflavam alma à cidadezinha provinciana, que nem sonhava viesse a se tornar a megalópolis de nossos dias. Na imprensa diária borbulhavam nomes que se notabilizariam nas letras e na política. Eram Monteiro Lobato, Heitor de Morais, Ricardo Gonçalves, Vilalva Júnior, Francisca Júlia da Silva, Júlio Cesar da Silva, René Thiollier, Manuel Carlos, Júlio Prestes, Sampaio Freire, Alfredo de Assis, Paulino de Almeida, Simões Pinto, Tapajós Gomes, Francisco Lagreca, Eurico Sodré, Plínio Barroso, Ciro Costa, Alfredo Penteadó, Batista Cepelos e tantos outros. Em Santos, Martins Fontes e Agenor Silveira e uma plêiade brilhante.

Em 29 de setembro de 1951, “A Gazeta” reproduziu uma fotografia tirada em 1905, na qual aparecem alguns dos colaboradores da revista “A Musa”, dirigida por Prestes e Thiollier, figurando Gustavo Teixeira entre os seis jovens que a esse momento histórico chamaram “Embarque para a posteridade”. E não se enganaram. Eram eles: Júlio Prestes, René Thiollier, Francisco Lagreca, Batista Cepelos e Gustavo Teixeira, este com a gravata antigamente conhecida como gravata de “artista”, displicente laço de fita, a ocultar o peito alvo da camisa.

São desse tempo os versos que Gustavo Teixeira reuniu no “Ementário”: 1904-1907. A edição tem a data de 1908. Impressora, a Tipografia Maré & Companhia, de São Paulo. O êxito da publicação assegurou ao autor amplo lugar ao sol.

A VOLTA DA ANDORINHA

Gustavo Teixeira, aclamado nas tertúlias literárias, não se adaptava, porém, aos costumes da cidade, tão deferentes dos que

reinavam nesta sua pacata aldeia. Assim, baldaram-se os esforços dos amigos que o desejavam a seu lado: tornou ele à terra natal, engajando-se em modesto emprego municipal – secretário da Câmara – cujo estipêndio de 300 mil réis lhe permitia vida modestíssima, numa casa quase desprovida de móveis, em cujo quarto um indiscreto dividiu apenas uma cama de ferro, uma mesa e duas cadeiras rústicas.

A permanência na cidade grande acendeu-lhe saudades de seu cantinho são-pedrense. Num dos poemas dessa época, refere-se a longos dias de tédio, em que parecia morrer. E brotava-lhe espontâneo o clamor pelo regresso:

*“Quero escalar os picaros dos montes
Porque meus olhos vão ficando tristes
De saudade dos amplos horizontes!”*

Vale recordar aqui que, depois da I Grande Guerra, contava Júlio Dantas com que a poesia estivesse à beira de um “longo colapso”. O autor da “Ceia dos Cardeais” escrevia: “A vida contemporânea é demasiado livre e demasiado aritmética para se sujeitar à disciplina e ao ritmo dos versos”. Gustavo Teixeira já pensava assim, quando, muito antes, buscou no ermo o ambiente necessário à permanência de seu culto.

Em São Pedro, Gustavo Teixeira continuou a ser o mesmo: tímido, retraído, humilde, a sensibilidade à flor da pele. Um caipira desconfiado, que, se não se abria a qualquer um no primeiro encontro, depois de se afeiçoar a alguém, todo se desfazia em confidências. Caráter puro, incapaz de maldade. Funcionário durante trinta e três anos, mesmo doente – conta uma testemunha da época – “era paciente e se condoía de todos, principalmente dos humildes”. Na solidão de seu eremitério, a vida interior se lhe sublimou, ascendendo a regiões aonde não chegava a maldade terrena. Um eremita cumprindo voto de pobreza. Guilherme de Almeida incorporou-o ao “reduzido número dos que carregam sorrindo o peso da vida”.

Olhos sonhadores, num semblante triste, largas rugas a vincá-lo e a magreza a imprimir-lhe ares de santidade. Havia nele, porém, alguma coisa a quebrar essa impressão: o pince-nez sem aros enganchado no nariz, do qual pendia fita negra de retrós ou veludo, presa à lapela, passando pela orelha, a qual lhe assegurava a permanência dos óculos, de que não podia prescindir. Aliás, houve quem registrasse o sestro que desse uso lhe adveio: nos momentos de ansiedade, desconfiança ou

desaponto, ele não tirava os dedos dessa fita, alisando-a e enrolando-a constantemente.

O POETA DA PRIMAVERA

Escreveu Otacílio Gomes, referindo-se a Gustavo Teixeira:

“As suas mágoas eram profundas e grandes as suas dores. Mesmo assim, porém, os jardins nunca deixaram de florir em meio a suas tristezas; nunca os pássaros deixaram de cantar nos vergeis da sua fantasia, nem o sol deixou de brilhar nos seus sonhos. De fato, Gustavo Teixeira nasceu com a primavera no coração. Mais tarde, bem mais tarde, veio ele a demonstrar que eu tinha razão, pois escreveu um dos seus mais formosos poemas – “A Canção da primavera”.

E o mesmo saudoso escritor jauense lembra que, se Vicente de Carvalho é o poeta do mar e Olavo Bilac o poeta das estrelas, Gustavo Teixeira bem poderia ser crismado de poeta da primavera.

Mas em Gustavo Teixeira não se encontrava apenas uma criatura emotiva, para quem a tristeza e a miséria circunjacentes eram motivo de constante preocupação. Organismo doentio, situação aliás de que decorria o seu sentimentalismo – ele se excedia em cuidados. Quando o tempo enfarruscava, era de vê-lo de capa e guarda-chuva, armado para o que desse e viesse. Contam-se interessantes episódios referentes à surrada capa que usava e ao presente de um amigo, que lhe trouxe da Europa “nova encadernação”... Auro Soares de Moura Andrade lembra que “sempre doente, temia o sereno, temia o chuveiro, temia traição do tempo”. Por isso, deitava-se às sete horas para se levantar às cinco. Mas, em verdade, como ler ou escrever à noite, naquele tempo em que a iluminação elétrica era deficiente? E não havia rádio e televisão...

Em 1917, Gustavo Teixeira esteve em Santos. O grande poeta Martins Fontes, grande médico também, conhecendo-lhe o precário estado de saúde, conta Otacílio Gomes, aplicou-lhe quantas injeções tinha em seu consultório e ainda o cumulou de amostras de vinhos e emulsões que lhe servissem à volta para casa. Aos 37 anos, ele já parecia um velho. Menotti Del Picchia aludia então à sua “vida penosa e escura, renteando pela indigência”.

UMA VISÃO DE PRESÉPIO

A cidade de São Pedro, mal servida por um pobre ramal da Estrada de Ferro Ituana, depois incorporada à Sorocabana – e isso num

tempo em que os trilhos da viação férrea constituíam o nervo da economia paulista, baseada na lavoura cafeeira – era, no entanto, um recanto sadio. Certo cronista, postado no alto da colina, dela teve uma visão de presépio. Uma rua imensa como uma réstia de luz no verde-negro da paisagem, a se casar com o abandono das esborcinadas alvas casas, culminando no jardim silencioso, onde a passarada trinava e borboletas adejavam, enquanto por ali carros de bois rangiam, carregados de frutos da terra. O jardim era o enlevo do poeta, que passava horas contemplando a natureza e se deliciando, ora com a ingenuidade e a candura da infância, ora com o fascínio encantatório da juventude álaure. Em verdade, seus poemas estão plenos de imagens alusivas às meigas criaturas que Vicente de Carvalho chamava “entreabertos botões, entrefechadas rosas”...

Os últimos anos de vida de Gustavo Teixeira proporcionaram-lhe a antevisão do que viria a ser a sua amada aldeia. A descoberta das caldas de São Pedro mudou de uma hora para outra o aspecto da vila. A quando e quando, um avião da empresa das águas medicinais cortava os ares e ia pousar no aeroporto dos arredores. Gustavo persignava-se e rezava. “A ternura de sua alma” – disse alguém – assumia “a expressão de um agonizante diante do viático”...

O ÚLTIMO EVANGELHO

Concentrando-se então cada vez mais dentro de si mesmo, Gustavo engolfou-se nos estudos bíblicos, dos quais ressurgiu com “O Último Evangelho”, maravilhoso poema místico-religioso que Arruda Dantas muito acertadamente recomenda que o leiamos de mãos postas. E Manuel Carlos – outro grande poeta, injustamente esquecido, qualifica-o de “criatura angélica”, mansa e resignada.

Dado que falamos de Manuel Carlos, lembremos-lhe a afirmação de que a biografia de Gustavo Teixeira “cifra-se nisto: nasceu e morreu em São Pedro, e foi poeta, somente poeta!” Plenamente de acordo com o eminente magistrado, permito-me acrescentar, porém, que esse meio século de vida, entremeadado de ilusões e desilusões, povoa-se de aventuras sentimentais que geraram os seus admiráveis versos. Em verdade, a vida amorosa do poeta são-pedrense está toda nesses poemas, que são como o roteiro de sua peregrinação por este vale de lágrimas, onde ele verteu lágrimas de verdade! Neles não faltam sequer os nomes das namoradas com que sonhou. Sim, com que sonhou apenas, porque as amou quase sempre platonicamente.

É verdade que, como o outro, ele podia clamar: “Tenho um segredo n’alma, e um mistério na vida!” E amargou-o na solidão de seu castelo.

Conformado, cantava:

“Só é feliz quem não procura a felicidade! A única ventura é nada desejar, de nada ter saudade!”

PARNASIANO E LÍRICO

Admira que Gustavo Teixeira, nessa vida paroquial, fumando seu cigarro de palha, frequentando brigas de galos, sem nunca ter ido além de Piracicaba, São Paulo, e Santos, tenha-se alteado aos páramos da cultura que seus versos traem. Realmente, seus poemas de raro em raro baixam às coisas corriqueiras, que ele, aliás, sabia elevá-las a planos de dignidade. Em regra, paira alteroso, em ambientes que rescendem a pompas gregas, num contraste flagrante com sua modéstia nativa e, mais ainda, muitas vezes, sacrificando o pudor em que se encastelava. Era o timbre do parnasianismo, insistente e persistente nos temas mitológicos e pagãos. Abeberava-se ele nos parnasianos franceses do tempo, os quais, por sua vez, iam buscar sua força nos estudos históricos que se voltavam então para a Grécia.

Como o parnasianismo, extremado cultor da forma, Gustavo Teixeira primou pelo labor artístico do verso, trabalhado com caprichos escultóricos, na busca incessante da palavra certa (preferentemente a palavra rara) a engastar-se na frase sonora e clara. Todavia, cansado talvez de se alçar a píncaros acessíveis apenas à imaginação, deixou muitas vezes as alturas do Parnaso para burilar o canto real, o rondó, o rondel, a balada e outras formas poéticas de outrora – e nesses poemas revelou de todo desataviada a sua alma lírica.

ACASOS FELIZES DE POETAS

“Basta às vezes um verso para revelar um poeta”. Com essas palavras abre Vicente de Carvalho o pórtico maravilhoso que é seu prefácio ao “Ementário” de Gustavo Teixeira, em 1908. “Belo pórtico a um edifício ainda mais belo”, na opinião de Sílvio Romero.

Vicente de Carvalho tem razão. Não é grande cópia de poemas que indica a presença do poeta mas, como diz o artista de “Poemas e Canções”, é esse “acaso feliz, de felicidade rara em alguns, frequente em outros, mas que os deuses propícios só concedem aos poetas que de

verdade o são”. É o caso de Gustavo Teixeira, nesta singela quadra que encantou Vicente de Carvalho e que ressoa eternamente em nossos ouvidos:

*“Quem perde uma ilusão ridente nada perde:
pois outras ilusões
se abrem no coração, que é uma roseira verde
coberta de botões.”.*

Outros poetas de verdade também foram premiados pelo acaso feliz. Lembremos Francisco Otaviano:

*“Quem passou nesta vida e não sofreu,
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida e não viveu!”.*

E Amadeu Amaral naqueles versos:

*“Por que há de a onda parar, para que a espuma
brilhe?”.*

E Luiz Pistarini, e Júlio Salusse, e Júlio César da Silva, o próprio Vicente de Carvalho naquele inesquecível soneto:

*“Só a leve esperança em toda a vida,
disfarça a pena de viver...”.*

OS LOUVORES DA CRÍTICA

Não foi, porém, apenas o poeta de “Rosa, rosa de amor” a saudar há setenta anos o surgimento daquele “rapaz de vinte e cinco anos, nascido e criado em São Pedro de Piracicaba, onde vive, e exerce as funções modestas de secretário da Câmara Municipal”. Outros mestres das letras nacionais não pouparam louvores a seu estro – e entre eles se alinham os nomes de João Ribeiro, João Luso, Oscar Lopes, Leôncio Correia, Osório Duque Estrada, Alphonsus de Guimarães, Emiliano Pernet, Hermes Fontes, Carlos Góis, Conde de Afonso Celso, Júlia Lopes de Almeida, João do Rio, Luís Guimarães Filho, Rocha Pombo, Melo Moraes Filho e outros. Àquele tempo, como ainda hoje, os autores paulistas viviam de olhos na crítica da Capital Federal, cuja palavra era a consagração ou a derrota.

Goulart de Andrade, que era poeta de boa massa, disse que, diante do “Ementário”, contentava-se “com a felicidade de poder exclamar como Ulisses, na “Perfeição” do Eça: “Na verdade, este ouro é bom!” “E é com efeito do mais precioso filão todo este veeiro de poesia.” Em 1917, Aristeu Seixas estudou-o na revista “Panóplia”. E anos mais tarde Menotti Del Picchia exaltava a beleza “dos catorze versos imortais de “Cleópatra”, que Vicente de Carvalho já apontara como “um soneto sem mácula, mantendo de princípio a fim o vigor de expressão, a limpidez correntia das ideias na sobriedade harmônica das imagens e da frase”... E Cassiano Ricardo em 1959 perguntava: “Quem terá escrito, no Brasil, e no gênero então vigente, um soneto mais belo do que “Cleópatra”? Realmente um primor pictórico e escultural, lírico e formal, a denunciar no artista a perfeita ‘consciência do ofício’”.

Os “Poemas líricos” provocaram estas palavras de Oscar Lopes no “Imparcial” de 2 de maio de 1925:

“Reúnem-se em Gustavo Teixeira os atributos mais ambicionados na boa poesia. Há uma grande clareza na sua frase, o que imediatamente impõe simpatia pela sua linguagem limpa e nobre. Há uma larga ventilação de ideias errantes em seus poemas, o que lhes assegura a mais agradável permanência na memória dos leitores. Uma ânsia de perfeição se insinua em cada composição, o que faz que seus versos surjam impregnados de particular encanto.”

“Canto Real da Glória” – “é um primor no difícil gênero que Goulart de Andrade transplantou com grande êxito para a poesia brasileira.” Ele arrastou “as dificuldades de um canto real” e venceu-as. É uma amostra de sua inspiração e de sua capacidade de execução em um largo trabalho de métrica maior”.

“Senhor absoluto da forma, é também um excelente baladista. “Balada da Agonia” é, na poesia patricia, uma exceção tanto pela “trouvaille” do refrão como pela dramaticidade com que se desenvolvem as estrofes.”.

A opinião de Duque Estrada e a de Leôncio Correia afinavam-se pelo mesmo diapasão. Para Duque Estrada, Gustavo “é autor de algumas estrofes que poderiam ser assinadas pelo mais aclamado dos poetas de nossa terra”. Para Leôncio Correia (“A Pátria” – 6-12-25) trata-se de um “poeta moderno, senhor de uma técnica segura e bela, cantando de forma tão encantadora como nenhum dos notáveis vates das grandes cidades o faz melhor”.

Em março de 1937, andou por aqui um famoso jornalista e escritor – Armando Erse – que, tendo fixado residência no Rio de Janeiro, participou dos acontecimentos literários que nas primeiras décadas deste século transformaram a Guanabara na meca dos nossos poetas e prosadores. Frequentemente as colunas do “Jornal do Comércio”, d’“O País”, d’“A Noite” e de outros grandes jornais, notabilizou o nome de João Luso, com que assinava seus rodapés, assim como os deliciosos “Contos de minha terra”. Daqui de São Pedro ele mandou para “A Noite” um artigo, publicado no dia 22 de março, intitulado “O Poeta Gustavo Teixeira”.

Dizia João Luso que a figura e o espírito do poeta “formam o contraste mais singular. Por trás daquelas lunetas que se desviam, fogem dos outros olhares, há uma larga e ousada imaginação, que se expande incontivelmente, servindo à arte e criando a beleza. Se o semblante se nega e dá a impressão de querer apagar-se de todo, a alma – que nele absolutamente não tem o seu espelho – como bem poucas se enchem de inspiração, se exalta, se entrega ao seu sonho de sublimidade. E que extremo cuidado, que requintado esmero na execução de cada obra! Vejam como é admiravelmente trabalhado este “Retrato de Jesus” (segundo Santa Brígida, Nicéforo e Públio Lântulo):

*“Quase alto. Nem redonda a face nem comprida,
Não sendo musculoso, é de vigor dotado.
Lábios vermelhos e não grossos. Consolado
Sente-se quem o vê – das mágoas dessa vida.*

*Nem muito levantada a testa nem caída,
Mas direita; o nariz igual, proporcionado;
Liso o louro cabelo até a orelha e ondeado
Para baixo e, como este, a barba repartida.*

*A face de um tom róseo e docemente cheia;
Os olhos garços entre verdes. Belo, alteia
O corpo escultural, sem mancha, alvo, lunar.*

*Feições da Virgem, porte augusto e olhar profundo.
Não foi visto sorrir uma só vez no mundo!
Mas quanta vez se viu Nosso Senhor chorar!”*

Depois de traçar rápido perfil de Gustavo Teixeira e de apontar as linhas essenciais do progresso da cidade de São Pedro, referia-se João Luso a “O Último Evangelho”, obra em que tantos outros divisaram um poeta na plena posse dos atributos da perfeição. E citava os sonetos “Filha de Jairo” e “Cego de nascença”, que vale a pena ouvir:

FILHA DE JAIRO

*Jairo, em Cafarnaum, ao pé da ilha morta,
Deixa correr a fio o doloroso pranto.
Tantos rogos em vão! Jesus demorou tanto!
Uma grande tristeza as almas punge e corta!*

*A mãe, numa agonia, a dor já não suporta:
Esmagada, sem voz, jaz, quase inerte, a um canto.
Começa o funeral. Nisto, envolto no manto,
No olhar trazendo o céu, Cristo aparece à porta!*

– “Por que chorais? Silêncio!” – ordena com império.

*Calam-se a harpa, a doçaina, a cítola e o saltério
Que acompanhavam já o vôo da andorinha.*

Exclama então a voz d’O que por todos vela:

*– Levanta-te, menina!” E a morta, calma e bela,
Abre os olhos, sorri, levanta-se e caminha...*

O CEGO DE NASCENÇA

*Pensa: – “Como será o céu, a estrela, a aurora?
As nuvens, o arrebol, as noites de luar?”*

*E o cego, que tateia, ouvindo risos, chora
Nas trevas de uma noite opaca, tumular!*

*Jesus lhe põe a mão nas pálpebras – “Agora
Vai à Fonte Siloé os teus olhos banhar”.*

*No fundo do seu peito, onde a tristeza mora,
A alma, que a fé coroa, ajoelha-se a rezar.*

*Lava os olhos. De chofre esplende o azul!
Defronte,*

*Vê o sol que se eleva, as árvores, o monte,
E, a seu lado, o perfil do Cristo envolto em luz.*

*Perto, fervilha um mar de lírios e de rosas...
E ele sente, mirando as coisas mais formosas,
Que mais bela que tudo é a imagem de Jesus!*

RETROSPECTO SENTIMENTAL

Conheci Gustavo Teixeira pessoalmente mas em rápidos encontros. Não me recordo das datas. Mas foi no “Jornal de Piracicaba”, onde ele publicava frequentemente versos, correspondendo-se com o grande jornalista Pedro Kraenbühl, o Hélio Florival das crônicas e redondilhas, quando não das charadas e logogrifos, campeão charadístico no Brasil e em Portugal. Depois, pelas alturas da terceira década deste século, quando em 1920 me foi dado conquistar pequena posição na imprensa paulistana, pude verificar quanto ele era prezado nas mais altas rodas literárias. A elas não pertencia eu, por certo, mas ciscava nos arredores, auxiliar que era de Amadeu Amaral, Monteiro Lobato, Léo Vaz e outros.

Estava eu então prestando modestos serviços à revista “São Paulo Ilustrado”, que Aníbal Marcondes Machado criara e que se publicava sob os auspícios do “Estado”, em cuja tipografia era impressa. De passagem lembremos que Aníbal Machado se notabilizara como repórter desde que, talvez em 1908, acompanhara, escondido debaixo de uma mesa, os trabalhos da reunião secreta do café. Aníbal entregara-me toda a obra de feitura da revista semanal, já vitoriosa devido a suas capas, em que se estampavam, uma a cada vez, fotografias de Freidereich, Heitor, Formiga, Bianco e outros astros do futebol de então. Pretendia ser – e foi – “um semanário popular de atualidades”.

A esse tempo, eu mantinha grandes relações de amizade com os intelectuais de minha querida Piracicaba, aonde tornava frequentemente em visita a parentes e também a eles, que tanto prezava e cuja memória reverencio religiosamente. Entre esses amigos do coração figurava João Batista Pfuhl, um grande artista do lápis, que se estiolou por aí, sem conseguir os almejados louros. Ele era destas bandas. Se não nasceu em São Pedro, estava ligado por traços de parentescos a famílias tradicionais da sociedade sampredense, como seja a dos Andrades, e talvez a dos Teixeiras. Aliás, sua modéstia revia muito à de Gustavo Teixeira. Era tímido e humilde, sempre a depreciar aquilo que fazia – e era mestre nos desenhos a lápis, na aquarela, nos quadros a óleo. O “Jornal de Piracicaba” publicou muitos traços dele, em geral retratos de personalidades da cidade, que eram transpostos para rudimentares

clichês, que saíam, no entanto, muito bem impressos. Não me lembro se era ele mesmo quem fazia tais clichês, mas tenho a certeza de que outro grande artista piracicabano, o saudoso Otávio Prates Ferreira, aproveitava no “Jornal” o reverso de clichês reticulados, para gravar seus trabalhos a nanquim, fazendo o ácido corroer a superfície não ocupada pelos traços.

João Batista de Andrade Pfuhl era filho de um cidadão benemérito de Piracicaba, descendente de nobres troncos germânicos, que podia usar o característico Von, designativo da gente bem da Alemanha. Refiro-me ao venerando Oscar Von Pfuhl, que conheci exercendo durante anos e anos as espinhosas funções de agente do correio de minha cidade natal, a cujo lado mourejava meu tio e padrinho Joaquim de Almeida Barros, outro cidadão íntegro e inatacável que a política transferiu brutalmente para outra cidade e afinal o exonerou, amargando ele durante anos os rigores do desemprego, até que fosse aproveitado em modestas funções de almoxarife da prefeitura.

Mas, voltando a Batista Pfuhl. Lembro-me de seu devotamento a Gustavo Teixeira e a toda esta gente boa de São Pedro, que costumava ser assunto de nossas conversações. Ele se foi, mansamente, deixando-me a impressão de um santo que, como Gustavo Teixeira, se alou para a imensidade. Sua passagem pela terra não deixou profundos sinais, mas está a exigir uma reparação, pois foi exemplo de bondade e correção e um talento artístico invulgar.

TRÊS CARTAS DO POETA

Rebuscando meus arquivos, modestos e não implacáveis, como se pretende o de um colega carioca, que frequentava as colunas de uma grande revista, fui encontrar três cartas de Gustavo Teixeira, que desejo oferecer à casa do poeta. Por elas, reconstruo pequena parcela do culto que sempre devotei a ele.

A primeira tem a data de 28 de dezembro de 1920. Papel sem timbre, dactilografada, envelope da Câmara Municipal, no qual substituí a abreviatura de Ilmo. por Exmo. Um selo de cem réis. Meu endereço: Caixa postal 1529. Depois das “saudações cordiais”, ele entrava logo no assunto:

“O Batista Pfuhl me disse que o Amigo deseja que eu colabore na sua revista “São Paulo Ilustrado”. Acedendo de toda boa vontade ao seu desejo, envio incluso um soneto, e mais tarde mandarei mais versos, o que não faço hoje mesmo por falta de tempo.”

Em 16 de fevereiro seguinte, um cartão dizia assim: “Ao amigo Pedro Ferraz, Gustavo Teixeira saúda, enviando colaboração para o “São Paulo Ilustrado”, e pedindo o obséquo de mandar a bela revista, cujos últimos números não tem recebido”. Os selos eram de cem e de cinquenta réis.

A última dessas cartas apresenta maior interesse. Manuscrita, datada de 9 de março desse ano de 1921, era-me endereçada para a redação da “Revista do Brasil”, aos cuidados do sr. Amadeu Amaral, Caixa postal 2-B. Três selos de cem réis, pois o conteúdo deveria ser o de três cartas.

Gustavo Teixeira acusava o recebimento de carta minha e dizia ter ficado muito grato por minhas “atenciosas delicadezas”. Cito estas palavras, não para me envaidecer, mas para que se anote a figura e a originalidade com que o poeta sabia exprimir essas coisas banais das relações sociais. Atenciosas delicadezas, as dele.

Eu devia ter-lhe solicitado poemas para a “Revista do Brasil”, que era propriedade de Monteiro Lobato e estava sob a esclarecida direção de Amadeu Amaral. Porque dizia Gustavo:

“De acordo com as suas ordens, envio diversas composições para o amigo entregar ao Amadeu, escolhendo para esse fim o que achar melhor. Eu erro sempre no juízo sobre os meus versos: ora condeno uns que não são de todo maus, ora julgo bons outros que não valem nada. Assim, a escolha dos versos para a “Revista do Brasil” fica ao cargo dos amigos.

Muitas lembranças ao Amadeu e um abraço do amigo muito sincero *Gustavo Teixeira*.”

A ELEIÇÃO PARA A ACADEMIA

O conhecimento do poeta por outros escritores, que aqui vinham curar seus males, abriu-lhes os olhos para a necessidade de maior atenção a Gustavo Teixeira. Seu nome voltou à baila. No dia 16 de maio de 1936, falando a estudantes de Direito, na Associação Acadêmica Álvares de Azevedo, sobre o tema “Como se deve escrever”, o grande contista Valdomiro Silveira incluiu-o entre os dos maiores poetas nacionais e declamou a balada “Folhas mortas”.

Os jornais da época, que dispensam então muitos cuidados a reuniões literárias, noticiaram largamente a palestra do “conteur” de Casa Branca exilado em Santos, enquanto outras manifestações iam pondo novamente em relevo a obra de Gustavo Teixeira. A Academia

Paulista de Letras, então presidida por Aristeu Seixas, compenetraram-se de seu dever. Amiudaram-se os trabalhos de catequese, em favor de Gustavo Teixeira, os quais chegariam a auspicioso termo.

Hélio de Sousa, jornalista de Piracicaba, radicado na Capital, interessava-se pela arte de Gustavo Teixeira. Convivendo nas “Folhas” com o acadêmico Rubens do Amaral, deste soube que o poeta do “Ementário” estava a pique de ser eleito para a Academia. Vai daí escreveu para cá, transmitindo as primícias da notícia. Gustavo respondeu-lhe nesta carta de 22 de abril de 1937, publicada na “Revista da Academia”:

“Meu caro Hélio,

“Um desagradável reumatismo, que me apareceu há dois meses e que me impede de agir, foi o motivo da demora da resposta da sua carta, que me causou surpresa. Eu não sabia do pé em que estavam as coisas. Sabia só que havia alguns casos acadêmicos que se interessavam pela minha candidatura.

“Pelo fato de residir longe de São Paulo e não ter relação com a maioria, ou quase totalidade, dos acadêmicos, eu sempre achei muito difícil a minha eleição. Aberta uma vaga, não faltam os candidatos bem relacionados.

“Entretanto, a sua carta veio mostrar que as coisas estão mudadas. É uma coisa honrosíssima para mim o que Você me conta. Guardei toda a reserva sobre o caso, conforme sua recomendação.

“Eu teria muito prazer em conhecer os pormenores do movimento, os nomes dos que se interessam por mim. Pela simpatia que sempre me inspirou, e que julgo ser correspondida, eu penso que à frente do movimento está também Rubens do Amaral. Quando Você julgar conveniente, conte-me as coisas todas.

“Vou escrever ao Otoniel Mota, a quem sou gratíssimo. Ainda não o fiz por não ter o endereço dele.

“Veja se me arranja uma lista dos quarenta membros da Academia. É só para eu fazer os meus palpites, isto é, ver os que poderão dar-me o voto. Tentei organizar uma lista de memória, mas faltaram uns dez nomes, dos antigos.

“O “Último Evangelho” está pronto e é provável que saia logo, ainda este ano. E queira aceitar, meu caro Hélio, um saudoso abraço do amigo, muito grato.

Gustavo Teixeira.”

Aí estão: o reumatismo impenitente, que decerto apressou a morte do poeta; a sua mais completa desinformação, isolado que vivia do mundo; a simpatia dos amigos, que eram tantos e tão devotados; e, o que mais importa, os dados para a reconstituição biográfica de seus últimos tempos e da sua vitoriosa consagração.

Essas notícias eram de abril-maio. Não demorou a efetivação dos bons propósitos acadêmicos: falecendo Paulo Setúbal, o inspirado poeta de “Vida cabocla”, o romancista de tantos episódios notáveis de nossa história, vagou-se a cadeira n.º 10, criada para Eduardo Guimarães, sob o patrocínio de Cesário Mota Júnior, para a qual foi aclamado o poeta são-pedrense. Redimia-se a Academia, redimindo a injustiça que pesava sobre o vate. O que não impediu que certos acadêmicos displicentes perguntassem, no dia mesmo da votação: “Quem é esse Gustavo Teixeira?”

Conta-se que, quando soube da boa nova, Gustavo Teixeira ria e chorava como uma criança, em crises que lhe abalaram profundamente o sistema nervoso. A responsabilidade que via nessa merecia distinção foi-lhe aos poucos consumindo a escassa resistência física.

A MORTE DO PRÍNCIPE ENCANTADO

No dia 22 de setembro, Gustavo Teixeira recolhido ao leito, à noite anunciaram que tinham chegado duas cartas. Uma trazia-lhe a versão italiana de versos seus. A outra era de Graco Silveira, o suave poeta “Manhãs” e “Rapsódias”, a quem Gustavo muito admirava. Pediu Gustavo ao irmão Otaviano que a lesse em voz alta. Exultou ao ouvir as palavras carinhosas de Graco e de sua esposa Dona Dirce Prado da Silveira, poetisa também, que lhe enviava sua Balada a Martins Fontes, falecido havia pouco, em agosto. Insistiu em que lesse também o poema “in-memoriam”. Vale a pena recordar que a epígrafe posta à balada são estes versos de Martins Fontes: “Dentro de mim tatalam asas/ sonhando o Além”. E a poesia começa:

*“Ele era bom, ele era amado,
E para sempre adormeceu.
Ele era um príncipe encantado
E sua pátria o azul do céu.
À luz do sol, que resplendia,
Aos intermúndios irradiava
Por sobre a Terra onde viveu.”.*

E termina por esta “Oferta”:

*“Rebunbe agora, astralizado,
Quem foi piedoso, embora ateu,
E tanto Bem há desfolhado
Por sobre a Terra, onde viveu.”.*

Gustavo Teixeira, ao contrário de Martins Fontes, positivista, era católico praticante. Recebeu todos os sacramentos e pouco depois expirava, como que tendo recebido nessa balada a extrema-unção da Poesia. Porque também “ele era bom, ele era amado, e para sempre adormeceu. Ele era um príncipe encantado e sua pátria o azul do céu”... Para lá se alou “destas paragens que setembro enflora”, nesta data de 22 as 22 e meia horas, há quatro décadas. Contava 55 anos. E não chegou a tomar posse da ambicionada cadeira da Academia Paulista de Letras.

CLEÓPATRA

Para fechar estas mal traçadas linhas, como a nossa derradeira homenagem ao poeta que se foi há quarenta anos, ouçamos seu famoso soneto “Cleópatra”, um dos mais belos da língua portuguesa, a última flor do Lácio, inculta e bela:

*Sob o pátio de um céu broslado de cambiantes,
A galera real, de tórias velas tesas,
Avança rio a dentro, arfando de riquezas,
Cheia de um resplendor de pedras coruscantes.*

*Sob um dossel de bisso, entre espirais ebriantes
De incenso, a escultural princesa das princesas
Cisma... Remos de prata, à flor das correntezas,
Deixam móbeis jardins de bolhas trepidantes...*

*Soluçam harpas d’oiro às mãos de ancilas belas;
Branda aragem enfuna a púrpura das velas
E à tona da água alveja um espumoso friso.*

*E a náiaide do Egito, ao ver a frota ingente
De Marco Antônio, ri, levando unicamente
Contra as lanças de Roma a graça de um
sorriso...*

Prefácio de “Ementário”
1908, p. 3-14
Typographia Maré & C. – SP
Prefácio – Vicente de Carvalho

Basta às vezes um verso para revelar um poeta. Há versos que, por assim dizer, ficam fulgindo nos olhos e cantando no ouvido de quem os lê. Nem sempre se poderá dar a razão da magia com que nos seduzem. É difícil, quando não seja mais do que isso, decompor a trama sutil de que se tece toda a poesia de uma curta linha de poucas palavras. Definir a beleza tem sido aspiração de inúmeros críticos; não sei de algum que a tenha realizado. O que é certo é que a beleza se faz sentir, independentemente de se fazer compreender, num belo verso como em tudo que é belo.

Um verso desses é um acaso feliz, de felicidade rara em alguns, frequente em outros, mas que os deuses propícios só concedem aos poetas que de verdade o são. À cata dela malbaratam a vida inteira os que consagram ao culto das musas toda a inútil energia das suas faculdades desamparadas da *vis divina*. Poderá acumular-se, imenso pelo volume, o resultado do seu afincó; porque, nessa espécie bastante numerosa, nem sempre falta, e até sobra às vezes, a fecundidade. Conquistam eles a perfeição mecânica do metro, e adquirem legitimamente, com o suor do seu rosto e o concurso de dicionários, a riqueza, às vezes opulenta, das rimas... E com tudo isso, amontoando estrofes sobre estrofes, erguerão montanhas opacas de vulgaridades, de onde não se destacará nunca refulgindo o pequenino diamante inconfundível de um verso verdadeiramente belo.

Se a poesia é um bem – e assim há de parecer aos olhos dos que a namoram e requestram com paixão mal compensada e fiel – é bem que só se adquira *par droit de naissance*. Não há esforço que assegure essa recompensa sem causa, que os deuses prodigalizam unicamente aos eleitos da sua graça. Se existe alguma vaidade mais vã do que as outras, será a dos poetas vaidosos. Bem espremido, o seu grande merecimento está em terem nascido. *Vanitas vanitatum*.

Seria talvez preferível, no interesse todo estético de uma melhor simetria das coisas, que a perseverança no culto do verso, e a fecundidade, sobretudo a fecundidade, fossem atributos menos comuns nos versejadores infelizes, e mais intensos em alguns poetas, de voz

sonora e rara... É possível que os deuses parcialíssimos andem erradamente, nisso como em muito mais. A justiça é invenção humana a que os deuses votam o mais distraído desdém. A natureza é uma desordem moral permanente. Mas que se lhe dá de fazer? É lícito, pois a crítica é fácil, e não estamos incumbidos de executar melhor, criticar a ação dos deuses; mas não nos é dado corrigir-lhes os defeitos. Temos de aceitar o mundo como está feito à revelia da nossa opinião, e os poetas, bons ou maus, como nos aparecem nas obras que constroem por sua conta e risco.

Amemos os bons pelo bem com que nos favorecem, deliciando-nos a alma. A poesia tem alguma utilidade, ainda que só no ponto de vista puramente estético, como uma ornamentação da vida.

Perdoemos aos maus, fugindo-lhes. Mas não os condenemos a pena mais severa, e antes deixemos que os acompanhe e console a nossa simpatia. Eles são inteiramente inofensivos a quem não os lê. Há rigoristas intransigentes que classificam no quadro negro das más ações os maus versos. É exagero. Os maus versos só são imperdoáveis nos bons poetas. Com os versejadores infelizes, afinal o que mais se perde – é o tempo deles; se é que se pode considerar perdido o tempo que subtraem às materialidades da existência para o consagrar a uma preocupação espiritual... Os que amam a poesia devem, senão estima, com fervor e boa fé, todos os zeros que têm dentro de si. Quem poderá calcular a porção de alma que já num ruim soneto?

Os metrificadores sem sorte praticam um voluntariado inútil, mas bem intencionado: dependesse da vontade deles, e seriam todos ótimos, e rendilhariam primores. Querem, e sem intensa fé, mas não podem. Onde está nisso culpa que não seja de um odioso, de um desvairado destino? Segundo a moral humana, o merecimento consiste no esforço, e o prêmio compete ao merecimento. Os deuses, ao que parece, não adotaram até agora a moral humana, que, a falar verdade, não se lhes terá imposto ainda pela autoridade de uma experiência suficientemente provada na prática. Eles darão talvez às nossas teorias irrefutáveis um irônico sorriso de benevolência. Quanto à regeneração dos seus costumes, é provável que resolvam nisso com a pachorra de quem dispõe da eternidade.

Vinha eu pensando tumultuosamente essas coisas vadias, a propósito de outra bem simples: o caso de um poeta novo, que se me revelou, e adivinhei por um dos que nasceram bem fadados, nesta singela estrofe:

*Quem perde uma ilusão ridente nada perde:
 Pois outras ilusões
 Se abrem no coração, que é uma roseira verde
 Coberta de botões...*

Pareceu-me, ao ler essa estrofe, que só um poeta de raça a teria escrito. Se eu fosse crítico, pouco me custaria de certo deslindar os elementos que compõe o encanto daqueles quatro versos encantadores. Os críticos de nada duvidam, e se abalançam a tudo. Mas não sou crítico, nem tenho inclinação para esse lado. Nunca achei quem me ensinasse porque me encanta uma alegre manhã de sol; nem o procurei aprender, o que aliás talvez só conseguisse fazer estudando-o menos nas claras manhãs em si mesmas, do que na minha própria alma...

Confesso-me incapaz de descobrir por mim as regras a que terá obedecido o poeta para conseguir dar àquelas curtas linhas todo o perfume de poesia de que tão impregnadas as sinto. E resigno-me a acreditar ingenuamente que ele, ao deixar cair da pena aqueles versos lindíssimos, nem se lembraria talvez de que havia no mundo regras para fazer lindos versos...

Uma estrofe assim é sempre um acaso feliz; acaso procurado ou não, pouco importa, mas que só se depara aos que os deuses parcialíssimos protegem. A inspiração é uma borboleta caprichosa, que só os afortunados encontram, e dentro de si mesmos... Um versejador vulgar, mourejando a vida inteira a forjar versos nos moldes de todas as regras, não lograria nunca incrustar na sua vasta obra aquele pequenino e luminoso diamante:

*Quem perde uma ilusão ridente nada perde:
 Pois outras ilusões
 Se abrem no coração, que é uma roseira verde
 Coberta de botões...*

Interessou-me a curiosidade pelo autor dessa estrofe. Indaguei; e vim a saber que era um rapaz de vinte e cinco anos, nascido e criado em São Pedro de Piracicaba, onde vive e exerce as funções modestas de secretário da Câmara Municipal. Não sei que vida ainda tão curta, e deslizada toda em tão remota e sossegada vila, possua história que se conte. Mas a alma do poeta é diferente da sua vida exterior; e tem uma interessante biografia, que se pode ler entre as linhas dos seus versos.

Percorrendo este livro, será fácil ir através dele imaginando a luta que renhiu, e as faculdades que nela teve de desenvolver o espírito de Gustavo Teixeira para atingir, no seu retiro quase sertanejo, uma arte tão culta e tão fina. Porque o *Ementário* é livro de um estreado; mas, de modo nenhum, de um principiante que apenas balbucia. Vejam este soneto:

CLEÓPATRA

*Sob o pálido de um céu broslado de cambiantes,
A galera real, de tírias velas tesas,
Avança o rio dentro, arfando de riquezas,
Cheia de um resplendor de pedras coruscantes.*

*Sob um dossel de bisso, entre espirais ebriantes
De incenso, a escultural princesa das princesas
Cisma... Remos de prata, à flor das correntezas,
Deixam móbeis jardins de bolhas trepidantes.*

*Soluçam harpas d'oiro às mãos de ancilas belas;
Branda aragem enfuna a púrpura das velas
E à tona da água alveja um espumoso friso.*

*E a Náíade do Egito, ao ver a frota ingente
De Marco Antônio, ri, levando unicamente
Contra as lanças de Roma a graça de um sorriso...*

Pode-se afirmar com afoiteza que quem cinzelou tais versos é um artista. Qualquer aprendiz inspirado poderá fazer ressaltar, numa obra desigual, pelo meio de confusos defeitos, belezas inesperadas. Mas acabar um soneto sem mácula, mantendo de princípio a fim o vigor da expressão, a limpidez correnteia das ideias na sobriedade harmônica das imagens e da frase, é tarefa que só realiza um poeta já senhor de sua arte.

Como conseguiu Gustavo Teixeira, no seu inculto retiro de S. Pedro de Piracicaba, conquistar as preciosas qualidades de um fino e educado artista? Terá sido com esforçado amor de sua obra, e, principalmente, com muito talento, presumo eu. Taine quer à viva força que os artistas sejam um produto do seu meio. O moço poeta do *Ementário* dá um novo e vigoroso desmentido ao sistema já tão

contestado do crítico; e faz-se mais um exemplo de que o talento é planta sempre exótica, que germina, e brota, e floresce, e frutifica, ao acaso, na terra carinhosa dos jardins como nas frinchas de uma rocha.

Gustavo Teixeira adquiriu, ou adivinhou, os segredos da forma; e esse elogio inclui o da sua inspiração. Dizia Goethe com razão e graça que um poeta, enquanto apenas dispõe de uma rica ideia, não possui ainda cousa nenhuma. Em matéria de poesia, a expressão é tudo; com a condição, está visto, de ser expressão de alguma cousa, que dentro dela viva e palpita. Um belo verso há de conter forçosamente uma bela ideia, ou não será um belo verso, mas apenas um vago rumor. A poesia é uma arte puramente intelectual, e eloquente de natureza. Custa-me acreditar na eloquência possível de frases sem sentido, e sentido claro...

No verso, as ideias fundem-se na expressão, e não há meio de as separar. Não creio que haja poetas da forma, e poetas de outra espécie. Não sei de poeta digno desse nome que valha por obra em estilo atamancado, e não exprima, na língua de ouro dos versos que ficam, ideias e sensações ainda não ouvidas. De todos os tempos e em todos os poetas, os versos que ficaram são os que têm a eternidade da perfeição, porque evocam, numa frase perfeita, flagrantemente representativa e modelarmente concisa, algum aspecto dessa maravilhosa, dessa variadíssima, dessa inesgotável paisagem que é a alma humana.

Referi-me à sobriedade do poeta; é uma virtude austera e definitiva, que só os mestres atingem, que só os verdadeiros artistas praticam. O abuso das imagens é tentador como quase todos os vícios. A beleza é simples; mas o exagero dos ornatos tem um brilho falso que fascina os olhos ingênuos. Se há cousa incompatível com a poesia, é o gongorismo, que, nas literaturas, assinala as fases de pobreza e decadência, e, nos indivíduos, é uma doença incurável dos incapazes, e uma crise vulgar dos principiantes.

A poesia do *Ementário* flui como as claras e tranquilas nascentes de várzea, que apenas murmuram discretamente deslizando sobre uma areia macia. Gustavo Teixeira pertence ao resumido número dos que carregam sorrindo o peso da vida. Mágoas, e grandes, com certezas as terá sofrido; mesmo nos mais felizes a felicidade é sobretudo feita de resignação; e, nos poetas, a fantasia, aformoseando de miragens o horizonte, faz de quase todas as realidades desencantos. Mas as suas mágoas, não as desabafa ele em desespero e indignação, arremessando contra o céu longínquo os seus versos, como flechas sibilantes e

inofensivas... As suas tristezas são melancolias suaves; há sempre luar nas suas noites. O poeta do *Ementário* é um intelectual; creio que a sua única paixão absorvente, dominadora, será o verso. Não que se lhe depara, apenas o seduz o interesse estético. Os fenômenos da natureza graciosamente como assunto de estrofes. Em tudo quanto vê brilha um fulgor de rimas. Cantando as saudades de um amor feliz, o que mais o preocupa é o meio ambiente:

*Fui há dias rever o sítio nemoroso
Onde tu me juraste amor, presa em meus braços,
E inda senti pulsar o meu coração ansioso
Como outrora escutando o ruído dos teus passos.*

*A lua, lampejando em lágrimas acesa,
Desfiava em pleno azul o místico rosário,
Difundindo por tudo a agônica tristeza
Que bebera no olhar da Virgem no Calvário.*

*Todo o jardim estava em flor como o deixamos,
Mas pairava por tudo um vago desconforto;
Horas e horas vaguei sob os floridos ramos
Como Jesus por entre as oliveiras do Horto.*

*O orvalho, que afogava as brancas açucenas,
Luzia como o pranto em pálpebras humanas.
Os cravos, espalmando as pétalas serenas,
Tinham a cor triunfal das púrpuras romanas.*

*O jasmineiro abria os flóculos de neve
Como um solto colar de congelados beijos...
Parecia-me ouvir no choro da aura leve
Da tua voz celeste os últimos harpejos.*

*Do veludo oriental das melindrosas flores,
Da boca juvenil das nacaradas rosas
Subia incensalmente um hálito de olores,
Uma fluida espiral de essências vaporosas.*

*A rosa do Japão, que, ao léu, estremecida
À brisa mais sutil que um sopro de criança,*

*Espetada no hastil, sangrando, parecia
Um coração suspenso à ponta de uma lança.*

*Os eflúvios da noite enchiam-me toda a alma
Como enchem uma igreja os vapores de incenso.
Havia no mexer de cada móbil palma
As mágoas que no adeus sacode no ar um lenço.*

*E atroz recordação dos claros dias idos
- Mar em que o meu batel não encontrava escolhos –
À boca me arrancou gemidos e gemidos,
Fazendo transbordar os lagos dos meus olhos!....*

*Com que saudade agora, a suspirar, me lembro
Dos beijos que me deste em horas de delírio!
Não te recordas mais? Sorria em flor setembro...
Pobre sonho! Não teve a duração de um lírio!*

Percebe-se que o amor foi aí o pretexto, e a paisagem o assunto. O que encantou o poeta foram as minúcias do quadro em que ele se deteve a colher cuidadosamente imagens. E lindas imagens, inspiradas quase todas pelo mundo exterior; mas nenhuma que revelasse num grito eloquente de paixão, num gemido de angustiada ternura, numa fulgurante lágrima de saudade, o que o poeta sentia do seu amor perdido; nenhuma de que ressaltasse e em que revivesse o vulto dominante da mulher amada.

Gustavo Teixeira, intencionalmente ou não, encara e canta o amor como um gracioso ornato da existência. E se aqui deixo esta observação, é para melhor frisar com exemplo referente à mais vigorosa das paixões que fazem palpitar o coração humano, a impressão que me dá a poesia do *Ementário*: de que é naturalmente tranquila e discreta. Tenho ouvido afirmar com desdém que o amor é um velho tema. Velho, será; envelhecido, não – nem na poesia, nem na vida. Anacreonte e Petrarca, Salomão e Byron, Ovídio e Musset, Camões e Hugo, viveram e versejaram separados uns dos outros por séculos de distância; e todos amaram de amores novos e viçosos, e todos cantaram o amor com vozes novas e frescas. Por que supor estancada de repente uma fonte de inspiração que em todos os tempos manou sempre abundante? Dentre os

poetas, raros admitirão que não haja mais a dizer e ouvir do amor cousas interessantes; dentre os namorados, nenhum acreditará...

A arte, em todo caso, é a mais custosa e a mais exigente das amantes. A produção da obra artística demanda uma apaixonada energia. Na poesia, as rimas são um luxo suntuoso de pedras preciosas; as frases em que se moldam as ideias precisam ser de ouro, sonoro e fino. A poesia vive de riquezas que só se adquirem e acumulam por um áspero labor, garimpando assiduamente na língua; lapidando pacientemente palavras até pôr a descoberto o seu brilho íntimo, que é a sua significação precisa e luminosa, domando, corrigindo, encaminhando a inspiração, muitas vezes inconsciente, quase sempre tumultuosa, sempre descuidada; submetendo-se ao regime severo do número e do ritmo; e só assim se familiarizando com essa difícil, maravilhosa linguagem que tão poucos falam, e todos entendem...

Um livro como o *Ementário* representa – e disfarça na simplicidade aparente e procurada dos seus versos – um esforço violento e duradouro. Não o produziu o meio indiferente, senão hostil; fê-lo o poeta, sozinho, desajudado, consagrando-lhe o melhor de sua mocidade, sacrificando por ele a bem-aventurança tão cobiçada de se deixar viver; trocando a delícia fácil de apenas vegetar sobre a terra pela ansiosa tortura que é o desejo insaciável da perfeição. Só explica tão forte empenho posto em granjear tão modesto resultado, como é um livro de versos, aquele fortíssimo instinto, profundamente humano, que se rebela contra a morte, sonhando, para ainda depois dela, uma continuação modificada da vida... A ambição de deixar a sua alma ecoando sonoramente em outras almas, através dos tempos, é sem dúvida o incentivo dos poetas, e a ilusão de quase todos eles. Que recompensa melhor promete alguma religião aos que estimula na incerta e penosa conquista do céu?

Gustavo Teixeira quis gentilmente associar ao seu livro de estreia o meu nome envelhecido, e aos seus versos algumas linhas de inútil prosa. Submeti-me ao desejo amável do poeta, sabendo bem que nenhuma prosa alheia o recomendaria como os seus próprios versos. Dar conselhos é um dos privilégios que a idade se arroga, muito particularmente em prefácios, como este, enxertados em livro de estreante. Não sei se alguém terá autoridade para aconselhar um poeta de talento; eu com certeza não a tenho, e não a pretendo. Um poeta de talento sente, adivinha por intuição, o que mais convém à feição do seu

espírito. Se fosse possível, só um conselho seria lícito dar-lhe: o de ter inspiração, e muito amor à sua arte. São qualidades que se não adquirem a conselho de outrem. Demais, Gustavo Teixeira possui-as ambas, e em alto grau: prova-o triunfantemente o *Ementário*.

S. Paulo, 1908.

VICENTE DE CARVALHO.

Prefácio de “Poesias Completas de Gustavo Teixeira”, 1ª ed.
 1959, p. 7-16
 Editora Anhambi – SP
 Gustavo Teixeira: Presente – Cassiano Ricardo

GUSTAVO TEIXEIRA: PRESENTE

A obra de quase todos os escritores – disse uma vez Joaquim Nabuco – se reduz a algumas páginas.

Tudo o mais, mesmo o que escreveram de sofrível, serve para contraste. Realça o mérito daquelas poucas páginas realmente válidas, ou gloriosas. Tem esse préstimo.

Os poemas de Gustavo Teixeira, em sua maior parte, parecerão pouco significativos em face das exigências líricas modernas e das pesquisas e recursos que ampliaram consideravelmente a concepção de poesia.

Mas essa parte menos valiosa dos seus versos – a maior extensão – serve, no mínimo, pra dar grande força a algumas admiráveis composições que ele nos deixou e que ora figuram (inclusive as póstumas) nestas “Poesias completas”.

Modesto como foi, isso será bastante à sua glória.

Quem terá escrito, no Brasil, e no gênero então vigente, um soneto mais belo do que “Cleópatra”?

Não obstante a ojeriza que o “new criticism” vota à biografia (e mesmo porque não sou crítico) parece-me indispensável esclarecer desde logo – como o fez Vicente de Carvalho em prefácio ao “Ementário” – que Gustavo Teixeira foi um poeta do interior.

Simples secretário da Câmara Municipal de S. Pedro de Piracicaba, suas desataviadas funções nunca passaram daí.

Sofreu ele, portanto, sob certo ângulo, as limitações decorrentes desse fato.

Como explicar então tamanha riqueza verbal como a que ele dá mostras em seus vários livros, num recanto de cidade singela e pitoresca?

Uma necessidade de compensação, possivelmente, como a que está implícita em “À sombra dos Montes”:

“Quero escalar os píncaros dos montes
 porque meus olhos vão ficando tristes
 de saudade dos amplos horizontes”.

Quanta vez tal desejo de “amplos horizontes” não terá pungido a alma do poeta em seu pequeno – embora afetivo – mundo municipal!

Outra curiosidade: o seu amor à Grécia, em S. Pedro de Piracicaba. Fala ele em “formas gregas de alabastro”; o seu poema “Horas Mortas” é dedicado “a uma grega”. Em “A um Poeta”, diz:

“Invoca a inspiração! Em teu auxílio chama
 os deuses imortais da Grécia primitiva!”

Os mitos gregos se imiscuem a todo instante em seu poetar.

Mas é sabido que há na vida de cada um de nós o “momento em que somos gregos”, como observa Emerson. O poeta talvez não tenha escapado a esse tributo; o estranho é que, simples como foi, em seu lirismo pessoal, tenha ele sido tão grego nas condições “municipais” em que escreveu o seu “Ementário”.

Não se quer dizer com isto que houvesse sido Gustavo Teixeira um “poeta municipal” em relação ao “federal”, segundo o malicioso poema de Drummond. Antes, não lhe faltou aquele “barro do município” a que alude Ribeiro Couto, condição pra ser “federal” no legítimo sentido de “brasileiro”.

Não lhe faltou sequer ser “grego”, isto é, universalizar-se pelo espírito.

Afinal, o verdadeiro poeta tem que ser tudo isso, a um só tempo; ser grego e ser municipal; regressar ao antigo e ser criança à hora em que bem o entenda...

Haverá, como é natural, quem lhe aponte e mesmo não perdoe os defeitos.

Um deles será a falta de contensão em numerosas composições inteiramente constituídas de versos alexandrinos, embora uns com cesura na sexta sílaba e outros de ritmo ternário.

Sem dúvida tais poemas são excessivos, longos demais, como “O Sonho de Marina”, “Última Página”, “Leda”, “Versos Brancos” e muitos outros.

Faltou-lhe talvez um pouco mais de autocrítica; faltou-lhe o senso da medida.

Se ele houvesse cortado a metade ou mesmo dois terços a cada uma de tais composições, podando-as, teria sido mais feliz. Foi essa a receita que Mário de Andrade lembrou, por exemplo, com referência a Castro Alves cujos poemas, (alguns, naturalmente) pra se tornarem mais belos, deviam ser cortados na carne verbal excessiva, suprimindo-se versos e estrofes que estão sobrando, aqui e ali, nas suas “Espumas Flutuantes”.

No caso de Gustavo Teixeira, poeta das roseiras, o perigo do corte estaria apenas num erro de tática ou de tacto: ir aparar os espinhos e, ao invés, cortar algum botão de rosa... Mas que importância teria para ele um botão a mais ou a menos? Outros botões (como as “ilusões ridentes”) não lhe faltariam. Pois o seu coração não era

“uma roseira verde,
coberta de botões”?

Além do excesso, a monotonia do ritmo invariável, com as suas tônicas incidindo sempre em sílabas pré-determinadas, redundando em hipnose.

Hoje se discute muito a respeito do ritmo como “elemento de expressão” – ritmo que se libertou do metro, quando, há algum tempo atrás, o metro é que determinava o ritmo. O verso livre – e eis uma coisa mais que sabida – realizou essa inadiável conquista. Mas não menos sabido é que o poeta, dentro do mesmo metro, pode variar muito de ritmo sem cair na monotonia, na “marcação de tambor” (como diria Richards) que é o metro como “forma especializada de ritmo”. A “especialização” então reinante era, apenas, a do ritmo sáfico ou do heroico.

Gustavo Teixeira, em seu tempo, preso às contingências da versificação, deixou-se embalar pelo ritmo pré-estabelecido e embalou também os seus leitores com esse poetar monocórdio, próprio de épocas de ritmo mais sossegado e sem problemas.

Quem o lia acostumava-se com a regularidade, através da limitação (definiteness) das surpresas que a rutura do ritmo a ocasiona. E esta rutura, diga-se com apoio no autor já citado, parecendo a frustração de uma expectativa, é, muitas vezes, mais importante que o sucesso previsto.

Versos nos quais, constantemente, encontramos só o que esperávamos, e nada mais, em lugar de algo que podemos e devemos receber, ou descobrir, são simplesmente tediosos e cansativos.

O mesmo se dirá do cacoete de rimar “violetas” com “borboletas” que Gustavo Teixeira praticou em excesso, e invariavelmente. O leitor encontra violetas e já sabe que vêm as borboletas; encontra borboletas e é infalível o ramo de violetas.

Verdade que o poeta de “Harpa Eólia”, procurou renovar sua temática, alguns vezes. Em “Altar” celebra feitos heróicos e figuras ilustres. Em “Misticismo”, como em “Último Evangelho”, evoca cenas bíblicas, sendo digno de nota “A Lenda das Andorinhas”, entre outros poemas. Em “Sonetos Antigos” exalta várias mulheres, de várias nacionalidades. Não obstante patriota, nascido em S. Pedro de Piracicaba, passa de “grego” a ter “coração cosmopolita”, como outro poeta disse a respeito de si mesmo.

“Os Párias” é um soneto de índole social – nota que ainda se encontra em “O Cego”, “Messalina”, “A Justiça de Deus”. As trovas de “Lira Azul” demonstram que o poeta não se limitou aos alexandrinos; que tanto cinzela um soneto parnasiano com também compõe pequenos ramilhetes de flores singelas de gosto popular.

Em assunto de influências, claro que ele as recebeu – como todos os poetas de qualquer época. Um de ordem geral – como as de seu período estilístico – outras de ordem mais particular, como a de Luís Guimarães Júnior, tão pronunciada em “Morta”, “A Casa Paterna”, “De Volta”, “Noite de Inverno”, etc.

As traduções que figuram neste volume mostram, aliás, a sua familiaridade com os poetas em voga, ou de sua predileção: Stecchetti, Balville, Hug, Rollinat, Coppée, Tin Tun Sing, Oram Si e outros, estes orientais.

Não se lhe escasseou uma certa vocação para o epigrama, como em “No Dia em que Partiste” ou em “Morta”.

Mas o que mais conta em Gustavo Teixeira é o lírico amoroso, galanteador, com claros acentos de tristeza e polidez. Sob certo aspecto se pode dizer mesmo que o seu lirismo é próprio fenômeno poético que ele viveu. É a parte – diga-se – cordial dos seus poemas. E acontece que, não raro, o poeta intelectualiza mais a forma, dando-lhe sentido também estético e não apenas técnico. Então o nível de sua produção se eleva, em qualidade; e é então que o vemos na plenitude do seu estro.

Refiro-me, principalmente, aos “Poemas de Forma Fixa”.

Leia-se, por ex., esta “Balada Cor de Rosa”:

Desde que viste, foragida
estátua da Hélade pagã,

quebrei a lira enternecida,
 em que gemia, como Ossian.
 Minha esperança não foi vã,
 A iluminar meu paraíso,
 esplende a estrela da manhã,
 a doce luz do teu sorriso.

Se a tua fronte enlanguescida
 beijo, num gesto de galã,
 o olhar me volves, comovida,
 do rosto em púrpura a maçã.
 E em tua boca de romã,
 onde alvas pérolas diviso,
 fulge outra gema, em brilho irmã:
 a doce luz do teu sorriso.

Tu és o sol da minha vida!
 O teu amor de castelã
 de um antro faz jardins de Armida
 e dá-me força de um titã...

Eis-me, afinal, na Canaã
 dos sonhos de ouro onde improviso
 loas a Deus e odes a Pã,
 à doce luz do teu sorriso!

OFERTA:

Será de espinhos amanhã
 o chão de flores que hoje piso,
 se me faltar, Aldebarã,
 a doce luz do teu sorriso!

A “Balada Antiga”, a “Balada Lírica” apresentam o mesmo rigor formal, a mesma graça. Que galanteria em “Balada da Violeta”.

Agora, uma pergunta: foi Gustavo Teixeira um parnasiano, em seu verdadeiro sentido estilístico, além desse baladista encantador?

A releitura de “Cleópatra” será a melhor resposta a semelhante indagação?

“Sob o pátio de um céu broslado de cambiantes,
a galera real, de tírias velas tesas,
avança rio adentro, arfando de riquezas,
cheia de um resplendor de pedras coruscantes.

Sob um dossel de biso, entre espirais ebriantes
de um incenso, a escultural princesa das princesas
cisma... Remos de prata, à flor das correntezas
deixam móbeis jardins de bolhas trepidantes.

Soluçam harpas de oiro às mãos de ancilas belas.
Branda aragem enfuna a púrpura das velas
e à tona da água alveja um espumoso friso.

E a náiaide do Egito, ao ver a frota ingente
de Marco Antônio, ri, levando, unicamente,
contra as lanças de Roma a graça de um sorriso.

Encontra-se aí, nítido, o elemento “escultural”. A própria palavra se impõe em “a escultura das princesas”. O elemento “pictórico” está na “púrpura das velas”, como em todo o painel representando a embarcação e o rio. Embarcação cujos remos de prata, à flor das correntezas,

“deixam móbeis jardins de bolhas trepidantes”

Nota-se o efeito de “bolhas trepidantes” com a líquida “lh” (de “bolhas”) e a aliteração dos “t t” (em “trepidantes”) em continuação de “tírias velas tesas”. E se a luta entre o simbolismo e o parnasianismo foi uma questão de vogais, veja-se que aí se trata, não daquela “acústica transcendental” que via no “i” a voz no violino e no “u” a do contrabaixo (João Ribeiro) ou que recorria a “monofonias viciosas no verso e na rima” (Alberto) mas de caracterizada harmonia de vogais com os seus diferentes timbres em cada verso.

Vogais que não interessam apenas à estilística fônica como também adquirem algo de pintura nessa paisagem verbal. São mesmo (se se pode falar em vogais concretas) as bolhas desses jardins movediços em que se transforma o rio sob os remos de prata.

Por sua vez, a metáfora “móbeis jardins de bolhas” se apresenta admirável, num sentido “funcional” e não somente “evocativo”.

Mais que toda essa pompa de friso em alto relevo; mais que toda a riqueza das pedras coruscantes e do dossel de biso, mais que a “escultura de Cleópatra”, é o seu triunfo espiritual

... levando, unicamente,
contra as lanças de Roma a graça de um sorriso.

Não é por acaso ou simples sortilégio que um poeta reúne, assim, tantos recursos líricos e formais num soneto; é pela consciência do seu ofício; é pela sua “intensity of the artistic process”; é pela captação da beleza com a redenominação das coisas.

Torna-se mais difícil distinguir nos decassílabos da época – como observa Manuel Bandeira – o que é parnasianismo, sendo fácil fazê-lo em relação aos alexandrinos.

Se a distinção é essa, nada mais simples. O soneto em apreço é construído de alexandrinos; portanto, é parnasiano.

Talvez não se possa resolver a questão assim, tão sumariamente. Nada mais errôneo do que a impressão de que basta um soneto ser alexandrino naquela época para “parnasianizar-se”. Nem o mestre da “Estrela da Manhã” quis dizer tal coisa.

Muito menos confundir parnasiano com “clássico” ou com escrever bem.

Mas bastará o alexandrino ser solene, aristocrático, pra ser parnasiano? Também não me parece procedente semelhante arguição, mas apenas o resultado frequente de adquirir o verso alexandrino certa ênfase por uma questão de tonicidade e número de sílabas; pela amplitude que lhe empresta grave eloquência em dois de seis (pela cesura) e a ênfase desaparece:

“Quando uma virgem morre,
uma estrela aparece, etc.

Transformado o alexandrino bilaqueano em dois versos curtos, estará torcido, ipso facto, “o pescoço à eloquência”; cessa-lhe a solenidade e, por assim dizer, de alcandorado que é, passa ao redondilho menor, pedestre, despojado, seco.

O que caracteriza – e não é preciso nenhum esforço para o perceber – o alexandrino parnasiano, está em sua concepção estética, a da arte pela arte; está em sua temática peculiar, objetiva; na palavra

empregada a rigor (mot juste); em seus atributos plásticos, que variam entre pictóricos e esculturais.

É o que em “Cleópatra” atingiu Gustavo Teixeira, sem embargo de se tratar de um poeta do interior, cheio de pudor e modéstia.

E o atingiu sem confundir valorização da técnica com estética, sem confundir parnasiano com clássico, nem “forma” com regras de pura versificação. Antes, caracterizando uma concepção de poesia artística, como a dessa pequena obra-prima, notável pela dignidade, pela adoção de princípios e valores que a identificam, de sobejo, em face de outras experiências e de outros períodos estilísticos.

Verdade que já se fala em volta à clareza, ao contra-mistério, ao sentido exato das palavras. Há quem diga: quero que rosa seja rosa mesmo – desejo fácilimo de ser atendido prontamente. Nem é novidade, uma vez que Fernando Pessoa (por ex.,) prefere o nenhum mistério das coisas em “O Guardador de Rebanhos”, operação talvez mais difícil ou, pelo menos, discutível depois que Valery falou no “mistério da claridade” e houve quem, por seu turno, escrevesse: “L’obscur m’est Clair et la lumière obscure”...

Não há, pois, razão alguma para, por suposta procuração de Mr. Teste, condenar-se o verdadeiro parnasianismo, nem para que hoje alguns novos esteticistas se ofendam tanto, quando a crítica lhes chama neoparnasianos. Como se chamar alguém de parnasiano fosse um insulto, igual ao que pretendeu aquele cocheiro aludido por CatulleMendès e que, desejando xingar o seu freguês, exclamou-lhe: “parnassian, va”!

Por certo, os problemas de hoje são outros e não é Gustavo Teixeira que irá satisfazer às exigências, à complexidade da poesia moderna.

Seria mesmo absurdo examiná-lo sob esse aspecto; tão absurdo como querer descobrir nos poetas do passado apenas argumentos a combater.

O emprego da palavra a rigor, típico do parnasianismo, foi substituído pela invenção, pela recriação da palavra. A lógica foi substituída pelo subconsciente, a clareza pela obscuridade, o prazer poético pelo intelectual, o verso medido pelo livre, o modelo pela pesquisa, a linguagem corrente pelo dialeto lírico, etc.

Mas porque um Mallarmé vai ao extremo da obscuridade e do raciocínio vamos dizer que o nosso Casimiro de Abreu não foi poeta?

Não seria honesto, enfim, julgar Gustavo Teixeira hoje, mercê de uma concepção de poesia que já não é a sua. Torna-se preciso, até por

elementar imposição de perspectiva, situá-lo no período estilístico a que ele pertenceu (no dealbar do século XX) quando ainda em vigor (1908) os recursos poéticos tão bem fixados no prefácio do grande Vicente de Carvalho.

Porque, mesmo depois da Semana de Arte Moderna, manteve-se o poeta de “Ementário” alheio, até à morte (1937) aos problemas sociais, estéticos, ideológicos, líricos, de hoje.

Além disso, poemas de ontem só nos agradam hoje porque escritos ontem; escritos hoje, seriam anacrônicos... Sem a vivência que lhes assegura a sobrevivência.

Muita coisa poderia eu dizer ainda, de um modo geral, a respeito dos poemas de Gustavo Teixeira, ora polidos como em “Os Triunfadores”, ora puramente sentimentais como os que dedicou à filha ausente, em “Colar de Rimas”.

Mas não estou aqui – como o leitor já terá percebido – fazendo um estudo crítico de sua poética, senão apenas louvando a memória de um vate que amou, principalmente, a beleza e a humildade.

Direi apenas, para concluir, que Gustavo Teixeira precisa ser compreendido com o indispensável recuo no tempo. O artista de “Cleópatra”, dos sonetos líricos de “Cambiantes” (“A Agonia da Árvore”, entre muitos outros) e principalmente o das baladas, das formas fixas, então será lido com maior enlevo, e com a grata emoção que desperta, mesmo nos dias de hoje.

Daí a importância desta edição de suas “Poesias Completas” que Anhambi, orientada pela inteligência inquieta e aguda de Paulo Duarte, oferece ao público brasileiro.

CASSIANO RICARDO

Prefácio de “Poesias Completas de Gustavo Teixeira”, 2. ed.
1981, p. 9-13

Imprensa Oficial – SP

Introdução à poesia de Gustavo Teixeira – Maria de Lourdes Teixeira

INTRODUÇÃO À POESIA DE GUSTAVO TEIXEIRA

MARIA DE LOURDES TEIXEIRA

Este prefácio, que me foi solicitado pelo Sr. Prefeito de São Pedro, parece-me supérfluo, desde que o presente volume traz os textos consagradores de dois grandes poetas, dos maiores de São Paulo e do Brasil – Vicente de Carvalho e Cassiano Ricardo. Entretanto, a fim de dar cumprimento ao honroso mandato e também prestar a minha homenagem ao poeta da cidade que é também a minha, aqui me reporto a algumas referências biográficas. E isso porque – segundo Lionel Trilling em sua obra *Literatura e Sociedade* – “o estudo das condições intelectuais em que uma obra literária é produzida não só é legítimo, mas às vezes até mesmo necessário para a percepção do seu poder.” E Simone de Beauvoir: “Um livro só adquire seu verdadeiro sentido quando se sabe em que situação, em que perspectiva foi escrito.”

Gustavo Teixeira nasceu a 4 de março de 1881, na então São Pedro de Piracicaba, no Sítio São Francisco, propriedade de seus pais, situada nas fraldas da Serra Itaqueri. Aí aprendeu a ler com a mãe, desenvolvendo-se a olhos vistos não só por sua inteligência incomum como também pelas vantagens que lhe proporcionava o ambiente doméstico. Pois sua progenitora era senhora de apreciável instrução, educada que fora pelas irmãs de São José, no Colégio Patrocínio, de Itu (tendo sido a segunda aluna matriculada naquele tradicional educandário tão ligado ao passado das matronas paulistas); e seu pai, Francisco de Paula e Silva, natural de Sorocaba, cursara o velho colégio paulistano Moritson e, a seguir, o seminário, que abandonara para casar-se, pouco antes da ordenação sacerdotal; dispunha de sólida cultura humanística, sendo latinista emérito. Adolescente, Gustavo teria na própria família ainda outro mentor intelectual: o irmão mais velho, Francisco de Paula Teixeira, homem de instrução incomum, que transmitiu ao mano o amor dos clássicos, lhe ensinou o latim, o francês, o italiano, o espanhol, e em cuja rica biblioteca o poeta se abeberou a vida inteira.

Cedo revelou Gustavo o pendor literário, ainda menino fazendo do *Tratado de Metrificação*, de Castilho, seu companheiro inseparável, e compondo os primeiros versos aos doze anos de idade. Podemos imaginá-lo, garoto estudioso, introspectivo e já solitário, diferente dos irmãos, à sombra do seu vale natal, tentando aprisionar a ave de ouro da nascente inspiração na rígida gaiola da forma preconizada pelo mestre português. Naqueles mesmos sítios pitorescos que mais tarde iriam sugerir ao poeta já consagrado tantos poemas de inspiração tipicamente bucólica, captada nas mais puras fontes da poesia tradicional do nosso idioma, quase de tradição clássica virgiliana.

Adolescente, foi durante seis meses professor de escola rural na fazenda Campestre, propriedade de seu tio Joaquim Teixeira, o magnata da região, senhor de muitas e enormes fazendas. Nesse retiro escrevia febrilmente. E a esse tempo, pela primeira vez deu a público seus poemas, no *Correio Paulistano*, na seção denominada “A Propósito”, redigida por Álvaro Guerra sob o pseudônimo de “Simplício”, que costumava divulgar poesias.

Em 1901, ou seja, aos vinte anos, veio Gustavo para a Capital a fim de seguir um curso superior e trabalhar na *Folha Nova*, vespertino fundado por Garcia Redondo. Passou também a colaborar n’*A Vida Moderna* e n’*A Musa*, revista mensal de arte e literatura de propriedade de René Thiollier e Júlio Prestes. Nesse período fez numerosos amigos, participou de rodas intelectuais, publicou com assiduidade trabalhos na imprensa. Datam de então algumas amizades que lhe foram fiéis durante a vida inteira, como entre outras, as de Júlio Prestes e Martins Fontes.

No entanto, inadaptado à vida de São Paulo, desistindo de seguir qualquer curso superior já que se sentia predestinado à poesia, cerca de dois anos depois regressou à sua terra natal, onde foi nomeado secretário da Municipalidade (cargo que desempenharia até o fim de seus dias, durante trinta anos). De São Pedro, a partir de então, só raramente se afastou, em viagens à capital do Estado, ao Rio de Janeiro e a Santos onde o atraíam os banhos de mar recomendados pelos médicos e a companhia de seu irmão Otaviano (outro erudito), que lá residia.

Não lhe faltaram ofertas de colocações bem remuneradas na imprensa paulistana e carioca, possibilitadas por amigos e admiradores, convites sempre recusados sistematicamente.

Foi, pois, reintegrado na paz de São Pedro, que em 1908, viu sair o seu livro de estreia, *Ementário*, hoje uma raridade bibliográfica, impresso na Tipografia Maré, situada na rua da Caixa d’Água, número

2, em São Paulo, prestigiado por elogioso prefácio de Vicente de Carvalho.

Não vou mencionar aqui trechos dessa apresentação, mesmo porque este volume a reproduz na íntegra. Mas não me furto ao prazer de relembrar o destaque dado pelo autor dos *Poemas e Canções* à estrofe gustaviana “Quem perde uma ilusão ridente nada perde...” – versos “amigos da memória” conforme disse Saint-Beuve, e que se gravam em nosso cérebro para sempre.

Para o moço retraído, absolutamente incapaz de cortejar a fama e a publicidade, era a consagração. De fato, o livro obteve completo êxito. Era o tempo em que pontificavam nas colunas e rodapés da imprensa carioca o apaixonado Sílvio Romero, o carranca Osório Duque Estrada, o lúcido João Ribeiro, e tantos outros críticos eventuais como até hoje o são quase todos os escritores: Goulart de Andrade, Coelho Neto (que, com uma de suas páginas retórica, inspirou a Gustavo o poema “Tântalo”), Afonso Celso, João do Rio, Luís Guimarães Filho, Emiliano Pernetta, Hermes Fontes, Melo Moraes Filho, Alphonsus de Guimarães, para só mencionar alguns dos que analisaram o *Ementário* exaltando-lhe os méritos, unânimes em lhe reconhecerem a espontaneidade da inspiração e o apuro da forma.

Desde então, insistentemente solicitado, do seu retiro do interior paulista passou o poeta a colaborar com frequência em revistas e jornais tanto de São Paulo como do Rio de Janeiro (era o tempo em que a imprensa costumava dedicar espaço à poesia), seus poemas sendo reproduzidos no Brasil inteiro. Além do *Correio Paulistano*, divulgavam-lhe as produções *O Comércio de São Paulo*, *A Notícia*, *a Ilustração Brasileira*, *Minerva*, *Rosa Cruz*, *a Gazeta de Notícias*, *a Jornal do Brasil*, etc. Colabora também na imprensa portuguesa, e poemas seus são traduzidos para o francês, o italiano, o sueco, o castelhano, publicados em revistas literárias estrangeiras.

Conquanto famoso, em nada se altera a substância incorruptível de sua modéstia. Continua na mesma existência tranquila, no seu mundo sensível e solitário, cumprindo as tarefas burocráticas, consagrando todo o tempo disponível aos livros, ao estudo, à poesia, cercado pelo carinho da cidade inteira que dele passa a orgulhar-se, respeitando-lhe a esquivança e a reserva. Ama cada vez mais a sua pequena cidade: o jardim público com a sombra de suas velhas árvores e o lago minúsculo onde se reflete um pedaço de céu; a comprida rua Coronel Veríssimo Prado que, em rampa, vai até à estação do trem da Sorocabana; o recorte azul ou roxo da serra do horizonte conforme seja manhã ou crepúsculo;

a modorra do casario singelo; os ritos habituais do cotidiano; o grave e plácido deslizar das horas, cuja sequencia ressoa a intervalos no relógio da torre da igreja com seu som familiar e antigo.

Em fevereiro de 1925 Gustavo publica o segundo livro, *Poemas Líricos*, que não teve a rumorosa acolhida do *Ementário* pela circunstância de que o Movimento Modernista já alterara o esquema dos valores estéticos, amoldando também o gosto de boa parte do público, em particular das gerações novas. *Os Poemas Líricos*, inéditos durante muitos anos, já eram então um anacronismo de gosto superado pelas técnicas renovadoras, ressumando certo aroma de flores fanadas. Além disso, o ostracismo voluntário do poeta o fizera um desconhecido dos leitores.

Os anos passam.

Em princípios de 1937, a Academia Paulista de Letras reconhece de público os seus méritos elegendo-o para a vaga de Paulo Setúbal, acontecimento que teve repercussão na imprensa. Gustavo recebeu congratulações providas do país inteiro, de velhos amigos e admiradores fiéis, mas não se animou a vir a São Paulo tomar posse da cadeira. A solenidade de praxe, com discursos e panegíricos, era absolutamente inviável para o seu retraimento e incompatível com a sua modéstia.

Nessa oportunidade, uma caravana de estudantes da Faculdade de Direito da Capital, por iniciativa da Associação Acadêmica Álvares de Azevedo, foi a São Pedro a fim de visitá-lo e demonstrar-lhe o seu regozijo pelo ato de justiça da Academia Paulista de Letras.

Coroando a série de manifestações de apreço nessa derradeira etapa de sua existência, como reconhecimento do valor de sua realização literária e da dignidade de sua vida toda ela dedicada às letras, a Câmara Municipal de São Pedro, por decisão unânime, resolveu outorgar o nome de Praça Gustavo Teixeira ao principal logradouro da cidade – o largo da matriz com seu jardim público.

Foi profunda a emoção que tais acontecimentos despertaram na extrema sensibilidade do poeta. Ainda bem que os recebeu em vida. Pouco mais que tardassem teriam assumido caráter póstumo. Pois nesse mesmo ano de 1937 faleceu, a 22 de setembro, tendo à sua cabeceira, por curioso desígnio do destino, outro grande intelectual paulista, “vanguardista experimentador” – Oswald de Andrade, sob quase todos os aspectos da antítese de Gustavo. Foi Oswald quem, de São Pedro, comunicou à imprensa brasileira através de telefonema à Agência Havas o falecimento do autor do *Ementário*.

A cidade inteira desfilou diante dos seus despojos, inclusive os rapazes do Tiro de Guerra e as crianças das escolas. Diante do seu túmulo, além de outros oradores, falou Oswald com emoção e carinho.

As placas da Praça Gustavo Teixeira foram inauguradas a 15 de novembro desse mesmo ano, acrescidas de nova homenagem: inaugurou-se ali também o busto do poeta, em solenidade cujo orador oficial foi Guilherme de Almeida.

Desde então, em São Pedro se comemora anualmente a Semana Gustavo Teixeira, com especiais tributos de admiração ao poeta da cidade, inclusive com a presença de um conferencista especialmente convidado a falar sobre ele e sua obra. E o Museu-biblioteca Gustavo Teixeira manterá acesa a chama de sua lembrança nas gerações futuras do seu berço paulista que ele tanto amou.

Em 1959 a Editora Anhambí publicou, em bela e cuidadosa edição, as suas *Poesias Completas*, incluindo as inéditas, organizadas por Cleómenes Campos e apresentadas por Cassiano Ricardo, edição essa há muito esgotada.

Não analisarei a obra de Gustavo Teixeira em si mesma. Vicente de Carvalho e Cassiano Ricardo já o fizeram com autoridade e justiça, em estudos que enriquecem este volume cuja publicação em boa hora foi promovida pela atual Prefeitura de São Pedro, assim comprovando seu interesse cultural e a fim de melhor comemorar em 1981 o centenário de nascimento daquele que é hoje um mito e um ídolo da cidade. Restrinjo-me às mencionadas referências biográficas, destinadas àqueles que nada sabem de Gustavo Teixeira, da solidão em que viveu realizou a sua poesia. Como Hölderlin, ele poderia dizer: “Sê tu, ó canto, o meu asilo amigo!” E ainda como o genial precursor do Romantismo alemão, também teve a sua Diótima que só lhe proporcionou sofrimento e pela qual passou o resto de seus dias a mastigar “a amarga e intragável erva do passado.”

Gustavo Teixeira poderia dar aos seus poemas aquela qualificação nitzscheana que serviu de título a um dos livros do polonês Milozs – *As Sete Solidões*, pois todas elas lhe foram companheiras durante toda a vida.

O culto de Gustavo Teixeira – enobrecendo a cidade e o povo de São Pedro – vem confirmar o conceito de Fernando Baldensperger quando escreveu que “o homem político é muito pouca coisa diante do poeta e do escritor”. Na verdade, quantos políticos de prestígio passaram por essa região, e qual deles deixou o rastro luminoso, a aura carismática de Gustavo Teixeira? Mas é que a poesia não foi apenas o complemento

do seu destino. Para ela e por ela viveu, e por ela não morreu e não morrerá nunca. Por ela continua vivo.

São Paulo, dezembro de 1980

ANEXO B – Quadros de anúncios de publicações e publicações

ANÚNCIOS DE PUBLICAÇÕES

Quadro 1 – Alvorada (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	29/08/1914

Fonte: Acervo Estação (*online*).

Quadro 2 – Caminhos de minha vida (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
04	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	01/01/1936

Fonte: Acervo Estação (*online*).

Quadro 3 – Capital Paulista (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
10 (ano II)	Ao adormecer	O Estado de S. Paulo (SP)	07/04/1900
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	07/06/1900
15 (ano II)	Il ritorno	O Paiz (RJ)	17/09/1900
13 (ano II)	n.i.	Gazeta de Petrópolis (RJ)	27/09/1900
19 (ano III)	Sonho negro	O Paiz (RJ)	18/02/1901
08 (?)	A janela	O Estado de S. Paulo (SP)	18/03/1901
35 (ano IV)	A um artista	Gazeta de Notícias (RJ)	29/06/1902

37 (ano IV)	Aurora	O Estado de S. Paulo (SP)	20/10/1902
-------------	--------	---------------------------	------------

Fonte: Acervo Estação (*online*); Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 4 – Cigarra, A (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	29/08/1914
105		Correio Paulistano (SP)	01/02/1919
n.i.		Correio Paulistano (SP)	01/05/1919
n.i.		O Estado de S. Paulo (SP)	15/06/1919
n.i.		Correio Paulistano (SP)	16/06/1919
n.i.		O Estado de S. Paulo (SP)	01/08/1919
n.i.		Correio Paulistano (SP)	01/10/1919
n.i.		Correio Paulistano (SP)	02/03/1921
n.i.		Correio Paulistano (SP)	27/01/1923
n.i.		O Combate (SP)	26/06/1925
n.i.		Correio Paulistano (SP)	24/09/1925
n.i.		O Estado de S. Paulo (SP)	24/10/1925
n.i.		Correio Paulistano (SP)	15/10/1926
n.i.		O Estado de S. Paulo (SP)	15/10/1926
n.i.		O Estado de S. Paulo (SP)	28/10/1926
n.i.	As minhas rosas brancas	O Estado de S. Paulo (SP)	29/10/1926
n.i.	Balada do Natal	O Estado de S. Paulo (SP)	19/12/1926
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	21/12/1926

n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	21/12/1926
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	18/05/1927
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	31/05/1927
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	31/05/1927
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	15/06/1927
n.i.	Confissão	Correio Paulistano (SP)	13/01/1928
n.i.	Balada antiga	Correio Paulistano (SP)	15/02/1928
n.i.	Balada antiga	Folha da Manhã (SP)	15/02/1928
n.i.	Primeira página de um poema	Correio Paulistano (SP)	30/03/1928
n.i.	Primeira página de um poema	Folha da Manhã (SP)	30/03/1928
n.i.	Balada cambiante	O Estado de S. Paulo (SP)	13/04/1928
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	27/04/1928
n.i.	Lira azul	Correio Paulistano (SP)	13/07/1928
n.i.	Lira azul	Folha da Manhã (SP)	13/07/1928
n.i.	Lira azul	Folha da Noite (SP)	14/07/1928
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	13/11/1928
n.i.	n.i.	Folha da Manhã (SP)	14/11/1928
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	14/11/1928
n.i.	Balada do anjo mau	Correio Paulistano (SP)	15/01/1929
n.i.	Balada do anjo mau	Folha da Manhã (SP)	15/01/1929
340	n.i.	Diário Nacional (SP)	17/01/1929
n.i.	Parafuso perdido	Folha da Noite (SP)	14/04/1931
n.i.	Parafuso perdido	Folha da Manhã (SP)	15/04/1931
n.i.	No horto	Folha da Noite (SP)	14/05/1931

n.i.	n.i.	Folha da Manhã (SP)	16/10/1931
n.i.	Saudade	A Noite (RJ)	24/11/1931
n.i.	n.i.	Folha da Manhã (SP)	16/03/1932
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	17/03/1932
n.i.	n.i.	Diário Nacional (SP)	25/08/1932
n.i.	n.i.	Correio de S. Paulo (SP)	09/03/1933

Fonte: Acervo Estádão (*online*); Acervo Folha (*online*); Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 5 – Comentário, O (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	Jornal do Brasil (RJ)	25/08/1931
21	A eterna canção	Diário Nacional (SP)	17/11/1931

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 6 – Destino, O (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
08 (ano II)	n.i.	Jornal do Brasil (RJ)	28/01/1903

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 7 – Echo Phonographic (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
------------	----------------------	------------	------

17	Ao fim do dia	Correio Paulistano (SP)	03/08/1903
19	Quadras antigas	Correio Paulistano (SP)	05/10/1903
20	Inverno/O livro de um morto	Correio Paulistano (SP)	02/11/1903
22	A tempestade	Correio Paulistano (SP)	18/01/1904
23	Jesus	Correio Paulistano (SP)	01/02/1904
n.i.	O cego	Correio Paulistano (SP)	12/03/1904
28	Noite de amor	Correio Paulistano (SP)	04/07/1904
n.i.	Na igreja	Correio Paulistano (SP)	08/12/1904
40	Amor eterno	Correio Paulistano (SP)	02/06/1905
44	A partida	Correio Paulistano (SP)	14/10/1905
n.i.	O leque	Correio Paulistano (SP)	08/03/1906
n.i.	Aspiração/Incoerência/A menina/Luz	Correio Paulistano (SP)	03/10/1906
59	O meu ideal	Correio Paulistano (SP)	19/01/1907
64	n.i.	Correio Paulistano (SP)	14/06/1907

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 8 – Fita, A (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	09/04/1918

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 9 – Jornal de Piracicaba (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	08/08/1921

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 10 – Kodak (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
03	A minha roseira	O Estado de S. Paulo (SP)	24/08/1912

Fonte: Acervo Estadão (*online*).

Quadro 11 – Minerva (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
04	Frínia	O Estado de S. Paulo (SP)	17/12/1903
11	Impassível	Correio Paulistano (SP)	18/07/1904
n.i.	n.i.	Tagarela (RJ)	01/09/1904

Fonte: Acervo Estadão (*online*); Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 12 – Musa, A (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
01	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	01/02/1905

Fonte: Acervo Estadão (*online*).

Quadro 13 – Nova Cruz, A (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
01 (ano I)	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	09/06/1905
03 (ano I)	As estátuas	O Estado de S. Paulo (SP)	07/08/1905
03 (ano I)	As estátuas	Correio Paulistano (SP)	13/08/1905
05 (ano I)	n.i.	O Paiz (RJ)	12/10/1905
06 (ano I)	No declínio	Correio Paulistano (SP)	13/11/1905
04 (ano II)	Os triunfadores	Correio Paulistano (SP)	13/10/1906
05 (ano II)	Os triunfadores	Correio Paulistano (SP)	14/11/1906
06 (ano II)	Castigo	Correio Paulistano (SP)	11/12/1906
07 (ano III)	Sombras/ A concha	Correio Paulistano (SP)	11/02/1907
10 (ano III)	As meninas que amei	Correio Paulistano (SP)	10/03/1907
n.i.	Tempestade	Correio Paulistano (SP)	09/06/1907
n.i.	n.i.	Revista Nova (SP)	n.i./08/1907
04 (ano III)	n.i.	Commercio de São Paulo (SP)	01/12/1907
n.i.	Ao pé de um túmulo	Commercio de São Paulo (SP)	27/12/1907
n.i.	Ao pé de um túmulo	Correio Paulistano (SP)	10/01/1908
08 (IV)	A roseira	Commercio de São Paulo (SP)	02/04/1908
n.i.	A agonia da árvore	Correio Paulistano (SP)	24/05/1908
12	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	03/08/1908
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	06/09/1908
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	09/09/1908
n.i.	n.i.	O Pharol (RJ)	13/11/1909
n.i.	Velho tema	Correio Paulistano (SP)	21/09/1910

Fonte: Acervo Estádão (*online*); Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 14 – Orquídea (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
02	n.i.	Jornal do Brasil (RJ)	14/02/1903

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 15 – Panóplia (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	09/12/1917

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 16 – Pimpão, O (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	19/06/1919

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 17 – Pirralho, O (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	O Estado de S. Paulo (SP)	05/09/1915

Fonte: Acervo Estádão (*online*).

Quadro 18 – Portugal e Brasil (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
02	Venezza	Correio Paulistano (SP)	24/05/1908

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 19 – Rajada, A (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	Balada das folhas mortas	Jornal do Brasil (RJ)	19/04/1920
06	Balada das folhas mortas	O Paiz (RJ)	19/04/1920

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 20 – Revista do Brasil (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
45	n.i.	Correio Paulistano (SP)	07/10/1919
45	n.i.	O Combate (SP)	08/10/1919
71	n.i.	Correio Paulistano (SP)	29/11/1921
n.i.	n.i.	O Combate (SP)	02/12/1921

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 21 – Revista dos Educadores (?)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
------------	----------------------	------------	------

09	A agonia da árvore	Correio Paulistano (SP)	13/09/1911
----	--------------------	-------------------------	------------

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 22 – Revista Nova (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
09	Aranhol	O Paiz (RJ)	02/05/1908

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 23 – Silhueta (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
06	n.i.	Correio Paulistano (SP)	25/02/1928
06	n.i.	Diário Nacional (SP)	26/02/1928
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	17/03/1928
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	22/04/1928
n.i.	n.i.	Correio Paulistano (SP)	27/05/1928

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 24 – Vanitas (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
42	n.i.	Diário de Notícias (RJ)	12/08/1934

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 25 – Vida Moderna, A (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	Trovas	O Estado de S. Paulo (SP)	12/04/1917
n.i.	O eterno assunto	O Estado de S. Paulo (SP)	25/09/1919

Fonte: Acervo Estação (*online*).

Quadro 26 – Vida Paulista, A (SP)

N.º edição	Título da publicação	Anúncio em	Data
n.i.	n.i.	O Pharol (RJ)	02/07/1905

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

PUBLICAÇÕES

Quadro 27 – Almanach da Comarca do Amparo (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
11	p. 308	Ao cair da tarde	n.i./n.i./1905
11	p. 330	Sonho azul	n.i./n.i./1905
11	p. 339	Longe	n.i./n.i./1905
12	p. 72	Matinal	n.i./n.i./1907
12	p. 108	Só	n.i./n.i./1907

12	p. 166	Por teu amor	n.i./n.i./1907
12	p. 203	Coração defunto	n.i./n.i./1907
12	p. 227	Phrynea	n.i./n.i./1907
12	p. 274	A visita	n.i./n.i./1907
12	p. 303	Noite de amor	n.i./n.i./1907
12	p. 416	Noite de angústia	n.i./n.i./1907
12	p. 422	Meia noite	n.i./n.i./1907
12	p. 460	A serenata	n.i./n.i./1907
12	p. 465	Aquelas flores...	n.i./n.i./1907
12	p. 499	Esther	n.i./n.i./1907
12	p. 514	Versos de um triste	n.i./n.i./1907
13	p. 53	A roseira	n.i./n.i./1909
13	p. 60	A concha	n.i./n.i./1909
13	p. 81	Visita noturna	n.i./n.i./1909
13	p. 86	A agonia da árvore	n.i./n.i./1909
14	p. 81	Roseira	n.i./n.i./1912
14	p. 102	Casa paterna	n.i./n.i./1912
14	p. 148	De volta	n.i./n.i./1912
14	p. 150	A um avarento	n.i./n.i./1912
14	p. 151	No vale	n.i./n.i./1912
14	p. 181	Consolado	n.i./n.i./1912
14	p. 182	No campo	n.i./n.i./1912
16	p. 45	Casa paterna	n.i./n.i./1918

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 28 – Almanach do Paraná (PR)

N.º edição	Página	Publicação	Data
12	p. 186	Milagre	25/10/1909

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 29 – Almanak Litterario e Estatistico (RS)

N.º edição	Página	Publicação	Data
19	p. 166	Lira azul	n.i./n.i./1907

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 30 – Archivo Ilustrado, O (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
20	p. 156	Noite ideal	15/10/1900
33	p. 255	Extremo porto	n.i./n.i./1903
37	p. 285	Marinha	n.i./n.i./1903
39	p. 302	Dilúculo	n.i./n.i./1903
41	p. 319	O enterro de Julieta	n.i./n.i./1903
42	p. 326	Coração defunto	n.i./n.i./1904
45	p. 351	Esther	n.i./n.i./1904
46	p. 358	Lírio morto	n.i./n.i./1905
47	p. 366	Em viagem	n.i./n.i./1905

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 31 – Campinas (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
01	n.i.	Maria Magdalena	n.i./10/1936

Fonte: Projeto Periódicos & Literatura: publicações efêmeras, memória permanente: Fundação Biblioteca Nacional (*online*).

Quadro 32 – Capital Paulista (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
10 (ano II)	p. 136	Ao adormecer	n.i./04/1900
02 (ano II)	p. 153	Última página	n.i./05/1900
13 (ano II)	p. 8	Página funesta	n.i./07/1900
15 (ano II)	p. 37	Il ritorno	n.i./09/1900
19 (ano III)	p. 107	Sonho negro	n.i./02/1901
20 (ano III)	p. 119	A janela	n.i./03/1901
21 (ano III)	p. 135	Ponto final	n.i./04/1901
25 (ano III)	p. 12	Matinal	n.i./08/1901

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (*online*).

Quadro 33 – Cidade de Campinas, A (SP) *

N.º edição	Página	Publicação	Data
916	p. n.i.	Lira azul	23/03/1904
1276	p. n.i.	Novo Cristo	06/06/1905
1413	p. n.i.	No cárcere	23/11/1905

1484	p. n.i.	Ontem e hoje	18/02/1905
------	---------	--------------	------------

Fonte: Acervo Gustavo Teixeira – Museu Municipal Gustavo Teixeira.

Quadro 34 – Cigarra, A (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
12	p. 19	A tentação	25/05/1914
09	p. 38	Magdalena	29/08/1914
05	p. 15	O salgueiro	14/10/1914
24	p. 47	A violeta	01/08/1915
104	p. 16	A espera	16/01/1919
105	p. 29	Em sonho	01/02/1919
109	p. 38	Algumas estrofes d'O sonho de Marina	01/04/1919
111	p. 21	O sonho de Marina – excerto	01/05/1919
112	p. 29	O Sonho de Marina (excerto de um Poema Inédito)	15/05/1919
114	p. 30	Balada das rosas	15/06/1919
115	p. 20	Balada	01/07/1919
121	p. 27	Angelus	01/10/1919
141	p. 5	Morta	01/08/1920
150	p. 49	São Pedro – Silhuetas	15/12/1920
153	p. 19	História	01/02/1921
155	p. 36	Na escola	01/03/1921
172	p. 24	Balada do violino	15/11/1921
176	p. 23	Sempre	15/01/1922

178	p. 26	Balada de um morto	15/02/1922
185	p. 12	Balada da agonia	01/06/1922
189	p. 17	Lira azul	01/08/1922
200	p. 22	A dor maior	15/01/1923
208	p. 30	Balada da rainha da beleza	15/05/1923
222	p. 25	Canção da noite sem aurora	15/12/1923
233	p. 39	Amor	01/06/1924
237	p. 27	Jardim abandonado	15/09/1924
243	p. 65	Noite de inverno	15/12/1924
249	p. 36	A feia	15/03/1925
251	p. 27	Renúncia	15/05/1925
255	p. 27	A canção do pagueiro	15/06/1925
261	p. 27	O fim de tudo	15/09/1925
286	p. 25	As duas coroas	01/10/1926
287	p. 25	As minhas rosas brancas	15/10/1926
290	p. 41	Balada do Natal	01/12/1926
296	p. 21	Ressurreição	01/03/1927
299	p. 45	Minha mãe	15/04/1927
300	p. 23	Canção da tarde lilás	01/05/1927
301	p. 39	Última balada	15/05/1927
302	p. 23	Rosa	01/06/1927
316	p. 21	Confissão	01/01/1928
318	p. 23	Balada antiga	01/02/1928
322	p. 24	Balada cambiante	01/04/1928

323	p. 52	O Espelho	15/04/1928
327	p. 26	Teu nome	15/06/1928
328	p. 34	Lira azul	01/07/1928
336	p. 22	Canção da tarde triste	01/11/1928
338	p. 42	Balada das velhas cartas	01/12/1928
360	p. 38	A carta que ela escreve	01/11/1929
425	p. 16	O meu amor	01/08/1932

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (*online*).

Quadro 35 – Commercio de São Paulo, O (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
206	p. 2	Leda	26/05/1907
467	p. 3	A embaixatriz	29/03/1908
490	p. 1	Cleópatra	26/04/1908

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 36 – Correio Paulistano (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
12899	p. 1	Insônia	01/08/1899
12922	p. 1	Flor da ressurreição	24/08/1899
12939	p. 1	Vendo-a passar	10/09/1899
12983	p. 1	Canicular	24/09/1899

18625	p. 3	Balada nupcial	24/05/1915
18965	p. 4	Lira azul	01/05/1916
19126	p. 2	A sombra dos montes	09/10/1916
24568	p. 42	O batismo/ A eucaristia/ Ecce homo!	25/12/1935
24755	p. 15	Renúncia	26/11/1936
24896	p. 15	A libélula	13/05/1937

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 37 – Estado do Espírito Santo, O (ES)

N.º edição	Página	Publicação	Data
26	p. 1	O dinheiro	31/01/1904
166	p. 1	Noite de amor	17/07/1904

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 38 – Federação, A (RS)

N.º edição	Página	Publicação	Data
47	p. 1	Milagre	23/02/1906

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 39 – Folha da Manhã (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
------------	--------	------------	------

n.i.	p. 3	A agonia da árvore	29/12/1926
n.i.	p. 2	Magdalena	25/10/1928
n.i.	p. 2	No presépio	27/12/1928

Fonte: Acervo Folha (*online*).

Quadro 40 – Gazeta de Paraopeba (MG)

N.º edição	Página	Publicação	Data
1456	p. 3	Coração defunto	21/03/1937

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 41 – Jornal do Brasil (RJ)

N.º edição	Página	Publicação	Data
270	p. 3	Il ritorno	27/08/1900
134	p. 1	Última página	14/05/1902
193	p. 1	Sonho azul	12/07/1902
217	p. 1	As estações	05/08/1902
220	p. 1	Perfídia	08/08/1902
319	p. 7	Agouro	15/11/1902

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 42 – Jornal do Recife (PE)

N.º edição	Página	Publicação	Data
------------	--------	------------	------

02	p. 1	Reminiscência	04/01/1900
----	------	---------------	------------

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 43 – Notícia, A (PR)

N.º edição	Página	Publicação	Data
512	p. 1	Um devoto	21/06/1907
513	p. 1	Castigo	22/06/1907
519	p. 1	Incoerência	01/07/1907
628	p. 1	Poder do amor	08/11/1907

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 44 – Nova Cruz, A (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
01	p. 15	Horas negras	n.i./06/1905

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (*online*).

Quadro 45 – Pacotilha (MA)

N.º edição	Página	Publicação	Data
175	p. 2	A agonia da árvore	25/07/1908
204	p. 2	A agonia da árvore	30/08/1909
162	p. 2	A concha	12/07/1916

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 46 – Pharol, O (RJ)

N.º edição	Página	Publicação	Data
26	p. 1	Náufrago	31/01/1905
54	p. 1	Ontem e hoje	04/03/1905
209	p. 2	Lira azul	03/09/1905
92	p. 2	Morta	n.i./n.i./1906
268	p. 1	Horas negras	10/11/1906
206	p. 2	Cleópatra	27/07/1908
338	p. 3	Aranhol	01/01/1909
272	p. 1	Agonia da árvore	17/11/1915

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 47 – Pirralho (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
36	p. 3	Balada do violino	13/04/1912
54	p. 15	O espelho	17/08/1912
55	p. 15	Morta	24/08/1912
61	p. 14	O crisântemo	12/10/1912
80	p. 16	Paraíso perdido	01/03/1913
243	p. 13	Minha alma	n.i./n.i./1917

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 48 – República (SC)

N.º edição	Página	Publicação	Data
826	p. 4	A agonia da árvore	03/07/1929

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (*online*).

Quadro 49 – Revista da Semana (RJ)

N.º edição	Página	Publicação	Data
51	p. 22	Pantum	09/01/1916

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 50 – Revista Nova (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
09	p. 8	O aranhol	n.i./02/1908

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 51 – Rua do Ouvidor (RJ)

N.º edição	Página	Publicação	Data
234	p. 4	Página funesta	01/11/1902

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

Quadro 52 – Sportman (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
01	p. 6	Os desiludidos	n.i./01/1906

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (*online*).

Quadro 53 – Vida Moderna, A (SP)

N.º edição	Página	Publicação	Data
398	p. 14	O bordado	13/01/1921
403	p. 12	Sonho cor de rosa	31/03/1921
407	p. 26	O bandolim	26/05/1921

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (*online*).

**ANEXO D – Farmácia de Miguel Carretta, na Rua Nicolau Mauro
(São Pedro, SP)**



Foto cedida por Maria Stella Teixeira Fernandes Dutra.

ANEXO E – Casa em que se hospedava Oswald de Andrade, na Rua Nicolau Mauro (São Pedro, SP)



ANEXO F – “Herma do poeta são-pedrense”

ANEXO G – Museu Gustavo Teixeira

ANEXO H – Acervo Gustavo Teixeira

ANEXO I – Estante de “caixas” do “Acervo Biblioteca G.T”

ANEXO J – Estante das demais “caixas”

**ANEXO K – Relação de livros da biblioteca particular de Gustavo
Teixeira: Inventário de bens materiais**

(Inventário fornecido pelo Museu Municipal Gustavo Teixeira)

MUSEU MUNICIPAL GUSTAVO TEIXEIRA

INVENTÁRIO DE BENS MATERIAIS

SÃO PEDRO, 10 DE AGOSTO DE 2006

RESPONSÁVEL: Rodrigo Luiz dos Santos

Categoria: Biblioteca Particular de Gustavo Teixeira e outros livros.

Número De Bens	Número Tombo	Título da obra	Ano da Obra
001		Seignobos. Historie de la Civilización, Paris	1905
002		Seignobos. Civilización Anciene, Paris	1905
003		Signobos. Historie de la civilización Contemporanie, Paris	1905
004		Oliveira, Alberto. Ceo, terra e mar, S. Paulo	1920
005		Janin, Jules. Les Amours, Paris	1894
006		Hilarie, Saint. Segunda Viagem ao R.J, M.G e a SP, Rio de Janeiro	1932
007		Sue, Eugenio. O Judeu Errante, vol I, Rio de Janeiro	1877
008		Silvio, Julio César. Stalactites. São Paulo	1892
009		Castro, Eugenio. Poesias Esolhidas, Paris	1902
010		Freire, Laudelino. Notas e Perfis	1925
011		Sue, Eugenio. O Judeu Errante, vol III. Rio de Janeiro	1877
012		Troisiéme, Tome. Mille et une Nuits, Paris	1876
013		Ménard, Tome. Historie des Grecs, Paris	1893
014		Crepo, Gonçalves. Obras Completas, Lisboa	1897

015		Rodrigues, Amélia. Flores da Bíblia, Rio de Janeiro	1933
016		Humbert, Louis. Theatre D'schyle, Paris	
017		Lacerda, Fernando. Do Pais da Luz, vol II. Lisboa	1908
018		Victor Hugo. La Légende des Siecles, Paris	
019		Vaz, Léo. Ritinha, São Paulo	
020		Azevedo, Alvares	
021		Fleiss, Max. Ferias, Rio de Janeiro	1897
022		Ribeiro, João. Seleta Clássica, Rio de Janeiro	1905
023		Colelho, José. Poesias de José Bonifácio, Rio de Janeiro	
024		Quintal, Antero. Os sonetos completos, Coimbra	1924
025		Souza, Cruz. Últimos Sonetos, Paris	1905
026		Esteves, Lindolpho. Exílio, São Paulo	1919
027		Fontes, Liberato da Costa. Impressões de Itanhaem, São Paulo	1926
028		Freire, Laudelino. Notas e Perfis. Revista da Língua Portuguesa	1925
029		Junqueira, Guerra. Os simples, Porto	1905
030		Leite, Aureliano. Retratos a pena, São Paulo	1929
031		Delly, M. Anita, Porto	1926
032		Danta, Julio. Arte de Amar, Lisboa	1922
033		Camargo. Odecio. Insânia, Rio de Janeiro	1931
034		Mendonça, Lucio. Murrúrios e clamores. RJ	1902
035		Caruso, Victor. Os filhos de	1936

		outros pais. SP	
036		Sue, Eugenio. O Judeu Errante, vol V. RJ	1877
037		Bilac, Olavo. Tratado de Versificação. RJ	1905
038		Azevedo, Álvares. Obras, RJ	
039		Azevedo, Álvares. Obras, Rj	
040		Gouveia, Zoroastro. Mundo Secreto. Jaboticabal	1926
041		Freire, Ezequiel. Livro Póstumo. SP	1910
042		Isgonogoto, Judas. Recompensa. SP	1938
043		Ferrera. G. Grandeur et Decadence de Rome, Paris	1907
044		idem	1907
045		idem	1907
046		idem	1907
047		idem	1907
048		idem	1907
049		Teixeira, Mauricio. Terra incógnita. SP	1916
050		Lematre, Jules. Lês Roiás, Paris	1911
051		Ferraz, Godoy. No meu silencio.	1923
052		Prevost, Marcel. Lês Demi Vierges. Paris	
053		Victor Hugo. Lês Royons, Paris	
054		Victor Hugo. Odes et Ballades. Paris	
055		Régnier. Poemes 1887-1892. Paris	
056		Victor Hugo. Les Voix Interieures. Paris	
057		Gautier. Theophile. Poémes. Paris	1896
058		Premier, Tome. Historie des Grecs. Paris	1893
059		Pruphone, sully. Le prisme. paris	
060		Domingos, Joaquim. O	1929

		Vernáculo. RJ	
061		Rollinat. Maurice. Névroses. Paris	1907
062		Zurcher e Margollé. Ascensões Celebres. Porto	
063		Oueves. Leconte de Lisle. Paris	
064		Pires. Cornélio. Quem conta um conto... SP	1916
065		Macedo, Henrique. Nova primavera	1924/1925
066		Lacroix, pascoal. A virgem Maria. SP	1935
067		Junqueiro. Afonso. A morde de D. João, Lisboa	1897
068		Vieira. Afonso. O romance de Amadis	
069		Montenegro. Fábio. Jornada Lírica. SP	1920
070		Jr., Ezequiel ramos. Musa Morta. SP	1925
071		Del Piccia, Menotti. Juca Mulato. SP	1921
072		Carmilo, Edvard. Brinquedo. SP	1936
073		Menezes, Emilio. Poemas da Morte. RJ	1901
074		Pe. Heide. Vida, paixão e glorificação do cordeiro de Deus. Juiz de Fora	1934
075		Magalhães. Conto. Carteira de um jornalista. SP	1906
076		Freire, Laudelino. Sylvio Romero. RJ	1900
077		Rocha, Waldemar. Taça quebrada. SP	1925
078		Almeida, Presciliano. Sombras. SP	1906
079		Gerace, Vincenzo. La Fontana nella foresta. Milão	1928
080		Dostoiévski. Recordações das	

		casas dos mortos. SP	
081		Ramos, Ezequiel. Poemas. SP	1892
082		Revista a Escola. Nova Seleta de autores clássicos. RJ	1900
083		Cardoso, Vicente. A margem da história do Brasil. SP	1938
084		Humbert, Jean. Mythology. Paris	1870
085		Feijó, Antonio. Cancioneiro chinês. Lisboa	1903
086		Guimarães, Freitas. Ainda. SP	1916
087		Guimarães. Freitas. Olavo Bilac. SP	1919
088		Abreu, Benedito. Noturnos. SP	1919
089		Gorki, Máxime. La Mére. Paris	
090		Banville, Theodore. Odes funambulesques. Paris	1909
091		Cruz e Souza. Broqueis. RJ	1893
092		Baudelaire, Charles. Lês fleurs du mal. Paris	
093		Rivoire, André. Lê Chemin de Ióubli. Paris	
094		Saint-Pierre. Paulo e Virginia, Pelotas	1901
095		Passos. Penumbras. RJ	1918
096		Moderna, Alice. Os Mártires	1906
097		Cruz e Souza. Missal. RJ	1893
098		Silveira, Agenor. Rimas, Santos	1919
099		Silveira, Graco. Rhapsodias. SP	1924
100		Guimarães, Feitas. Fuga das horas. SP	1924
101		Castro, Eugenio. Saudades do céu. Coimbra	1899
102		Canto, Ernani. A Ronda da Saudade.	1923
103		Assis, Alfredo. Chama Extinta. SP	1925
104		Junqueira, Guerra. A musa em férias. Lisboa	1906
105		Ribeiro, João. Historia antiga. RJ	1894

106		Faria, Antonio. Seara patriótica. SP	1925
107		Fontes, Epíteto. Templo Deserto, SP	1931
108		Miranda, Veiga. Os faiscaadores. SP	1925
109		Oliveira, Alberto. Os cem melhores sonetos brasileiros. RJ	1931
110		Schutel, Cairbar. Interpretação sintética do apocalipse. SP	1931
111		Góes, Carlos. Espelhos. BH	1924
112		Ribeiro, João. Almanaque Brasileiro. RJ	1907
113		Silveira, Valdomiro. Mixuangos. RJ	1937
114		Guerra, Álvaro. Machado de Assis, SP	
115		Reis, Sólon. Apostasia. Campinas	1937
116		Seixas, Aristeo. Noites de Luar. SP	1905
117		Seixas, Aristeo. Epitholamio. SP	1909
118		Lopes, B. Brasões. RJ	1895
119		Pires, Áurea. Flocos de Neve. Juiz de Fora	1898
120		Dantas, Julio. Os galos de Apolo. Lisboa	
121		Martins Junior, Izidoro. Tela Poly Chorma. RJ	1893
122		Bocage. Sua vida histórica. RJ	1932
123		Bocage. O livro dos sonetos. RJ	1932
124		César, Benedito. Cisnes Brancos. RJ	1921
125		Stecchetti, Lorenzo. Póstuma. Bologna	1894
126		Lima, Mario. Ancenubios. RJ	1908
127		Rosa, Luiz. Imagens e Visões. RJ	1893
128		Campos, Suzana. Mundo Interior. SP	1931
129		Castro, Eugenio. Cravos de papel.	1922

		Lisboa	
130		Bonville, Thodore. Poesie Française. Paris	1909
131		Dury, Victor. Compendio da historia Universal. RJ	1894
132		Nobre, Antonio. Só. Lisboa	1898
133		Xavier, silva. Através do passado	
134		Passos, Guimarães. Versos de um simples. RJ	1886/1891
135		Castro, Eugenio. A fonte do satro e outros poemas. Coimbra	1908
136		Gomes, M. Sabina Freire. Lisboa	1905
137		Setúbal, Paulo. O Príncipe de Nassau. RJ	1926
138		Gomes, M. Agosto Azul. Lisboa	1904
139		Brisolla, Oscar. Constelação do Sonho	1907
140		Leite, Francisco. A Ilusão dos Sentidos. Curitiba	1928
141		Silveira, Graco. Leis universais da evolução do português. SP	
142		Silveira, Graco. Rhapsodias. SP	1935
143		Mennucci, Sud. Alma Contemporânea	1918
144		Leite, Francisco. Nevoas do sul. RJ	1924
145		Blech, A. sombras e luzes	
146		Abreu, Rodrigues. A sala dos passos perdidos. SP	1924
147		Vivalva, Mario. Dois centenários. RJ	1936
148		Quintella Filho. A capela da estrada. SP	1933
149		Shakspeare, William. Hamlet. Lisboa	1887
150		Parley, Pedro. Historia universal. RJ	1887
151		Freire, Laudelino. Saleta clássica Brasileira. RJ	1924

152		Gaspar, Francisco. Florário	
153		Nogueira, J. Ceará Intelectual. Ceará	
154		Barros, Raphaelina. Almenaras. RJ	1908
155		Miranda, Veiga. A Serpente que pensa. SP	1923
156		Goutier, Theodore. Mademoiselle de Maín	
157		Silva, Francisco. Esfinges	1903
158		Gomes Teixeira, M. Cartas sem moral nenhuma. Lisboa	1903
159		Andrade, Macedo. Contos magazini. RJ	1944
160		Carvalho, Felisberto. Seleta de autores modernos. RJ	1896
161		Almeida, F. Lírico	
162		Camões, Luiz. Os lusíadas. SP	1930
163		Abreu, Rodrigues. Casa destelhada. SP	1933
164		Silveira, Agenor. Versos do bom e mau humor. Santos	1919
165		Seixas, Aristeo. Início de uma vida literária. SP	1911
166		Murat, Luis. Ondas. RJ	1895
167		Vinicius. Em torno do mestre. SP	1933
168			
169		Os dezoito do forte	
170		Fontes, Norbal. No reino do pau-brasil. RJ	1933
171		Valle, Pereira. Longe de mim mesmo. Piraju	1905
172		Prata, J. pétalas. SP	1925
173		Camargo, Odecio. Patologia do Júri. SP	1934
174		Machado, Fernando. O conselho do Estado e sua História no Brasil. SP	1913
175		Luiz, Pedro. A Pátria. SP	1897

176		Seixas, Aristeo. Os versos áureos de Pitágoras. SP	1916
177		Lopes. Oscar. Medalhas e Legendas. RJ	1906
178		Gautier, T. Émaux et Camées. Paris.	1919
179		Varella, Fagundes. Obras Completas. RJ	
180		Victor Hugo. Lês Orientales. Paris.	1879
181		Filho, Dornos. O padroado da igreja brasileira. SP	
182		Taunnay, Afonso. Na era das bandeiras. SP	1922
183		Becher, João. O comunismo Russo e a civilização cristã. SP	1931
184		Mennucci, Sud. O cílio poético da Amadeu Amaral. SP	1925
185		Magalhães, Almicar. Pelos sertões do Brasil. SP	1914
186		Barbosa, Almiro. As obras primas do conto brasileiro. SP	
187		Agassiz, Luiz. Viagem ao Brasil. RJ	1938
188		Karam, Francisco. O Estado Capitalista. RJ	
189		Alencar, José. As Minas da Prata	
190		Morais, Raimundo. Histórias silvestres. RJ	
191		Calmon, Pedro. Histórias do Brasil. SP	1943
192		Vieira, Hermes. Vicente de Carvalho. SP	1943
193		Amaral, Luiz. As Américas antes dos europeus. SP	1933
194		Camões. Os Lusíadas. SP	1944
195		Azevedo, Álvares. Obras. SP	
196		Raedus, George. D. Pedro II e o Conde de Gabineau. SP	

197		Taunay, Visconde. Ouro sobre azul. SP	
198		Maurois, André. A vida de shelly. SP	1941
199		Assis, Machado. Memorial de Ayres. SP	1944
200		Neme, Mario. História da fundação de Piracicaba. Piracicaba	1943
201		Correa, Viriato. A Bandeira das esmeraldas. SP	1945
202		Filhos, Luiz. A vida de Rui Barbosa. SP	
203		Levy, Artur. A vida íntima de Napoleão. RJ	1943
204		Taunay, Afonso. Relatos monçoeiros. SP	1953
205		Munthe, Adel. O Livro de San Michele. Portp Alegre	1943
206		Taunay. Viagem a Província do Rio de Janeiro e São Paulo. SP	1953
207		Taunay. Segunda viagem a SP e o quadro histórico da Província de São Paulo. SP	1953
208		Baldus, Herbert. Bibliografia Crítica. SP	1954
209		Taunay. Província de São Paulo. SP	1954
210		Fontes, Martim. Canção do meu Vergel. SP	1937
211		Fontes, M. Sol das almas. SP	1936
212		Fontes, M. Schaharazade. SP	1929
213		Fontes, M. O mar. SP	1922
214		Fontes, M. Poesias. SP	1928
215		Fontes, M. Poesias completas. SP	
216		Fontes, M. Nós, as Abelhas. SP	1936
217		Fontes, M. As cidades eternas. Santos	1923
218		Fontes, M. Guanabara. SP	1936

219		Fontes, M. Bohemia Galante. Santos	
220		Fontes, M. O colar partido. Santos	1927
221		Fontes, M. Terras da fantasia. Santos	1933
222		Fontes, M. Verão. Santos	1917
223		Fontes, M. A Dança. Santos	1919
224		Fontes, M. Volúpia. Santos	1924
225		Antologia dos poetas Paulistas. SP	1933
226		Vasconcellos, Augusto. Ciências físicas naturais. Porto	1928
227		Freire, Laudelino. Sonetos Brasileiros. RJ	

**ANEXO L – Poemas, inéditos em livro, publicados em periódicos
até o ano de 1908**

SUMÁRIO

Nota explicativa.....	419
1899	
Canicular.....	421
Flor da ressurreição.....	421
Insônia.....	422
Vendo-a passar.....	422
1900	
Ao adormecer.....	423
Il ritorno.....	423
Noite ideal.....	424
Página funesta.....	424
Reminiscência.....	425
Última página [a].....	425
1901	
À janela.....	426
Matinal [a1].....	427
Ponto final.....	427
Sonho negro.....	428
1902	
Agouro.....	428
As estações.....	429
Perfídia.....	430
Sonho azul.....	430
Última página [b]	431
1903	
Dilúculo.....	431
Extremo porto.....	432
Marinha.....	432
O enterro de Julieta.....	433
1904	
Coração defunto.....	434

Esther.....	434
Noite de amor.....	435
O dinheiro.....	435
Ao cair da tarde.....	436

1905

Em viagem.....	436
Lira azul [a].....	437
Lírio morto.....	437
Longe.....	438
Náufrago.....	438
Ontem e hoje.....	439
Sonho azul.....	439

1906

Horas negras.....	440
Milagre.....	440
Morta.....	441
Os desiludidos.....	441

1907

A serenata.....	442
A visita.....	442
Castigo.....	443
Coração defunto.....	443
Frineia.....	444
Incoerência.....	444
Lira azul [b].....	445
Matinal [a2].....	445
Meia-noite.....	445
Noite de angústia.....	446
Poder do amor.....	447
Por teu amor.....	447
Só.....	448
Um devoto.....	448
Versos de um triste.....	449

1908

A embaixatriz.....	450
--------------------	-----

NOTA EXPLICATIVA

1. Sobre as datas

Os poemas, inéditos em livro e publicados até 1908 em periódicos, foram organizados por blocos de datas anuais. Cada ano corresponde ao ano de publicação do poema, ou seja, corresponde à (e coincide com) a data de lançamento do número ou edição do jornal ou revista em que ele foi publicado.

Poemas que possuíam indicação de data feita pelo autor, foram organizados de acordo com o primeiro critério, porém, optou-se por transcrever a data indicada entre colchetes [] e ao lado do título do poema.

2. Sobre a transcrição dos textos

2.1. Dos critérios para a transcrição dos textos

- Atualizou-se a ortografia;
- Foram mantidas marcações gráficas (com exceção das marcações nos títulos, todos reproduzidos em letras maiúsculas, para facilitar o reconhecimento do texto, e dedicatórias, transcritas abaixo dos títulos, entre parênteses) como: negritos, itálicos e parênteses;
- Trechos ilegíveis foram assinalados com [trecho ilegível]. Deu-se a classificação de “trecho ilegível” para quando uma palavra inteira ou mais de uma não estava legível;
- Partes ilegíveis de palavras foram assinaladas com [x], independente do número possível de letras faltantes.

2.2. Dos títulos dos poemas

- Foram mantidos os títulos originais dos poemas;
- Em caso de poemas diferentes como o mesmo título, o sumário assinala com uma letra diferente o alfabeto, entre colchetes, cada um deles;
- Em caso de poemas em versões diferentes, isto é, ligeiramente modificados pelo autor, que possuem, por isso, o mesmo título, o sumário assinala com uma letra do alfabeto, entre colchetes, seguida de um número, correspondente à versão do poema.

1899

CANICULAR
(A Álvaro Guerra)

É meio dia. Na tremente parra
Bate o sol em galões, em beijos d'ouro;
Zumbe, zumbe no azul negro besouro
Qual o som de uma límpida fanfarra.

Num coqueiro sombrio, uma cigarra
Canta, enredada no seu cacho louro;
Despenha-se a cascata num estouro
Como caindo de uma estranha jarra...

Um cravo rubro as pétalas espalma...
E as andorinhas, na ardentia calma,
Brincam na espuma nívea da cascata.

Passa uma aragem perfumada e fria;
Murcham-se as flores ao calor do dia
E um perfume dos seios se desata...

FLOR DA RESSURREIÇÃO [1898]

Há no Egito uma flor maravilhosa,
Que após anos e séculos colhida,
Inda conserva, embora seca, a vida,
Embora perca o olor e a cor mimosa.

Mas basta que uma lágrima piedosa
O cálix lhe umedeça: a adormecida
Flor desabrocha, agita-se, e a perdida
Beleza volta, estranha, misteriosa!

Também meu coração há tempos dorme,
Mirrado e triste, sob o peso enorme

Do teu desdém fatal, que o dilacera!

Porém teu pranto basta, ó flor querida,
P'ra fazê-lo volver, sorrindo, à vida,
E florescente como dantes era.

INSÔNIA

Vai alta a noite. Taciturno e pálido,
Contemplo o vasto e plúmbeo firmamento...
Nem uma estrela resplandece. O vento
Traz-me das rosas um perfume cálido...

Inclino a fronte e choro. Uma diabólica,
Praga minh'alma solta, num lamento...
E eu sozinho!... Meu Deus! que desalento
Sinto nesta hora fria e melancólica...

Tenho um oceano de pesares n'alma!...
Amei outrora, e nunca mais se acalma
A saudade em meu triste coração!

Não basta o desalento que me invade,
Não basta a dor atroz desta saudade,
E inda esta negra e fria solidão!...

VENDO-A PASSAR

Quando ela passa, altiva e encantadora,
Co' a cabeleira em ondas, flutuante,
Há no seu belo e lirial semblante
A luz serena de uma estranha aurora!

Há nos seus lábios, onde um riso mora,
Uma doçura estranha e alucinante,
E no seu olhar vivo e deslumbrante
A luz divina que minh'alma implora!...

Quando ela passa, há um sussurro vago
 De vozes, como o que há num manso lago
 Quando o fende veloz uma andorinha...

Corteja todos num sorriso doce:
 E a saudade rescende qual se fosse
 Uma formosa e lânguida rainha!

1900

AO ADORMECER

Entra na alcova. Move a ventarola
 E lembranças fatais da frente afasta;
 Desata a cabeleira flava e basta
 D'onde um perfume cálido se evola.

Depois – irmã das flores – a corola
 Beija de uma camélia nívea e casta...
 Despe-se toda. O seu alvor contrasta
 Co'o véu negro que a noite desenrola...

Mira-se um grande espelho; e então, sorrindo,
 Lê uma carta, nuncia de ventura,
 Muitas vezes um nome repetindo.

Depois acede às seduções do leito...
 Sonha... e em seus lábios cheios de frescura
 Surge o lótus de um riso satisfeito.

IL RITORNO

Numa gôndola azul e pequenina,
 - Nauta do sonho, - pelo mar a fora,
 Parti um dia ao despertar da aurora
 Rompendo um frio manto de neblina.

Na praia, ela chorava. A matutina
 Aragem vinha trépida e sonora
 Beijar-lhe a trança basta e encantadora
 E a fronte envolta em palidez divina...

Vi cidades, florestas e montanhas
 Mulheres ideais, formas estranhas
 E tudo que na terra há de celeste...

Voltei: tinha a alma de ilusões povoada!
 A praia era deserta, abandonada,
 E ela jazia à sombra de um cipreste!...

NOITE IDEAL

Certo, querida, noite como aquela
 Jamais, jamais teremos nesta vida,
 Eu, risonho e feliz e tu, donzela,
 Em meus braços sorrindo embevecida.

Mas depois – como em noite de procela
 A ave longe da prole estremecida,
 Tremias toda, - tímida gazela –
 Cheia de medo, triste, arrependida...

Perto, nem um rumor: só em segredo
 Passava a aragem branda e sedutora
 Beijando a coma ondeante do arvoredos.

Noite, noite ideal, noite de flores
 Tu brilhas em minh'alma cismadora
 Como a piedosa estrela dos pastores!...

PÁGINA FUNESTA [1899]
 (A. I. A. Leite Penteados)

A viração da tarde, olente e pura,

Brincava em sua alcova pequenina,
 Ora fazendo franjas na cortina,
 Ora ondeando-lhe a trança basta e escura.

Judith, tranquila e cheia de ventura,
 - Co'a auréola da beleza que fascina, -
 Lia, em voz baixa e plácida, em surdina,
 Uma história de amor e de loucura.

Mas quando estava já do livro em meio
 Parou, (e arfava seu marmóreo seio)
 Lendo uma folha cheia de agonia!

E dos seus olhos negros, refulgentes,
 Caíram duas lágrimas ardentes
 Umedecendo a página que lia!...

REMINISCÊNCIA

Há quanto tempo amor, que despertando
 Ao clarão doce e límpido da aurora,
 Fomos ditosos, pelo bosque a fora,
 Colhendo flores, rindo, nos beijando.

Tudo sorria!... Pássaros cantando
 Nas moitas!... A voz límpida e sonora
 Do vento no arvoredor, onde eu, outrora,
 Gravei teu nome perfumoso e brando!...

Há quanto tempo, amor, há quantos anos!
 E inda te vejo em tudo, inda me embala
 Tua voz, após tantos desenganos!...

Inda te vejo, amor, no bosque frio!
 Inda parece que ouço a tua fala,
 Na voz do vento, no chorar do rio!...

ÚLTIMA PÁGINA

Lanço-te inda um olhar cheio de pranto,
 Digo-te o adeus fatal da despedida.
 Beijo-te a boca purpurina, enquanto
 Minh'alma chora, trêmula e sentida.

Nunca mais ouvirei teu doce canto,
 Nem terei mais sossego nesta vida!
 Adeus! pra sempre adeus, meu doce encanto,
 Que é chegada o momento da partida!...

Já não és minha!... Triste e desolado
 Lanço um véu negro sobre o meu passado,
 Co'o coração de lágrimas coberto!...

Vai talvez procurar um outro ninho
 Enquanto eu, sem amor e sem carinho
 Fico só neste lúgubre deserto!...

1901

À JANELA [1900]
 (A Aninha Teixeira)

Quando, à tardinha, vejo-te à janela,
 Toda de branco, toda trescalante,
 Acho-te muito mais graciosa e bela,
 Parece que há mais luz no teu semblante.

Na sombra da janela, nesse instante,
 Brilha o teu vulto, ó cândida donzela,
 Como, alta noite, em negro céu distante,
 O vulto claro e belo de uma estrela.

Louco de amor e louco de ventura,
 Alongo o olhar, buscando, embevecido,
 O teu celeste olhar que me procura.

E quantas horas passo nesse enleio!

Se há tanto ardor em teu olhar querido?
Se tanto afeto num teu gesto leio?

MATINAL

(A Francisco Gaspar)

Hoje bem cedo, mal o sol, sangrento,
Descerrara as cortinas do Levante,
Corri ao bosque, de cabeça ao vento,
Com a esperteza própria de um amante.

Interrompendo o módulo descante,
Um pintassilgo leve e barulhento:
- “O que buscas tão cedo e tão distante?” –
Disse, de um ramo em flor, nesse momento.

Havia em tudo agitação estranha:
Sussurros – que saíam da campina,
Rumores – que desciam da montanha.

E de repente estaco, surpreendido:
Era o teu nome, flor, que uma bonina
Murmurava num último gemido!

PONTO FINAL

(A Arthur Goulart)

Do nosso breve e trágico romance
Traço hoje, em pranto, a linha derradeira,
Trêmula a mão e de uma tal maneira
Que quase paro neste extremo lance!

Tudo está findo! Uma existência inteira
Consumi, louco, no tremendo transe,
Sem um sonho deixar, onde descanse
A alma abatida e cheia de canseira.

Foram-se os sonhos! Foi-se, soluçando,

Num bater de asas rápido e fremente
Das minhas ilusões o claro bando!

E ao findar esta página dorida,
Como ponto final, deixo, tremente,
A derradeira lágrima vertida!

SONHO NEGRO (À flor das flores)

Esta noite, querida, tive um sonho
Tão tétrico, tão negro, tão escuro,
Que vi desfeito todo o meu futuro,
O oásis que entrevejo tão risonho!

Vi-te de branco. Cândida capela
Cingia-te o semblante alvo e perfeito;
Eras noiva e não eu o teu eleito...
Naquele instante como estavas bela!

Cheio de mágoa e pálido de espanto,
A toda a cena eu, trêmulo, assistia
Do enterro do meu sonho derradeiro...

Se num sonho, formosa, eu sofri tanto,
Calcula agora a dor que eu sofreria
Se aquele sonho fosse verdadeiro!

1902

AGOURO

Corre de boca em boca, a funesta notícia,
(É o prévio funeral de um coração exausto!)
Que a luz do teu olhar de dúlcida carícia
Se apagou para mim, entre ouropéis, no fausto.

Crivam-me de sarcasmo olhares de malícia
 Cheios, a minha mágoa haurindo, de hausto em hausto,
 Sem vislumbre fugas de piedade propícia
 À esperança final deste viver infausto.

Em vão soluço e gemo estendendo-te os braços!
 Em vão, sôfrego, bebo o [trecho ilegível] dos teus passos
 Ao luar que difunde tua sombra [trecho ilegível]

Volta com teu amor! Sê meu [trecho ilegível] na terra
 Em meio à turba vil, [ilegível] língua descerra
 A [trecho ilegível]

AS ESTAÇÕES [1901]

Ontem, à sombra densa da alameda
 Após breve e metódico passeio,
 À rósea luz do meigo olhar de Leda,
 Esta pergunta, ao lábio a rir, me veio:

- “De que estação mais gostas, meu tesouro?”
 “Com certeza há de ser da primavera,
 “A soberana de cabelos de ouro
 “Que traz em cada fio uma quimera.

“O estio deve aborrecer-te, logo
 Que a sua luz metálica e ofuscante,
 Que abrasa e queima, queima como fogo,
 Te creste a flor de neve do semblante.

“O outono é triste, triste como aquela
 “Manhã em que deixaste os nossos lares:
 “Põe lágrimas no olhar de cada estrela,
 “Veste de luto os bosques e pomares.

“E o inverno, frio...” Leda, então, ligeira
 Levando à minha boca a mão nevada,
 Não me deixou concluir, leve palreira
 A rigorosa frase começada.

E então por entre as pérolas de um riso,
 Disse: - “Prefiro essa estação algente,
 Em que me abriste d’alma o paraíso
 Em que jurei ser tua eternamente!”

PERFÍDIA

Dias cheios de sol, meses de flores, anos
 Azuis, tudo passou como flocos de espuma!
 De tantas ilusões não me ficou nenhuma,
 Não me restam senão acerbos desenganos!

Vimo-nos: desde então, em meus ideais insanos
 Revoaste pomba êxul de veludosa pluma,
 E desse erro fatal inda a lembrança esfuma
 Meus amplos céus de Abril de mil astros ufanos.

Porque fui dar abrigo a uma ave forasteira
 No pombal juvenil dos meus amados sonhos,
 A uma ave que de sangue e alheia dor se nutre?

Tarde de conheci, dissipada a cegueira,
 Tu que trazes oculto, em requebros risonhos,
 N’uma forma de pomba um coração de abutre.

SONHO AZUL

À sombra rumorosa do arvoredos
 Aberto em flor, distante do caminho,
 Ergueremos um dia o nosso ninho,
 Como desejas, pequenino e ledos.

Entre flores e livros, em segredo,
 Ouvindo da cascata o murmurinho,
 Hei de contar-te, com maciez de arminho,
 Do meu amor o doloroso enredo.

Um pintassilgo e um canarinho louro
 Abrindo os bicos, em torrentes de ouro,
 Hão de trazer o nosso lar em festa.

Calcula, amiga, que viver risonho!
 Ambos sorrindo, docemente, à sesta,
 Nos aconchegos tépidos de um sonho!

ÚLTIMA PÁGINA (A F. Lagreca)

É a hora da partida! Entre canções, o dia
 Desdobra lentamente a túnica de opala.
 Nada me prende aqui. Nenhuma flor trescala;
 - Passou a primavera azul da fantasia.

Ó sonhos e ilusões, que eu tanto estremecia,
 Que ninguém vos perturbe em vossa eterna vala
 De tudo quanto amei nenhuma voz me fala!
 Está findo o romance; um outro principia...

Cristalizai meu pranto, ó aves! derramai-o
 Pelas tarde de Abril, pelas manhãs de Maio!
 Abri o coração das flores com meus versos!

Perpetuai meu nome, ó pombas de granito.
 Já que no coração destes seres perversos
 Não logrei conservá-lo um só momento escrito!...

1903

DILÚCULO

Pela amplidão do mar, pisando de onda em onda,
 Foge a noite arrastando a cauda de sultana.
 Voam nuvens de leite. Em pranto, áurea e redonda,
 Fecha-se a derradeira estrela a pouco ufana.

Em grupos, magem bois ao longo da savana.
 Sobe um fumo de choça; um melro os ares sonda.
 No ribeiro fugas que, em coleios, dimana.
 Remam gansos, de leve, em silenciosa ronda.

As estriges ferais, em agoueiradas levadas,
 Em pânico, fugindo, antes que o sol desponte,
 Se debatem, sem rumo, em procura das trevas.

E, sob o alto dossel de púrpuras radiosas,
 Desce a aurora, a sorrir, do píncaro do monte,
 Com a estema de chama e a túnica de rosas...

EXTREMO PORTO [1901]
 (A Francisco Teixeira)

O céu é plúmbeo e torvo, o mar é torvo e horrendo.
 As ancoras colhendo, ovante e sobranceira.
 Zarpa a frota, mar fora, impávida, a barreira
 Das maretas vingando e a vastidão vencendo.

Erram gaivotas, longe. O dia morre. Erguendo
 O pirático olhar para a amplidão, ligeira,
 Agita-se a maruja. A trêmula bandeira
 Nas dobras pressagia um temporal tremendo.

As nuvens, em legiões, alinham-se defronte,
 E, no campo do espaço, abalando o horizonte,
 Retumbam os trovões, abafando o marouço.

Estala a frota, em ruína; e, túrbido, de rastros,
 Ao fogo da tormenta a devorar-lhe os mastros,
 Ronca e rosna rolando o rábido molosso...

MARINHA [1902]

Asas soltas à luz que os amplos céus alaga,

Erram garças, num branco estremecer de plumas.
A aragem, que palpita, acariciando a vaga,
Pelo oceano passeia em seu coxim de espumas.

Arrogantes galeões de velas cor das brumas
Se afastam, mar a dentro, em rumo de áurea plaga
Boiam conchas de opala e de orlas tírias: umas
De voz mansa de idílio, outras de voz pressaga.

Na praia, um nauta audaz, que o estranho clima tosta,
Ouvindo o rebramar das maretas na costa,
Deixa o pranto rolar que o coração lhe escalda.

E, de leve, o diadema em chispas agitando,
Expira o sol, num beijo olímpico arrancando
Aos glaucos vagalhões coriscos de esmeralda...

O ENTERRO DE JULIETA

Num cortejo floral, ao alto da colina,
Caminha para a cova o corpo de Julieta,
Leve como uma concha errante e pequenina
Que avança para o pego ao dorso da maretá.

Tão pequeno é o caixão, que uma débil menina
O ergueu. Que esquife bom para uma borboleta!
O lírio, ao ver passar o enterro, a fronte inclina,
E estrelam-se de pranto as folhas da violeta!

No alto, como um dossel de espuma, orladas de ouro,
Tremem nuvens de arminho. Os pássaros, em coro,
Choram abemolando mesta sinfonia!

E, sobre tudo aquilo, em aureolante assomo,
A estrela do pastor desabrocha e brilha como
Uma lágrima azul dos olhos de Maria! ...

CORAÇÃO DEFUNTO

Crianças virginais de bocas perfumadas
 Como os jardins em flor, como o coral das rosas,
 Anjos presos na terra, humanas alvoradas
 De voz de rouxinol e comas ondulosas,

Não tenteis reviver as ilusões doiradas
 Do meu passado azul sepulto entre mimosas!
 Dentro d'esta alma envolta em névoas condensadas
 Já nem um sonho agita as asas luminosas!

Por que vindes cantar d'este sepulcro às bordas?
 Qual de vós logrará fazer sorrir um morto?
 Quem logrará tanger um bandolim sem cordas?

Eu não vos posso amar! Colhei os risos ternos!
 Pois o meu coração, que arrastro de Horto em Horto,
 Tem mais gelo, talvez, do que um milhão de invernos!

ESTHER

Que nome doce! Um colibri ridente
 N'essa violeta mística cicia!
 Nome não há que mais enleve a gente,
 Nem mesmo o santo nome de Maria!

Parece, quando alguém o pronuncia,
 Que se desfolha um lírio redolente...
 É uma canção! Chamar-se Esther devia
 A estrela d'Alva, a pérola do Oriente!

Nenhuma flor tem nome igual, nenhuma,
 Nem o jasmim de pétalas de espuma,
 Nem as cecéns e os bogaris risonhos...

Esther!... Ao som dessa maviosa prece
 No mais estéril coração floresce

Todo um canteiro olímpico de sonhos!

NOITE DE AMOR

Quando me deste, pálida, ofegando,
O teu primeiro beijo, ao fim do dia,
No acaso em fogo e púrpura nascia
Vésper sorrindo, trêmula, radiando.

Entre os meus braços, rútilo, fulgia
Todo o teu corpo lírico e vibrando
Cada vez que o meu beijo, fuzilando,
Iluminava a câmara sombria!

Sob o docel azul da fantasia
Silfos bailavam, trêfegos, em bando
Numa ciciosa e música alegria.

Quando me deste, pálida, ofegando,
O extremo beijo, a soluçar, - morria
A estrela d'Alva, trêmula, chorando!

O DINHEIRO

Arrastando cidades e cidades,
- Templos, torrões e coruchéus quebrando
O excelso Rei de todas as idades
Domina como um Átila execrando.

Partindo cetros e ídolos, comprando
Corações de cristal, de claridades,
O oiro prolonga o seu reinado infando
Erguendo monumentos às vaidades...

Malditos sejam os vassalos do Oiro,
Que entrincheirados na arca do Tesouro
Insultam a Miséria que planteia!

Maldito seja o déspota – Dinheiro,
 Que, há dous mil anos quase, na Judéia
 Pregou Jesus no trágico madeiro!

1905

AO CAIR DA TARDE

Na violeta da tarde, flabelando,
 As andorinhas vão pousar na igreja,
 Como uma chusma de almas, como um bando
 De esperanças n'um seio que viceja.

Descerra um astro as pálpebras, radiando,
 Frio como um cutelo que branqueja.
 Calam-se os ninhos. Só se escuta um brando
 Mexer de aragens. Nem um bico harpeja.

Pirilampos flamejam pela alfombra.
 A terra, como um gigantesco helianto,
 Languece e dorme sob um véu de sombra.

E entre rasgões de nuvens de oiro e os dobres
 D'Ave Maria, a noite, que abre o manto,
 Acende no alto a lâmpada dos pobres...

EM VIAGEM

Quando surges na curva no caminho
 Toda de branco, loura e tagarela,
 O lírio colhe as pétalas de arminho
 E balbucia a medo: - Como é bela!

Diz a palmeira: - Quem me dera aquela
 Serena majestade! – E um murmurinho,
 O claro arreio, que transpões, se es rela
 Beijando a fímbria ao teu roupão de linho.

Curvam-se as tranças para dar-te flores;
 As trepadeiras lançam-te perfume,
 E os passarinhos tecem-te louvores.

E um colibri que foge vale a fora,
 Murmura, ao ver-te, cego por teu lume:
 - Abri-vos, rosas? vai passando a autora?

LIRA AZUL

Vagueio pelas florestas,
 Pelo vale, pelo prado,
 Colhendo lírios e giestas
 Para ti, anjo adorado.

Vê quantas amargas dores
 Me custam os teus carinhos
 Para cercar-te de flores
 Vivo cercado de espinhos!

LÍRIO MORTO

Pobre flor! É tão frio o leito em que repousas
 À sombra funerária e negra de um salgueiro,
 Na cidade feral das cruces e das louças,
 Edificada por um lúgubre coveiro!

Os soluços de um bronze e o pranto derradeiro
 De uns olhos flébeis onde os olhos já não pousas,
 Foram os funerais do meu amor primeiro
 Que contigo baixou ao silêncio das cousas!

Tudo o que cerca o alvor do mármore em que jazes
 Tem a desolação de um angustioso inverno,
 E a lividez glacial dos túmulos vorazes!...

Lírio! quem te colheu e te vestiu de roxo?
 Quem te deixou a ouvir, tão só, no sono eterno,

Os salmos de um Salgueiro a cânticos de um mocho?

LONGE

Muitas vezes chorando de saudade,
 Ao desfilar monótono das horas,
 O olhar derramo pela imensidade
 Fitando ao longe, a casa em que tu moras!

Então me fogem lágrimas sonoras
 Mais tristes do que os dobres da trindade.
 Ao ver o lar de que clarões enfloras
 Que funda mágoa o coração me invade!

Ah! quem me dera as asas de uma pomba
 Que os ares corta e dos abismos zomba
 Roçando a fimbria às nuvens rosicleres;

E vai serena como um grande sonho,
 Tecer o ninho em teu jardim risonho,
 Numa constelação de malmequeres!

NÁUFRAGO

Acossado por ventos e procelas,
 À luz dos raios naufragou meu barco
 De mastros de ouro e purpurinas velas,
 Na rota que hoje com meu sangue marco.

Sonhos tão róseos, ilusões tão belas,
 Tudo perdi! Agora, febril, arco
 Com uma cruz, em noite sem estrelas,
 Atolado no meio deste charco!

Foi a pique de vez o meu tesouro!
 Mas não lamento, num inútil choro,
 Haver perdido os cabedais tão cedo!

Deploro apenas, mísero precito,
Não ter deixado o coração maldito
Espetado na ponta de um rochedo!

ONTEM E HOJE (A Tito Franco)

Nos belos tempos em que fui amado
Com mil extremos, com ternura e zelo,
Teu sorriso deixava-me abrasado,
Embora fosse na estação do gelo.

Hoje, porém, sozinho, abandonado,
Sem teu afeto, sem o teu desvelo,
Choro, relendo o livro do passado
De folhas de oiro, cor do teu cabelo!

Quando me fitas, silenciosa e séria,
Embora seja no incendiado estio,
Tu me congelas, frígida Sibéria!

Há tanta neve em teu olhar sombrio
Que, à sua dúbia irradiação funérea,
Sinto minh'alma tiritar de frio!

SONHO AZUL

Ao ver-te o vulto nobre de princesa,
Filha das brumas de um país do Norte,
Sinto não ser um conde belo e forte
Para á tua juntar minha nobreza.

E nos festins da corte, em gentileza
Vencer a todos e no lindo porte,
E nos combates afrontar a morte
Com todo garbo e com audaz firmeza.

Saber vibrar serenamente a lança,

E ser, por teu sorriso róseo e doce,
Firme no prélio e justo na vingança.

Colher louros em plaga levantina,
Por ti, princesa, e, se preciso fosse,
Levar teu nome muito além da China.

1906

HORAS NEGRAS [1905]

Noite. Na escuridão soturna do meu quarto
Penso em ti, meu amor! Lá fora o furacão
Urta como um gigante e dobra o cedro que, harto
E invencível, agita os braços na amplidão.

Sem ilusões, da vida há muito tempo farto,
Sinto que mais me pesa agora a solidão.
De desespero à porta a frente quase parto
Quando estoira no espaço a bomba de um trovão.

Contra a janela, em fúria, investe a ventania
Rugindo como um leão nas vascas da agonia.
Brilham raios em duelo... oiço lamentos... ais...

Que noite fria!... E eu só, chorando num delírio,
Por esse corpo em flor, mais branco do que um lírio,
Que não apertarei nos braços, nunca mais!...

MILAGRE

Em meu batel de velas cor de arminho
E flâmulas de seda cor de rosa,
Eu me perdi num vórtice marinho,
Numa sinistra noite procelosa.

Num plúmbeo espaço, onde o trovão bramia,
Serpejavam relâmpagos ardentes,

E, abrindo a boca, o undoso mar rugia,
 Dos escolhos mostrando os pretos dentes.

Como uma concha, em trépido balouço,
 O meu batel bailava, solto e leve,
 Sobre o dorso ondulante do marouço,
 Entre parcéis e espumas cor de neve.

Cheio de medo, trêmulo de susto,
 Quis então invocar a Virgem Santa
 E murmurei teu nome doce e augusto
 Que, como a voz das cítaras, me encanta.

Nisto – oh! milagre! – emudeceu o vento,
 As ondas afastaram-se de rastros,
 E a via-láctea ao alto firmamento
 Desabrochou como corimbo de astro!

MORTA

Morreste para mim, mulher perjura!
 Cheio de angústia, num sombrio canto
 Do coração te abri a sepultura
 E enterrei esse corpo que amo tanto!

E, acabrunhado em lágrimas desfeito,
 Com o próprio sangue, em vivos caracteres,
 Eu escrevi na campa do meu peito:
 “Aqui jaz a mais falsa das mulheres”.

OS DESILUDIDOS

Ei-los em bando, tristes, merencórios,
 - Procissão de fantasmas soluçantes! –
 Seus olhos lembram velhos oratórios
 Onde vasquejam círios pelejantes.

Muito alto ergueram os torreões marmóreos

Das ilusões de céulas cambiantes!
 Nada ficou dos belos tempos flóreos
 De auroras d'oiro e acasos aureolantes.

Que dor empolga o coração dos párias!
 Nas suas almas (câmaras mortuárias
 De sonhos) ardem lágrimas atrozes.

Volvem do céu as vistas más, pressagas:
 E, bracejando, num trovão de vozes,
 Rompem a marcha fúnebre das pragas!

1907

A SERENATA

Só, no meu leito, me revolvo. A lua
 Por uma fresta enfia o olhar de prata;
 Longe, angustiante, na deserta rua,
 Um bandolim em prantos se desata.

E, aos poucos, o teu vulto se insinua
 Nesta alma ansiosa, que a saudade mata...
 Ah! como é triste, numa alcova nua,
 Ouvir o choro de uma serenata...

... Sonho que dormes, lânguida, ao meu lado,
 E aspiro o teu aroma dulçuroso
 Como o perfume de um jasmim nevado.

Beijo-te a fronte, afago-te o cabelo...
 E saio deste sonho esplendoroso
 Para cair no eterno pesadelo!

A VISITA

Raiara há muito a madrugada, entanto
 Thereza, embora o luminoso dia

Banhasse de oiro e fogo o azúleo manto,
 Conservava cerrada a gelosia.

Pelo jardim de glauca ramaria
 Vozes se ouviam de ansiedade e espanto.
 Na candidez das pétalas havia
 Cintilações de pérolas de pranto.

No agasalho das árvores anosas,
 Se encolhiam nas túnicas plumosas,
 Cheios de mágoa, os tristes passarinhos.

Mas quando, enfim, o vulto de Thereza
 Assomou, entre júbilo e surpresa,
 Rompeu a orquestra festival dos ninhos!

CASTIGO

Ao pé da imagem santa de Maria,
 A sós, tomando a sua mão tremente:
 Eu, que com falsos beijos a iludia,
 Jurei que a adoraria eternamente.

Hoje que aquele coração divino
 Já não pulsa por mim em ais desfeito,
 Por um justo castigo do destino,
 Estou cumprindo o juramento feito!

CORAÇÃO DEFUNTO

Crianças virginais de bocas perfumadas
 Como os rosais em flor, como o coral das rosas,
 Anjos de mãos de arminhos, humanas alvoradas
 De voz de rouxinol e tranças veludasas,

Não tenteis reviver as ilusões douradas
 Do meu passado azul sepulto entre mimosas!
 Dentro d'esta alma envolta em névoas condensadas,

Já nem um sonho agita as asas luminosas!

Porque vindes cantar d'este sepulcro às bordas?
 Quem poderá fazer pulsar na cova um morto?
 Quem logrará tanger um bandolim sem cordas?

Nunca mais hei de amar! Colhei os risos ternos!
 Pois o meu coração, que arrasto de Horto em Horto,
 Tem mais gelo, talvez, do que um milhão de invernos!

FRINÉIA

Há na pompa da tua cabeleira
 Uma ânfora de essências derramada,
 Oh! protetora e lírica palmeira
 A cuja sombra a vida é uma alvorada!

A alma sentida por atroz lufada,
 Desterrada dos sonhos forasteira,
 Nas asas da esperança derradeira,
 Te busco, e à vida volta iluminada! –

Tua voz é mais doce que um segredo.
 Pranto não há que lânguido não seques
 Com o esplendor de tua imagem bela! –

E és tão leve que às vezes tenho medo
 Que tu, ruflando as asas de dois leques,
 Fugas cantando para alguma estrela! –

INCOERÊNCIA

Há dias, Frínia, vendo-me ferido,
 - Golpe sutil de que sarei sem custo –
 Soltou de chofre um grito dolorido,
 Quase teve uma síncope de susto.

No entanto, à minha dor indiferente,

Quantos golpes acerbos tem vibrado
 Em minh'alma que chora amargamente
 Murmurando o seu nome idolatrado!

LIRA AZUL

Quando, ontem, às escondidas,
 saías com o avental
 cheio de rosas colhidas
 nas leiras do meu quintal,

quase estreitei-te em meus braços,
 de amor num extremo arroubo,
 para cobrar-te em abraços
 todas as rosas do roubo.

MATINAL

Ontem, ao vir tingindo o firmamento
 Do sol de Outubro a púrpura flamante
 Corri ao boque, a fronte exposta ao vento,
 Com a esperteza própria de um amante.

E interrompendo o módulo descante,
 Um pintassilgo de oiro, barulhento:
 “Bom dia! Que procuras tão distante?”
 Disse, de um ramo em flor, nesse momento.

Havia em tudo agitação estranha:
 Aragens que brincavam na planura,
 Sussurros que desciam da montanha.

De chofre escuto um hino de louvores;
 Era o teu nome, cheio de doçura,
 Que ao céu subia na oração das flores!

MEIA-NOITE

Penso... Na solidão da rua adormecida
 Vasqueja dos lampiões o funerário lume.
 De espaço a espaço, a lua, através do negrume
 Das nuvens frouxas, mostra a face entristecida.

No coruchéu de um templo onde, em manhã florida
 Me embriagou de Frínia o tépido perfume,
 Pia uma estrige. O vento é um fúnebre queixume,
 Há um brusco ramalhar de frondes na avenida.

Nesta hora de pavor e dúvidas sombrias,
 De pactos infernais, de sangue e de magias,
 Eu faço ao mudo céu sacrílegas perguntas.

Exacerba-me o sangue a dor que não se acalma.
 E sinto desfilar pelo silêncio da alma
 O cortejo feral das ilusões defuntas...

NOITE DE ANGÚSTIA

Que frio! E eu só! Oh! noite de amargura!
 Lá fora ulula com fragor o vento
 Desgrenhando o arvoredado, que murmura,
 De mãos erguidas para o firmamento.

Meu leito é uma gelada sepultura,
 O lençol – um sudário... Embalde tento
 Dormir! ... O frio cresce e me tortura!...
 A minha alma tirita... Que tormento!

Ah! se ela, cheia de piedade e zelo,
 De amor vencida, viesse, neste instante,
 Envolver-me no manto do cabelo!...

Loucura minha! A um sonho em vão me aferro!
 Nunca mais brilhará o seu semblante
 Neste noturno cárcere de ferro!

PODER DO AMOR

Quando apertei a sua mão macia
 No mosaico policromo da escada,
 Nos cismadores olhos dela havia
 Uma dorida mágoa condensada.

Também no espaço a noite ia baixando
 Sem um tremor de estrela que desperta,
 E esparsas nuvens em soturno bando
 Iam passando em direção incerta.

Quando, porém, lhe confessei o eterno
 Amor que me deixou esta alma louca,
 Banhou seus olhos um lampejo terno
 E encheu-se de sorrisos sua boca!

O cenário mudou-se num momento:
 Desfizeram-se as nuvens tenebrosas,
 E apareceu, radiando, o firmamento
 Num incêndio de pedras preciosas!

POR TEU AMOR [1905]

Para enxugar os teus cerúleos olhos,
 Que se apagam em lágrimas imersos,
 Bebendo fel e palmilhando abrolhos,
 Padecerei em Gólgotas diversos.

Contra os seres tacanhos e perversos
 Que nos perseguem neste mar de escolhos,
 Eu vibrarei os látegos dos versos
 Que relampejam, em constantes molhos.

Podem surgir, em cóleras estranhas,
 Para ameaçar-me, os pélagos medonhos,
 Abrindo a boca de engolir montanhas!

Farei das rimas bicos de navalha!
 Conquistarei a pátria dos meus sonhos
 Ou ficarei no campo de batalha!

SÓ

Nem um momento acalentar consigo
 Meu coração que tanto se lamenta.
 Como um barco perdido na tormenta
 Não encontro de um colo o porto amigo.

Nas minhas noites de aflição violenta
 Quem me dera de um seio o doce abrigo!
 Só as estriges vêm chorar comigo,
 Quando esta dor em lágrimas rebenta!

As flores para mim não têm fragrância;
 Dos sonhos foi-se o bando pipilante,
 - Pombos nascidos no pombal da infância.

E hei de chegar ao meu sombrio outono
 Sem ter um anjo que, no extremo instante,
 Me feche os olhos para o eterno sonho!

UM DEVOTO

Bate à porta de um rico obeso frade
 Um óbolo [obulo] pedindo para a igreja!
 O devoto com risos de bondade,
 Toda uma bolsa em suas mãos despeja.

Chega após uma trôpega velhinha,
 Em cujos olhos a aflição se nota,
 E de joelhos implora uma esmolinha
 Para matar a fome...

O rico a enxota!

VERSOS DE UM TRISTE

A derradeira página é volvida
Do nosso amor! E desfolha a rosa!
Como foi belo o prólogo, querida!
Como foi triste o epílogo, formosa!

Nunca julguei que os cálix da amargura
Tão depressa eu bebesse até às fezes!
Há quanto tempo que erro em noute escura
Da sorte exposta aos bárbaros revezes!

Quantas vezes, à margem dos caminhos,
Dando expansão aos íntimos tormentos,
Faço calar a voz dos passarinhos,
Com o sussurro feral dos meus lamentos!

Quantas vezes o aroma feminino
De um cravo aberto da alvorada aos lumes,
Me recorda o teu hálito divino
Que é a essência de todos os perfumes!

Tudo me traz uma saudade infinda
Desses tempos de lúcida *alegria*,
Em que eu sorria à tua imagem linda
E a tua linda imagem me sorria!

Não voam mais em chusmas, como d'antes,
Junto de ti as esperanças minhas
Como pelos crepúsculos vernantes,
Em torno de uma igreja, as andorinhas!

Não ouves mais da minha lira os trenos,
Não ouves mais a minha voz magoada,
A mais alta montanha pesa menos
Do que o desprezo da mulher amada...

Porque sorrindo um dia me volveste
Os negros olhos cheios de ternura?
Porque em vez de um tristíssimo cipreste,

Plantaste flores nesta sepultura?

Murcharam os canteiros das violetas
 Que iam dar flores para o meu noivado;
 Já não falam de ti as borboletas
 E fugiram as pombas do telhado.

Minha vida do termo se avizinha,
 Sou uma harpa que solta o extremo harpejo...
 Nunca essa mão de neve será minha!
 Nunca essa boca me dará um beijo!

Dos castelos de pérolas radiosas
 Que nos meus versos levantei cantando,
 Restam somente ruínas tenebrosas,
 Sangrento escárnio de um destino infando!

1908

A EMBAIXATRIZ

Toda de gemas incendiada
 Desde os bandos té o chapim,
 Com um *frou-frou* da leve e ondeada
 Seda lilás, passou por mim,
 Deixando esta alma iluminada
 Como um faustoso varandim...
 Foi a passagem da alvorada
 Envolta em nuvem carmesim!

Na sua mão nevirosada
 De finas unhas de rubim,
 Luzia esplêndida granada
 - Gota de sangue num jasmim...
 Volveu-me a dama ensandalada
 Um doce olhar de cherubim,
 Que me inspirou uma balada
 De amor, que principia assim:

- “Oh nobre dama da Embaixada!
“O vosso olhar é o farolim
“Que há de levar-me à edênea enseada,
“De um sonho azul do bergantim!
“Por vós conquistarei a espada,
“Que não descansa no talim,
“Uma coroa cravejada
“Das pedrarias do Aladim!...”

Não mais a vi... Partiu calada
Em nau de velas de cetim,
Que foi ao longe devorada
Pelo dragão do Mar sem fim!